Psicologia da I Guerra Mundial I

(Primeiros Ensinamentos)

Gustave Le Bon

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Gustave Le Bon

Psicologia da I Guerra Mundial I (Primeiros Ensinamentos)

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2ª Edição: 2018

Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne.

Paris: Ernest Flammarion, 1915.

Traduzido por Souza Campos, E. L. de

© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Psicologia da I Guerra Mundial I

Seus ensinamentos psicológicos

LIVRO I

Princípios de psicologia necessários à interpretação desta obra.

INTRODUÇÃO

O estudo psicológico da guerra.

Sumário

Eu não me propus estudar neste livro os acontecimentos da guerra europeia, mas apenas os fenômenos psicológicos que envolveram sua gênese e sua evolução.

A narração fiel de tal luta seria impossível hoje. Muitas paixões nos agitam. As gerações que criam a história não poderiam escrevê-la. O recuo do tempo é necessário à inteligência dos grandes dramas que as paixões das pessoas fazem surgir. Sem equidade para os vivos, a história só é imparcial para os mortos.

Mas, por detrás dos acontecimentos cujo curso vemos se desenrolar, encontra-se a imensa região das forças imateriais que os fizeram nascer. Os fenômenos do mundo visível têm suas raízes num mundo invisível onde se elaboram os sentimentos e as crenças que nos conduzem. Esta região das causas é a única cujo estudo nos propusemos abordar.

*

* *

A guerra, que colocou tantos povos em luta, explodiu como um trovão numa Europa pacifista, mas condenada a permanecer em armas.

O sucesso da diplomacia durante a guerra dos Bálcãs fazia esperar que os guardiões oficiais da paz a preservariam mais uma vez. Não foi o que aconteceu. Após uma semana de negociações diplomáticas a Europa estava em fogo.

Acontecimentos de tão formidável grandeza não poderiam depender da vontade de um só homem. Suas causas são profundas, distantes e variadas. Elas se acumulam lentamente até o dia em que seus efeitos aparecem bruscamente. Parece que na gênese dos acontecimentos históricos, as causas se adicionam em progressão aritmética enquanto que seus efeitos crescem com a rapidez das progressões geométricas.

Para compreender as verdadeiras origens da guerra europeia, é preciso remontar a fatos anteriores e sobretudo estudar as transformações da alma alemã moderna. Da mentalidade de um povo deriva sua conduta e, por consequência, sua história.

*

* *

A guerra atual é uma luta de forças psicológicas.

Ideais inconciliáveis estão postos. A liberdade individual se volta contra a servidão coletiva, a iniciativa pessoal contra a tirania estatista, os antigos hábitos de lealdade internacional e de respeito aos tratados contra a supremacia dos canhões.

O ideal de absolutismo da força que a Alemanha pretende hoje em dia fazer triunfar não é novo, pois ele reinou no mundo antigo. Dois mil anos de esforços foram necessários à Europa para tentar substituí-lo por um outro.

O triunfo das teorias germânicas levaria os povos de volta aos mais duros períodos de sua história, às eras de violência nas quais a justiça não tinha outro fundamento além da lei do mais forte.

A humanidade começava a esquecer essas horas sombrias em que o fraco era esmagado sem piedade; em que o ser que havia

se tornado inútil se via violentamente rejeitado; em que o ideal dos povos era a conquista, o assassinato e a pilhagem.

Foi uma ilusão perigosa acreditar que os progressos da civilização tinham definitivamente exterminado os costumes selvagens dos períodos primitivos. Novos bárbaros, que os séculos não amansaram a ferocidade ancestral, retornam agora para escravizar o mundo e explorá-lo.

As concepções dominadoras da Alemanha são temíveis porque elas acabaram por assumir uma forma religiosa. Alucinados pelo seu sonho, os povos germânicos acreditam __ como outrora os árabes dos tempos de Maomé __ ser de uma raça superior destinada a regenerar o mundo, após tê-lo conquistado.

As divindades de um povo não encarnam apenas suas ilusões, mas também suas necessidades materiais, suas invejas e seus ódios. Como os deuses novos da Germânia.

Eles pertencem à família desses poderes místicos cujo papel foi preponderante na história. Para fazê-los triunfar, milhões de pessoas pereceram miseravelmente, florescentes cidades foram devastadas, grandes impérios fundados.

A luta atual tem mais de uma analogia com as antigas guerras religiosas. Filha das mesmas ilusões, ela apresenta as mesmas incoerências, as mesmas fúrias e as mesmas violências. O irracio-

nal a rege inteiramente. Se a razão fosse capaz de dominar as aspirações dos reis e dos povos, essa guerra não teria nascido.

*

* *

De maneira alguma é com os recursos da lógica racional que se deve interpretar a trágica série de aventuras cujo curso o mundo vê se desencadear.

Examinada sob o ponto de vista da razão pura, a guerra europeia aparece, em seu nascimento e durante sua evolução, como um caos de inverossimilhanças imprevisíveis para a inteligência mais sagaz.

O que ela nos mostra, com efeito?

Em sua origem, um soberano que durante vinte anos manteve a paz necessária à prosperidade de seu império e que, bruscamente, se deixa ser levado por um conflito que ele não desejava. Um povo cuja riqueza industrial e comercial crescia a cada dia aceita com delirante alegria essa luta mortífera que o arruinará por muito tempo. Pessoas cultas incendiando cidades, bibliotecas seculares, obras-primas, respeitadas pelas guerras anteriores. Que profeta teria podido predizer tal eclosão de incoerências?

Dentre os imprevisíveis fenômenos que essa guerra fez surgir, pode-se citar ainda a explosão de fúria mística que tomou o

povo alemão e que não livrou nem os mais ilustres cientistas. O contágio mental agiu sobre a razão e um vento de loucura envolveu seus discursos.

Do lado francês, transformações igualmente impossíveis de prever. Uma nação impressionável, móvel, indisciplinada, transformada bruscamente em massas resolutas, tenazes, vivendo estoicamente durante meses no fundo de trincheiras mortíferas sob a constante ameaça de uma morte obscura.

A todos esses acontecimentos inesperados a história acrescentará também o sacrifício da heroica pequena nação belga que não hesitou, para defender sua honra, em ver suas cidades incendiadas, suas mulheres e suas crianças massacradas. Nenhuma potência __ e a Alemanha menos ainda do que as outras __ apresentou a resistência desse povo tão fraco às fúrias de um inimigo tão forte.

Essa série de aventuras trágicas não poderia ser prevista pela razão, porque nenhuma delas teve a razão como motivadora. Onde então devemos buscar suas causas?

*

* *

Dirigidos unicamente pela lógica racional em suas investigações, os cientistas querem sempre vê-la conduzindo o mundo e

se indignam assim que os fenômenos parecem escapar à sua influência.

Eles esquecem que ao lado das luzes intelectuais que guiam o homem de ciência através de suas pesquisas e o filósofo em suas doutrinas, existem forças afetivas, místicas e coletivas, sem parentesco com a inteligência. Cada uma delas possui uma lógica especial, muito diferente da lógica racional. Esta última constrói a ciência, mas não cria a história.

As formas de lógicas independentes da inteligência elaboram seus encadeamentos neste obscuro domínio do inconsciente, que a ciência mal começa a estudar. É por isso que elas permaneceram por muito tempo ignoradas.

Mesmo que seu papel seja desconhecido, os escritores atribuíram aos acontecimentos causas racionais que eles nunca tiveram e transformaram assim a história em uma construção imaginária bem diferente da realidade.

Mesmo que fundamentais, as noções precedentes permanecem bem novas ainda. Após tê-las exposto em diversos livros, eu tive que mostrar seu valor explicativo aplicando-as ao estudo de um dos maiores acontecimentos do passado: a Revolução Francesa. Os heróis dessa tragédia não pararam de invocar a razão. Eles até mesmo a deificaram. Dificilmente poderíamos citar um período da história em que as pessoas foram menos conduzidas por ela.

Nunca se viu também tão frequentemente ilustres personagens dizerem o que não queriam dizer e fazer o que não queriam fazer.

As forças secretas que dirigiram os atores do grande drama tinham bem outras fontes que não o racionalismo invocado por eles. Foi reservado à ciência moderna determinar essas forças.

Os acontecimentos atuais apresentam problemas psicológicos tão difíceis quanto àqueles que envolveram a época revolucionária por tanto tempo. Se os princípios colocados por nós são exatos, eles não deverão apenas esclarecer a gênese das ilusões combatidas pelos povos hoje em dia, mas também as causas de muitos fatos aparentemente incompreensíveis; depois as divergências sobre as origens da guerra e até os incêndios de monumentos artísticos e os massacres que tão profundamente indignaram o mundo.

*

* *

A guerra europeia representa o início de uma era de convulsões. Convulsões da existência, convulsões dos sentimentos, convulsões dos pensamentos. Atingimos talvez um desses períodos da história em que, como por ocasião da Revolução Francesa, as pessoas mudam seus ideais, seus princípios e também suas elites.

Os povos são rapidamente levados a um futuro que nenhum vislumbre se apresenta ainda. O imprevisível os domina ainda.

Concepções políticas e morais, tidas como inabaláveis, parecem destinadas a desaparecer. Teorias e doutrinas se pulverizam uma a uma. Nenhum amanhã assegurado. As forças psicológicas que se entrechocam nos combates mal começaram suas obras.

*

* *

As ilusões dos retóricos e dos livros se desfazem diante da ação. O ruído do canhão faz calar os discursos.

Dos dramas da hora presente sairá sem dúvida uma pátria regenerada e mais forte. As heroicas qualidades de seus defensores mostram que a anarquia que parecia ameaçá-la só tocou sua superfície. Uma intrépida juventude oferece a nossos olhos maravilhados o mais reconfortante espetáculo.

Essa juventude terá vencido a mais prodigiosa aventura da história, uma epopeia que ultrapassa em grandeza as mais célebres lendas.

O que são as façanhas dos guerreiros de Homero, as proezas dos fabulosos companheiros de Carlos Magno, os combates dos paladinos contra os encantadores, ao lado das lutas gigantescas que o mundo vê com estupor se desenrolar diante dele?

Ninguém poderia prever esse maravilhoso florescimento de virtudes idênticas em pessoas de classes sociais as mais diversas.

Subtraídos da vida tranquila do escritório, da fazenda, da oficina, da escola, até mesmo dos palácios, eles se viram bruscamente transportados ao centro de uma dessas aventuras formidáveis, cheias de impossibilidades, que mal se vê nos sonhos.

Foram, na verdade, seres novos que a França ameaçada fez surgir. Seres criados por um rejuvenescimento das almas ancestrais, que adormecem algumas vezes, mas que não morrem jamais.

Filhos das bravuras de Tolbiac, de Bouvines e de Marengo, esses guerreiros intrépidos sentiram reviver, ao primeiro apelo da pátria, toda a valentia de seus gloriosos ancestrais.

Mergulhados num pavoroso inferno, eles frequentemente ainda emitem palavras heroicas que a história eterniza.

"Mortos! De pé!" Gritava, aos feridos deitados pela metralha, o último combatente de uma trincheira assaltada por todos os lados. A Grécia lhe trançou coroas e celebrou sua memória.

Morrer heroicamente por uma boa causa, quando se acreditava predestinado a uma existência monótona e vazia, é um destino invejável. O valor da vida não depende do número dos dias, mas da obra realizada durante esses dias.

Defensores do solo sagrado dos ancestrais e trabalhadores do futuro forjam uma França nova na bigorna do destino. Nossos mortos imortais já entraram no Panteão dos semideuses reverenciados pelos povos e que o tempo não atinge.

CAPÍTULO I

As forças afetivas, coletivas e místicas. Seu papel na vida dos povos.

§1. Os ciclos da vida.

Sumário

Um examinador superficial da guerra europeia, vendo nos exércitos e nos instrumentos que eles colocam em jogo, combinações científicas muito sábias, acreditaria facilmente que ela seja governada inteiramente por uma lógica racional muito certeira.

Limitados ao estudo da técnica das batalhas, essa constatação seria exata. Mas, seguindo adiante com as investigações, descobre-se logo que forças superiores dirigem os pensamentos, os sentimentos e as ações dos combatentes.

A luta utiliza armas materiais. Os verdadeiros condutores dessas armas são forças psicológicas. Seu poder reina sobre as planícies sangrentas onde se amontoam milhares de mortos, servidores dóceis dos poderes que dominam suas vontades e que frequentemente eles nem suspeitam disso.

Forças imateriais são, portanto, as verdadeiras diretoras dos combates. Por detrás de cada canhão, de cada baioneta, um olho

suficientemente perspicaz descobriria os invisíveis mestres que os fazem se mover.

Para marcar nitidamente a natureza dessas forças, eu serei obrigado a lembrar brevemente alguns dos princípios de psicologia expostos em meus livros precedentes.[1]

Muitos mistérios envolvem os fenômenos da vida para que sua interpretação seja atualmente possível. Pode-se dizer apenas que as coisas se passam como se cada um dos diversos elementos __ biológicos, afetivos etc. __ que compõem os seres, tenha uma existência independente e seja submetido a uma lógica especial. Sendo este termo tomado no sentido de encadeamento determinado dos fenômenos.

A lógica biológica rege o círculo da vida orgânica e das necessidades necessárias para sua manutenção. A lógica afetiva dirige os sentimentos e os instintos que nos conduzem. A lógica coletiva condiciona a moral e a vida social. Da lógica mística nascem os deuses e as crenças. A lógica intelectual dá origem às descobertas que transformam a existência das pessoas.

Os diversos círculos da vida têm suas leis especiais; uma forma única de lógica não poderia explicar as manifestações de

[1] Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples; Psychologie des Foules; Les Opinions e les Croyances; Psychologie des Revolutions; La Vie des Vérités; Psychologie Politique. O pequeno volume com o título Aforismes du Temp Presente resume os princípios expostos em meus livros.

cada um deles. Do plano de um fenômeno a outro, os métodos de interpretação devem necessariamente mudar.

Na base da existência se acha o círculo orgânico. Ele é o domínio da igualdade pura. As células de uma pessoa, de um rato, de um pássaro, funcionam da mesma maneira, sob a influência das leis da vida e principalmente destes dois grandes canalizadores de toda existência: o prazer e a dor.

No círculo da vida afetiva __ sentimentos, paixões etc. __ a igualdade é menos completa, mas, no entanto, todos os seres ainda se parecem muito. O amor, o ódio, a inveja, a coragem e a devoção são tão desenvolvidos em certos animais domésticos quanto em seus senhores.

É apenas no círculo da vida racional que a diferença que separa os animais dos humanos se torna considerável. Dentre os diversos representantes da espécie humana, as variações intelectuais são igualmente muito grandes.

A lógica racional reina de uma maneira exclusiva no laboratório do cientista, mas ela só exerce uma pequena influência sobre a conduta dos indivíduos e das nações. São principalmente elementos afetivos, místicos e coletivos que condicionam sua existência.

Sem o conhecimento desses motivadores reais seria impossível compreender a vida dos povos. A razão orienta muito raramente seus pensamentos e suas ações.

§2. As forças afetivas e intelectuais.

A personalidade é construída por uma combinação herdada de sentimentos, ou seja, de elementos afetivos. Ela é nossa grande guia na vida. Compreende-se com a inteligência, conduz-se com a personalidade. A inteligência faz pensar, a personalidade faz agir. O papel da personalidade é preponderante no comportamento.

A personalidade é, portanto, o que mais importa na existência dos indivíduos e dos povos. Seu desenvolvimento não tem nenhuma relação com o desenvolvimento da inteligência.

Escreveu o general Marmont: “Quando a mente domina a personalidade muda-se sem cessar de opinião, de projetos e de direção, porque uma vasta inteligência considera a cada instante as questões sob um novo aspecto”.

A evolução dos sentimentos é independente de nossa vontade. Ninguém pode amar ou odiar segundo sua própria vontade.

Espanta-se às vezes ao constatar __ e as opiniões formuladas sobre a origem da guerra fornecem impressionantes exemplos disso __ o quanto as convicções sentimentais levam tão pouco em conta as evidências racionais. Isso acontece porque os sentimentos

e a razão não obedecem à mesma lógica e são incapazes de se influenciar. Um sentimento se combate com outro sentimento mas não com razões.

Os mais ilustres filósofos não parecem bem certos ainda sobre os papeis respectivos do afetivo e do racional. Segundo o Sr. Boutroux, os franceses seriam conduzidos por sentimentos e o intelectualismo dominaria os alemães. Essa generalização me parece pouco exata. Os alemães podem ser muito racionalistas, mas eles são, como todos os povos, guiados por sentimentos bons ou maus. A ferocidade é um sentimento do mesmo tipo que a humanidade. Ela faz parte desse vasto domínio do afetivo ao qual nenhum ser pode se livrar.

As influências afetivas figuram entre os grandes reguladores da história. Dando às coisas sua força, elas nos levam a ver as coisas de uma maneira variável, segundo nossa sensibilidade.

Cada povo possui um agregado de sentimentos herdados que determinam sua orientação mental. Aqueles cujos equilíbrios ancestrais diferem concebem as coisas de uma maneira diferente. Disso resultam esses ódios culturais que nada pode reduzir. Eles foram __ nós veremos logo __ uma das causas principais da guerra europeia.

Nos grandes conflitos internacionais esses ódios __ de origem afetiva e de maneira alguma racional __ adquirem uma inten-

sidade extrema e destroem os outros sentimentos. Poder-se-ia, eu creio, aplicar-lhes a máxima de Hipócrates, segundo a qual, quando duas dores acontecem simultaneamente, a mais forte anula a outra.[2] No momento da guerra, nossos ódios políticos e religiosos intestinos estavam certamente muito vivos, mas eles foram apagados pelo ódio predominante do agressor.

Esse fenômeno deve ser resultado de uma lei psicológica geral, porque foi observado em todo lugar. A Inglaterra, que estava às vésperas de uma guerra civil na Irlanda, viu todos os partidos do império se unirem sob a mesma bandeira. Aconteceu o mesmo na Rússia, onde os anarquistas e os revolucionários se transformaram em fieis apoiadores do trono.

Se os alemães tivessem suspeitado desse princípio psicológico eles não teriam contado com as dissensões internas da França e da Inglaterra como elementos de sucesso.

O que dissemos do fenômeno de desaparição de um sentimento fraco diante de um sentimento forte só se aplica, evidentemente, a sentimentos de mesma espécie. Um ódio intenso apagará um ódio fraco, mas deixará intactos sentimentos de natureza diferente e poderá até mesmo ser reforçado por eles. Foi assim que o ódio contra os agressores foi acentuado pela indignação que as

[2] *Duobus doloribus simul abortis vehementior obscurat alterum*.

crueldades alemãs inspiraram e por nossa simpatia pelos belgas, resultante de sua heroica defesa.

§3. As forças coletivas.

A mentalidade das pessoas em massa se revela absolutamente diferente daquela que possuem no estado isolado. Uma reunião de pessoas difere tanto dos indivíduos que a compõe quanto um ser vivo difere das células que contribuem para formá-lo.

A razão tem muito pouca influência sobre a alma coletiva. Ela é dirigida por uma lógica muito especial: a lógica coletiva.

O indivíduo coletivo se mostra sempre intelectualmente inferior ao indivíduo isolado, mas no domínio do sentimento ele pode lhe ser superior. As massas não conhecem certos sentimentos, como o reconhecimento. Elas possuem outros de uma prática mais difícil, como o altruísmo, a devoção aos interesses gerais e até mesmo o heroísmo.

O indivíduo medíocre aumenta sua força ao fazer parte de uma coletividade; o indivíduo superior a diminui.

Os sentimentos das massas, às vezes intensos e móveis, lhes permitem passar rapidamente da adoração ao ódio.

Privadas do sentido das possibilidades, as massas vivem principalmente de esperanças. O misticismo do qual são saturadas

lhes faz atribuir um poder mágico ao líder que as seduz e às breves fórmulas que sintetizam seus desejos.

O contágio mental se exerce tão bem sobre os indivíduos isolados quanto sobre as coletividades, mas como a massa não raciocina, nelas seu papel é preponderante.

Todas as ilusões são facilmente aceitas pelas massas e, pelo único fato dela ter se tornado coletiva, uma ilusão adquire a força de uma verdade. A guerra atual fornece numerosos exemplos dessa lei.

A opinião coletiva representa uma força considerável, mas raramente espontânea.

A massa é, com efeito, um ser amorfo incapaz de agir sem líderes. Este último a influencia através de elementos de persuasão especiais à lógica afetiva: a afirmação, a repetição, o prestígio e o contágio.

São sempre necessários líderes para criar ou orientar a opinião, mesmo no caso de conflitos nacionais. O líder não é necessariamente a pessoa que discursa à massa. Sentimentos herdados, crenças violentamente excitadas por algumas circunstâncias podem desempenhar seu papel. Mas o verdadeiro ponto de partida das opiniões é invariavelmente um líder ou um grande acontecimento.

É uma verdade bem desconhecida por nossos professores. O Sr. Lévy Bruhl, num trabalho sobre as causas da guerra, sintetiza assim suas ideias quando escreve:

> *Nas crises em que a história assume ares de drama, os atores que ocupam a frente da cena são propriamente o que Emerson chamava de pessoas representativas. O que é expresso por suas palavras e pelos seus gestos são as tendências e as paixões das massas anônimas. Eles são os órgãos individuais das vontades coletivas.*

Esta tese, sustentada por todos os historiadores alemães e muito difundida hoje em dia em nossa universidade, é derivada do fato de que num certo momento a vontade coletiva se torna toda poderosa. Levado pela torrente que ele desencadeou, o líder pode então, com efeito, se tornar um liderado. Basta no entanto retroceder um pouco o curso das coisas para descobrir que uma opinião coletiva é derivada, na maioria das vezes, de uma opinião individual.

Visivelmente aplicável à história das grandes religiões em seus inícios, essa lei é igualmente a mesma nas grandes crises políticas: a guerra europeia, particularmente.

Saber criar e manter sentimentos coletivos e, por consequência, opiniões gerais, constitui um dos fundamentos da arte de

governar. Não há mais hoje em dia déspotas suficientemente fortes para governar contra a opinião pública, mas é fácil criá-la. As somas enormes gastas pelos alemães, durante a guerra, para conquistar a opinião pública, provam que eles compreendiam muito bem seu poder.

Uma das forças do governo alemão no conflito atual é ter sabido, há muito tempo, orientar segundo sua vontade a opinião de seu povo. Jornais, professores, escritores, seguiam docilmente sua vontade. Ele pôde assim transformar o conflito europeu em uma guerra nacional. Não é um soberano nem uma casta militar que lutam hoje em dia, mas o povo alemão inteiro.

Se o governo conseguiu tão facilmente realizar tal tarefa foi porque o espírito militar coletivo da nação apagou nela inteiramente o espírito cívico.

As grandes assembleias possuem as principais características das massas: nível intelectual medíocre, excitabilidade excessiva, fúrias súbitas, intolerância, obediência completa aos líderes.

Foi principalmente a tais assembleias que os principais povos do mundo civilizado acabaram por confiar seus destinos. A experiência parece provar que o despotismo coletivo dessas assembleias apresenta ainda menos inconvenientes do que o despotismo de um indivíduo ou de uma casta. As grandes assembleias conseguem geralmente lançar luz sobre uma questão e o medo da

crítica impede muitas iniquidades. Os russos tiveram essa experiência quando a convocação da Douma pareceu, após derrotas repetidas, como um último recurso. Para ela apenas foram reveladas, com efeito, as maquinações que levaram o país a tão terríveis catástrofes.

Em tempo comum, as forças intelectuais das elites de um país dominam facilmente as forças coletivas. É totalmente diferente nas grandes crises: guerras, revoluções etc. As forças coletivas, derivadas das influências individuais, podem então se tornar suficientemente poderosas para envolverem países inteiros num irresistível turbilhão e fazer surgir manifestações novas da mentalidade nacional.

§4. A alma nacional.

A alma individual tem apenas uma existência efêmera. A alma do povo é permanente e não teme a morte.

Essa alma do povo ou, em outros termos, a alma nacional, não é criada em um dia. Ela resume a obra de um longo passado. A história dos povos civilizados é a narração de seus esforços para adquirir a alma permanente que, apenas ela, pode tirá-los da barbárie.

Suficientemente estabilizada a alma ancestral pode lutar contra a alma instável dos indivíduos e das massas, limitando as oscilações. Ela dá, por isso, a um povo, uma força considerável.

É graças à alma nacional que todos as pessoas de um país pensam e agem da mesma maneira nas grandes circunstâncias.

A guerra atual mostrou com nitidez esse poder da alma nacional. Se todos os franceses válidos abandonaram sem lamentar suas situações e seus interesses individuais para expor diariamente sua vida, foi porque seus impulsos egoístas individuais foram subitamente dominados pela alma do povo. Não seria, de maneira alguma, exagerado dizer que, nos campos de batalha, o exército infinito dos mortos combateu muito mais do que o dos vivos.

Eu não vou examinar aqui como os povos são formados. Apesar das afirmações ilusórias dos historiadores alemães, pode-se sustentar que não há mais raças puras hoje em dia entre as nações civilizadas. Filhas dos acasos da história, elas nascem quando povos de origem às vezes diversas, como os prussianos atuais, foram submetidos durante muito tempo a condições de existência comuns e foram unidos por interesses comuns. Um dos mais certeiros elementos de sua coesão é a comunidade de língua e religião.

Cada raça histórica e cada fase da vida dessa raça implicam em certas instituições, certas regras de moral, certas crenças, cer-

tas artes e não implicam em outras. Jamais um povo pôde adotar uma civilização estrangeira sem transformá-la.

Decorre das observações precedentes que nós possuímos todos uma alma individual e uma alma ancestral. Na vida diária, a alma individual pode agir, mas, nas grandes circunstâncias, particularmente naquelas que interessam à existência de um povo, é a alma do povo que nos conduz.

É natural que a alma individual seja egoísta, porque o indivíduo pensa principalmente nele mesmo. É não menos natural que a alma ancestral, exclusivamente preocupada com o povo, leve o indivíduo a se sacrificar aos interesses desse povo.

§5. As forças místicas.

O termo misticismo designa, em filosofia e em religião, coisas bem diferentes. É uma dessas numerosas palavras cujo conteúdo varia segundo as épocas e as pessoas que fazem uso delas.

De uma maneira geral, pode-se dizer que o misticismo é caracterizado pelo gosto pelo mistério, o amor ao sobrenatural, a crença na intervenção de poderes superiores nos fenômenos e pelo desdém pela experiência.

O misticismo é gerador dessas explicações fáceis com que a humanidade se contentou durante séculos. Mesmo em períodos mais avançados de sua história, os povos antigos nunca chegaram

até a noção de leis naturais invariáveis. Os deuses regiam todos os fenômenos. Netuno governava os mares, Ceres fazia as colheitas amadurecerem.

O misticismo se apresentou sob formas diversas, segundo as épocas. A crença nos fetiches, nas relíquias, nas águas milagrosas, no poder mágico de uma fórmula política, constituem __ bem como a união do crente com Deus, no êxtase __ fenômenos semelhantes. Misticismo religioso, misticismo político, misticismo social, são da mesma família.

O misticismo possui suas leis particulares. Os encadeamentos de sua lógica são muito diferentes dos da lógica afetiva e da lógica racional.

Uma das únicas características comuns à lógica afetiva e à lógica mística é produzir afirmações desligadas de toda demonstração racional. O misticismo e a razão pertencem, aliás, a esferas que não se penetram.

As convicções místicas são criadas pela sugestão ou contágio mental e jamais através do raciocínio. A razão não pode nem produzi-las nem destruí-las.

Elas aparecem aos crentes sob a forma de verdades absolutas e se apresentam para eles com uma tão luminosa evidência que o simples fato de contestá-las implica em completa má fé. Compreende-se facilmente a força produzida por tais postulados.

Os impulsos místicos não levam em conta necessidades materiais, bem como argumentos racionais. Sob sua influência a dor, o interesse pessoal, até mesmo o amor maternal desaparecem. Eu já dei disso, aliás, célebres exemplos. Um místico não hesitará em fazer perecer, em nome de sua fé, os seres que lhe são mais caros. É o misticismo o responsável pelos mártires de todas as crenças: religiosas, políticas e sociais.

Graças ao contágio mental, o misticismo se torna facilmente coletivo e dá então, aos crentes, uma grande força. Sempre foi muito vantajoso para um povo __ os judeus na antiguidade, os árabes na idade média, os alemães de hoje em dia __ se acreditar destinado por Deus a regenerar o mundo.

Ninguém pode se dizer inteiramente livre do império do misticismo. As mentes mais luminosas não estão certas de escapar ao seu domínio quando grandes convulsões vêm modificar os equilíbrios de sua vida mental. Eles se transformam então inteiramente, perdem toda noção das realidades e sua lógica racional desmorona.

O papel do misticismo na gênese e na evolução da guerra europeia foi, nós veremos, imenso.

Por muito tempo ignoradas ou desdenhadas pela ciência, as forças místicas se colocam em primeiro lugar como motivadores e diretores das pessoas. Uma simples enumeração das causas fun-

damentais das lutas acumuladas, desde a origem das eras, na superfície de nosso planeta, põe em evidência seu papel preponderante.

Esses fatores principais dos grandes conflitos humanos pertencem a três ordens de causas: biológicas, afetivas e místicas.

Foram os fatores biológicos __ a fome e as necessidades __ que jogaram outrora sobre o mundo as hordas germânicas, quando elas proliferaram tanto em suas florestas que não encontraram mais nelas a sua subsistência necessária.

Foram os fatores afetivos __ as paixões diversas, ódio, cupidez e outras de mesmo gênero __ que precipitaram tantos povos uns contra os outros e aniquilaram várias civilizações.

Foram os fatores místicos que lançaram os árabes sobre o império romano para nele propagar a fé de um profeta e os europeus sobre o Oriente, na época das Cruzadas, com o objetivo de conquistar a tumba de seu Deus.

De origem mística também foram as guerras e as perseguições religiosas que cobriram a Europa de fogueiras e de ruínas durante mais de um século.

De origem mística foi ainda o sonho dos exércitos da Revolução Francesa que queriam converter os povos à sua fé, após tê-los subjugados.

Dentre os diversos motivadores de ação das pessoas, os de origem mística se mostraram sempre os mais fortes. Eles foram os criadores das ilusões que sustentam a história. Sob sua influência grandes impérios foram destruídos e outros foram criados. É sobre eles que as civilizações ainda repousam.

O mundo moderno pensou estar livre da influência das forças místicas. Nunca, no entanto a humanidade lhe foi mais servil.

Políticas, religiosas ou sociais, elas pertencem à mesma família, exercem uma ação idêntica e sofrem as mesmas leis. A razão não as governa.

Se a Europa se vê em fogo hoje em dia, se a elite de sua juventude morre nos campos de carnificina, se tantas famílias estão no desespero, é porque um povo que se acredita destinado a regenerar o mundo pretende lhe impor sua mística quimera de dominação universal.

CAPÍTULO II

As variações da personalidade

§1. A fixação da personalidade e sua variabilidade.

Sumário

A antiga psicologia considerava a alma humana como um elemento distinto, homogêneo, separável do corpo, ao qual ela estaria superposta. A personalidade era algo bem definido, pouco suscetível de grandes variações.

Essa concepção não parece defensável hoje em dia. A pessoa dos livros, artificialmente dotada de uma personalidade fixa, parece agora uma ficção.

A pessoa real é bem diferente. Quer se trate dos seres envolvidos na vida quotidiana ou heróis da história, cada um deles representa um agregado de elementos diversos que, ao se associarem, formam equilíbrios cujo conjunto constitui o que se chama de eu.

Os equilíbrios assim constituídos persistem desde que o meio não varie.

A estabilidade da personalidade depende então unicamente da constância do meio. Assim que esse meio sofre uma mudança, os equilíbrios dos elementos da vida mental se dissociam. Disso resulta, no mesmo ser, no nascimento de equilíbrios novos e, por consequência, numa personalidade nova.

Tais transformações de personalidade constituem um fenômeno cuja frequência eu já assinalei nas épocas de revolução e que a guerra atual permite observar facilmente.

É impossível prever o que será uma personalidade assim bruscamente formada e, por consequência, pressentir seu comportamento. A criatura mais mansa poderá se tornar um sanguinário. As pessoas do Terror forneceram disso muitos exemplos. Sem remontar a tão longe, pode-se dizer que ninguém poderia ter previsto a barbárie dos intelectuais germânicos durante a guerra, nem as qualidades que os franceses deram prova.

Essas transformações de personalidades foram observadas diariamente durante a guerra e eu terei oportunidade de mostrar vários bem impressionantes. No momento eu me limitarei a citar as reflexões do célebre escritor inglês Rudyard Kipling, após suas visitas à frente de batalha dos exércitos:

> *Quem de nós não teve em suas relações um desses homens que se acredita conhecer, de quem se fazia uma certa imagem convencional e que foi completamente destruída e mudada pelo acontecimento, como se uma catástrofe acontecesse em sua existência? Aquele que nós considerávamos como um ser qualquer, um homem como nós, se eleva subitamente, muito simplesmente, a uma altitude que nos parecia inacessível. Ele, o simples camarada que vivia a mesma vidinha que nós, é subitamente transformado em qualquer coisa de muito grande. É esta a história da França de hoje.*

A velha doutrina da constância da personalidade é tão difundida ainda, que sempre se espanta ao ver pessoas mudarem de comportamento e de opinião, ao mudarem as situações e, por consequência, o meio. Como não poderiam, no entanto, modificar seu jeito de agir se se tornaram outras pessoas?

Mesmo que não se produzissem os importantes acontecimentos capazes de perturbar a personalidade, nosso eu constitui sempre uma construção frágil, suscetível de oscilações muito grandes. A doença o altera, a mágoa o deprime, a alegria o faz desabrochar.

As oscilações diárias de nossa personalidade podem ser então muito extensas. Elas seriam mais ainda sem os freios de todo tipo, criados pela civilização, que limitam a cada instante as diferenças. A existência social seria impossível se a personalidade das pessoas não fosse um pouco estabilizada por uma massa de regras, de leis, de costumes, que elas não podem violar. Nada de civilização viável sem amarras.

Muitos exemplos, fornecidos pelas guerras e as revoluções, mostram no que se torna a personalidade humana quando desaparecem as leis inibidoras que são a armadura de toda civilização. O mundo contemplou com estupor os atos de bestialidade selvagem cometidos na luta atual. Eles foram a obra de um povo possuidor de uma cultura intelectual elevada, mas cujos instintos de barbárie

ancestral estavam apenas contidos por sanções sociais que a guerra fez naturalmente desaparecer.

Se todas as nações que participaram dela não imitaram tais exemplos foi porque várias pertenciam a culturas nas quais os freios sociais tinham agido por tempo suficiente para dar aos indivíduos uma certa estabilidade de sentimentos.

Na medida em que a herança estabiliza a mentalidade de um povo, as amarras sociais são menos necessárias para refrear a selvageria primitiva. Uma disciplina interna substitui então a disciplina externa imposta pelas leis.

Os povos que chegaram a essa estabilidade são muito raros. Mesmo entre eles, freios sociais permanecem ainda indispensáveis para orientar a legião de personalidades difusas, indecisas, cujos equilíbrios mentais são tão móveis que eles não podem encontrar em si mesmos a força para se controlar e agir. Esses seres formam uma poeira amorfa que obedece a todos os impulsos. Como Hamlet, eles hesitam sempre e não se decidem jamais.

§2. A vontade consciente e a vontade inconsciente.

Os fenômenos percebidos pela consciência são apenas reflexos de uma existência psíquica interior que nós não conhecemos e onde se elaboram os mais importantes motivadores do comportamento.

Dessa elaboração dos motivos nasce a vontade. Ela se apresenta sob duas formas. A vontade consciente __ única admitida pelos psicólogos __ e a vontade inconsciente. Mesmo que não reconhecida esta última é, no entanto, a mais difundida.

A vontade consciente implica numa livre deliberação e na discussão de considerações objetivas. Na vontade inconsciente é o inconsciente que delibera por nós. A decisão chega então totalmente formada ao campo da consciência, que a aceita geralmente, mesmo que possa rejeitá-la.

A vontade inconsciente tem sua origem nas necessidades, desejos, aspirações da cultura, do grupo ou do meio que envolve nossa personalidade. Aspirações, necessidades e desejos aparecem sob a forma de sugestões e impulsos que orientam nossa vontade inconsciente, isso quando não a domina.

A maior parte das pessoas só age sob o império de vontades inconscientes e, como elas só as conhece no momento da ação, observa-se frequentemente nelas uma divergência completa entre suas palavras e seus atos.

Essa dualidade formada pela vontade consciente e a vontade inconsciente é constatada em povos inteiros. Eles possuem, devido a um longo passado, uma alma ancestral tão estabilizada que ela consegue fazê-los agir da maneira mais útil aos interesses gerais. Sua alma individual, resultante das influências do meio, pode

levá-los a pensar e raciocinar __ mas não a agir __ de uma maneira diferente.

Dentre os numerosos fatos que justificam essa tese, eu citarei algumas observações memoráveis do Sr. W. Steel, diretor político do **Times**, sobre a psicologia do povo inglês. Os termos que ele emprega são diferentes dos meus, mas a teoria permanece a mesma:

> *O inglês é sobretudo uma criatura instintiva. Ele desconfia das ideias. Ele tem horror à lógica. Um instinto mais profundo que a razão lhe diz que a vida não é lógica, que ela é feita de energia, frequentemente cega, cujos recursos se encontram abaixo do que os psicólogos chamam de "a entrada da consciência"...*
>
> *Se olharmos a Inglaterra de perto, perceberemos que há frequentemente uma contradição flagrante entre as ideias e o comportamento das pessoas que as exprimem. Elas vivem na mais pura inconsequência e não se apercebem disso.*
>
> *Entre as duas partes da mente inglesa __ aquela de onde provém as ideias e aquela de onde provém os impulsos fundamentais __ há como que uma barreira.* ***O que um inglês pode dizer, num estado de tranquilidade normal, não fornece nenhuma indicação do que ele fará num momento***

de crise individual ou nacional. *É somente então que ele se revela, que ele encontra seu verdadeiro temperamento, que ele fala pouco e que ele age.*

A parte do inconsciente na execução de um ato dito voluntário é então considerável, mesmo que geralmente despercebido.

A vontade inconsciente é frequentemente de origem ancestral, mas ela pode resultar também dos sentimentos e das paixões do momento.

Nossas vontades inconscientes têm ainda outras origens. O grupo social ao qual pertencemos, o costume, a moda, bastam para criá-los. Graças a essas influências nós sabemos o que é preciso fazer, em muitas circunstâncias, sem precisar refletir.

§3. As variações da vontade.

Consciente ou inconsciente, a vontade não representa uma grandeza invariável. Ela sofre facilmente oscilações inesperadas. Certas influências a excitam, outras a diminuem. O luxo e o desejo do gozo tendem a diminuí-la.

Assim que num país a vontade se abaixa e o medo das responsabilidades se generaliza, a decadência começa. Os povos desaparecem da história quando __ como os romanos no fim do império __ eles perdem sua vontade.

Na luta entre as nações, a vontade desempenha um papel preponderante. Uma batalha é principalmente uma luta de vontades. A batalha de Marne fornece disso um memorável exemplo.

Em muitos combates chega-se a um momento crítico em que o resultado da luta depende unicamente da persistência da vontade em um dos adversários. Na batalha de Marne, a ala direita do general Von Klück bateu em retirada no mesmo momento em que o seu adversário, o general Maunoury, se decidia a recuar. Quando, na batalha de Yser, os inimigos resolveram se retirar, após terem perdido 150.000 homens, eles só precisavam prolongar mais um pouco seu esforço para triunfar. “Se os alemães tivessem tido um quarto de hora a mais, talvez eles passassem por todos”, escreveu o Sr. F. Nothomb. Mesma observação para a batalha do Grand-Couronné, de cujo sucesso dependia a sorte de Nancy. O general Malleterre relata que, em 7 de setembro de 1914, o comandante do 314º recebeu a ordem de recuar. Ele recusou, mas, sob ordem escrita, teve que obedecer. No momento preciso em que ele ia se retirar, o inimigo bateu em retirada.

A impressionante série de fatos que citei mostra o papel preponderante da vontade durante os últimos minutos das batalhas.

O papel dos líderes __ chefes de estado, fundadores de crenças, grandes capitães __ consiste em produzir, nas almas das mul-

tidões, vontades inconscientes. Eles melhor conseguem isso quanto mais eles ajam no sentido dos impulsos ancestrais dos povos aos quais eles se dirigem. Todos os generais célebres souberam impulsionar as vontades de seus soldados. A este estímulo da vontade coletiva deveram-se muitos de seus triunfos. Como Napoleão, eles conhecem as palavras, os gestos e os atos que aumentam as energias e produzem a invencibilidade.

É sempre impressionante o poder de uma pessoa que produz uma vontade forte. Deixando de lado os fatos recentes, eu recordarei ainda o exemplo de uma observação feita por Richelieu e que o Sr. Clémenceau resume assim:

> *Quando Richelieu se apodera de Port-Mahon, ele fica atônito com uma incompreensível escalada de suas tropas sob uma metralha do inferno. No dia seguinte, ainda tentando entender o que havia acontecido, ele ordenou o recomeço do ataque à fortificação, que, desta vez, não estava defendida. Vãos esforços! Nossos soldados, não encontrando resistência, não puderam fornecer __ fora as solicitações de coragem __ o mesmo esforço de vontade. Eles tinham necessidade, para mostrar pleno valor, de obstáculos quase próximos do impossível.*

Não é a fé que remove montanhas, mas a vontade.

LIVRO II

A evolução moderna da Alemanha.

CAPÍTULO I

Nascimento e desenvolvimento da potência alemã.

§1. A história da Prússia.

Sumário

A vida política de um povo é apenas um dos elementos de sua história. Para conhecê-lo um pouco é preciso estudar a gênese de sua alma individual e social, seus sentimentos, suas crenças e seus pensamentos.

Os fatores determinantes da evolução diferem de um povo a outro. A importância preponderante dada hoje em dia aos fatores econômicos é muito exagerada. Sua ação varia, com efeito, segundo o povo, o meio, as instituições, as ações individuais ou coletivas e muitas outras condições ainda.

A história de um povo é, por isso, um fenômeno muito complexo. Ela só é determinada facilmente para as nações recen-

tes que evoluíram sob a influência de um pequeno número de fatores fundamentais. Como é precisamente o caso da Prússia.

Para compreender a Alemanha moderna, desde a absorção pela Prússia, é necessário dar uma olhada rápida nas origens da mentalidade que viria produzir a guerra atual.

A unidade da Alemanha sob o domínio da Prússia não tem nem meio século de existência.

Ela foi várias vezes tentada, desde as origens de nossa era. Chefes francos, saxões, suábios, austríacos etc. conseguiram às vezes reunir em suas mãos diversas províncias da Alemanha. Os Hauhenstaufen conseguiram fundar no século XII um império cuja duração foi muito longa.

Todas essas tentativas terminaram em insucesso. Só o futuro dirá quanto tempo poderá se manter a unificação realizada pela Prússia. Ela parece que deve persistir por muito tempo porque a influência sofrida pela Alemanha foi muito mais profunda do que todas as outras anteriores. Em menos de cinquenta anos a Prússia agiu tanto sobre a mentalidade alemã que se pode se perguntar se o ex-chanceler do Império, o príncipe de Bülow, tem razão, ao duvidar, em um de seus livros, da revolta do espírito alemão contra a monarquia prussiana.

Devendo estudar, ao longo de um outro capítulo, a mentalidade criada pela dominação prussiana, eu me limitarei agora a

relembrar rapidamente como se formou, outrora, a dos dominadores da Alemanha atual.

A mentalidade da antiga Prússia se aproxima da mentalidade dos povos cujas condições de existência os levaram durante vários séculos a lutar contra vizinhos para se apoderar de territórios cobiçados. Dessa necessidade de conquista derivam seus costumes, sua moral e seu direito.

A Prússia é um Estado artificial, que cresceu lentamente através de anexações efetuadas em detrimento de populações de origens diversas. Durante séculos suas tentativas de crescimento foram incansavelmente repetidas.

Elas levaram mais de uma vez a duros reveses. Em 1640, a guerra de Trinta Anos havia devastado tanto o país que certas regiões mal possuíam a metade de sua população. A cidade de Prenzlow, por exemplo, teve sua população reduzida de 6.000 almas para 600.

Quase vazia de seus habitantes, a Prússia os recrutou por toda parte e se tornou um acampamento dos povos vizinhos.

Felizmente para ela, a revogação do Édito de Nantes expulsou da França milhares de protestantes que formavam uma elite industrial. O rei da Prússia teve a inteligência de atrair mais de 20.000 deles para seu território. Graças a eles, o país conheceu uma prosperidade jamais vista.

Eles introduziram em Brandenburgo uma gama enorme de indústrias e de conhecimentos agrícolas novos, criaram manufaturas, vidrarias, relojoaria, fazendas etc. Sob sua influência, Berlim __ cidadezinha confusa, com ruas sempre cheias de fumaça e que contava com 6.000 almas se tanto __ se tornou uma cidade próspera.

Esses refugiados se multiplicaram rapidamente. Em 1740, entre seus 2.500.000 habitantes, a Prússia abrigava 600.000 descendentes de imigrantes.

Os prussianos de origem francesa são ainda mais numerosos hoje em dia, embora muitos deles tenham acabado por germanizar seus nomes.

Os reis da Prússia governaram sempre seu reino de uma maneira absoluta. Bem antes dos filósofos alemães modernos, eles consideravam que o Estado, estando acima de tudo, devia criar sua própria moral e seu direito. O povo só tinha que obedecer. Frederico proibia os seus súditos de pensar. Eles não pensariam nisto, aliás.

O princípio essencial da monarquia prussiana, para o qual tudo foi constantemente sacrificado, era aumentar sem parar seu território. Ela não se preocupava, de maneira alguma, como hoje em dia, em justificar o direito de conquista através de uma pretensa superioridade racial. Isto teria sido impossível de invocar, a

propósito, num país composto de povos tão diversos. A vontade do senhor tomava o lugar da supremacia étnica.

Para realizar esse sonho de conquista, os reis da Prússia dedicaram a maior parte de seus recursos às forças armadas. Um regulamento de 1733 tornava o serviço militar obrigatório para todos. Na assunção ao trono de Frederico Guilherme I as tropas prussianas contavam com 38.000 homens e 83.000 quando ele morreu, em 1739. A França nessa época não tinha mais do que 160.000 soldados e a Áustria apenas 100.000.

Seu sucessor, Frederico, dito o Grande, soube, com este exército, constituir uma grande potência. A extensão da Prússia foi então dobrada pela anexação da Silésia e de uma parte da Polônia.

Foi preciso a chegada de Napoleão para se assistir à destruição desse reino tão penosamente construído.

Essa desagregação não durou muito tempo. A Prússia repetiu em Leipzig e em Waterloo a revanche de Iéna. Os tratados de 1815 lhe deram as províncias do Reno que incluíam as célebres cidades de Colônia, Mayene, Trèves etc.

Sadowa e Sedan atingiram sua grandeza. Todos os governos da Alemanha aceitaram seu jugo. O pequeno reino prussiano havia se tornado um formidável império.

Com a potência veio o orgulho e o alemão acabou por se acreditar o primeiro povo do universo. Historiadores e filósofos o

persuadiram de que ele constituía uma raça privilegiada destinada, pela vontade do céu, a regenerar o mundo.

Este breve resumo mostrou que a Prússia, nascida de conquistas, só cresceu através de conquistas. É espantoso que ela tenha conseguido, durante tanto tempo, iludir a Europa. Sem dúvida, os reis da França sempre desconfiaram um pouco dela e impediram, como no tempo de Richelieu, a unidade da Alemanha, mas, de Voltaire até nossos dias, a Prússia foi muito popular na França. Por uma aberração singular, que prova o quanto é difícil a arte de observar, filósofos e escritores viam nela um império liberal. A Revolução Francesa cometeu o mesmo erro. Para Danton, a Prússia era "nossa aliada natural". Michelet se mostrava tão simpático aos prussianos que desejava a unidade da Alemanha. "Deus nos ajude a ver uma grande e poderosa Alemanha", dizia ele.

Essa prodigiosa confiança continuou até Sadowa. "A França está logicamente com a Prússia", escreveu o mais influente de nossos publicistas. Um grande jornal afirmava nessa época que "a unidade da Alemanha é o triunfo da Revolução. Ser pela Prússia, é querer o triunfo da mais justa das causas". Que ilusões!

§2. Inícios pacíficos da política do império. Renascimento das ideias belicosas.

Durante os anos que se seguiram à unificação da Alemanha sob o domínio prussiano, Bismarck, senhor do império fundado através de suas negociações, só pensava em consolidá-lo na paz. A ideia diretriz de sua política foi assegurar alianças contra as possíveis tentativas de revanche da França.

Essa possibilidade de revanche sempre o assombrou. Ele falava dela frequentemente em seus discursos no Reichstag. A citação seguinte mostra bem a natureza de suas preocupações:

> *A colocação em questão da fronteira alemã começou quando a França se apoderou das Três Dioceses: Metz, Toul e Verdun. É um fato esquecido e eu só o relembro por causa de sua conexão histórica. Nós não temos nenhuma intensão de reconquistar Toul nem Verdun; nós possuímos Metz. Mas, desde então, não houve uma só geração na Alemanha que não tenha sido forçada a voltar a espada contra a França. E essa fase de combate pela fronteira com a nação francesa está hoje definitivamente fechada ou não? É isso que vós não podeis saber mais do que eu. Eu só posso exprimir minha própria opinião: que ela não está fechada;*

para isso seria preciso que o caráter francês e toda a situação da fronteira fossem mudados.

Durante todo o período de seu poder, Bismarck continuou seus esforços para manter a paz e o imperador atual seguiu, a princípio, sua política. O império alemão se consolidou e sua prosperidade econômica se tornou imensa. Sua frota comercial, a cada dia mais importante, visitou todos os pontos do globo. Ela só encontrou nele um único concorrente, a Inglaterra; rival temível e cada vez mais odiado.

A França, que temia tanto Bismarck, acabou por não mais preocupar a Alemanha. Suas dissensões religiosas e políticas pareciam tê-la enfraquecido o suficiente para que persistisse sua antiga ideia de revanche. Se um conflito com a França às vezes se vislumbrasse era porque ela havia se tornado aliada da Inglaterra, o inimigo que, mais cedo ou mais tarde, seria preciso combater.

Durante a dominação de Bismarck, a guerra era considerada como um perigo a evitar. Com a expansão comercial e industrial, ela se torna um objetivo desejado. Primeiro para enriquecer a Alemanha e depois para estabelecer sua hegemonia sobre o mundo.

Foi então que, com a ajuda do partido militar, das sociedades patrióticas, da imprensa e dos universitários, começou a campanha destinada a excitar a opinião pública e prepará-la para a guerra.

O governo favorecia em tudo o poder desse movimento que lhe permitia obter do Parlamento, pelo medo de um conflito próximo, os impostos que precisava para aumentar seus efetivos militares.

§3. A política de conquista formulada nos escritos alemães.

Um dos escritores que mais contribuíram para preparar a opinião pública para a conflagração europeia atual foi o general Bernhardi. Na capa da edição inglesa de seu último livro, **Unsere Zukunft** (O Nosso Futuro), o tradutor escreveu: *The Book that Caused the War* (O livro que causou a guerra).

Esta afirmação é evidentemente exagerada, pois Bernhardi simplesmente vulgarizou opiniões formuladas na maior parte das revistas e, principalmente, pelas numerosas sociedades ditas patrióticas, cuja influência era muito grande na Alemanha.

Mesmo que esse livro tenha simplesmente sustentado ideias. gerais na Alemanha, não será inútil extrair dele algumas passagens. Elas mostrarão claramente que as concepções políticas, com as quais a Prússia converteu a Alemanha, são idênticas às praticadas pelos primeiros fundadores da monarquia prussiana.

Eis primeiro o resumo das principais observações consignadas no capítulo V do livro de Bernhardi:[3]

Em seus assuntos um Estado deve levar em conta apenas o fator força e desprezar as leis que não lhe são vantajosas.

Podemos tolerar que uma nação com 40 milhões de pessoas, já derrotada pela Alemanha, possa pretender hoje em dia fixar limites à sua extensão?

Só podemos assegurar nossa posição continental destruindo a Tríplice Entente, humilhando a França e lhe deixando apenas a posição inferior que ela merece.

É preciso unir à Alemanha os Estados independentes da Europa Central. A menos que cruzemos a espada com a Inglaterra nossa política exterior está condenada ao insucesso.

O momento escolhido para declarar a guerra deve depender de nossa vontade e não da vontade dos nossos inimigos.

Nosso exército, nossa marinha e nossa política externa devem estar sempre prontos para um ataque imediato.

[3] O original alemão não era encontrado na época em que foi escrito este livro. Eu o traduzi da edição inglesa.

Num capítulo sobre a arbitragem internacional, o autor tentou mostrar a dificuldade de julgar, por árbitros, uma questão de direito.

É somente a força e não o direito que pode reger as diferenças entre os grandes Estados. Pessoas diferentes têm concepções diferentes da justiça. Elas variam, não apenas com os indivíduos, mas com as nações. Cada uma possui um ideal de justiça que deriva de seu caráter e de sua história. Ninguém pode dizer qual é o melhor.

Seria impossível estabelecer uma lei escrita que possa se adaptar a todas as diferenças entre as nações. Cada nação, cada profissão tem uma concepção particular da honra. Os tratados de arbitragem são particularmente perniciosos para uma nação poderosa e ambiciosa que não atingiu ainda o ponto culminante de seu desenvolvimento. Toda corte de arbitragem impediria nosso progresso territorial e o desenvolvimento dos Estados fortes pararia, em proveito das nações decadentes.

A moralidade de um Estado não pode ser a de um indivíduo. A do Estado depende da natureza e do objetivo do Estado, exatamente como a moralidade individual depende da natureza do indivíduo e de seus deveres para com a sociedade.

A essência do Estado é a força; sua fraqueza é um crime.

É imoral para um Estado não estender sua potência, se esta extensão é demandada pelo desenvolvimento de sua população. Um país não pode estar ligado a tratados que colocam sua existência em perigo ou que são desvantajosos para ele.

Essas ideias. chocam-se evidentemente com as noções resultantes de vários séculos de civilização europeia e nos levam às doutrinas que guiavam os principezinhos italianos do tempo de Maquiavel.[4] Elas são, no entanto, clássicas entre muitos acadêmicos alemães. Nós veremos isso ao estudar, num outro capítulo, sua concepção de Estado.

Bernhardi não é então, de maneira alguma, um isolado, um desses espíritos excêntricos como se encontra em toda parte e cuja voz permanece sem eco. O que ele escreveu, literatos de toda ordem não pararam de repetir. Eis, por exemplo, passagens de um livro intitulado **Si J'étais Roi**, reproduzidas pelo **Correspondant**, de setembro de 1914:

[4] Um pouco espantado com a indignação produzida por suas doutrinas entre os povos que ignoravam que o autor só estava repetindo ideias. correntes na Alemanha, Bernhardi se viu obrigado a declarar numa entrevista que ele tinha sido mal compreendido e mal traduzido, mas seu texto é tão claro que não se poderia encontrar outras interpretações.

A Alemanha, estando acima de tudo, tem direito a tudo. A Alemanha visa à destruição de tudo o que pode atrapalhar sua extensão, pelo sangue e pelo ferro. A Inglaterra deve ser aniquilada e a França deve ser esmagada a fim de lhe serem tomadas as colônias e os territórios que precisamos para nossa segurança. Os pequenos Estados da Holanda e da Bélgica devem viver sob a alta tutela da Alemanha; a Rússia seria vencida facilmente e seus territórios da fronteira se tornariam terras para colonizar.

Um dos panegiristas de Bismarck, o Sr. Scherr, destacou muito bem, nas linhas seguintes, a ausência total de escrúpulos dos princípios da política alemã:

Os homens pensadores e experimentados devem deixar, lá onde merecem estar, ou seja, no abecedário das crianças, o lugar comum gasto que diz que a política mais honesta é a melhor. Nunca houve política honesta no sentido usual da palavra e não poderia haver. O político criativo executa sua obra sem se preocupar se ela é desonesta ou nociva para seus adversários.

Uma das características essenciais das concepções políticas da Prússia sempre foi um desprezo profundo pelos Estados fracos. O direito de viver não lhes é reconhecido. O Sr. A. Beyens, ex-

ministro da Bélgica em Berlim, narra a seguinte passagem de uma conversa com o ministro dos negócios estrangeiros alemão:

> *Apenas as grandes potências, segundo ele, tinha o direito e o poder de colonizar. Ele revela mesmo o fundo de seu pensamento: os pequenos Estados não poderiam mais gozar, na transformação que se operava na Europa, em proveito das nacionalidades mais fortes, da existência independente que haviam gozado até o presente; eles estavam destinados a desaparecer ou a gravitar na órbita das grandes potências.*

Difundido por seus historiadores, seus filósofos, seus escritores, o sonho de dominação universal alucinava cada vez mais o povo alemão. Como outrora os árabes e os turcos, ele se considerava como uma raça superior a qual nada poderia resistir.

Todas essas excitações deveriam acabar por produzir suas consequências. A opinião pública se transformava e o partido da guerra crescia a cada dia.

§4. Resumo da evolução política da Alemanha.

A história da Alemanha e de suas aspirações desde sua unificação sob o domínio prussiano pode ser resumida em algumas linhas.

A Alemanha atual, nós já vimos acima, é uma criação da Prússia, reino artificialmente formado pela conquista e que só prosperou graças a conquistas.

Quando, após a guerra de 1870, a Prússia reuniu sob seu domínio todos os Estados da Alemanha, ela lhes impôs naturalmente a organização a qual lhe devia sua grandeza.

Fazer nascer, progredir, depois tornar coletivos certos sentimentos, constitui um dos princípios essenciais da psicologia política. Com sentimentos habilmente manipulados dirige-se as vontades de um povo. Perpetuando-se esses sentimentos, refaz-se sua alma.

Ajudada por suas universidades, seus historiadores, seus filósofos, suas sociedades patrióticas e principalmente sua educação militar, a Prússia, em menos de cinquenta anos, modificou inteiramente a orientação mental do povo alemão. Os historiadores o convenceram de sua superioridade sobre todas as nações do universo. Os filósofos lhe ensinaram que o direito era uma ilusão impotente diante da força. Os políticos lhe fizeram cintilar aos olhos o sonho de uma dominação universal. O rude regime da caserna escravizou sua vontade.

Para dominar os rivais que ela via crescer, foi preciso à Alemanha um exército e uma frota capazes de impor em todo lugar suas leis. Para obter os créditos necessários a seus armamentos, o

governo assegurava que a existência do império estava gravemente ameaçada pela hostilidade de inimigos invejosos.

A mais temida era a Inglaterra. Os escritores alemães não paravam de designá-la, às fúrias populares, como indestrutível inimigo da expansão germânica. Contra a rival detestada, protegida pelas frotas, se construiu rapidamente a frota de guerra destinada a destruir sua potência naval.

Se fazer surgir sentimentos na alma de um povo é relativamente fácil, refreá-los em seguida é relativamente difícil. Eles se transformam rapidamente em forças temíveis que não se controla.

Foi o caso da Alemanha. Fatalmente chegou o momento em que o governo não era mais o senhor dos sentimentos criados sob sua inspiração e dos partidos criados para levar à guerra. Foi então inevitável que, ao primeiro incidente, explodisse o conflito que muitos desejavam.

CAPÍTULO II

A concepção de estado dos filósofos alemães e sua interpretação da história.

§1. Origens da concepção alemã de Estado.

Sumário

As relações do indivíduo e do Estado sempre constituíram um dos importantes problemas da política. Um equilíbrio satisfatório __ conseguido apenas em algumas nações modernas __ entre o poder necessário ao Estado e a liberdade indispensável aos cidadãos está para ser estabelecido.

No mundo antigo __ no mundo oriental principalmente __ a questão foi resolvida simplesmente pela onipresença do soberano que dirige o Estado.

Dadas as diversas etnias governadas e a ambição permanente de anexar países vizinhos, a monarquia prussiana só poderia ser absoluta.

Seus reis tinham como verdade evidente que nada ultrapassaria o poder do Estado. Sua vontade devia servir de moral e de leis. Seu dever era de crescer através das conquistas.

Como apenas o interesse do Estado podia determinar o respeito a um tratado, os reis da Prússia estavam sempre muito convencidos de que “uma boa guerra santifica todas as causas”, como escreveu Nietzsche mais tarde.

Os princípios que resumimos foram praticados pelos diversos soberanos da Prússia, mas, naturalmente, sem serem formulados. Foi reservado aos filósofos tentar dar uma base racional às teorias que a história de seu país provou a utilidade.

Primeiramente expressos por pensadores ilustres como Hegel e Fichte, os princípios filosóficos da concepção do Estado foram ensinados em seguida por numerosos historiadores, Treitschke, particularmente; literatos como Nietzsche; vulgarizadores, como Lasson e Bernhardi. É segundo seus próprios textos que exporemos a doutrina. As consequências políticas que ela deveria produzir já foram indicadas nas citações do capítulo precedente.

Hegel foi um dos primeiros que erigiu nitidamente a teoria do direito absoluto do Estado, o qual, segundo ele, devia ser adorado como um deus. A força somente era a reguladora da história.

Durante muito tempo, essas concepções não saíram da esfera universitária. Bem mais tarde apenas elas foram vulgarizadas entre o grande público.

O Estado prussiano só podia encorajar teorias que o representavam como uma encarnação divina superior a toda autoridade, livre do jugo de toda lei moral e possuidor de um direito absoluto de conquista sobre os povos fracos.

Como os princípios estatistas formulados pelos filósofos d'além-Reno tinham um aspecto um pouco chocante, eles tentaram ligá-los a concepções anteriores e, remontando até os romanos, tentaram mostrar que sob a República, bem como sob o Império, o Estado constituiu uma entidade superior, dotada de um poder absoluto.

Eles procuraram em seguida representar o império alemão como uma simples continuação do Sacro Império Germânico, livre das influências inferiores da Áustria católica.

Na realidade, a concepção alemã de Estado só possui vagas analogias com as concepções romanas. Ela se aproxima muito mais do regime dos governos asiáticos.

Da teoria do Estado na Prússia, decorre toda sua organização e sua história. Elas decorrem dele não porque os princípios precedentes foram formulados, mas porque, tendo sido mais aplicados do que formulados, eles penetraram muito profundamente nas almas para se tornarem motivadores de ação.

§2. A absorção do indivíduo pelo Estado.

As teorias alemãs têm, como consequência necessária, a absorção completa do indivíduo pelo Estado.

Foi o que, efetivamente, aconteceu na Prússia primeiramente e mais tarde no resto do império. O Estado provê e regula tudo. Sua sistematização burocrática, que aliás pareceria insuportável, é aceita porque um regime militar muito duro habituou todos os alemães a uma obediência passiva, fortalecida pela sua submissão herdada.

O Estado representa para o alemão, segundo a concepção de Hegel, uma divindade a qual cada um se sente feliz em obedecer.

O Estado, diz Novalis, constitui um ente místico em que os tribunais, o teatro, a corte, a igreja, o governo, as reuniões públicas são, por assim dizer, os órgãos.

Essa divindade não pede aos cidadãos um assentimento pensado, mas simplesmente a obediência. Pela teoria dos filósofos ela se acha acima da reprovação e do louvor.

Raramente, de resto, pensar-se-ia em criticá-la. A organização burocrática da Prússia inspira uma tal admiração a seus administrados que eles sonham agora em impô-la ao universo.

Na França, consideramos o Estado como uma entidade separada de nós, utilizada às vezes para obter favores ou apoiar nossas fraquezas, mas sempre um pouco nosso inimigo. Aos olhos da Alemanha, o Estado representa a encarnação de seu povo. Combatê-lo seria combater a si mesmo.

Quaisquer que sejam as razões, o prestígio do Estado na Alemanha é imenso. Seu culto está ancorado nas almas. A autoridade não faz nenhum esforço para obter obediência absoluta. Enquanto o inglês e o francês são ávidos por liberdade, o alemão ama obedecer. Ele tem paixão pela tirania e, por sua vez, assim que uma mínima parcela de autoridade cai em suas mãos ele tiraniza.

Quanto ao simples soldado, é o escravo completo do que se exige dele. Numa alocução dirigida aos recrutas de Postdam, em

1891, o imperador lhes dizia: “Vós sois meu corpo e alma. Se eu vos ordenasse atirar em vosso pai e em vossa mãe, seria preciso executar minhas ordens sem murmurar”. A que povo civilizado, exceto o alemão, um chefe de Estado ousaria dirigir tal discurso?

A obediência dos alemães torna seu governo fácil. Os regulamentos, tão facilmente violados pelos franceses, são sempre respeitados entre eles. Histórias como a do hotel Astória em Paris, entre eles seriam absolutamente impossíveis. Ele foi, lembremos, construído por um alemão que, sabendo o quanto os regulamentos são enganados na França, deu a seu edifício uma altura que ultrapassa em muito as dimensões permitidas. Na Alemanha, os andares não regulamentares teriam sido demolidos em vinte e quatro horas se, por um inacreditável acaso, tivessem sido construídos. Na França, apesar dos embargos da Prefeitura do Sena, do Conselho Municipal, do Conselho de Estado etc., desde 1907, o hotel ainda está de pé. Exemplo visível da impotência do Estado francês em fazer respeitar os regulamentos e de seu fraco prestígio.

Não se deve certamente considerar como uma tradução exata das opiniões correntes, as divagações de alguns cientistas germânicos durante a guerra. É bom, no entanto, levá-las em conta quando elas emanam de pessoas suficientemente representativas.

É com este intuito que podem ser reproduzidas as reflexões do professor Oswald assegurando que:

A Alemanha, graças à sua capacidade de organização, atingiu uma etapa da civilização mais elevada do que os outros povos. Entre nossos inimigos, os Russos estão ainda no período da horda, enquanto que os franceses e os ingleses atingiram o grau de desenvolvimento cultural que nós deixamos para trás há mais de cinquenta anos. Essa etapa é a do individualismo. Mas, acima dessa etapa, encontra-se a etapa da organização. Eis onde está a Alemanha hoje! Vós me perguntais o que quer a Alemanha? Bem, a Alemanha quer organizar a Europa, pois a Europa até aqui não foi organizada. A Alemanha quer se engajar numa via nova para realizar a ideia do trabalho coletivo.

Essa declaração deve rejubilar os socialistas coletivistas. Ela dificilmente encontrará adeptos nas mentes esclarecidas que sabem que o progresso e as grandes descobertas são a obra das elites e não das coletividades.

É somente quando se trata de utilizar mentes medíocres que aparecem as vantagens da organização coletiva. Ela foi muito útil à Alemanha, cujo caráter disciplinado e gregário lhe torna fácil as tarefas em comum e difíceis os trabalhos individuais. Os alemães perderam, aliás, toda personalidade. Teremos oportunidade de mostrar em outro lugar o quanto sua identidade de pensamento espantou as pessoas que tiveram oportunidade de visitar muitos

prisioneiros alemães durante a guerra. Todos, oficiais ou soldados, pareciam produzidos no mesmo molde.

O estatismo assumiu para os alemães uma forma mística. Ele é admitido como um dogma religioso pelos seus escritores. Eis em que termos o Sr. Edward Meyer, professor na Universidade de Berlim, compara, na revista **Scientia** (1º de março de 1915), a concepção estatista da Alemanha com a dos ingleses:

> *De fato, trata-se de duas concepções diametralmente opostas do Estado e de sua luta de vida ou morte na formidável guerra atual...*
>
> *A diferença recai não apenas sobre as concepções inglesas e alemãs do Estado, mas também sobre a ideia que cada um dos dois povos faz da liberdade. Para o inglês, liberdade significa o direito do indivíduo à busca ilimitada, fora de toda intervenção do Estado, de seus próprios interesses materiais, enquanto que ele deve, no resto __ ou seja, em seu modo de ver, seus costumes, seus hábitos de vida __ se conformar com a vontade da maioria, da "opinião pública". Para o alemão, ao contrário, liberdade significa uma subordinação aos interesses da coletividade, aos fins ideais de sua nação. O Estado é, para o inglês, uma instituição limitadora cujos direitos e exigências ao indivíduo devem ser limitados o máximo possível. Para o alemão, ao contrário, o*

Estado é precisamente o órgão no qual se encarnam os fins mais elevados que se colocam ao seu povo; um órgão cuja esfera de poder deve abarcar e vivificar todo o conjunto da vida nacional e cujos mandamentos são tais que, cada indivíduo, como membro do grande Todo, os transforma por si mesmo em manifestações livres de sua própria vontade, elevando-os assim à dignidade de mandamentos morais de livre submissão e livre cumprimento do dever. É por isso que a Alemanha vê no serviço militar universal a base e a mais alta realização do Estado nacional livre, enquanto que o inglês o considera como a maior abominação, como uma amarra despótica que arruína a noção de liberdade.

Nada poderia ser mais claro do que esta exposição. Ela nos mostra nitidamente o regime que a Alemanha vitoriosa imporia à Europa, como ela impôs na Alsácia. O indivíduo deve obedecer passivamente, mas lhe permitem acreditar que essa obediência é uma "manifestação livre de sua própria vontade". O antigo escravo poderia se persuadir de que, graças à mesma ilusão mental, girando a mó no fundo de um porão, ele obedecia a sua livre determinação.

Nenhum povo, se não fosse hereditariamente destinado à caserna, seria capaz de uma obediência tão servil. Jamais um americano ou um inglês suportaria o regime germânico. Eles conside-

ram que o Estado é feito para o indivíduo e não o indivíduo para o Estado. A liberdade e a independência lhes parecem muito superiores à submissão passiva.

Destacamos justamente uma grande analogia entre as concepções estatistas dos filósofos alemães e a dos socialistas jacobinos franceses. Estes últimos as formularam de uma outra maneira, talvez, mas eles sempre as praticaram com vigor, quando os acasos das circunstâncias lhes deram o poder.

Uma diferença notável separa, no entanto, nosso jacobinismo estatista do estatismo alemão. Enquanto que o segundo é muito prático e sempre sonha com conquistas, o primeiro vive principalmente de teorias. Mesmo que extremamente autoritário, o jacobinismo francês ensinava o pacifismo e a fraternidade universal, salvo para as categorias de cidadãos que ele perseguia vigorosamente.

§3. O culto da força.

A concepção de Estado precedentemente mencionada implica necessariamente na preponderância da força material. Ainda aqui os reis prussianos não precisaram de dissertações filosóficas para compreender sua utilidade. Criado pela força, seu reino só poderia se manter e crescer através dela.

Os escritores alemães foram então naturalmente levados a justificar os resultados obtidos fazendo da força material a grande dominadora da história. Aos fortes pertenceria o sucesso que apenas revela o valor de um povo.

Sendo soberana, a força pode ser sem piedade. Ela possui a liberdade de agir como quiser. Historiadores e filósofos não pararam de repeti-lo. “O poder do vencedor, eis o que determina o direito”, escreve o célebre jurista Lhering. Tradutor das ideias. ambientes, Nietzsche escreveu: “Uma moral de senhor afirma que só há dever entre iguais. Com relação aos seres de escala inferior, com relação a tudo o que é estranho, pode-se agir como quiser, como vos diz o coração e de qualquer maneira. Nada é mais perigoso para os fortes do que a piedade”.

Reproduzindo num outro capítulo as instruções do estado-maior alemão, teremos oportunidade de mostrar com que rigor são aplicados esses princípios e a que ponto toda a humanidade é severamente banida.

Bem distantes, como se vê, das doutrinas que o cristianismo, ou simplesmente o progresso da civilização, acabaram por impor à maior parte dos povos civilizados. A Alemanha permaneceu teoricamente cristã, mas o Jesus pacífico da Bíblia se tornou nela uma divindade tão selvagem quanto o antigo Odin, que sonhava sem parar com conquistas e massacres. Esse cristianismo novo, com

ares muito pagãos, rejeitou inteiramente a moral bíblica, considerada, segundo a fórmula de Nietzsche, “uma moral de escravo”. A mansidão, a sensibilidade, a humanidade, são consideradas como impotentes. O grau de força determina o direito. A nação mais forte tem direito de dominar as outras e não lhes deve nenhuma benevolência. Todos os intelectuais alemães são imbuídos da ideia atribuída a Guilherme II: “Para mim, a humanidade acaba nos Vosges[5]”.

Esses princípios deveriam fatalmente levar às ferocidades frias cujo triste espetáculo a guerra forneceu ao mundo.

O culto da força só fez naturalmente progresso entre os germânicos depois que as empresas vitoriosas lhes provaram que eles eram fortes. Novos teóricos vieram então lhes persuadir que constituíam uma raça superior e que tinham o dever de conquistar o universo. A guerra se tornou uma cruzada destinada a esmagar os povos inferiores que poderiam se opor à missão da Alemanha no mundo. Sobre os cacos das raças inferiores, cuidadosamente espoliadas de suas riquezas, reinaria o ideal alemão.

Quando não se consegue dominar seus instintos, é útil glorificá-los. Pode-se então lhes obedecer sem vergonha. Os filósofos agiram então sabiamente ao exaltar as aspirações mais baixas dos

[5] Cadeia de montanhas na França e que, durante a ocupação alemã da Alsácia-Lorena, representava um divisor entre estes dois países. (Nota do tradutor)

alemães e particularmente seus instintos de conquistas, de morte e de rapina.

§4. As relações entre a religião e o Estado.

Na maior parte das monarquias, mesmo as mais absolutas, a religião e o Estado formam dois poderes independentes. Eles se colocam às vezes em luta, mas muito raramente um deles se vê inteiramente submetido ao outro.

A concepção alemã de absolutismo estatista tornava impossível aos fundadores do reino prussiano suportar um poder religioso capaz de contrabalançar o seu.

Eles não tiveram que sofrê-lo, afinal, pois o protestantismo se apaga quase sempre diante do poder temporal e entra pouco em conflito com ele.

Mas, quando, em 1870, a Prússia estendeu seu domínio sobre o resto da Alemanha, ela viu que, ao lado de 40 milhões de protestantes figuravam 25 milhões de católicos e, então, surgiram grandes dificuldades. Apesar de toda sua habilidade, Bismarck não conseguiu resolvê-las e, após um período de lutas, ele teve que se conformar com acordos.

Estes últimos não impediram os conflitos de se agravarem a cada dia. A guerra atual fez com que eles desaparecessem, mas este desaparecimento será forçosamente momentâneo.

As duas religiões professadas pela Alemanha tornarão sempre muito difícil sua completa unificação.

O papel desses 25 milhões de católicos na política do império é, com efeito, considerável. Mesmo que o governo seja, no fundo, absoluto, ele teve que aceitar um parlamento cujos votos podem desgostá-lo algumas vezes, principalmente em matéria de impostos. Os católicos possuem um número considerável de revistas e de jornais pouco dóceis aos impulsos governamentais. Eles formam no Reichstag o que se chama de Centro. Com sua aliança com alguns elementos de oposição, este grupo pode obter a maioria. Em 1909, seus votos obrigaram o chanceler Bülow a se demitir.

O partido católico possui naturalmente muito pouca simpatia no governo. Um secretário de Estado declarou na tribuna que ele constituía “um abscesso purulento no organismo do império”.

Esse partido é o único suficientemente forte para lutar contra a onipotência do Estado prussiano. Enquanto este último e a Igreja protestante não têm outro chefe que não seja o rei da Prússia, o partido católico tem dois chefes: o imperador e, acima dele, o Papa, representante de Deus.

O partido protestante se mostra tão menos disposto a ceder aos católicos quanto está convencido, como ensinam vários historiadores, de que a Alemanha deve sua grandeza ao espírito protes-

tante. Nós reproduzimos, em outro lugar, uma passagem de Treistschke sobre este ponto importante.

É provável que o dualismo religioso da Alemanha se tornará, cedo ou tarde, um motivo de fraqueza para ela.

§5. Como os teóricos alemães expõem suas concepções do Estado e do direito.

O leitor pouco familiarizado com os filósofos e os historiadores alemães poderia supor que eu exagerei suas doutrinas. Elas se encontram reproduzidas nos mesmos termos, desde Hegel até Treitschke, Lamprecht e Bernhardi. Eu citarei extratos numa outra parte deste livro e me limitarei agora a dar alguns fragmentos de um livro do Sr. Lasson, professor na Universidade de Berlim, que as resumem perfeitamente. Seu livro apareceu numa edição popular, vários anos antes da guerra. O **Temps** já reproduziu algumas passagens dele. Escreve Lasson:

> *Um Estado, não poderia, logicamente, admitir acima dele, sem desaparecer, nenhum tribunal cujas decisões ele devesse aceitar. Entre os Estados só pode reinar a guerra. O conflito é a essência mesma e a regra das relações entre os Estados; a amizade é apenas o acaso e a exceção.*
>
> *Por mais que haja pessoas dotadas de livre arbítrio, apenas a coerção poderá assegurar a execução do direito...*

Em caso de litígio, a força de resistência do adversário será quebrada e o novo estado de coisas assim criado será muito mais digno de respeito do que o precedente.

De Estado para Estado não há lei. Sendo uma lei apenas uma força infimamente superior, um Estado que a reconhecesse confessaria sua fraqueza. Ele não passaria de uma comunidade tolerada que finge grotescamente ser um Estado, sem poder exercer a função essencial que é repelir a coerção pela força. Um pequeno Estado só tem direito à existência na proporção de sua força de resistência. Entre Estados só há um direito: o direito do mais forte.

O fraco é, apesar de todos os tratados, a presa do mais forte, desde que este último o queira e possa. Este estado de coisas pode mesmo ser classificado como moral, porque é racional.

Entre os Estados, vistos como seres inteligentes, os litígios só podem ser resolvidos pela força material... Para suprimir a guerra seria preciso suprimir o Estado.

...A ausência de preparação para a guerra é em um povo sinal de decadência física e moral.

...Quaisquer que sejam os progressos da inteligência, das condições materiais ou da moralidade de um povo que não tenha possibilidade de se defender e de assegurar os re-

sultados adquiridos, tudo é vão e esse povo só serviria de fumaça no campo da cultura de outrem.

Uma vez que a guerra explodiu, tudo está em jogo; pois toda guerra é questão de vida e morte... Seria muito ruim tanto manter cautela quanto esperar.

A guerra de conquista é tão legítima quanto a guerra de defesa. É um absurdo se indignar contra uma guerra de conquista. O único ponto interessante é o objeto dessa conquista.

Uma guerra pode ser feita por interesses políticos, jamais por uma ideia. Seria a inversão de todas as bases sadias da vida de um Estado.

O Estado nacional, que realiza a mais alta forma de cultura da raça, só pode se realizar pela destruição dos outros Estados.

O direito à independência não é um direito inato a um povo, ele deve ser adquirido com sacrifício... Um povo de alta cultura, mas de cultura pouco favorável à concentração e à ação militar do Estado, deve, com toda justiça, obedecer ao bárbaro cuja organização política e militar é superior...

Entre formas de cultura diferentes, só pode haver conflitos e ódios.

A intervenção nos assuntos de outrem é um direito que só é limitado pela força do outro.

O fraco decanta a inviolabilidade dos tratados que lhe asseguram sua miserável existência. Ele só tem uma garantia: uma força militar eficaz.

Há pessoas que falam de um pretenso direito dos povos de disporem deles mesmos. Deixar um povo, ou melhor ainda, uma fração de um povo decidir questões internacionais, por exemplo, sua submissão a tal ou tal Estado, equivaleria a deixar as crianças de uma casa votarem as escolhas de seus pais. É a mentira mais frívola que jamais uma cabeça gaulesa já inventou.

Contra pessoas que professam tais máximas o direito sem força seria uma defesa bem fraca. Deixemos os acadêmicos dissertarem sobre a beleza do direito puro, oporem a religião do direito à religião da força, mas aconselhamos ao resto dos cidadãos manterem sempre meios de defesa mais confiáveis do que as teorias.

A experiência atual terá sido suficiente, eu penso, para ensinar a uma juventude iludida pelos devaneios de pacifistas limita-

dos. Que se faça apenas respeitar seu direito, tornando-a bem forte.[6]

Quem tem apenas o direito como suporte não conseguiria vencer a força. Certamente que, em diversas épocas da história, viu-se pontífices desprovidos de exércitos oporem vitoriosamente seus direitos às vontades de poderosos soberanos. Mas, se eles não tinham tropas, não eram desprovidos de força. Ela era, ao contrário, imensa, porque, representantes de Deus aqui embaixo, eles faziam seus inimigos temerem sua assistência.

Não há dúvida de que as teorias alemãs correspondem a períodos da civilização já ultrapassados há muito tempo. Elas nos remetem às épocas distantes em que cada potentado só contava como certo sua espada e também considerava com desprezo os tratados que ele podia violar.

Imbuído da ideia do direito do mais forte, um jornalista alemão assegurou que se a Alemanha triunfasse ela poderia evitar pagar todas as dívidas exteriores. Sem dúvida, mas qual país gos-

[6] Permita-me lembrar que em vários livros eu insisti fortemente sobre o erro dos pacifistas e na necessidade de um povo que quer viver, de ser suficientemente armado para defender seu direito. Eu preguei, evidentemente, um pouco no deserto, mas não completamente, no entanto. O cientista presidente da sociedade dos engenheiros da França, o Sr. Henri Gall, me escreveu em 8 de dezembro de 1914: “Às vezes eu penso em vossa forte influência sobre a geração presente, que compreenderá melhor agora a utilidade da força, cuja noção ela deverá a vós”.

taria então de manter relações comerciais com um povo que inspira tais máximas?

Existe atualmente uma desarmonia completa entre a organização militar do Estado alemão e sua evolução industrial e comercial. São duas fases de civilização diferentes superpostas.

Destacou-se, com razão, que as teorias alemãs tiveram como resultado, com o incêndio de Louvain, a devastação da Bélgica e lembrou-se as palavras muito justas de Mommsen: “Tomem cuidado, porque num Estado que é ao mesmo tempo uma potência em armas e uma potência em inteligência, se a inteligência desaparece fica apenas um Estado puramente militar”.

Um dos primeiros efeitos das teorias alemãs foi obrigar a Europa a permanecer quarenta e cinco anos em armas, para acabar numa conflagração universal. Ela mostrará finalmente o quanto eram ilusórias as concepções dos filósofos alemães.

CAPÍTULO III

A evolução econômica da Alemanha

§1. A prosperidade industrial e comercial da Alemanha.

Sumário

Viu-se às vezes no curso da história __ e o reino prussiano forneceu disso durante muito tempo um impressionante exemplo __ povos dedicados à guerra para se enriquecer às custas de seus vizinhos. É muito raro que um país que conseguiu a riqueza pela expansão de seu comércio exterior e protegido contra todos os ataques possíveis de uma potência armada, seja lançado a uma guerra que, vencedor ou vencido, ele não poderá tirar nenhum proveito.

Esse foi, no entanto, o caso da Alemanha moderna. Sua prosperidade não tem mais do que vinte e cinco anos de existência. Neste curto período, sua população, sua indústria e seu comércio cresceram consideravelmente. Porém, ela fez a guerra no momento em que seu desenvolvimento econômico atingiu aquele que a Inglaterra levou quase um século para conquistar.

Os números e os documentos a seguir darão uma ideia clara da extensão industrial e comercial da Alemanha no momento em que começou o grande conflito europeu.

De 48 milhões de habitantes em 1888, sua população contava, em 1914, com quase 70 milhões. Sua fortuna tinha passado, no mesmo período, de 250 bilhões para 372 bilhões.[7] Seu comércio

[7] Eis, segundo o **Réveil National**, de abril de 1915, em quanto os economistas alemães avaliam a riqueza de seu país. Nós reproduzimos esses números sem garantia de sua exatidão: 1º) fortunas privadas, móveis e imóveis – 220 bilhões; 2º) propriedades municipais com ou sem edificações – 50 bilhões; 3º) proprie-

se estendia a todo mundo; ela possuía poucas colônias, mas o mundo inteiro estava em vias de assumir esse lugar.

Ao lado da Alemanha militar, representada pela Prússia, uma Alemanha industrial, desenvolvida em alguns anos, tinha alcançado o adiantamento da Inglaterra e da América.

Dentre as diversas razões que favoreceram a evolução de sua indústria, a mais importante foi a descoberta de minas de carvão. Elas permitiram aumentar a produção de carvão de 26 milhões de toneladas, em 1870, para mais de 190 milhões em 1913, enquanto que a nossa não passa de 41 milhões.[8]

A extração de carvão, que enriqueceu a Inglaterra em outros tempos, devia também fazer prosperar a Alemanha. Enquanto a França era obrigada a importar uma parte do carvão que consumia, a Alemanha podia exportá-lo.

Para poder compreender bem o valor dos números precedentes, deve-se levar em conta a riqueza que ela representa.

Na fase industrial que o mundo atravessa, a riqueza de um povo resulta principalmente da quantidade de energia mecânica

dades rurais – 50 bilhões; 4º) indústrias minerais privadas – 6 bilhões; 5º) valor do capital alemão investido no exterior e valores estrangeiros em mãos alemãs – 25 bilhões; 6º) minas pertencentes ao Estado, estabelecimentos do Estado, monumentos, portos e canais – 15 bilhões; 7º) valores em circulação, dinheiro, moeda – 6 bilhões. Isso dá um total de 372 bilhões. A renda anual da Alemanha seria ao redor de 40 bilhões.

[8] Das quais, 27 milhões produzidas pelos departamentos ocupados pelo inimigo. A mesma ocupação nos fez perder três quartos de nossa produção de ferro.

que ela dispõe. Essa energia mecânica pode provir do trabalho manual humano __ e até numa época recente não havia outro __ ou do trabalho fornecido pela combustão do carvão.

Experiências variadas provaram que um operário produz um trabalho de 6 quilogramas em um segundo, durante 8 horas por dia. O mesmo trabalho obtido com o carvão queimado numa máquina a vapor, custa ao redor de dois terços de um quilograma de carvão, ou seja, para um ano de 300 dias úteis, 200 quilogramas de carvão, ou um quinto de tonelada. Uma tonelada de carvão representa então o trabalho de 5 homens, durante um ano e 1 milhão de toneladas o trabalho de 5 milhões de homens. Dizer que a Alemanha extrai 190 milhões de toneladas de carvão por ano quer dizer que ela pode produzir o mesmo trabalho mecânico que forneceriam 950 milhões de trabalhadores, ou melhor, de escravos dóceis.

Esses escravos dóceis são, por outro lado, muito pouco custosos. 1 milhão de toneladas valem, a razão de 15 francos a tonelada, em tempo comum, 15 milhões de francos. Se se avalia o salário de cada trabalhador a 5 francos o dia, ou seja 1500 francos por 300 dias, os 5 milhões de operários necessários para substituir 1 milhão de toneladas de carvão custariam 7,5 bilhões de francos.

Substituindo o trabalho humano pelo trabalho do carvão, este só custaria 3 francos por ano em vez de 1.500 francos.[9] Aumentar a riqueza de um país em carvão significa então multiplicar enormemente o número de seus habitantes. Muito carvão e poucos habitantes vale mais do que pouco carvão e muitos habitantes. 5.000 mineiros trabalhando durante um ano bastam para extrair 1 milhão de toneladas de carvão, que podem produzir o trabalho de 5 milhões de trabalhadores.

Toda a indústria moderna, desde nossos gigantescos couraçados até os obuses que cortam nossas trincheiras, significa carvão transformado. Quanto mais carvão se possui, mais se pode ter fábricas, estradas de ferro, couraçados, munição e canhões.

A enorme produção de carvão na Alemanha exerceu sobre a vida econômica e internacional consequências tão profundas quanto representa um dos maiores fatores de sua evolução moderna.

A primeira dessas consequências foi o abandono da agricultura pela fábrica. Provida de carvão e homens em excesso, a Alemanha pôde fabricar objetos a um custo bem baixo, para impedir toda concorrência.

[9] Como os resultados de meus cálculos podem surpreender num primeiro momento, eu pedi para que meu amigo cientista Ch. Lallemand, membro da Academia de Ciências e Inspetor Geral das Minas, os confirmasse.

Esse preço competitivo lhe permitiu aumentar cada vez mais sua exportação. Ele lhe proporcionou então aumentar suas fábricas, que acabaram por se tornar gigantescas.

Algumas, como as da Krupp, ocupam 100.000 trabalhadores. A fábrica da Mannesmann utiliza 15.000; a Badische, 8.000 e a da Bayer, quase o mesmo. A maior parte desses estabelecimentos possuem filiais em diversos países, para evitar as taxas de importação. O grupo Merck, de Damstadt, que fabrica a maior parte dos medicamentos vendidos nas farmácias, tinha sucursais em Londres e em Montereau, perto de Paris.

A organização desses diversos estabelecimentos é muito sábia. Na Bayer, há 14 diretores, que têm sob suas ordens 304 químicos, 67 engenheiros, 8 médicos, 4 juristas e mais de 650 técnicos (mecânicos, eletricistas etc.). 30.000 lâmpadas elétricas iluminam seus escritórios. Ela envia diariamente 30 vagões de materiais.

Em todos os ramos da indústria __ instrumentos de laboratórios, objetivas fotográficas etc. __ os alemães possuem uma superioridade análoga. Nossos fabricantes nem mesmo tentam lutar contra eles.

Diante de seu sucesso a Alemanha aumentou sem parar sua fabricação. Ela a aumentou mesmo em tal proporção que precisou constantemente buscar novos mercados.

Foi justamente isso uma das causas indiretas da guerra. Recém-chegada, a Alemanha encontrou rivais em toda parte, particularmente a Inglaterra. Ela logo pensou em combatê-los.

Essa hipertrofia industrial apresentava, aliás, um lado bem perigoso, fácil de colocar em evidência.

O grande financista alemão Sr. Hefferich assegura que a renda do império é de 50 bilhões e sua fortuna é de 400 bilhões.

Admitamos que estes números sejam prováveis, apesar de seu exagero. Mas o que eles representam afinal? Capitais imobilizados em imensas fábricas cuja produção, muito grande para ser consumida internamente, deve ser vendida no exterior. Se suas oportunidades se fechassem, milhões de trabalhadores cairiam na miséria. De 70 milhões de alemães, 15 milhões apenas, com efeito, vivem da agricultura.

A prosperidade das fábricas e os lucros que elas podem proporcionar a seus acionistas dependem então unicamente da possibilidade de escoar seus produtos. Nada de lucro sem essa venda. Diz-se, com razão, que a Alemanha estava condenada a se enriquecer sempre mais ou a se arruinar.

Deslumbrados com seu sucesso, as fábricas continuaram perpetuamente a crescer. A Companhia Geral de Eletricidade, por exemplo, fundada em 1883, com 5 milhões de marcos, deve remunerar hoje em dia um capital de 240 milhões. Seria impossível,

evidentemente, produzir dividendos a uma massa tão grande de capital se a produção parasse num instante.

É por isso que a Alemanha temia tanto os concorrentes e confessava um ódio tão profundo pelo mais perigoso deles: a Inglaterra.

§2. Causas diversas da prosperidade da Alemanha. Seus métodos industriais.

Vimos que a recente prosperidade da Alemanha teve como origem principal a descoberta imprevista de imensas minas de carvão em seu território.

Mas esta não é a única causa. Existem várias. Umas reais, outras imaginárias.

Dentre as causas imaginárias figura a ideia de que os sucessos econômicos da Alemanha são a consequência de seu sucesso militar em 1870. Embora frequentemente refutado, este erro é, no entanto, repetido. Ele foi mais uma vez combatido num artigo recente do Sr. d'Avenel.

Ele mostra neste artigo que a riqueza e a dominação são coisas independentes.

A superioridade militar nunca incrementa o comércio de um povo. Os países mais ricos, como os Estados Unidos, não têm

nenhuma potência militar. Os holandeses e os suíços muito menos.

Não se poderia acreditar de maneira alguma que nossos cinco bilhões perdidos em 1871 enriqueceram a Alemanha, pois a paz armada há quarenta e cinco anos lhes custaram mais de sessenta. Por fim, os oito ou dez primeiros anos que seguiram a campanha de 1870, não foram dos mais brilhantes.

Essa guerra retardou então, muito mais do que acelerou, na Alemanha, o movimento de expansão industrial e comercial que se desenvolvia em quase toda a Europa.

Dentre as causas __ desta vez bem reais __ da prosperidade da Alemanha, é preciso citar principalmente a superioridade de sua educação técnica e também os hábitos de disciplina, de ordem e de método criados pela educação militar.

A fábrica e a caserna se parecem muito e a Alemanha passa sem dificuldade de uma à outra.

Essa influência da caserna é proclamada até mesmo pelos alemães. O Sr. Below, professor da Universidade de Friburgo, relata as seguintes palavras de um economista:

> *O espírito de disciplina que reina no exército alemão é o mesmo responsável pelo nosso crescimento econômico, que suscitou contra nós o ódio da Inglaterra. O sistema militar é uma escola para nossos trabalhadores.*

Eu admito prontamente que os hábitos de disciplina e de regularidade criados pelo rígido sistema da caserna, aceitável apenas pelos alemães, muito lhes serviram. Como eles utilizaram as qualidades assim adquiridas? Quais são seus métodos industriais e comerciais?

Eu já expus em diversos livros[10] seus métodos comerciais, o papel dos cartéis, os processos de invasão em diversos países etc.

Um cientista economista, o Sr. Millioud, empreendeu o mesmo estudo na **Bibliothèque Universalle**, de Genebra, em abril de 1915. Suas observações são análogas às minhas, mas como elas provêm de um cientista que pertence a uma nação neutra, são elas que resumirei aqui.

O Sr. Millioud mostra primeiro a crescente expansão dos alemães em alguns países __ a Bélgica, particularmente. Eles penetraram lá através de seus representantes comerciais e a compra sucessiva de empresas comerciais e de fábricas, seja diretamente ou através de prepostos.

Graças ao poder de seus cartéis (associação de todos os membros de um mesmo ramo industrial, representada por um escritório que fixa os preços, recebe os lucros e os reparte em seguida entre os associados), eles podem arruinar os concorrentes, vendendo os produtos abaixo do preço de custo. O Sr. Millioud mos-

[10] Psychologie du Socialisme, 7ª edição e Psychologie Politique, 9ª edição.

tra por exemplo que as siderúrgicas alemãs que vendem a viga de aço por 130 marcos a tonelada na Alemanha, vendem por 120 marcos na Suíça e a 75 na Itália. Eles sofrem, neste último caso, uma perda ao redor de 20 marcos por tonelada.

Por meio dessas reduções e dos créditos de longa duração (12 a 18 meses), os comerciantes alemães têm clientes certos em todos os países. Após terem derrubado os concorrentes eles são senhores dos preços.

O Estado alemão mantém com toda sua força a indústria, não apenas através de suas encomendas, mas principalmente favorecendo a exportação por meio de tarifas diferenciadas engenhosas.

O emprego de tais métodos necessitaria de muito dinheiro. De onde ele vem?

O sistema industrial e comercial da Alemanha foi ajudado por banqueiros que drenaram progressivamente as economias de seu país e até mesmo do nosso, por intermédio de nossas sociedades de crédito, para investir nas empresas industriais.

Não sendo o dinheiro suficiente, foi preciso substituí-lo por títulos de ação e logo as reservas metálicas dos bancos foram transformadas em valores de carteira muito dificilmente realizáveis.

Aqui aparece o vício do sistema e seus perigos. A confiança pode substituir, por algum tempo, as reservas metálicas disponíveis, mas não para sempre. Principalmente em caso de crise. Falências bombásticas mostraram bem isso.

Este não foi o único perigo. Os dividendos pagos aos enormes capitais investidos na indústria exigiam, eu já disse acima, um crescimento perpétuo da produção. Ela chegou até o ponto de ultrapassar as necessidades.

Tornou-se então necessário dominar os grandes mercados do mundo, de maneira a poder regular a distribuição dos produtos e seus preços. Mas deparou-se então com os concorrentes, particularmente os ingleses, cuja indústria crescia quase tão rápido quanto a alemã.

O autor citado acima chega, finalmente, à seguinte conclusão:

> *Sem serem ameaçados por ninguém, os alemães se sentiam ameaçados por todo lado. Eles pretendem lutar por sua existência. Eles falam a verdade. Seus industriais, seus financistas, seus políticos se engajaram numa empresa de conquista econômica e se engajaram de uma tal maneira e com tais procedimentos que lhes foi impossível desistir. Esses procedimentos se voltaram contra eles. Sem que eles esperassem, a vitória, manifestamente, lhes escapou. Deveri-*

am esperar a derrota, a compra das indústrias, o afundamento do crédito, a miséria que devia resultar para o povo e as fúrias que eles talvez provocariam?Essa situação não levaria inevitavelmente à guerra, cedo ou tarde e não valeria mais a pena fazê-la enquanto tinham mais chances de sair dela, pronta e definitivamente vitoriosos? E depois, o bom direito não pertence, como disse o Sr. Maximilien Harden, ao vitorioso?

Eu acredito realmente que os alemães teriam sido levados um dia a fazer a guerra pelos motivos econômicos que foram indicados. Seus escritores já repetiram tanto isso que não é mais permitido duvidar, mas eu não penso que o momento já havia chegado ou que essa necessidade já se fazia sentir. Apenas se aproximava. Segundo o Sr. Bonnefon:

um dos conselheiros íntimos do imperador,Sr. Ballin, diretor da linha Hamburgo-América, deu, um mês antes da guerra, um grito de alerta que deveria ter sido ouvido por toda a imprensa francesa, pelo tanto que ele tinha de profético. Por toda parte os mercados se fecham ou se retraem diante da Alemanha, escreveu ele com amargura. Ele dizia a verdade? Neste caso é a falência para um grande número de empresas secundárias; é o desemprego para milhões de

trabalhadores; é a inevitável consequência de um impulso muito precipitado, numa Alemanha muito pequena. Antes da guerra já havia 100.000 trabalhadores desempregados em Berlim e os empresários procuravam, com muito custo, dinheiro a 8%.

A prosperidade da Alemanha, embora real, estava então, como se vê, bastante ameaçada.

§3. A expansão comercial dos alemães na França e no mundo.

Apesar de todos os perigos que eu mostrei, a prosperidade da Alemanha crescia sempre e ela fazia concorrência aos outros povos em todos os pontos do globo.

As rivalidades comerciais não tinham como única consequência os lucros pecuniários. Poderíamos dizer, sem exagero, que uma nação que invade uma outra com sua indústria, consegue, mais cedo ou mais tarde, ser seu mestre, como se ela a tivesse conquistado à mão armada.

Este foi o caso dos alemães em diversos países: na Bélgica, na Rússia e na França, sobretudo. Regiões inteiras, como a Côte-d'Azur, por exemplo, acabaram por lhe pertencer. De Saint-Raphaël até a fronteira italiana, todos os grandes hotéis se tornaram alemães.

A invasão foi geral. Uma massa de indústrias francesas __ produtos químicos, ótica, medicamentos, corantes etc. __ estava em suas mãos.

Pelo seu espírito de organização, seus métodos, sua formação técnica, seu trabalho obstinado, os alemães se apoderaram progressivamente de nossas principais produções industriais. As apreensões feitas durante a guerra provaram a existência, na França, de mais de 12.000 empresas alemãs. Se eles tivessem prosseguido por mais vinte anos teriam se tornado os verdadeiros proprietários do país.

Tais fenômenos foram observados igualmente na Itália e na Rússia. A maior parte dos bancos e das grandes indústrias eram dirigidos pelos alemães. Na Inglaterra a invasão havia começado também, mas muito menos do que em outros lugares.

A invasão econômica do mundo pela Alemanha acontecia, como se vê, muito rapidamente e sem a guerra ela logo seria completa. A Rússia, por exemplo, se tornava cada vez mais alemã. Os discursos pronunciados na Douma após as derrotas russas contêm revelações muito inquietantes. Eis um resumo, retirado do **Journal de Genève**, de 12 de setembro de 1915:

> *Tudo o que se disse sobre a influência econômica alemã sobre outros países é ultrapassado pelo que se produziu na Rússia. A conquista estava singularmente avançada*

quando explodiu a guerra. A indolência clássica da administração, em que muitos representantes aceitavam propinas tanto em marcos quanto em rublos, por qualquer coisa, estava sem dúvida, do lado da devoradora atividade empregada pelas empresas alemãs, tanto oficiais quanto privadas. Os bancos eram em grande parte alemães. As empresas comerciais, alemãs. As explorações das minas e a maioria das grandes fábricas, alemãs. As colônias alemãs, instaladas no campo há um século e meio, pela imperatriz Catarina, não estão em nada nacionalizadas; elas permanecem agrupadas e não foram apreendidas pela Rússia; estão instaladas, como que por acaso, em fortalezas e sobre grandes linhas de comunicação estratégicas; suas relações com as organizações pangermânicas se multiplicaram em alguns anos e se tornaram cada vez mais estreitas. Seu papel atual é muito suspeito. Mas as influências alemãs são mais inquietantes na corte, nos ministérios, nas forças armadas. Os oradores denunciam as complacências de grandes personagens pelos súditos alemães e austríacos.

Se considerarmos como colônias os países proveitosamente explorados por um povo, é preciso dizer que a França, a Bélgica e a Rússia constituem as grandes colônias da Alemanha.

Para adquirir mercados os alemães não se limitaram a invadir a Europa. Eles se espalharam cada vez mais pelo resto do mundo.

Essa invasão se fez com uma rapidez considerável e ela teve como consequência a expansão da língua e da civilização dos invasores.

O Sr. Professor Bellesort, que estava no Japão no momento da guerra, escreve:

> *Eu havia retornado ao Japão quinze anos após e a primeira mudança que eu constatei desde a minha chegada me apertou o coração: os alemães nos havia quase inteiramente suplantado naquele país. A influência inglesa ali havia permanecido relativamente estacionada, mas tudo o que nós havíamos perdido os alemães tinham ganhado.*
>
> *Antigamente nossas escolas militares, nossos professores, nossos livros, nossos sistemas, nossa língua, eram tidos em grande honra. Agora eram os professores alemães, os livros alemães, o exército alemão, a língua alemã, os métodos alemães, a ciência alemã. Na Faculdade de Direito de Tóquio cem alunos seguiam o curso do professor francês e mil o curso do professor alemão. De vinte e quatro bolsistas enviados à Europa, dezenove se dirigiram à Berlim e cinco que vieram à Paris deveriam também passar uma tempora-*

da na Alemanha. Uma cadeira de russo criada era sempre uma cadeira de francês eliminada, jamais uma de alemão. A medicina, como a música europeia, era inteiramente alemã.

As causas desse sucesso são atribuídas pelo autor à atividade da Alemanha que inundava o país de jornais, revistas e de agentes de todo tipo, mas também aos grandes erros dos jacobinos que governavam então a França. Desde suas perseguições religiosas, nossas missões estrangeiras, que ensinavam o francês e atuavam contra as influências antifrancesas, foram substituídas por jesuítas alemães que organizaram uma universidade alemã em Tóquio. A imprensa japonesa pôde escrever "que o protetorado dos católicos no extremo oriente seria doravante confiado ao imperador da Alemanha".

Os marianistas franceses tinham um colégio frequentado por oitocentos alunos, onde o estudo do francês era obrigatório. A supressão de suas casas de recrutamento, na França, os colocou na impossibilidade de substituir seus professores.

Não é apenas no Japão que se observa essa expansão da Alemanha e nosso recuo. Escreve o mesmo autor:

Há vinte anos, por toda parte onde eu ia, na Europa, na América, no Extremo Oriente, eu encontrei o alemão insolente, odioso, desonesto. Ele não se contentava em explo-

rar nossos erros, o que era seu direito: ele se mostrava tão hábil em falsificar nossa história quanto em falsificar nossos produtos. Em toda parte eu o ouvi proclamar ou insinuar a ideia de nossa decadência. Doutores das universidades ou comerciantes de Hamburgo, diplomatas ou emigrantes, um igual desprezo pela verdade os animava contra nós. Eles dedicavam à má fé e à improbidade uma disciplina realmente espantosa. Mas eu nunca retornei a um país onde ocupávamos outrora uma posição bastante honrosa sem constatar que nos últimos quinze anos crescemos em prestígio e autoridade moral. Eu tive assim a oportunidade de medir o resultado do trabalho incessante executado contra nós e das abdicações sucessivas a que estivemos pacificamente acuados.

Desde que eu saí da França, desde que me afastei do centro tumultuoso e superaquecido, onde o ruído e o ardor de nossas querelas nos iludem sobre nossa atividade, eu compreendi que a guerra de 1870 prosseguiu implacavelmente em todos os cantos do mundo, que continuamos a bater em retirada e que isso não podia continuar. Tudo é melhor do que uma desagregação lenta.

Tais fenômenos de expansão foram constatados em toda parte. A **Revue de Paris**, de 1º de março de 1915, assinalava a

ingerência política da Alemanha nos assuntos internos da Pérsia. As intrigas de seus conselhos e de seus caixeiros viajantes não paravam de fomentar problemas e atividades separatistas.

Apesar de seu comércio mundial e de sua expansão crescente, a Alemanha imaginava "não ter lugar ao sol" e se declarava pronta a entrar em conflito com os povos que buscavam o crescimento de suas colônias, como a França no Marrocos.

E, no entanto, suas experiências na África provaram que ela não pôde criar nenhuma colônia próspera, apesar das torrentes de sangue derramado. Quando se torna a soberana ela se torna odiosa a todas as pessoas que caem sob seu domínio.

CAPÍTULO IV

A mentalidade alemã moderna

§1. As origens da mentalidade alemã moderna.

Sumário

A mentalidade alemã atual é uma criação artificial com menos de meio século de existência. Suas origens remontam à unificação da Alemanha pela Prússia.

O aparecimento dessa mentalidade não implica de maneira alguma na formação de uma cultura homogênea, mas simplesmen-

te a aquisição de um pequeno número de dominantes comuns superpostos às faculdades de culturas bem heterogêneas.

A Alemanha atual é, com efeito, uma mistura de povos muito diversos. Eslavos, celtas, mongóis, badenses, wurtemburgueses, bávaros, saxões, que trazem características parciais completamente diferentes.[11]

A unificação política e suas consequências criaram rapidamente uma mentalidade especial que fez da Alemanha moderna um povo não homogêneo certamente, mas em que todas as aspirações são orientadas no mesmo sentido.

Os alemães conquistados se identificaram rapidamente com seus novos senhores. A assimilação foi tão fácil porque eles professaram sempre uma respeitosa admiração por todos os conquistadores, inclusive Napoleão. Quando este entrou em Berlim, os grandes senhores prussianos, como o príncipe de Isenburg, solicitaram humildemente postos em seus exércitos. Um pouco revoltado com essa complacência o imperador escreveu a Davoust: “Essa

[11] Os antropólogos determinaram há muito tempo as origens das populações atuais da Alemanha e mostraram de qual mistura elas eram compostas. O fundo da população prussiana é de origem eslava, os mecklemburguenses, os brandenburguenses, os pomeranos, são mestiços surgidos de cruzamentos com grãos-russos ou pequenos russos. Os descendentes dos primeiros são loiros e dolicocéfalos, os segundos são morenos. Os únicos verdadeiros descendentes dos antigos germânicos estão disseminados na Holanda, no Palatinado, na Alsácia, na Suíça alemã etc.

gente é tão vil na adversidade quanto arrogante e altiva ao menor sinal de prosperidade".

Foi seu passado que inculcou nas diversas populações da Alemanha um religioso respeito pela força. Eles viveram durante séculos sob senhores variados, mas sistematicamente muito duros.

O passado dos alemães faz compreender porque sua personalidade foi sempre tão apagada no curso das eras. Foi preciso todo o zelo patriótico dos escritores para lhes construir uma história com alguma consistência. Ela foi fabricada como se estabeleceu em todas as suas peças uma genealogia de um alcance ambicioso.

Uma das mais engenhosas dessas tentativas desses escritores foi tentar provar, contra toda evidência, que as invasões das hordas germânicas que aniquilaram a civilização romana e devastaram a Europa regeneraram o mundo. De fato, essas tribos, sem traço de cultura e dificilmente educáveis, levaram longos séculos para criar um esboço de civilização com os cacos daquelas que sua ferocidade destruiu. Escreve o Sr. Duruy em sua **Histoire Romaine**: "Durante quatro séculos essa raça de predadores foi o flagelo do mundo..." Dizia Grégoire de Tours: "Sem respeito pela palavra empenhada, sem piedade pelo vencido, infiel à esposa, à criança e ao fraco".

Os historiadores germânicos se esforçaram em seguida em atribuir à Alemanha da Idade Média __ que não pensava em inventar nada __ inovações artísticas e literárias. As pesquisas científicas modernas provaram claramente a origem francesa da arquitetura gótica, a mais bela exteriorização da Idade Média. Francês também é todo o lirismo medieval: Parsifal, Tristão, Yseult etc. Também não são devidos à Alemanha o feudalismo e a cavalaria. Ela sempre imitou e jamais inovou. Seu solo permanece ainda coberto de todas as cópias arquiteturais da época em que o menor dos principezinhos alemães tinha os olhos voltados para a corte de Luís XIV.

A docilidade do caráter alemão __ sob vagas formas de independência filosófica __ e seu espírito de imitação devem ser levados em conta para compreender como a Prússia conseguiu tão rapidamente, utilizando essas faculdades hereditárias, modificar sua mentalidade.

§2. Características gerais da mentalidade alemã.

Só se pode falar da mentalidade de um povo mantendo-se nas indicações gerais. Cada um possui, sem dúvida, um certo número de características comuns, mas numerosas divergências parciais os dividem. De uma província a outra se estabelecem diferenças bem marcadas. Um flamengo, um bretão, um burgúndio,

um marselhês, possuem mentalidades bem distintas. A profissão imprime também ao indivíduo uma marca especial. O trabalhador, o padre, o magistrado, o militar, têm sua mentalidade particular.

No entanto, essas distinções não impedem, de maneira alguma, a existência de características comuns. Acontece o mesmo em zoologia. As diversas variedades de cães, por exemplo, oferecem diferenças muito sensíveis, mas acima delas existem semelhanças que permitem classificá-los num mesmo gênero.

Dentre as características gerais que se encontram em quase todos os alemães modernos, figura, ao lado de sua submissão respeitosa em relação a toda autoridade oficial e de sua solidariedade, um orgulhoso sentimento de superioridade coletiva. É preciso atribuir em parte a esse sentimento sua incapacidade de entender um outro ponto de vista que não seja o seu e, por consequência, uma ignorância total sobre a psicologia dos povos diferentes. Sabe-se das provas dessa incompreensão que os diplomatas alemães forneceram antes da guerra.

Entre os intelectuais, essa vaidade coletiva é acompanhada por uma sobrecarga de opiniões e de fórmulas prontas, manifestadas nos livros e no ensino universitário. A especialização restringe, aliás, essas poucas ideias. gerais e eles não têm outras que não sejam aquelas do governo, difundidas pelos jornais.

A docilidade servil dos alemães fez o grande Frederico dizer que ele estava cansado de reinar sobre escravos. Seus governos não têm, no entanto, do que reclamar dessa docilidade, pois ela é a origem de uma fé absoluta nas afirmações da autoridade. Falou-se ao povo alemão, por exemplo, que a destruição da Bélgica era para punir este país por ter violado a neutralidade e ele acreditou. Com a mesma facilidade ele foi convencido de que a guerra declarada à França foi porque ela havia mandado aviões bombardearem uma estrada de ferro. Nenhum alemão teve a ideia de discutir a veracidade dessas afirmações.

A fé do germânico em seus professores não é menor do que a fé em seus governos. Repetiu-se a ele de que a raça alemã era caracterizada por dois olhos azuis e um crânio dolicocéfalo. Ele ouviu uma vez, ele o repetirá sempre, mesmo que os dolicocéfalos sejam raros na Alemanha e que a Prússia tenha contado outrora mais com súditos eslavos do que com alemães. O tipo teórico da raça germânica, artificialmente construído pelos professores, lhe vale mais do que o tipo real.

Dentre as características mais gerais da mentalidade alemã, pode-se citar ainda a falta de educação, a brutalidade e a ausência total de espírito cavalheiresco. Elas são observadas tanto entre os intelectuais quanto entre as pessoas do povo.

Os relatórios publicados desde o início da guerra, sobre os prisioneiros de todas as classes, revelaram os traços fundamentais da alma germânica, muito melhor do que fizeram os livros que trataram desse assunto.

Escreve um coronel que traduziu vários deles:

Eu espero que se publique algum dia a massa enorme das correspondências alemãs que caíram em nossas mãos: cartas de burgueses, de trabalhadores, de negociantes, de professores, de artistas, em que todas as classes, todas as profissões, todos os meios mostram o segredo de seu pensamento.

Descrições de incêndios provocados a sangue frio; diletantismo satisfeito diante de ruínas acumuladas por prazer; neronismo iniciante de bebedores de cerveja; glutonarias de pilhagens, felizes por se empanturrar sem pagar; sadismo imundo de violadores de crianças; crueldade pedante de massacradores frios, que buscavam na "filosofia da guerra" a justificativa dos assassinatos inúteis; carrascos de mulheres e velhos, para quem o saque de um vilarejo merece o preço do combate; eis como apareceu para nós o povo alemão sob um uniforme, oficiais ou soldados.

O **Temps** publicou, com este título: “Pensamentos de um tenente alemão”, uma brochura cujo autor pregava o assassinato, a pilhagem, o incêndio e a violação das mulheres, para o engrandecimento da raça eleita. Ele desejava que a luta prosseguisse “sobre montanhas de cadáveres e sobre mares de lágrimas”.

> *É preciso que a civilização erga seus templos sobre montanhas de cadáveres, sobre mares de lágrimas, sobre os estertores dos mortos? Sim, é preciso. Se um povo tem o direito de dominação, seu poder de conquista constitui a mais alta lei moral, diante da qual o vencido deve se inclinar. Infeliz dos vencidos!*

O autor dessa brochura foi feito prisioneiro em Ypres e seus antecedentes são hoje conhecidos. Ele era professor de história na escola de Greisswald e protegido do marechal de campo Haesler. Suas teorias, ele confessou, são as de seu protetor. Elas representam, muito bem aliás, a mentalidade dos militares alemães e de muitos professores.

Essa brutalidade dos intelectuais d’além Reno espantou todos os neutros que os visitaram durante a guerra. Eis o que escreveu, numa revista, um espanhol, o Sr. Ibanez de Ibero:

> *Foi entre os intelectuais alemães que eu encontrei as ideias. mais violentas e as mais presas aos assuntos da*

guerra. Os políticos e os financistas não me pareceram muito mais moderados em suas apreciações. Os professores universitários dão prova muito frequentemente de uma teimosia lamentável e de uma incompreensão total dos eventos atuais; alguns cérebros parecem mesmo seriamente afetados.

...A mentalidade do professor d'além-Reno não é menos complicada; ele pode às vezes dar prova de malícia e de astúcia, mas lhe falta psicologia.

Os destaques acima mostram que a gentileza dos costumes, muito apreciada nas nações latinas, é muito desdenhada pelos alemães. Gentileza e bondade são para eles sinônimos de impotência e de fraqueza.

Os germânicos dão como justificativa de sua brutalidade este axioma: sendo a Alemanha a nação eleita pelos decretos divinos para impor sua vontade a todas as outras, ela não lhes deve nem benevolência nem piedade. Assim se explica a afirmação já citada do imperador Guilherme: "A humanidade para mim acaba nos Vosges".

A brutalidade germânica é acompanhada de uma falta de tato e de educação que espanta os estrangeiros, tanto quanto sua obsequiosidade diante dos seres fortes. Sabe-se da revoltante maneira com que o imperador da Alemanha tratou nosso embaixador,

quando ele deixou Berlim, deixando-o __ como ele mesmo me contou __ encerrado vinte e seis horas em um trem, sem nenhuma alimentação, sob a guarda de policiais que o obrigaram a desembolsar 5.000 francos em ouro, para deixá-lo prosseguir sua viagem. A imperatriz viúva da Rússia, que se encontrava então na Alemanha, também foi objeto dos mais indignos tratamentos. No mesmo momento o embaixador da Alemanha em Paris era conduzido à fronteira em um trem de luxo especial.

Essa falta de educação é reconhecida pelos alemães que as viagens poliram um pouco. Eis a passagem de uma conferência de W. Voigt, professor na Universidade de Gettingue, publicada pelo **Journal de Genève**, em 31 de outubro de 1914. Ele reconhece:

> *que o francês e o inglês educados são, de uma maneira geral, superiores em educação ao alemão, pois eles são o fruto de uma civilização mais antiga.*

O alemão se mostra eminentemente sugestionável e essa é uma das razões pelas quais os jornais e os livros têm tanta influência sobre ele. Sabe-se da credulidade que ele demonstrou durante a guerra. As mais inverossímeis histórias eram aceitas sem hesitações.

Essa sugestionabilidade da alma alemã já havia sido notada há muito tempo. O romance **Werther** provocou vários suicídios.

Após a publicação de **Brigands**, os estudantes foram morar nas florestas. Em nossos dias, Guilherme II é constantemente assombrado pela imagem de cavaleiros da Idade Média, portadores de armaduras cintilantes.

É a ação da sugestão que leva o alemão a querer assemelhar-se a seu vizinho e pensar coletivamente. O inglês, pelo contrário, tende a pensar por si mesmo e procurará muito mais se diferenciar de seu vizinho do que em se parecer com ele.

A ausência de sinceridade é um dos mais frequentes defeitos dos alemães. Isso parece ser antigo, a julgar pelo que escreveu Velleius Paterculus, no início da era cristã: “O caráter do germânico é uma terrível mistura de ferocidade e de falsidade. É um povo nascido para a mentira”.

Eu só estudei nestas páginas algumas facetas da mentalidade alemã. Seria inútil lembrar as qualidades que determinaram seu sucesso, pois elas são examinadas em outros capítulos.

§3. Papel do regime militar prussiano sobre a formação da mentalidade alemã moderna.

Quando Leibnitz escreveu que a educação pode transformar a mentalidade de um povo em menos de um século, ele formulou uma meia verdade. Ela teria sido completa se acrescentasse a influência do regime militar à influência da educação.

Foi, com efeito __ e os próprios alemães proclamam isso __ pelo regime militar que a mentalidade germânica se viu modificada em suas partes essenciais. Quando todos os homens válidos de um país são obrigados durante dois anos, depois em épocas periódicas, a viver numa caserna onde eles se veem vigorosamente chicoteados pela menor irregularidade, pela mais leve inexatidão, eles adquirem forçosamente hábitos de precisão, de ordem e de submissão que os acompanham por toda vida.

Toda educação alemã na caserna é fundamentada sobre o medo. O grande Frederico destacou muito bem, nos seguintes termos, o poder desse fator psicológico:

> *Veja todos esses homens: cada um deles separadamente não pode fazer outra coisa que me odiar. Uma vez na fileira, quando eles sabem que atrás deles está o 'feldfebel' armado com um cassetete, eles tremem diante de mim e eles mesmos me defenderiam contra os assassinos.*
>
> *Mas, o que é mais forte, basta eu mandar e eles roubarão o fogo e darão sua vida por mim, sem pensar, pois eles ignoram o objetivo da guerra, apenas eles acreditam em nós, eu e meus cabos, quando nós lhes dizemos que eles devem morrer por mim. E como eu obtive esse resultado? Em primeiro lugar com a ajuda do cassetete.*

O emprego do cassetete e do chicote sempre foi clássico nas forças armadas prussianas. O cavaleiro de Lang, assistente no congresso de Rastadt, escreveu há um século:

> *Todas as manhãs eu era despertado pelo ruído dos golpes de chicote que os oficiais do regimento de Baden davam quotidianamente em seus homens.*

Apesar das reclamações repetidas centenas de vezes nos jornais alemães, o rigor desse regime não diminuiu. Após a unificação, ele foi estendido a todos os soldados colocados sob a direção da Prússia, que o aplicou neles com rigor e frequência. É a força de golpes de chicote que os jovens alemães que passam pela caserna compreendem a necessidade de princípios de ordem, de disciplina, de regularidade e de respeito aos superiores. Diante da menor infração eles são espancados. Tal método inculca muito rapidamente no soldado uma profunda deferência pelos seus senhores.

Em tempos de guerra o alemão se vê tratado com a mesma brutalidade. Uma testemunha ocular contou no **Weekly Times**, de 23 de abril de 1915, como, pela mais leve falta, o soldado se via preso durante horas a uma árvore e rudemente chicoteado.[12]

[12] O **Le Temps**, de 11 de junho de 1915, relatou os detalhes de um debate de cinco horas na comissão do orçamento do Reichstag a propósito das brutalida-

Não se pode negar, acrescentou o redator, que esses métodos convém muito bem ao caráter alemão.

Em resposta à questão de porque essa brutalidade dos oficiais alemães é aceita pelos homens, é preciso destacar que este exercício da força bruta faz parte de todo um sistema onde eles são habituais e no qual eles vivem. Ele destruiu toda individualidade e cunhou todas as almas num mesmo molde. A força da máquina de guerra germânica está nesse sistema, que é aceito há muito tempo.

O adestramento de animais já mostrou os excelentes resultados obtidos pelo uso metódico do chicote. O alemão moderno deve a ele uma grande parte de suas qualidades. A sombra do chicote, entrevista a vida inteira atrás dos ombros o mantém no caminho do dever.

Um regime tal devia forçosamente contribuir para criar essas concepções alemãs sobre o direito e a força que espantam tantos povos civilizados. O homem fustigado segundo a vontade de seus chefes aprende rapidamente que apenas a força pode atribuir tal direito e não percebe mais nenhuma diferença entre o direito e a força.

---

des cometidas pelos graduados nos soldados da frente de batalha. Os representantes de todos os partidos declararam terem recebido tais queixas às centenas.

Mesmo reconhecendo as qualidades que pode inculcar a uma nação tal adestramento, é preciso constatar que esse método, excelente para pessoas já curvadas por séculos de servidão, não seria aceito por nenhum outro povo, salvo talvez pelos negros e algumas tribos asiáticas.

Pela própria razão de seu poder na caserna, o oficial goza de uma imensa consideração. Supondo-se de uma essência superior, ele não reconhece nenhuma lei estranha ao código militar.

Um exemplo bem típico de sua mentalidade foi fornecido pelo célebre caso de Saverne. Viu-se um coronel mandar jogar num porão e manter ali durante vinte e quatro horas uns trinta civis, dentre eles um magistrado, que não havia sido suficientemente respeitoso com ele. Processado diante de um tribunal militar, ele foi absolvido por unanimidade e recebeu as felicitações do príncipe herdeiro. Na Inglaterra, tal violação do direito lhe teria valido trabalho forçado ou a corda.

Muito ignorante das coisas fora de sua profissão, o oficial alemão não tem outras distrações que não seja o jogo e a bebida. Sua mentalidade lembra muito a dos cavaleiros alemães da Idade Média: bêbados, insolentes e saqueadores.

§4. O papel da educação sobre a mentalidade alemã moderna.

Ao lado da influência da caserna, mas bem abaixo, é preciso colocar a influência da escola, que lembra, aliás, em muitos pontos a caserna. Ela é, da escola primária ao ensino superior, admiravelmente adaptada às necessidades industriais da era moderna. A educação técnica se encontra muito desenvolvida na Alemanha. Existem escolas para todos os ramos da indústria, inclusive a cozinha.

Do ensino técnico ao ensino superior, a regra estabelecida permanece a subdivisão extrema do trabalho. Quer se trate de pesquisas teóricas ou de laboratório, é sempre o mesmo princípio: estudar minuciosamente pequenos fatos e desprezar as ideais gerais.

No que diz respeito à teoria, eis como se exprime o Sr. Croiset:

> *Eles dedicam uma aplicação laboriosa à conferência de manuscritos, ao catálogo das fontes, à bibliografia, à minúcia do detalhe que chocam as mentes mais brilhantes e menos tenazes.*

Não se poderia considerar estas observações como críticas. Um método que permite utilizar os cérebros mais medíocres é muito precioso para um povo.

O mesmo princípio da divisão do trabalho se aplica nos laboratórios científicos e industriais.

A enorme especialização técnica leva a resultados práticos consideráveis. Os mais sábios químicos se colocam, eles e seus alunos, num estreito domínio. Como exemplo dessa subdivisão temos aquele do famoso medicamento d'Erlich:

> *Antes de chegar à formula definitiva, ele mandou preparar um grande número de compostos arsenicais análogos, por um grande número de químicos. Trabalho cansativo que um só não conseguiria realizar, por menos que ele precisasse seguir a experimentação química de cada um dos compostos assim obtidos.*

Esse sistema, baseado numa organização extremamente minuciosa, é necessário na indústria moderna, mas Oswald nutre grandes ilusões quando ele supõe que os alemães sejam os únicos capazes. A concorrência feita à Alemanha pela Inglaterra e a América prova que outros métodos dão também bons resultados. Eu admito com prazer, como ele, essa verdade, aliás banal, de que o sentido de organização constitui um fator de progresso. Os roma-

nos deveram a ele sua superioridade. Os povos, como os turcos, que só adquiriram esboços de organização, não criaram nada de durável. Por toda parte onde exerceram sua influência foi a ruína e, sem a ajuda dos europeus, eles não teriam podido criar as poucas rodovias e estradas de ferro que eles possuem.

O erro da Alemanha consiste em acreditar que a organização só possa ser feita pelo Estado. Um estatismo rígido lhe permitiu isso porque ela é tão militarizada que os cidadãos se curvam sem dificuldade aos mais meticulosos regulamentos. Mas declarar esse regime o melhor seria inexato, porque resultados tão bons, eu repito, também foram obtidos pelos ingleses e os americanos, onde o papel do Estado se acha reduzido ao mínimo e a iniciativa dos cidadãos é levada ao máximo.

Estatismo e iniciativa individual são concepções muito fortes para que se possa passar de um a outro. A escolha entre esses dois regimes é um assunto cultural e depende do estado mental dos povos. Apenas sua personalidade os determina a optar pela servidão estatal ou a liberdade.

§5. Papel da religião na formação da mentalidade alemã.

O papel da religião na mentalidade alemã moderna é tão fraco, comparado com a influência exercida pela organização militar,

que nós poderíamos deixar de mencioná-la. Nós o faremos, no entanto, para dar superficialmente um novo apoio à tese, desenvolvida em vários de nossos livros, de que a ideia de unidade das crenças religiosas é uma concepção ilusória. Nenhum povo adota uma religião sem transformá-la segundo sua mentalidade.

É muito interessante constatar a que ponto a mesma religião e, para precisar mais ainda, o mesmo livro religioso pode exercer influências diferentes, segundo a constituição mental do povo. Na Inglaterra, por exemplo, o papel do protestantismo foi considerável, enquanto que ele se mostrou muito fraco na Alemanha.

Sua ação se espalhou na Inglaterra pela leitura da Bíblia, livro necessário, porque o fundamento da Reforma era só levar em conta seus ensinamentos.

Se sua influência foi considerável sobre os ingleses, foi porque sua livre interpretação convinha perfeitamente à independência do espírito britânico. Uma religião inglesa, que traduzisse os sentimentos ingleses, deveria sair dessa leitura. Transportado para a Inglaterra, o Jeová bíblico se torna rapidamente um Deus britânico. Transportado para a China, ele foi transmutado, como Buda, em um Deus chinês.

Adotado na Alemanha, o Deus dos cristãos, tão doce para os humildes, encarna uma divindade selvagem que despreza os fracos e protege apenas os fortes.

Tal transformação não espantaria os filósofos convencidos de que os deuses não modificam a alma dos povos, mas muito mais que os povos transformam, a sua imagem, as divindades que eles adotam.

Essa lei geral, que eu desenvolvi em outro lugar, é observada muito nitidamente na evolução do cristianismo da Alemanha moderna. Ela soube __ e aqui, na verdade, sob o ponto de vista psicológico é uma coisa notável __ conciliar o ideal evangélico da caridade, da doçura e da proteção dos oprimidos, que Nietszche qualificou de religião de escravos, com um ideal de força, de brutalidade e de conquistas, tão distanciado do ensinamento cristão. Como a lógica mística ignora as contradições, o ideal religioso alemão e seu ideal político puderam se fundir, mesmo que totalmente antagônicos.

Graças a essa identificação dos ideais religioso e político, o Estado alemão se apoia sobre os teólogos, enquanto que na França ele é combatido por eles. É uma grande causa de fraqueza para um povo ser sacudido entre potência opostas, sempre prontas para entrar em luta.

Eles não são, aliás, ternos, os teólogos alemães. Sua ação é nula contra os católicos alemães, suficientemente numerosos para se defender, mas os fiéis imbuídos de suas doutrinas, empregaram, no curso da guerra atual, um ódio selvagem contra a religião que

eles detestam e fuzilaram em toda parte um grande número de padres católicos, sob vagos pretextos e destruíram o maior número possível de igrejas.

§6. A unificação da alma alemã moderna. Sua impessoalidade e seus elementos coletivos.

As influências que expusemos em vários parágrafos e que, sob a mão rígida da Prússia, são mantidas com um inflexível rigor, produziram em todas as mentalidades germânicas modificações de mesma natureza. Sua ação destruiu progressivamente a alma individual do alemão para colocar nele uma alma coletiva.

Nunca a unificação mental de um povo foi levada tão longe. Ela impressionou, eu já disse acima, todas as pessoas que visitaram, durante a guerra, prisioneiros pertencentes a camadas sociais totalmente diferentes. A precisão das reflexões seguintes de um redator da **Gazette de Lausanne** foi constatada unanimemente pelos observadores:

> *Eu jamais acreditaria que se pudesse chegar a uma tal unificação psicológica das massas; há alguma coisa aqui que nos faz perguntar se isso é belo ou deplorável. Dir-se-ia que um único cérebro pensa em milhares de cabeças. Fenômeno de contágio? Resultado de uma educação rigorosa, inteiramente dirigida para a guerra? Eu não sei. Mas*

se as sensibilidades são diferentes, se as inteligências são diversas, se os modos de expressão variam, a personalidade parece ter desaparecido. Não há mais indivíduos na Alemanha, há apenas um povo, um ser social em que o Estado todo poderoso é o cérebro.

Tudo é coletivo no alemão moderno: a coragem, a iniciativa e a vontade. Ele só se sente capaz de agir fundido em um grupo: sindicato, corporação, comunidade. Mesmo isolado o alemão permanece coletivo. Nas regiões mais elevadas da ciência, ele só faz obra coletiva. Vê-se frequentemente nos livros mais especiais __ um tratado de oftalmologia, por exemplo __ o nome de uma dezena de autores.

É preciso levar em conta esse papel coletivo da alma alemã para compreender alguns documentos, entre outros, o famoso manifesto assinado por noventa e três cientistas ilustres. Essas páginas, doravante célebres, cheias de ensinamentos psicológicos, provam particularmente o fraco valor intelectual da alma coletiva. Elas comprovam também essa observação, assinalada há muito tempo em meus livros, que a mente mais sagaz perde todo discernimento assim que é submetida à influências coletivas. Fatos certeiros, evidências incontestáveis não existem para a observação coletiva.

Esse manifesto tinha por objetivo defender os alemães contra as acusações de assassinatos, de pilhagens, de incêndios de cidades e de monumentos, de que eram alvo. Eis alguns extratos dele:

> *Não é verdade que tenhamos cometido o crime de violar a neutralidade da Bélgica. Está provado que a França e a Inglaterra estavam resolvidas a violá-la. Está provado que a Bélgica estava de acordo com elas. Seria cometer suicídio não se antecipar a elas.*
>
> *Não é verdade que nossos soldados tenham atentado contra a vida e os bens de um único cidadão belga, a menos que tenha exigido isso a mais cruel necessidade.*
>
> *Não é verdade que nossas tropas tenham exercido brutalmente sua fúria contra Louvain. Contra uma população furiosa que os havia assaltado em seus acampamentos elas tiveram que tomar represálias bombardeando uma parte da cidade.*

É inútil discutir a exatidão dessas negativas com os documentos oficiais que já vieram à luz há muito tempo.

A opinião dos autores do manifesto deve se achar atualmente estabelecida. A maior parte lamenta muito, sem dúvida, tê-lo

assinado, mas poucos dentre eles ousariam todavia, escrever, como um célebre publicista alemão, o Sr. Maximilien Harden:

> *Renunciemos a nossos miseráveis esforços para desculpar a ação da Alemanha, cessemos de jogar desprezíveis injúrias sobre o inimigo. Não foi contra nossas vontades que nos jogamos nessa aventura gigantesca. Ela não nos foi imposta de surpresa. Nós a quisemos, nós devíamos querê-la. Nós não comparecemos perante o tribunal da Europa; nós não reconhecemos tal jurisdição. Nossa força criará uma lei nova na Europa. É a Alemanha que chega... A Alemanha faz essa guerra porque quer uma posição maior no mundo e mais espaço para suas atividades.*

§7. Porque a mentalidade alemã é facilmente adaptada à evolução industrial do mundo moderno.

O progresso dos povos jamais foi contínuo na história. Após alguns períodos de desenvolvimento e de grandeza, as nações declinam e desaparecem. O aniquilamento foi tão completo para algumas que, até às descobertas da arqueologia moderna, até o lugar de suas capitais era ignorado. Ontem apenas foram encontrados os vestígios de Troia, de Babilônia e de Nínive.

Causas diversas criaram essas fases de grandeza e decadência. Dentre as mais importantes, pode-se citar a lei da adaptação,

que preside tanto a evolução das espécies animais quanto à das sociedades humanas. Ela condena todos os seres a se adaptar quando sobrevém mudanças em seu meio. Quem se adapta progride, quem não se adapta desaparece.

Da mesma forma que cada variação do clima produz uma transformação profunda na fauna e na flora, cada mudança econômica, política, religiosa ou social necessita de uma adaptação especial da mentalidade dos povos submetidos à sua ação.

As qualidades que tornam a adaptação possível não são as mesmas para as diversas adaptações do meio. As que são úteis numa época deixam de sê-lo em outra.

Porém, as novas condições de existência criadas pela evolução científica da indústria demandam justamente faculdades consideradas outrora como um pouco secundárias e que os alemães possuem num alto grau.

A era moderna exige uma técnica rígida que implica numa divisão do trabalho muito minuciosa. Para se adaptar a ela, são necessárias qualidades de paciência, regularidade e vigilante atenção que os povos muito vívidos ou muito imaginativos só manifestam com muito esforço. Em consonância com sua natureza e graças a seu implacável regime militar, os germânicos as praticam sem dificuldades.

Essas qualidades, que se tornaram indispensáveis na era da máquina, ficaram sem emprego quase até o início do último século. A indústria quase não existia. A ciência era construída lentamente. Para lançar suas bases foi preciso Galileu, Descartes, Newton. Esses colossos do pensamento não são mais necessários. Eles foram substituídos hoje em dia pelos milhões de formigas que cortam o mundo dos fenômenos em um número infinito de pequenos fragmentos. Os laboratórios alemães representam vastos formigueiros onde milhares de especialistas se dedicam ao estudo exclusivo de questões práticas que levam a resultados negociáveis. Muito justamente o príncipe de Bülow disse a respeito dos seus compatriotas que, desde 1870, eles haviam se tornado um povo de mercadores.

A todos esses especialistas, tão preciosos para a indústria, falta a ciência das generalidades. É de sua esfera que saem cientistas dotados de espírito filosófico: Darwin, Pasteur, Claude Bernard, Taine etc. As grandes invenções modernas __ o telégrafo, o aeroplano, o automóvel, a telegrafia sem fio, a antissepsia __ não surgiram dos laboratórios alemães.

Apesar dessa inferioridade, a vaidade germânica ultrapassou todas as medidas. Ela levou alguns de seus cientistas às mais singulares interpretações da história. Chamberlain assegura que Dante, Rembrandt, Pascal, Racine etc., eram alemães. Professores

renomados escrevem livros de química sem citar Lavoisier e grossos tratados de bacteriologia sem citar Pasteur.

Mas se os laboratórios germânicos são muito raramente geradores de ideias novas, eles estão admiravelmente equipados para testar e utilizar as ideias elaboradas por todas as elites do universo. Essa é sua grande força.

Verificada no domínio científico, essa observação se mostra também exata no domínio filosófico. Todos os grandes filósofos e pensadores da Alemanha são anteriores ao período da unidade alemã. Eles viviam sob o regime um pouco patriarcal dos pequenos Estados que a Prússia ainda não tinha militarizado. Não se poderia citar um só que tenha exercido uma influência importante depois dessa época. O mais popular, Nietszche, só fez popularizar a apologia da força, já estabelecida pelos historiadores alemães.

Quaisquer que sejam elas, as qualidades dos alemães se acham, eu repito, admiravelmente adaptadas à evolução técnica do mundo atual. Eles não eram nada antigamente e querem ser tudo hoje em dia.

A Alemanha coloca em primeiro lugar, naturalmente, as faculdades que lhe asseguraram sua superioridade militar, industrial e comercial. Cada povo hierarquiza forçosamente os valores sociais, tomando os seus como padrões. A aptidão para fabricar, comerciar e destruir, representam as grandes características da Ale-

manha e são declaradas por eles como qualidades de primeira ordem.

Dentre as diversas superioridades que os alemães se atribuem, existem três que dificilmente fariam outros povos aceitá-los como padrão de valor. A primeira é sua escravidão militar. A segunda é o instinto animal que os leva a procriar sem parar. A terceira é uma alma gregária que os faz aceitar, com uma obediência servil, todas as opiniões que o Estado lhes impõe.

É duvidoso que o futuro hierarquize os povos segundo as avaliações germânicas.

O ideal de humanidade deve ser fabricar o maior número possível de toneladas de chucrute, de embutidos, de quinquilharias, de cerveja, de artigos vagabundos para cobrir o mundo, sob a proteção de canhões destinados a impedir a concorrência dos rivais?

Nós não conhecemos os destinos reservados aos povos futuros, mas se o militarismo prussiano triunfasse, as elites estariam condenadas a desaparecer e a liberdade iria se juntar, no esquecimento, às divindades que não se venera mais. Após ter trabalhado durante séculos para se livrar das servidões sucessivamente impostas pelos homens, a natureza e os deuses, ela precisará sofrê-las de novo e por muito tempo.

LIVRO III

As causas distantes da guerra

CAPÍTULO I

As causas econômicas e políticas da guerra.

§1. As causas reais e as causas imaginárias da guerra.

Sumário

Os grandes acontecimentos, como as guerras, procedem de causas distantes e de causas imediatas. São as primeiras que vamos estudar no presente capítulo e nos seguintes.

Dentre as causas distantes da guerra atual existem as reais e as imaginárias.

As mais imaginárias não são as menos eficazes, quando olhadas como motivadoras de ação. Eu repeti várias vezes que o papel do filósofo não consiste em buscar o valor racional dos motivos que fazem mover as pessoas, mas a influência que esses motivos exercem. Se riscássemos da história as batalhas provocadas por ilusões desprovidas de valor racional, não restaria muita coisa.

A guerra europeia compreende em sua gênese meio século de causas preparatórias e uma semana de causas imediatas. Quais foram as causas preparatórias do conflito atual durante esses cinquenta anos? Primeira questão. Quem queria a guerra durante a semana de negociações diplomáticas? Outra questão.

Nem uma nem outra são de solução fácil, porque as partes em presença emitem respostas absolutamente contraditórias. Todos os alemães, por exemplo, permanecem convictos de que, há muito tempo, franceses e ingleses desejam esta luta. A França está convencida, ao contrário, de que a Alemanha se aproveitou do primeiro pretexto que surgiu para lhe declarar uma guerra desejada. Deixando de lado no momento este problema, vamos estudar os fatores distantes que prepararam a formidável conflagração.

§2. A pretensa superpopulação da Alemanha.

Mesmo que muito errada a teoria da superpopulação da Alemanha, como causa da guerra, é tão difundida na Alemanha quanto na França.

Ela representa a consequência da aplicação, tão frequente entre os escritores d'além-Reno, das leis biológicas às sociedades humanas. Bernhardi, particularmente, se baseia frequentemente nas teorias de Malthus e Darwin. Muitas das conclusões que ele acreditou assim serem justificativas, não o são, de maneira algu-

ma, porque se as espécies animais permanecem rigorosamente submetidas às forças naturais, que elas não conseguem combater, os esforços da humanidade lhe tornaram possível a luta contra essas forças.

Conhece-se a teoria de Malthus. A tendência natural de todos os seres, inclusive a espécie humana, é de se reproduzir com excesso. Mas, como existe uma relação estreita entre o número da população e os meios de subsistência, chega-se necessariamente a que, logo que se atinge um certo número de indivíduos, as guerras e as epidemias destroem o excedente e restabelecem o equilíbrio.

Sem dúvida que os progressos da indústria e da agricultura permitem a sobrevivência de uma quantidade de pessoas cada vez mais considerável sobre uma superfície determinada, mas chega um momento no entanto, em que o equilíbrio não é mais possível. Uma parte da população se encontrando em dificuldade é obrigada a emigrar ou fazer a guerra a países menos povoados. Esse fenômeno se apresentou várias vezes na história, para diversos povos, como os germânicos de antigamente e os japoneses de hoje.

Mostraremos facilmente, em breve, que a Alemanha não se encontrava neste caso. Foi, no entanto, baseando-se em seu suposto excesso de população que diversos escritores, como Bernhardi, afirmaram a necessidade da guerra. Eis como se exprime este último, no tomo I de seu livro **La Guerre d'Aujourd'hui**:

Dada a situação mundial atual, é preciso considerar uma guerra quase como uma necessidade da qual depende o desenvolvimento futuro de nossa nação.

A Alemanha alimenta hoje em dia, numa extensão quase igual a da França, 67 milhões de habitantes, enquanto que na França há 40 milhões. Essa população enorme cresce a cada ano em torno de 1 milhão. É impossível que a agricultura e a indústria da mãe pátria possam prover, ao longo do tempo, a uma massa de pessoas que cresce em tais proporções, um trabalho suficientemente remunerador. Temos então necessidade de aumentar nosso império colonial para assegurar à nossa crescente população meios de subsistência e de trabalho, se não quisermos que a potência e a prosperidade de nossos vizinhos e rivais aumentem como antigamente, graças à emigração alemã.

Tal aquisição territorial só nos é possível, com as divisões políticas de hoje em dia, em detrimento de outros Estados, ou nos associando a eles e essas soluções só são praticáveis se conseguirmos primeiro melhor assegurar nosso poderio na Europa central. Hoje em dia, a cada recuo de nossa política externa, nós nos vemos colocados diante de uma guerra europeia, contra adversários superiores e o peso dessa situação nos é quase insuportável.

A opinião de Bernhardi parece compartilhada por muitos escritores alemães. Dizem eles:

> *Nosso país é muito pequeno relativamente ao crescimento rápido da população; precisamos de outras terras e só podemos tomá-las das nações cuja população diminui e que em breve não estarão mais em condições de tirar um bom partido de seu solo. Os franceses são um dos designados aos nossos golpes.*

Se essa concepção fosse justa, a emigração alemã cresceria todos os dias, enquanto que, pelo contrário, ela diminuiu a ponto de ter se tornado bem inferior à emigração inglesa.

E não apenas não há superpopulação na Alemanha, mas desde sua transformação industrial pode-se dizer que nela faltam braços. Em alguns momentos do ano, com efeito, ela é obrigada a trazer várias centenas de milhares de trabalhadores estrangeiros __ italianos, croatas etc. __ para os trabalhos de colheita e mineração.

A população do império alemão aumenta em 800.000 almas por ano e atingiu agora quase 70 milhões de habitantes, mas não há, de maneira alguma, excesso.

A Alemanha não é, aliás, um dos países onde a densidade da população está mais elevada. Eis, por quilômetro quadrado, o número de habitantes de alguns países:

França	074
Alemanha	120
Itália	121
Japão	139
Inglaterra	144
Holanda	182
Bélgica	154

Colocando-nos agora, por um instante, sob o ponto de vista dos escritores germânicos, admitamos, contra a evidência dos números, que a Alemanha seja muito povoada e tenha necessidade de buscar países onde despejar o excesso de sua população. Ela só teria interesse na guerra se esses países tivessem interditado sua entrada em seu território. Porém, foi justamente o contrário. Pouco se impediu os alemães de se infiltrarem por toda parte em que eles se espalharam, numa massa de países em que, apenas pela força de sua produção a baixo custo, se tornaram os senhores de todos os grandes mercados do mundo.

Suponhamos que os alemães sejam vitoriosos no curso da luta atual. Eles seriam melhor recebidos nos países devastados por eles? É de se duvidar disso. Os motivos da guerra, tirados de um pretenso excesso de população alemã, são então inteiramente ilusórios.

Eu considero igualmente errônea a ideia, tão difundida na França, de que o crescimento da população de um país faz sua força. Eu combati várias vezes essa concepção, apesar da indignação do excelente Doutor Bertillon. Se o número da população constituísse a força de um país, deveríamos colocar em primeiro lugar a China e a Rússia. Porém, na guerra com os japoneses, os russos, apesar de seu número, foram sempre derrotados e, na guerra atual, eles ainda o são, frequentemente.

Apesar das aparências, não é o número, mas as estradas de ferro, as munições e o ouro que pesam mais na balança do sucesso. Um exército de 500.000 homens, que possuísse, por hipótese, uma quantidade indefinida de munição e podendo, graças a sua rede de estradas de ferro, se transportar a vontade de um ponto a outro, bateria um exército muito mais forte que não tivesse linhas de estradas de ferro e munições. É justamente o caso dos russos.

É inútil, ademais, dissertar sobre tal assunto. As alianças e os discursos provavelmente jamais aumentaram em uma só unidade o número de nossa população e, porque somos impotentes em aumentar seu número, todos os nossos esforços devem tender principalmente para melhorar suas qualidades. Eu gostaria muito mais de fazer parte de um pequeno país como a Grécia, cujo pensamento ainda ilumina o mundo, do que das legiões asiáticas de Xerxes. O sonho de uma pessoa deve ser pertencer a uma elite e

não a uma manada. Sem dúvida, essa elite não pode impedir algumas manadas de pulularem, a ponto de se tornarem perigosas para o resto do mundo, mas então se vê __ e a guerra atual fornece um categórico exemplo disso __ os povos pouco numerosos se unirem contra as agressões do invasor.

Pareceria, ouvindo esses servis adoradores do número, dentre os quais eu lamento ver figurar o mais oficial de nosso economistas, o Sr. Colson, que o único objetivo da humanidade seja fabricar mercadorias em gigantescas fábricas e canhões em outras oficinas, para proteger os traficantes dessas mercadorias. A humanidade renunciaria rapidamente a viver se ela não tivesse em perspectiva outro ideal que não fosse a escravidão nas fábricas e a obediência aos possuidores de canhões.

§3. A necessidade de expansão e de mercados.

A necessidade de expansão e de dominação surge do domínio psicológico. Ela é natural entre os povos cujo poder militar cresceu. Pelo único fato do crescimento de seu poder, eles desejam falar como senhores nos países que os havia aceitado apenas como comerciantes.

As necessidades que apenas o orgulho inspira não são confessadas facilmente e se busca um substrato material para justificá-las.

O substrato material exposto pelos escritores alemães é a necessidade de criar mercados para a Alemanha. Isto, tanto quanto o pretenso excedente de população, é um motivo bastante ilusório, pois esses mercados, os alemães __ como eu já mostrei acima __ os possuem em todos os países por onde eles se espalham a cada dia.

Franceses e alemães estão, no entanto, solidamente convencidos de que a necessidade da Alemanha de abrir mercados foi uma das causas da guerra. Eis, por exemplo, como se exprime sobre este assunto, um dos mais ilustres historiadores atuais, o Sr. Hanotaux:

> *Ninguém ignora que a vontade do império alemão de assegurar alimento e bem-estar a todos os alemães, assegurar trabalho ao alemão e mercados à produção alemã no mundo inteiro, é a razão essencial da guerra atual: essa é a política que eu chamei no início de a política da barriga. As tribos alemãs se jogam sobre o universo como um bando de lobos famintos.*

Num trabalho sobre as causas econômicas da guerra, o Sr. Lévy-Bruhl, professor na Sorbonne, expõe uma opinião análoga:

> *Se a Alemanha possuísse vastas e ricas colônias, ela encontraria nelas, sem dúvida, mercados constantes e cer-*

tos. Como a Inglaterra, como a França, como a Holanda, ela manteria, com seu império colonial, um comércio seguro e regular... Ela sofre como que de uma injustiça. Este surdo ressentimento provavelmente contribuiu, por via de consequência indireta, para colocar a Alemanha no caminho do armamentismo militar e naval... Para que lhe serve (ela se pergunta) sua superioridade militar se ela não lhe assegura os mercados que seu comércio necessita?

A ideia contida nas citações precedentes, de que a necessidade de criar mercados seja um motivo de guerra, constitui um dos mais mortíferos erros da idade moderna e é realmente singular que ela ainda possa ser formulada. Uma olhada rápida nas estatísticas das trocas comerciais basta, com efeito, para refutá-la. É com as colônias que a França e a Inglaterra mais comerciam? Certamente que não. É com grandes países que elas jamais pensaram em conquistar. Quanto à pretensa necessidade da Alemanha de buscar mercados distantes para suas mercadorias, como ela pode ser invocada diante desse fato de uma esmagadora evidência, de que mesmo conquistando todas as colônias dos outros povos, ela não conseguiria jamais tanto comércio quanto o que ela fazia com a França, a Inglaterra e a Rússia? Antes da guerra, os produtos alemães invadiam sem oposição todos os países. Porque, portanto,

criar, a mão armada, mercados que ela já possuía sem ter que arriscar a vida de um só homem?

Num capítulo do meu **Psychologie Politique**, intitulado "As novas formas de colonização"[13] eu mostrei como os alemães souberam até aqui deixar aos outros povos o trabalho e as despesas necessárias para administrar um país e se limitavam a explorá-lo. Nele eu mostrei, por exemplo, que a Côte d'Azur havia se tornado, numa extensão de 200 quilômetros, uma colônia alemã. Suponhamos, segundo a hipótese já formulada, que a França e a Inglaterra sejam conquistadas pelos alemães; eles fariam mais comércio com elas? Certamente que eles fariam muito menos, pois a conquista teria empobrecido os derrotados.

A necessidade de criar mercados não poderia então, de nenhuma forma, figurar dentre as causas reais da guerra, repetimos mais uma vez, porque eles estavam conquistados há muito tempo. Eu não teria certamente citado uma causa tão ilusória neste capítulo se ela não fizesse parte de um estoque de erros que é mantido no mundo, porque são admitidos de olhos fechados, sem jamais se verificar seus fundamentos.

[13] 11ª edição, pág. 277 e seguintes.

§4. As rivalidades coloniais.

A necessidade da Alemanha adquirir estações coloniais, não como mercados mas __ se é que há diferença __ como pontos de abastecimento para a frota que ela construiu, foi um motivo de guerra muito mais sério do que o mencionado a pouco.

O caso do Marrocos, que quase levou à guerra, mostrou ao mundo as novas ambições do governo germânico. Ele revelou também aos alemães que as potências europeias estavam pouco preocupadas com invasões militares estrangeiras em suas colônias. Porém, as mais importantes estações militares do mundo já estavam tomadas. Para possuí-las seria preciso conquistá-las pela força. A tarefa parecia fácil porque a Alemanha construiu, para dobrar sua frota comercial, vasos de guerra poderosos e numerosos.

A resistência da França, apoiada pela Inglaterra, durante o caso de Agadir, havia exasperado muitos alemães. Eles constataram que nosso país, considerado como muito fraco, se recompôs. A muralha que se opunha às novas aspirações germânicas não parecia poder ser superada pacificamente.

Chegando tão tarde no cenário das rivalidades coloniais, a Alemanha se viu vítima de um dos raros erros de previsão de Bismarck.

Este estadista, com efeito, havia empurrado a França rumo às colônias, com o objetivo de desviá-la de uma guerra de revanche e de colocá-la em antagonismo com a Inglaterra. Ele não envolveu a Alemanha nas empresas coloniais porque não via utilidade nisso.

Bismarck se enganou. A rivalidade entre a França e a Inglaterra não se estabeleceu. Foi, pelo contrário, a oposição de interesses entre a França e a Alemanha que se manifestou. O célebre chanceler, raciocinando de acordo com as noções da época, não poderia adivinhar que empurrando a França para seu desenvolvimento colonial, isso iria diretamente contra os interesses do império alemão, que possuía então apenas uma frota insignificante.

Eu não acredito, no entanto, que a Alemanha se lançaria numa guerra por causa do Marrocos. Suas ambições eram mais altas e menos distantes. Eu os havia destacado num outro livro, onde indiquei a necessidade de Antuérpia para sua frota e que ela faria, mais cedo ou mais tarde, uma guerra a fim de se apoderar dela.

Pode-se dizer que a posse de Antuérpia foi, não certamente uma causa inicial da guerra atual, mas um dos principais objetivos perseguidos pelos alemães. A quem duvidar, basta ler a seguinte carta dirigida, em 17 de abril de 1915, a uma revista alemã na América, pelo Sr. Dernburg, ex-ministro das colônias, enviado aos

Estados Unidos pelo governo alemão, para conquistar a opinião pública americana à sua causa:

> *A Bélgica possui o principal mercado alemão no oeste. Ela é a expansão natural do império. Ela é o único mercado marítimo que pode ser assegurado ao comércio alemão. Ela foi politicamente estabilizada, mantida e defendida pela Inglaterra, com o objetivo de retirar da Alemanha suas vantagens naturais. Nós não podemos por isso renunciar à Bélgica.*

É provável que os alemães renunciassem mais facilmente à Alsácia do que à posse de Antuérpia. Foi por isso que eu não parei de repetir, desde a tomada dessa cidade, que a guerra seria muito longa.

§5. Os erros políticos.

A narração dos acontecimentos políticos distantes que, mais ou menos, contribuíram para a gênese do conflito atual, demandaria, apenas a ela, um grande volume.

Bastaria remontar ao menos à conquista dos ducados dinamarqueses pela Prússia, que não fizemos nenhum esforço para impedir e mostrar em seguida que deixar a Prússia esmagar a Áustria em Sadowa foi uma falta muito grave; o que só é desculpável,

com boa vontade, pela cegueira política de todos os políticos daquela época.

Não podendo contar aqui esta história eu me limitarei a lembrar alguns erros dos diplomatas ingleses e russos em 1870, que podem ser elencados dentre as causas distantes do conflito atual.

Dentre os maiores figura a incompreensão dos ministros ingleses que recusaram a abertura de uma conferência que teria certamente impedido as anexações da Prússia. Eu já destaquei as consequências disso em um livro que publiquei bem antes da guerra atual e me limitarei a reproduzi-las aqui:

> *Se a Inglaterra se debate atualmente contra as imensas dificuldades produzidas pela necessidade de aumentar consideravelmente seus impostos para aumentar sua frota e lutar contra a ameaçadora supremacia da Alemanha, é porque, há quarenta anos, seus governantes não souberam prever nada. Para satisfazer rancores que um verdadeiro homem político deveria ignorar, ela nos recusou, após a guerra franco-alemã, favorecer uma conferência que teria limitado as pretensões da Alemanha e mudado o futuro. O medo de ver se reunir essa conferência era o pesadelo de Bismarck. Ele pensava nela dia e noite, ele diz em suas memórias.*

Os políticos ingleses devem lamentar amargamente hoje em dia esses erros de seus predecessores e os políticos russos não deplorar menos as faltas dos seus. Eles não esqueceram certamente, como lembrou recentemente o Sr. Hanotaux, que “Em 1870 a Rússia ajudou a Alemanha a vencer a França pressionando a Áustria para impedi-la de tomar parte na guerra”.

A este passado que criou em parte o presente, é preciso acrescentar os erros do congresso de Berlim. Eles produziram as complicações balcânicas, de onde a guerra finalmente saiu. Mas, eu repito, não tenho a intensão de tratar aqui de todas essas questões. Eu terei, aliás, ocasião de retornar a elas, ao estudar as consequências dos erros de psicologia política.

CAPÍTULO II

Os ódios culturais

§1. Os ódios culturais resultantes das diferenças de constituição mental.

Sumário

Os velhos ódios culturais dos povos balcânicos estão na origem da guerra atual e também de um grande número de guerras

antigas. Antes de insistir sobre suas consequências é importante marcar bem suas causas.

Esses ódios __ nós veremos mais a frente __ podem ser aumentados por divergências de interesses, mas seus motivos geradores são mais profundos. Eles acontecem principalmente porque as pessoas possuem, por herança, mentalidades diferentes, são diversamente impressionadas pelos mesmos fenômenos e reagem, consequentemente, de maneiras diferentes sob estímulos idênticos. Sentindo e agindo diferentemente, como partilhariam os mesmos sentimentos e seriam acessíveis às mesmas evidências? Como poderiam, assim, se compreender?

Sem dúvida que, em questões científicas e técnicas, que dependem da inteligência, as pessoas de todos os países se colocam facilmente de acordo. Mas, em matéria política, religiosa ou social, bem como na maior parte dos assuntos da vida quotidiana, elas obedecem a impulsos afetivos, místicos ou coletivos e não se entenderão, por mais elevado que seja seu nível intelectual.

Elas não se entendem principalmente porque a maioria de suas opiniões são derivadas das sugestões do meio, que agem sobre os elementos inconscientes herdados que formam as características culturais.

E não apenas as pessoas de culturas diferentes não se entendem, mas elas compreendem com uma dificuldade extrema aque-

las que possam ter uma visão diferente da sua. O que não é de se espantar, pois, para se compreender inteiramente um ser qualquer seria preciso substituir nossa mentalidade pela dele.

A comunidade da língua só faz dissimular um pouco as divergências sentimentais que separam as pessoas. Elas podem falar uma mesma língua, mas as mesmas palavras não invocam completamente, em suas almas, imagens idênticas.

O conteúdo das palavras varia muito, com efeito, segundo a mentalidade dos indivíduos que as empregam. Apenas as palavras concretas, ou seja, as que designam um objeto bem determinado, possuem um sentido objetivo universalmente invariável. As palavras abstratas __ alma, liberdade, natureza etc. __ possuem uma significação puramente individual. São termos subjetivos que cada um interpreta a sua maneira.

A incompreensão que rege as relações entre povos diferentes não os impede de ter relações corteses e de estabelecerem tratados destinados a conciliar seus interesses. Mas para que essas relações amigáveis continuem eles não devem se frequentar muito, a fim de que suas divergências sentimentais não entrem em conflito. Possível no domínio do racional, o internacionalismo não o é na ordem dos sentimentos.

§2. Os ódios culturais resultantes das diferenças de religião e de interesses.

As diferenças de religião e de interesses aumentam ainda mais os ódios naturais entre as culturas. Elas bastam para criar violentas antipatias entre as pessoas de um mesmo país.

No que diz respeito aos ódios produzidos pelas divergências religiosas não há muita necessidade de mencioná-los. As guerras e as perseguições religiosas que transbordam de nossa história mostram de maneira suficiente sua intensidade.

Deixando de lado esses ódios religiosos, eu só falarei aqui das antipatias que resultam das divergências de interesses econômicos.

Pode-se citar como exemplo a execração dos alemães contra os ingleses. Esses dois povos não são muito distanciados pelas suas origens étnicas, mas sua concorrência comercial em diferentes pontos do globo os transformou em ferrenhos inimigos.

Foi para lutar contra os rivais britânicos que a Alemanha criou, a partir do zero e a um grande custo, uma frota formidável. Em uma massa de jornais germânicos a Inglaterra era representada como o inimigo que era preciso, não importasse a que preço, destruir.

Esse ódio estava tão disseminado na elite quanto no povo. Pode-se julgar isso pelas linhas seguintes, publicadas por E. Me-

yer, professor da Universidade de Berlim, na revista **Scientia**, de 1º de março de 1915.

> *A característica do próximo século consistirá numa oposição irredutível e num ódio irreconciliável entre a Inglaterra e a Alemanha. Sentimos e sabemos todos que ela é nosso mortal inimigo que quer nos arruinar em nossa existência nacional e em nossa cultura independente. Desta forma, pode haver entre ela e nós uma paz exterior; mas o abismo que se abriu é insuperável e numerosas gerações se sucederão antes que possa surgir a ideia de uma reconciliação.*

O ódio profundo da Alemanha pela Inglaterra não é apenas um ódio entre concorrentes, mas entre pessoas absolutamente opostas em matéria de sentimentos. Convencido de que ele pertence a uma raça superior o alemão se indigna com a supremacia da Inglaterra em todos os pontos do globo. O crescimento da riqueza e do poderio inglês lhe parece uma flagrante injustiça. Os filósofos e os escritores alemães não pararam de pregar contra esse inimigo do gênero humano. Seu poder, segundo eles, era uma simples aparência que o primeiro choque alemão derrubaria.

Um dos signatários do apelo aos intelectuais, o Dr. Lenard, professor da Universidade de Heidelberg, escreveu numa brochura

citada pelo Sr. Hovelaque, na **Revue de Paris**, de 4 de março de 1915:

> *O ninho central e o assento supremo de toda hipocrisia do mundo, que está sobre o Tamisa, deve ser destruído. Ponto de honra para os túmulos de Shakespeare, de Newton, de Faraday... Não se pode ter verdadeira paz com um salteador e só haverá perigo enquanto ele não for destruído. A luta conta esse bandido é muito mais do que uma luta pela existência e a honra de Vaterland: ela é uma cruzada para afirmar a existência da honestidade sobre a terra.*

As citações precedentes são devidas a dois cientistas, sendo que pelo menos um deles é célebre. Dá para imaginar como deve ser o ódio em escritores quaisquer. Ele não se limita à Inglaterra apenas, mas se estende a todos os povos e lembra o do crente para com o infiel, do devoto para com os contempladores de seu Deus. Teremos uma ideia de seu tom pela passagem seguinte de um jornal alemão publicado na América e reproduzido no **Le Temps**, de 29 de junho de 1915:

> *Quando tivermos curvado nossos inimigos e confiscado seus territórios, e algum dos antigos nativos, seja inglês, francês, italiano, americano ou qualquer outro de raça infe-*

rior, levantar a voz mais alto do que um suspiro, nós o quebraremos contra o solo.

E após termos demolido essas catedrais corroídas e outras construções hediondas, inclusive os templos da Índia e outros países pagãos, nós construiremos catedrais muito maiores e templos igualmente esplêndidos, para honra nosso kaiser e os grandes atos de seu povo, destruidores das raças corrompidas do mundo.

Oh! Quão reconhecidos somos por Deus ter escolhido nosso grande e incomparável kaiser e seu povo para realizar essa grande missão, pois Darwin não disse (e ele deve ter tomado essa ideia de nossos grandes professores alemães) que apenas os mais adaptados devem sobreviver? E os alemães não são os mais capazes em tudo? Assim, nós alemães dizemos: "Que as carniças apodreçam, só há homens nobres entre os alemães".

Tal é a singular visão que o alemão faz dos outros povos. É espantoso ver o público e os sábios de uma nação onde a instrução é tão disseminada ignorarem tão profundamente as pessoas que os rodeiam. O alemão, dominado pelas teorias de seus professores, só olha o mundo através de seu ensino. Foi sem dúvida essa incompreensão que fez seus diplomatas acumularem tão numerosas imprevidências antes da guerra.

§3. Ódios culturais resultantes de divergências nas concepções políticas.

A mentalidade de um povo contribui para determinar seu regime político, ou pelo menos aquele que ele pode aceitar. Vimos com que facilidade a mentalidade germânica se submeteu ao regime estatista da Prússia. Ela está tão acostumada com ele que, não apenas os alemães não concebem outro, como querem impô-lo a todos os povos.

A consciência do alemão é uma consciência coletiva dirigida pelo Estado. A do inglês ou do americano é uma consciência individual que deixa à coletividade apenas uma pequena parte dela mesma.

O triunfo da Alemanha seria o fim da liberdade para a Europa. O despotismo militar reinaria soberano e levaria à decadência final.

Eu repetirei, de boa vontade, com o ministro inglês E. Grey: “Eu preferiria perecer ou abandonar o continente para sempre do que viver em tais condições”.

Há, como se vê, incompatibilidade completa entre as concepções políticas alemãs e a dos outros povos. Ela bastaria para criar entre eles ódios irredutíveis.

§4. O papel dos ódios culturais nos conflitos políticos.

A questão das culturas desempenhou e desempenhará ainda na vida política dos povos um papel muito importante, mas a palavra cultura precisa ser substituída aqui pelo termo nacionalidade, mesmo que ele não implique, de maneira alguma, em identidade étnica.

Contando que possamos compreender o pensamento bastante variável dos políticos, eles designam por esta palavra certos agrupamentos de indivíduos, que causas quaisquer __ cultura, religião, costumes, língua etc. __ deram uma certa coesão.

O princípio das nacionalidades tende, apesar de sua fragilidade, a se tornar o guia dos agrupamentos políticos modernos e a substituir o antigo princípio do equilíbrio. Não é o mais correto talvez, mas provavelmente o menos perigoso.

Uma das grandes dificuldades da constituição futura da Europa será a extrema variedade dos povos reunidos atualmente nas mesmas monarquias e que, após terem vencido a desagregação, acabarão necessariamente por se combater.

O império austríaco, particularmente, é composto de nações divididas tanto pelas origens quanto pela religião, pela língua, os costumes e os hábitos e que não puderam ainda se fundir. Nele existem 12 milhões de alemães; 10 milhões de húngaros; 6,5 de tchecos; 5 milhões de poloneses; 3,5 milhões de rutênios; 4 mi-

lhões de mestiços latinos (romenos e italianos) etc. Atualmente são os alemães e os húngaros que, após terem por muito tempo guerreado entre eles, acabaram por se entender para impor sua hegemonia.

Se a Áustria fosse derrotada veríamos necessariamente todos esses povos se desagregarem. A Transilvânia, a Dalmácia, a Galícia[14], a Herzegóvina, a Hungria etc. tratariam de se separar dela para criar pequenos Estados. Desprovidos, aliás, de qualquer homogeneidade, porque uma massa de povos sem parentesco neles se aglomerariam.

Uma mistura semelhante é observada em cada um dos países balcânicos, compostos por povos que a religião, a língua, as aspirações, tudo enfim, separa. Veja por exemplo, para a Transilvânia e a Bukóvina, que reivindica a Romênia, quais nacionalidades são encontradas nelas, segundo uma estatística publicada pela **Revue**:

> *A Transilvânia conta com 1.540.000 romenos, contra 380.000 húngaros, 560.000 tchecos, 234.000 alemães e 54.000 membros de nacionalidades diversas. Na Bukóvina, os censos dão 208.000 romenos, 268.000 rutênios, 91.000*

[14] Galícia, região da Polônia. Não confundir com Galícia, região da Espanha. (Nota do tradutor)

russos, 50.000 alemães, 25.000 poloneses e ao redor de 8.000 húngaros.

O perigo de tais misturas reside no fato de que, pelas razões psicológicas expostas acima, esses múltiplos povos se odeiam furiosamente e se massacram com ferocidade quando não são mantidos por mão de ferro.

Foi o que mostrou claramente a segunda guerra balcânica. Sob o regime turco os pequenos Estados dos Bálcãs eram obrigados a viver em paz. Assim que eles conseguiram, por uma aliança momentânea, se livrar do domínio muçulmano, eles se precipitaram furiosamente uns sobre os outros, no dia seguinte mesmo de sua vitória. A Sérvia e a Grécia esmagaram sua aliada de um dia, mas os Búlgaros só esperam a ocasião da revanche.

O que se chama de aspirações de todos esses povos é unicamente o desejo de se apoderar do território de seus vizinhos e de massacrar o maior número possível deles. A Bulgária ambiciona a Macedônia e uma parte da Sérvia. A Sérvia desejaria anexar uma parte da Bulgária e a Bósnia inteira. A Romênia aspira possuir a Transilvânia e a Bessarábia. A Grécia sonha com a dominação de toda a Macedônia, das ilhas da Ásia Menor, da Albânia etc.

Escreve um jornal suíço:

A desgraça desses países é a coabitação, num mesmo território, de culturas que não conseguem abandonar velhos ódios inveterados, nem concordar com o direito de viver lado a lado segundo seus costumes, de falar sua língua e de educar seus filhos como bem quiser, bem como os mais fortes não conseguem se abster de oprimir os mais fracos, como se vê nas regiões macedônias anexadas pelos tratados de Bucareste aos sérvios e aos gregos.

A mesma observação foi feita, aliás, para a Áustria. Os romenos formam na Hungria um bloco de 3 milhões.

Eles são considerados e tratados como um perigo nacional e são submetidos ao mais abominável regime de violência e arbítrio. Para eles, a igualdade dos direitos civis e políticos, inscrito nas constituições, não passa de uma palavra vazia de sentido. Os tribunais recusam sistematicamente lhes fornecer proteção; os direitos de reunião e de associação lhes são praticamente negados; seus jornais são amordaçados pela censura e massacrados ao menor pretexto, com multas e prisão.

Os balcânicos se batem para mudar de senhor, mas eles não ganham nada com isso. Um dominador civilizado é algumas vezes muito duro porque ele pretende, por meio de sua administração, se

meter em todos os detalhes da vida social. Muitos balcânicos já lamentam o domínio turco.

A questão cultural será cada vez mais difícil de resolver. A antiga diplomacia se mostrou muito sábia ao se esforçar por não tocar e manter sem muitas mudanças os equilíbrios que estavam há tanto tempo estabelecidos no Oriente. A guerra europeia perturbou tudo e desencadeou aspirações que o tempo, a tradição, necessidades de todo tipo haviam apaziguado.

Antes que se possa estabelecer um equilíbrio novo entre tantos ódios e ambições contrárias, a Europa deverá se conformar em sofrer temíveis conflitos. Quando se deixa muita liberdade a povos inimigos em presença eles se rasgam. Se são oprimidos eles se revoltam.

CAPÍTULO III

Os aspectos agressivos da Alemanha. A ideia de revanche.

§1. Os aspectos agressivos da Alemanha.

Sumário

Já mostramos as causas do desenvolvimento econômico da Alemanha e como, após ter dominado seus rivais, ela se viu em

concorrência com eles em todos os pontos do globo. Esse desenvolvimento material que não parou de crescer teve uma influência psicológica considerável sobre a personalidade dos germânicos.

Constatando em toda parte sua supremacia comercial e sabendo que suas forças armadas e sua frota cresciam a cada dia, eles se convenceram facilmente de que eram os representantes de um povo muito superior aos outros em inteligência.

O orgulho coletivo é uma paixão com crescimento rápido. Mantida pelos professores e pelos jornalistas alemães, a vaidade germânica acabou por não mais conhecer limites. A nação inteira se convenceu de ter sido escolhida por Deus para dominar o universo.

As ideias de seus escritores se resumem nesta declaração do Sr. Lasson, professor da Universidade de Berlim, já citado:

> *Um estrangeiro é um inimigo até que prove o contrário... Nós somos moral e intelectualmente superiores a todos, fora de comparação... Deus está conosco.*

Não se devia parar por aí. A ideia de hegemonia universal se acentuou cada dia mais e atualmente vemos escritores, como o Sr. Chamberlain, fazerem proposições como estas:

> *Não há dever mais importante, mais imperioso __ para hoje ou para amanhã, pouco importa! __ do que impor*

ao mundo a língua alemã. O dever de todo alemão, onde quer que se encontre, em todo instante, é de forçar os outros a falarem sua língua, até que ela triunfe em todo lugar, como se fosse uma arma, a arma do povo alemão!... É preciso ensinar às pessoas que quem não fala alemão é um pária! O alemão deve se tornar a língua universal!

Nos anos que precederam a guerra, a Alemanha não havia ainda atingido esse grau de vaidade coletiva. Ela caminhou rapidamente, no entanto, para isso e, a medida que cresciam suas ambições, o tom de sua diplomacia se tornava mais imperioso e provocador. Até os pacifistas franceses sentiam que, com o risco de cair muito baixo, seria preciso se defender. “Isso não pode mais continuar”, foi o grito geral no momento da declaração de guerra.

Sem dúvida que a arrogância da Alemanha jamais ultrapassou os limites aceitáveis na linguagem diplomática; todo mundo percebia, no entanto, esse sentido e experimentou muito vivamente a humilhação. Os políticos alemães ameaçavam sempre e seu monarca muito mais ainda. As recomendações de manter a “pólvora seca” e a “espada erguida”, surgiam sem parar em seus discursos.

No Marrocos, por várias vezes e nos Bálcãs, a propósito da anexação da Herzegóvina pela Áustria, a Alemanha se mostrou

cada vez menos conciliadora, mesmo que recuássemos perpetuamente.

Sobre nosso comportamento, a opinião de um francês seria naturalmente suspeita e será preferível reproduzir a opinião de um neutro. Eis o que escreveu a **Gazette de Lausanne**, em 24 de março de 1915:

> *Quanto mais a Alemanha se tornava ameaçadora, quanto mais ela aumentava suas pretensões, quanto mais ela afirmava sua vontade de não deixar nenhum assunto acontecer sem sua intervenção, mais a França se mostrava reservada e prudente, decidida a ir sempre até o extremo limite das concessões e a se meter o mínimo possível no caminho de sua rival. Não apenas ela se mantinha no território do direito, mas parecia ter como princípio permanecer aquém do que era estritamente seu direito: nós a vimos até mesmo sacrificar o que testemunhas imparciais consideravam como seus legítimos interesses, para não levantar a mínima suspeita de ambição ou de movimentação conquistadora.*
>
> *E essa longanimidade excessiva inquietava os amigos da França, que viam com tristeza sua influência diminuir. Ela alarmava os amigos da paz, que sabiam muito bem que essas concessões, em vez de desarmar a Alemanha, só fari-*

am encorajá-la a uma política de exigências ilimitadas, de onde a guerra devia fatalmente sair. Ela assustava as pequenas nações, zelosas de sua independência, que se perguntavam com ansiedade a quais intromissões se dedicaria a Alemanha dali por diante, sem contrapesos.

Não nos esqueçamos do caso Fostner, crise de nacionalismo agudo e de arrogância belicosa, em que a Alemanha, antes de atacar, afirmou e testou suas forças morais com as do inimigo. Todas as circunstâncias do caso eram tão ofensivas para a França que as testemunhas desinteressadas se perguntavam se isso não era uma dessas provas de força típicas da Alemanha e de onde deve sair ou a guerra ou a humilhação do inimigo. A Alemanha de 1913 espezinhou a Alsácia diante da França indignada e muda. E a França resistiu á prova, seus jornais tiveram admirável sangue frio e em pleno caso Fostner, o presidente da República foi jantar com o embaixador da Alemanha.

Todos os pontos dessa citação são rigorosamente exatos. A história das relações franco-alemãs, de alguns anos para cá, deixa na mente essa evidência que, sob o risco de cair ao último lugar entre os povos, nós não podemos mais evitar a guerra. Mesmo admitindo que ela seja adiada, isso não será por muito tempo. O próprio imperador da Alemanha, tão pacífico quanto possa ser, se

viu obrigado a declará-la a fim de permanecer o senhor de um exército que se tornou suficientemente poderoso para impor suas vontades.

Há, no **Livre Jaune**, uma quantidade grande de passagens que mostram a que ponto chegou a insolência alemã. Quando os preparativos militares da Alemanha nos obrigaram a retornar ao serviço militar de três anos, um membro do Reichstag declarou: "É uma provocação. Nós não permitiremos isso". Muitos militares e civis alemães declararam publicamente que a França, que possuía apenas 40 milhões de habitantes, não tinha o direito de rivalizar com a Alemanha. Desde o início do caso do Marrocos, ela acreditou que tudo era permitido com relação a nós e nós suportamos tudo.

§2. A ideia de revanche.

A ideia de que os franceses desejavam a revanche da guerra de 1870 foi uma das causas indiretas do conflito atual, pelo medo que ela sempre inspirou nos alemães.

Bismarck parecia prever o futuro quando se mostrou desfavorável à anexação da Alsácia-Lorena e só consentiu em exigi-lo, dizem, sob a pressão dos militares.

Essa anexação, pelos armamentos que ela exigiu, certamente custou imensamente mais caro à Alemanha do que ela relata. Com

maneiras menos rudes, uma administração benevolente teria sem dúvida acabado por conquistar os corações dos alsacianos e tirado da França a ideia de reivindicar um país assim germanizado. Mas, visivelmente, a Alemanha não soube se ater a isso. A opressão de seu regime militar, aceitável para os germânicos, pareceu intolerável a um povo que sempre teve o gosto da independência.

Pode-se dizer, no entanto, que a ideia de revanche estava bem esquecida pela geração atual. Apenas os jornais alemães faziam frequentes alusões a ela, a fim de justificar as incessantes demandas de créditos militares. De tanto repetir o governo alemão acabou por convencer seu povo de que a França só esperava um pretexto para lhe declarar a guerra. Toda a Alemanha está convencida hoje __ e ficará assim durante muito tempo __ de que esperamos avidamente a ocasião de combatê-la.

Embora nossos políticos tenham quase renunciado à ideia de revanche, a questão da Alsácia-Lorena manteve muita frieza nas relações entre a Alemanha e a França. Eu soube, através do embaixador da França na Alemanha, que várias vezes, no entanto, o imperador expressou seu desejo de viver em termos amigáveis conosco. No entanto, somos obrigados a constatar que no Marrocos e em outros lugares, o tom da diplomacia alemã, que ele inspirou, foi sempre agressivo e desprovido de amenidades.

Mesmo que indiretamente, a questão da Alsácia-Lorena pode certamente figurar dentre as causas distantes importantes da guerra. Ela constituiu, em todo caso, o motivo sempre invocado para excitar o povo alemão contra nós e incrementar imensamente sua força militar. Sem esse pretexto, o armamentismo não teria atingido o ponto em que tornaria, cedo ou tarde, a guerra inevitável.

CAPÍTULO IV

O papel das influências místicas na gênese da guerra. O ideal de hegemonia.

§1. As forças místicas na guerra europeia.

Sumário

Cada nação, civilizada ou bárbara, é conduzida por um ideal místico mais imperioso do que todas as razões.

O impulso místico que obrigava outrora os cartagineses a sacrificar seus filhos a Moloch para cumprir ritos reverenciados e os peles vermelhas a escalpelar seus prisioneiros a fim de honrar os fetiches da tribo, eram de mesma ordem daquele que levou os muçulmanos a conquistar um vasto império para nele propagar a

glória de Alá, ou, em nossos dias, os alemães a devastar cidades florescentes com vistas a assegurar a supremacia de seu povo.

É uma grande força para os impulsos místicos o fato de não conterem nenhum fundo racional. Se o ideal que eles sintetizam se tornasse racional, as pessoas não se matariam por ele. A razão que conduz o cientista em seu laboratório ainda não adquiriu o poder de levantar as massas.

Um ideal só adquire lentamente uma forma mística. Ele só está constituído após uma série de etapas sucessivas. Nós veremos isso pesquisando como o ideal místico de hegemonia mundial se formou na Alemanha.

Observaremos assim quais os elementos que envolveram sua gênese. Não há causas simples na história; cada uma delas é cercada de um cortejo de influências secundárias que, de efeitos, acabam se tornando causas, por sua vez.

O misticismo, motivo determinante do conflito desencadeado pela Alemanha, só exerceu durante muito tempo sua ação num círculo restrito. Foi a declaração de guerra que provocou seu desenvolvimento em todas as camadas sociais. O sonho místico de um pequeno número se tornou então um ideal universal.

§2. As origens étnicas do ideal de hegemonia.

Há poucos povos __ neles incluídos os chineses e os turcos __ que não se acreditam superiores aos outros. Essa vaidade coletiva pode constituir um estimulante útil. Ela leva, infelizmente, algumas vezes, os defensores dessa predominância imaginária a querer se impor pela violência às nações vizinhas.

Uma massa de escritores __ publicados principalmente nos últimos trinta anos __ provam que os alemães fazem de sua superioridade uma concepção que nenhum povo ainda possuiu, salvo talvez os judeus da era bíblica e os árabes da época de Maomé.

Essa ideia de supremacia repousa principalmente sobre a ilusão de que o povo alemão __ composto, na realidade, de elementos os mais heterogêneos __ seria um povo de elite, especialmente designado por Deus para explorar o mundo, após tê-lo conquistado.

Os historiadores que mais contribuíram para inculcar essa teoria são Treitschke e Lamprecht, principalmente. Eles foram seguidos por uma massa inumerável de panfletários de segunda ordem, como o falastrão Chamberlain. As divagações que formigam em suas obras constituem para o alienista um excelente exemplo dos desequilíbrios observados nas grandes psicoses coletivas. Essas manifestações malditas foram frequentes ao longo dos séculos, mas jamais a megalomania atingiu tal grau.

A história, aos olhos de Treitschke, é apenas um processo dirigido por Deus para assegurar o triunfo da doutrina protestante. A conquista do mundo está reservada ao povo alemão, que deve sua grandeza a Lutero. Os progressos da humanidade começam com este reformador.

Nem todas a afirmações de Treitschke possuem este caráter de orgulho infantil. A seguinte, por exemplo, é mais defensável:

> *Não é a ideia, mas a ação que determina a sorte dos povos. Sem dúvida que um povo não é nada sem a ação, mas a ação nada pode sem uma ideia para guiá-la. Bastou introduzir no mundo certas ideias religiosas e políticas para que a sorte dos povos fosse mudada.*

O sucesso desse historiador foi muito grande, porque ele traduzia as aspirações da alma alemã, orientada, não pelo protestantismo, como acreditava Treitschke, mas pela rígida disciplina do regime militar prussiano.

Suas afirmações concernentes à superioridade da Alemanha estavam baseadas em uma intervenção divina; as de Lamprecht se mostram mais realistas. Seu objetivo principal consiste igualmente em provar que o povo alemão é chamado a regenerar o mundo, mas o autor não invoca os misteriosos desígnios de uma providência cuja existência lhe parece contestável. A humanidade não deve

nada a ninguém, além de si mesma. O catolicismo, bem como o protestantismo, são, segundo o autor, crenças obsoletas que serão substituídas por uma fé nova, sem dúvida.

Ele considera a evolução econômica de um povo como o grande fator de sua história e, após ter se vangloriado dos progressos industriais da Alemanha, assegura que a concorrência pacífica leva forçosamente à guerra, desde que um dos concorrentes possua o poderio necessário para se impor. Esta é, aliás, uma das ideias mais geralmente admitidas na Alemanha.

É inútil acrescentar que Lamprecht se revela, como todos os seus compatriotas, estatista. Não apenas ele solicita a intervenção constante do Estado, mas ele tudo espera dele , inclusive, naturalmente, a guerra.

Sua moral é quase aquela que Nietzsche viria expor tão ruidosamente. A velha moral cristã é posta de lado, como um artigo de luxo que não serve para nada.

Os projetos de conquista expostos por este historiador traem bem as ambições desenvolvidas __ graças ao ensino universitário __ na alma germânica. A Alemanha deve, segundo ele, ser aumentada pela anexação da Suíça, da Holanda e da Bélgica. Os países difíceis de conquistar __ como o Chile, o Brasil etc. __ se verão germanizados pela criação de escolas, de bancos e de fábricas. Da mesma maneira serão mais tarde germanizadas as outras nações

que ainda não podem ser sujeitadas; Rússia e Itália, particularmente. Em resumo, a Alemanha acabaria por dirigir a Europa e o mundo.

Poder-se-ia multiplicar, ao infinito, citações análogas. O mesmo espírito é encontrado em escritores os mais diversos e formulado às vezes com uma ingenuidade cínica. Eis, por exemplo, como se exprime Giesebrecht:

> *A dominação pertence à Alemanha porque ela é uma nação de elite, um povo nobre ao qual cabe, por consequência, agir sobre seus vizinhos, como é do direito e do dever de toda pessoa dotada de mais espírito e de mais força, de agir sobre os indivíduos menos dotados e mais fracos que o rodeiam.*

O célebre Bluntchli vai ainda mais longe. Ele proclama: "Onde a Alemanha põe o pé, ela goza de um direito inalienável, sem levar em conta nenhum tratado".

Os vulgarizadores só poderiam aumentar. Foi o caso de um dos mais conhecidos, Houston Chamberlain, numa grande compilação intitulada **La Genèse du XXº Siècle**. Assegura-se que o imperador, reconhecido, lhe pagou uma grande soma, de seu próprio bolso. A obra, lisonjeando em grande medida o orgulho alemão, foi acolhida com vivo sucesso.

As visões do autor não têm, aliás, nada de original. Ele repete servilmente que o alemão é o primeiro dos povos e deplora amargamente que, em suas invasões:

> *o germânico não tenha procedido, em todo lugar alcançado pelo seu braço vingador, a um extermínio mais radical e que, assim, a latinização __ ou seja, de fato, a miscigenação com o caos étnico __ tenha, pouco a pouco, sido eliminada de vastos domínios, pela única influência capaz de regenerá-los...*

Raciocinando como este autor, poder-se-ia julgar muito lamentável que os romanos não tenham afogado em seus pântanos ou queimado em suas florestas a totalidade das populações germânicas, ao invés de se limitar a exterminar, de vez em quando, algumas centenas de milhares por vez. O mundo seria bem mais civilizado hoje em dia. Ele teria evitado a Idade Média.

As citações precedentes mostram de maneira suficiente a evolução mental que tornou a guerra da Alemanha contra a Europa quase inevitável. Elas provam também o quão são inúteis as discussões destinadas a verificar se o conflito foi provocado pela vontade de tal ou tal imperador. Uma guerra que tem as origens que vamos expor pode ser adiada, mas não se escapa dela.

§3. As origens econômicas e militares do ideal de hegemonia.

Uma afirmação teórica sobre a superioridade de sua raça não seria suficiente para fazer os alemães considerarem a possibilidade de impor de maneira prática uma dominação universal. Isso ficou primeiro como um sonho de idealistas.

Duas causas essenciais __ um enorme crescimento do poderio militar e o desenvolvimento do poderio industrial __ pareceram indicar que esse sonho havia se tornado realizável.

De 401.000 homens por ocasião da paz em 1871, as forças armadas haviam atingido gradualmente 815.000. A frota, criada a partir do zero, aspirava rivalizar com a da Inglaterra.

Um crescimento tal do poderio militar procurava fundamentos à ideia de hegemonia e, com isso, esta última se difundiu muito rapidamente na Alemanha. As declarações dos diplomatas e dos jornalistas, desde o começo da guerra, nos revelaram a extensão das ambições que se desenvolveram nos cérebros germânicos.

A pesquisa organizada pelo jornal **Monistiche Jahrhunderl**, junto aos cientistas mais conhecidos da Alemanha, a respeito do assunto, é muito típica. No número de 16 de novembro de 1914 o célebre Ernest Haeckel reclama: a partilha da Bélgica, o controle sobre as colônias britânicas, bem como sobre o Congo, os departamentos fronteiriços da França, as províncias do Báltico etc. Se

ele não fala em anexar a Itália e a Espanha é, provavelmente, porque esqueceu.

O pacifista Ostwald tem ambições menores. Ele se limita a querer a destruição da frota inglesa e a supressão de todas as forças armadas da Europa, com exceção das forças armadas alemãs.

As pretensões dos correspondentes do mesmo jornal foram variadas, mas todos concordaram na necessidade da Alemanha se apoderar dos pequenos Estados. Estes últimos não têm, a seus olhos, o direito de viver.

Sendo os métodos clássicos de organização das conquistas um pouco lentos, um engenhoso professor chamado Vierord demonstrou, num artigo da **Badische Landeszeitung**, a urgência de matar os inimigos da Alemanha aos milhões, de maneira a transformar os territórios conquistados em desertos, para povoá-los em seguida com virtuosos alemães.

Essas publicações fornecem indicações muito interessantes sobre a mentalidade de seus autores. Eles sonham com uma destruição da Europa muito mais completa do que aquela dos tempos de Átila. Quanto à parte não devastada, os discípulos de Ostwald, organizariam imensas fábricas onde, sob o chicote vigilante de capatazes prussianos, trabalhariam milhões de servos, para enriquecer os alemães em geral e os professores em particular.

§4. Constituição definitiva do misticismo alemão.

Demonstramos sob quais influências se formou a ideia mística de hegemonia na Alemanha e os elementos materiais de onde eles derivaram.

Esse fundamento positivo de sonhos quiméricos impedirá muitos observadores de compreender o lado místico das ambições alemãs. Numa grande revista, um professor, o Sr. Kostyleff, mesmo pertencendo ao mais místico dos povos, declara não ver nenhuma influência mística na mentalidade alemã moderna. Ele se pergunta mesmo se uma crença mística pode ser geral hoje em dia.

Eu temo que o autor e aqueles __ numerosos ainda __ que pensam como ele, não tenham uma concepção clara do que é preciso entender por misticismo. Eu já expliquei o sentido no início deste livro. Os leitores de meus livros sabem seu papel preponderante nos grandes acontecimentos históricos; a Revolução Francesa, particularmente.

Mesmo que a importância do misticismo seja ainda mal conhecida, muitos escritores destacaram bem sua influência na guerra atual. Eu citarei principalmente, dentre eles, o Sr. Chevrillon, do qual eu já reproduzi aqui alguns fragmentos, retirados de seu estudo sobre o misticismo alemão.

O povo eleito, o que isso quer dizer? É uma orgulhosa e mística ideia coletiva, ameaçadora para as outras nações, como foram outras grandes possessões históricas de orgulho e de misticismo. Esta é tão mais perigosa porque se desenvolve ao mesmo tempo que a força e os apetites alemães, ao mesmo tempo que a doutrina que defende o direito óbvio desses apetites e dessa força.

Os germânicos são os instrumentos de Deus, a encarnação superior de sua energia viva. Eles são Deus agindo no mundo, o espírito que desfaz para refazer as formas mortas e envelhecidas.

O que a Alemanha faz e seu orgulho se nutre é divinizar sua própria tendência e mudar em fraqueza e em taras as virtudes da velha moral cristã que a incomoda ainda. Ela apresenta seus apetites como imperativos e seus instintos como perfeições.

Isso não passa de uma lei dessa vida, que é de querer, não o bem, não a verdade, mas o poder de expandir, de crescer, de sempre ir além de si mesmo e, com este objetivo, odiar, combater, destruir ou devorar tudo o que se apresenta como estranho e como menos forte.

Vê-se ao que uma ideia mística pode levar. Enquanto que todo progresso da civilização parece ser refrear os instintos primi-

tivos, a filosofia alemã os faz revivê-los e lhes confessar uma adoração mística. A força é rainha. Nenhum lugar para a generosidade e a piedade. Um povo superior não pode se deixar prender pelas regras que regem os outros povos. Lutar contra ela é lutar contra as forças da Providência e não existe castigo capaz de expiar tal crime.

Essas doutrinas permaneceram durante muito tempo no estado de teoria pura; mas, lentamente infiltradas na alma germânica por legiões de professores, elas se tornaram as verdadeiras fontes dos morticínios e das devastações que inspiram tanto horror aos povos civilizados.

Escreve um italiano, o Sr. Pareti:

> *A fé dos alemães em sua "Kultur" e na "mission" que eles têm de dominar o mundo, em sua qualidade de povo eleito, superior a todos os povos do passado e do futuro, é certamente uma causa real de força na guerra. É também uma causa de crueldade, essa fé, especialmente sob sua forma teológica ou metafísica, que fazem o conflito assumir características das guerras de religião. O adversário não é somente o inimigo, é o herético excomungado, o descrente, o blasfemador da santa "Kultur", culpado de lesa-majestade divina. Não basta vencê-lo, é preciso destruí-lo, aniquilá-lo. Os belgas tiveram a audácia sacrílega de recu-*

sar passagem às santas coortes da divina "Kultur"; eles se tornaram então culpados de lesa-majestade divina; eles tiveram então que ser justamente punidos hoje como o foram outrora pelo duque de Alba, por um crime análogo.

§5. Quadro resumido do papel dos fatores psicológicos que determinaram a guerra.

O leitor que percorreu os capítulos dedicados às causas distantes da guerra terá percebido, talvez, que mencionamos neles apenas os motivos de ordem biológica, afetiva ou mística, sem que fossem levados em consideração aqueles de origem racional.

O motivo é simples. No conflito presente, como aliás na maior parte das lutas históricas, a razão desempenhou sempre um papel extremamente fraco. Ela aparece sem dúvida na condução das batalhas, mas não as determina. O racional se coloca simplesmente a serviço das necessidades produzidas pelos impulsos místicos e afetivos. Ele é o escravo e não o senhor.

Ao leitor muito impregnado de racionalismo universitário para compreender imediatamente a exatidão do que foi dito, eu aconselho relembrar os motivos da guerra atual. Ele obterá então, eu creio, uma recapitulação análoga à seguinte em que, deixando de lado os fatores econômicos, eu enumerei os elementos psicológicos que mobilizaram os exércitos dos diversos países. Encon-

trar-se-á aqui motivos afetivos, coletivos ou místicos, mas pouco ou nenhum motivo racional.

1º) **Áustria**. As influências afetivas que levaram ao conflito foram principalmente os ódios culturais intensos contra os Sérvios. Durante a segunda guerra balcânica, estes últimos se aproveitaram dos esforços feitos pela Europa com o objetivo de manter a paz, para irritar seu poderoso vizinho e em território sérvio foi fomentado o complô que levou ao assassinato do arquiduque herdeiro. A execração contra esse pequeno povo foi então ao cúmulo na Áustria. A opinião pública pedia a guerra e determinou uma influência coletiva muito forte.

2º) **Rússia**. Influências afetivas: amor-próprio ofendido e ressentimentos consecutivos por causa do domínio da Áustria sobre a Bósnia. Medo de perder todo prestígio aos olhos dos eslavos, deixando de atacar os sérvios.

3º) **França**. A influência afetiva predominante foi o sentimento de honra que nos obrigava a defender nossos aliados, mesmo que a causa defendida por eles não nos interessasse em nada. As influências coletivas se concretizaram no desejo geral de não mais suportar a arrogância da Alemanha.

4º) **Inglaterra**. No início intervieram influências afetivas representadas pela obrigação moral de proteger a Bélgica, cuja neutralidade a Inglaterra havia se comprometido, por tratado, de-

fender. A este sentimento juntou-se mais tarde o medo de deixar uma potência rival se apoderar de Antuérpia e paralisar assim o comércio britânico.

5º) **Alemanha**. Primeiro, as influências afetivas agiram sozinhas. Elas se resumiam no desejo de provar à Europa a força da hegemonia alemã, humilhando mais uma vez a Rússia e forçando-a a ceder sem combater, como na época da anexação da Bósnia, alguns anos antes. Logo, a guerra declarada desencadeou as influências místicas que a prepararam e que sintetizam um ideal de dominação universal.

O quadro acima mostra o quanto os elementos racionais exerceram pouca ação na gênese da guerra. Isso é espantoso principalmente para a Alemanha. Se a lógica racional tivesse desempenhado um papel qualquer na vontade de seus dirigentes ela os teria feito evitar a todo custo, eu já demonstrei, a declaração do conflito. Parece evidente, com efeito, não é preciso repetir muito, que o progresso de sua indústria, de seu comércio e a infiltração universal de seus patrícios, lhes teria logo permitido realizar sem luta o que ela não obterá jamais pela força, após cinquenta anos de batalhas e até mesmo se ela conseguisse conquistar a Europa.

O interesse racional da Alemanha era então evitar a guerra, mas as influências místicas a dominaram inteiramente. Este exemplo pode se juntar ao que eu forneci em outro livro, para mos-

trar a que ponto o místico ultrapassa o racional. Tudo se curva diante dele.

*

* *

Nosso estudo das causas distantes da guerra está terminado. As conclusões são tão claras que o leitor poderá achar inúteis novos capítulos sobre suas causas imediatas.

Mas, se é praticamente um pouco inútil buscar porque essa guerra __ há muito tempo considerada como inevitável pelos alemães __ seria declarada num momento ou outro, parece muito interessante, sob o ponto de vista psicológico, estudar o funcionamento do teclado de sentimentos e de paixões, cuja combinação deveria, num instante dado, determinar a catástrofe. Existe espetáculo mais interessante do que as lutas dos diplomatas, cheios de intenções pacíficas, contra as forças imperiosas que os impulsionavam rumo a uma terrível guerra? Jamais, talvez, no curso das eras, se viu melhor a que ponto a conduta das pessoas é às vezes dominada por influências inconscientes, que nenhuma vontade pode superar.

LIVRO IV

As causas imediatas da guerra

CAPÍTULO I

O ultimato da Áustria e a semana das negociações diplomáticas.

§1. Ensinamentos psicológicos fornecidos pelos documentos diplomáticos.

Sumário

Os únicos documentos oficiais conhecidos atualmente sobre as origens da guerra consistem nos relatórios dos embaixadores das diversas potências para seus governos respectivos. Eles foram objeto de várias publicações lançadas sob os nomes de **Livre Bleu**, **Livre Jaune**, **Livre Blanc**[15] etc.

---

[15] O **Livre Bleu**, dedicado quase exclusivamente à correspondência dos embaixadores ingleses no estrangeiro com o ministro dos assuntos estrangeiros da Grã Bretanha, foi publicado em inglês e depois em francês, aos cuidados do governo inglês. Uma segunda tradução francesa foi lançada em seguida em Paris. Ela só difere da precedente sob pontos sem importância. O **Livre Jaune**, publicado mais tarde, contém documentos diversos reunidos pelo governo francês. Ele teve duas edições com formatos diferentes, em que apenas a primeira

A importância psicológica desses documentos é considerável. Eles mostram particularmente o quanto os impulsos de ordem sentimental e mística ultrapassam os da razão e com que facilidade os governos podem ser levados a fazer o que não querem.

A Alemanha e a Áustria foram levadas à guerra por uma série de erros psicológicos, entre outros pela convicção de que a França, a Inglaterra e a Rússia não queriam intervir.

Quando a Alemanha viu __ contrariamente a suas previsões __ a Rússia, longe de ceder às ameaças, se mobilizar, ela temeu se deixar ultrapassar com rapidez pelos armamentos de seus adversários e, obedecendo às sugestões dos militares e convencida da neutralidade da Inglaterra, ela exigiu a desmobilização da Rússia. Depois, diante de sua recusa, lhe declarou a guerra.

O que resumimos em algumas linhas não se passou, de maneira alguma, com tal simplicidade. As resoluções humanas não nascem de um só jato e não adquirem imediatamente contornos tão definidos. Veremos isso neste capítulo e nos seguintes ao constatar com que hesitações, com que perplexidade a Inglaterra resolveu entrar num conflito do qual ela queria, a princípio, se

---

foi feita na **Imprimerie Nationale**. Uma tradução inglesa deste volume foi fornecida como suplemento gratuito pelo grande jornal inglês **Times**. Um **Livre Gris** foi fornecido pela Bélgica. O **Livre Blanc**, lançado pela Alemanha, não revela nada de novo. É principalmente do **Livre Bleu** e do **Livre Jaune** que faremos uso. Eles são muito conhecidos para que precisemos indicar os números das páginas citadas. Elas variam, no entanto, segundo as edições.

manter distante e como o imperador da Alemanha foi progressivamente levado a fazer uma guerra tão contrária a seus interesses.

Todas essas coisas são lidas facilmente, com um pouco de atenção, nos documentos oficiais. No entanto, estes são tão enredados, os pontos essenciais tão frequentemente mergulhados em coisas acessórias, que nos pareceu necessário extrair deles as partes fundamentais e classificá-las sob o ponto de vista psicológico.

Para conseguir isso nós aproximamos fenômenos de mesma ordem, por exemplo, as hesitações da Inglaterra, a intransigência da Áustria, as ilusões sobre a neutralidade da Rússia etc.

Os documentos diplomáticos da semana de negociações não levaram em conta as causas longínquas da guerra, estudadas em outros capítulos. Por isso estaríamos muito mal informados sobre as verdadeiras origens do conflito se nos limitássemos a seu estudo. Eles representam a simples relação dos esforços desenvolvidos para evitar a queda da gota d'água que, cedo ou tarde, faria trasbordar o copo.

A verdadeira questão não consiste em saber quem derramou essa gota d'água, mas muito mais em saber quem encheu pouco a pouco o copo.

O período das discussões foi muito breve, pois ele durou uma semana apenas. Não foi preciso mais do que isso para que a história do mundo fosse mudada.

O escritor que não conhecesse nenhum documento anterior, que só tivesse sob os olhos a correspondência diplomática e quisesse se servir dela para elucidar a questão de quem queria a guerra, seria tentado a responder: ninguém.

Ninguém, com efeito, a queria, todo mundo a temia e, no entanto, ela explodiu, dando assim um memorável exemplo da impotência dos chefes de estado diante da engrenagem das fatalidades que criam as paixões e os sentimentos das pessoas.

Dos quatro soberanos que assinaram a declaração de guerra, três eram autocratas; senhores absolutos em terra e mar. A que lhes serviu essa autocracia? A nada.

O destino que, no dizer dos antigos, dominava os deuses e os homens, brincou mais uma vez com a vontade dos reis.

Mais penetrante que a sabedoria antiga, a ciência moderna sabe ao menos dissociar os elementos do destino. De sua soma são compostas as forças que, num dado momento, se tornam superiores a todas as vontades.

Antes de extrair da correspondência diplomática as informações que ela pode fornecer, resumiremos num breve quadro a sucessão dos acontecimentos acumulados durante a semana de negociações.

§2. A semana das negociações diplomáticas.

A semana de 23 de julho a 1º de agosto de 1914 figurará dentre as mais dramáticas da história. Ela deveria levar, com efeito, a uma guerra que mudará a face da Europa.

Eis, dia a dia, o sumário dos fatos acontecidos neste breve período:

Quinta-feira, 23 de julho – As potências são informadas que após o assassinato do arquiduque herdeiro em Sarajevo, a Áustria enviou um ultimato à Sérvia exigindo particularmente que ela aceitasse a intervenção dos agentes austríacos, "na supressão do movimento subversivo dirigido contra a integridade territorial da monarquia".

Sexta-feira, 24 de julho – A Rússia solicita à Áustria uma prorrogação do prazo fixado em seu ultimato. O embaixador da Alemanha declara em Paris que o conflito deve permanecer limitado à Áustria e à Sérvia.

Sábado, 25 de julho – A Áustria recusa prolongar o prazo imposto à Sérvia.

A Inglaterra propõe interpor entre a Áustria e a Rússia a ação mediadora da Inglaterra, da Alemanha e da Itália.

A Alemanha é convencida, pelas declarações da Inglaterra, da neutralidade desta potência.

Domingo, 26 de julho – A Rússia intervém em Viena em favor da Sérvia e solicita à Alemanha seu apoio. A Áustria começa uma mobilização parcial.

Segunda-feira, 27 de julho – Segundo o **Livre Bleu** (nº 46), a Alemanha aceita, em princípio, a mediação entre a Áustria e a Rússia pelas quatro potências. Mas, de acordo com o **Livre Orange** (nº 34), o embaixador da Alemanha em Paris teria, ao contrário, "insistido na exclusão de toda possibilidade de uma mediação ou de uma conferência".

Terça-feira, 28 de julho – A Alemanha apoia a intransigência da Áustria, que ordena a mobilização geral e declara guerra à Sérvia. A Rússia solicita então à Inglaterra sua intervenção mediadora.

Quarta-feira, 29 de julho – A Alemanha parece disposta, por um momento, a agir pacificamente. Ela aconselha a retomada das negociações entre São Petersburgo e Viena.

Como a Áustria manteve a mobilização, apesar das negociações, a Rússia declara uma mobilização parcial nas regiões vizinhas à Áustria.

A Alemanha ameaça se mobilizar se a Rússia não parar seus preparativos militares. A Rússia declara não poder pará-los porque a Áustria persiste em sua atitude.

Quinta-feira, 30 de julho – A Rússia declara que cessará seus preparativos militares se a Áustria admitir que seu conflito com a Sérvia é de interesse europeu.

O embaixador da Alemanha em São Petersburgo parece tomado de uma grande emoção ao ver a guerra inevitável e suplica ao ministério dos assuntos estrangeiros da Rússia que faça uma proposta qualquer para que ele possa telegrafar ao governo alemão, como suprema esperança.

Sexta-feira, 31 de julho – As negociações são retomadas entre a Rússia e a Áustria, que aceita como base de mediação uma fórmula da Inglaterra. Mas a Alemanha declara que o armamentismo russo a obriga aos preparativos militares.

Sábado, 1º de agosto – A Alemanha envia um ultimato à Rússia convidando-a a se desmobilizar em doze horas. A Áustria, revendo suas declarações anteriores, anuncia que ela está pronta a reconhecer a Europa como interventora em seu conflito.

Para tentar mais uma vez evitar a guerra, a Rússia declara que se contentaria com a promessa de independência e de integridade da Sérvia. É muito tarde. Ás 7 horas da noite, a Alemanha declara guerra à Rússia.

Segunda-Feira, 3 de agosto. A Alemanha declara guerra à França.

Vamos estudar agora, numa série de parágrafos, os acontecimentos brevemente resumidos neste quadro. Nós nos prenderemos principalmente a suas raízes psicológicas.

§3. As queixas da Áustria contra a Sérvia. Sua ideia obsessiva de lhe fazer a guerra. Sua intransigência nas negociações.

Após o assassinato do arquiduque herdeiro Ferdinando, a Áustria, que atribuiu o assassinato a um complô sérvio e se queixava há muito tempo da Sérvia, lhe enviou um ultimato concebido em termos visivelmente inaceitáveis. A Sérvia deveria, particularmente "aceitar a colaboração na Sérvia de órgãos do governo imperial e real na repressão ao movimento subversivo dirigido contra a integridade territorial da monarquia".

Assim que as potências tiveram conhecimento desse ultimato elas compreenderam que ele constituía simplesmente num pretexto, por parte da Áustria, para penetrar na Sérvia.

Segundo as informações fornecidas ao nosso ministério dos assuntos estrangeiros, em 23 de julho de 1914:

> *As primeiras intenções do governo austro-húngaro foram, segundo as informações obtidas pelo embaixador da França em Viena, agir com o maior rigor contra a Sérvia,*

mantendo oito unidades do exército prontas para entrar em combate.

O embaixador da França na Rússia observou, em 24 de julho, que:

A brevidade do prazo estabelecido pelo ultimato torna mais difícil ainda a ação moderadora que as potências da Tríplice Entente poderiam exercer em Viena.

Os diplomatas não tinham, aliás, nenhuma ilusão sobre as intenções da Áustria. Em 24 de julho o embaixador da Inglaterra em Viena escreve:

O encarregado dos negócios russos foi recebido esta manhã pelo ministro dos assuntos estrangeiros e lhe disse, como sua opinião pessoal, que a nota austríaca havia sido redigida de maneira a torná-la inaceitável em sua forma atual e que os termos eram ao mesmo tempo inusitados e peremptórios. O ministro dos negócios estrangeiros respondeu que o ministro austríaco havia recebido instruções de deixar Belgrado, a menos que as demandas austríacas fossem aceitas integralmente antes das 4 horas da tarde de amanhã.

Muito assustado, o governo sérvio se mostra disposto a aceitar a quase totalidade das exigências da Áustria.

Essas concessões foram inúteis. O encarregado dos negócios ingleses em Berlim informou, em 26 de julho, seu governo, dos resultados de uma conversa com o secretário de estado em Berlim.

> *O secretário de estado ignorava que força a Áustria-Hungria havia preparado, mas ele confessou francamente que o governo austro-húngaro queria dar uma lição aos Sérvios e tinha a intenção de tomar medidas militares.*

O embaixador da França em Viena informou seu governo, em 25 de julho, que:

> *... O governo austríaco está resolvido a infligir à Sérvia uma humilhação: ele não aceitará a intervenção de nenhuma potência até que o golpe tenha sido dado e recebido em plena face pela Sérvia.*

A impressão de todos os embaixadores sobre os projetos da Áustria foi o mesmo em toda parte. Na data de 27 de julho o embaixador da Inglaterra escreveu:

> *Eu mantive contatos com todos os meus colegas das grandes potências. A impressão que eu tive foi de que a nota*

austro-húngara foi redigida expressamente de maneira a tornar inevitável a guerra.

Para justificar a intransigência de sua atitude, a Áustria publicou um documento onde se lia:

A agitação sérvia, que aconteceu com o objetivo de conseguir a separação da monarquia austríaca, das partes eslavas do sul, para uni-las a um grande Estado sérvio, remonta há muito tempo atrás. Essa propaganda sobre o solo sérvio, sempre a mesma quanto ao seu objetivo final, embora diversas em seus meios e intensidades, atingiu seu mais alto ponto por ocasião da crise da anexação.

Cada vez mais inquieta, a Sérvia acabou por aceitar tudo o que a Áustria exigia. Na data de 28 de julho o embaixador da Inglaterra em Roma escreveu:

Esta manhã, durante uma longa entrevista, o encarregado de negócios sérvio disse que era da opinião de que se algumas explicações fossem dadas a respeito da modalidade segundo a qual os agentes austríacos solicitariam a intervenção, em virtude dos artigos 5 e 6, a Sérvia poderia ainda aceitar a totalidade da nota da Áustria.

Mas o governo austríaco permaneceu intransigente. O embaixador da Inglaterra em Viena telegrafou, em 28 de julho, a seu governo:

> *O embaixador da Rússia me informou que o governo austro-húngaro rejeitou a proposição do governo russo, de resolver o conflito austro-sérvio por meio de uma discussão direta entre o ministro russo dos negócios estrangeiros e o embaixador da Áustria em São Petersburgo.*

As intenções da Áustria permaneceram irredutíveis. O ministro dos negócios estrangeiros inglês foi obrigado a reconhecê-lo, na seguinte nota, de 29 de julho:

> *De tudo o que sei de Berlim e de Viena, sou forçado a tirar a conclusão de que a Áustria não aceitará nenhuma mediação das potências entre ela e a Sérvia.*

A fim de deixar bem claros seus projetos, a Áustria, sem esperar o resultado das negociações, veio a declarar, em 28 de julho, guerra à Sérvia.

Suas vontades de conquista parecem bem amplas, a julgar pelo despacho seguinte do encarregado de negócios ingleses em Constantinopla, na data de 29 de julho:

Eu acredito que os projetos austríacos se estendem muito além da circunscrição e de uma ocupação punitiva do território sérvio. Esta conclusão me é sugerida por uma observação emitida pelo embaixador da Áustria, a propósito da deplorável situação econômica de Salônica sob a administração grega e da ajuda com a qual o exército austríaco poderia contar por parte da população muçulmana descontente com o regime sérvio.

Dada a imensa força da Áustria, comparada com a da Sérvia, o exército ativo devia bastar para conquistar esse pequeno país. Parece, no entanto, que a Áustria havia previsto complicações, pois, apesar dos custos enormes de tal operação, ela mobilizou tudo o que possuía de homens. Sabe-se disso através de um despacho do embaixador da França em Viena, na data de 31 de julho. Ele dizia:

A mobilização de todos os homens de dezenove a quarenta e dois anos foi decretada pelo governo austro-húngaro, nesta manhã, na primeira hora.

§4. Persuasão da Áustria e da Alemanha de que a Rússia e a França eram militarmente muito fracas para intervirem no conflito.

Mas, porque a Áustria, apoiada por sua aliada a Alemanha, se mostrou tão intransigente?

Porque se expunha, para um objetivo tão pequeno, a uma conflagração geral onde poderia desaparecer?

Uma razão psicológica muito simples ditou sua determinação.

A Áustria e a Alemanha estavam convencidas de que a Rússia, única interessada na questão, não interviria. Elas tinham sérias razões para acreditar nisso, pois alguns anos antes, a Áustria havia se apoderado da Bósnia __ mais importante ainda do que a Sérvia __ sem que a Rússia tivesse pensado em se opor a isso, a não ser por protestos.

Aqui tocamos no ponto essencial do problema das causas imediatas da guerra. Se ela não estivesse convencida de que nenhuma potência defenderia a Sérvia, a Áustria teria verdadeiramente renunciado à sua intransigência.

Eis alguns dos documentos oficiais que mostram as opiniões então em curso nas chancelarias, sobre a neutralidade provável das potências.

O embaixador da França em Viena escreveu na data de 15 de julho de 1914:

Alguns órgãos da imprensa vienense, discutindo a organização militar da França e da Rússia, mostram estes dois países como fora de condições de dizer qualquer coisa sobre os assuntos europeus, o que asseguraria à monarquia dualista, apoiada pela Alemanha, apreciáveis facilidades para submeter a Sérvia ao regime que ela gostaria de lhe impor.

Reflexões análogas do embaixador da França em Berlim, em 25 de julho:

O ministro da Bélgica se mostra muito preocupado com os acontecimentos. Ele considera que a Áustria e a Alemanha quiseram se aproveitar das circunstâncias que fazem, neste momento, com que a Rússia e a Inglaterra lhes pareçam ameaçadas por problemas internos e que na França o serviço militar seja discutido.

Por seu lado o embaixador da Inglaterra em Viena escreveu a seu governo, em 26 de julho:

A minha questão se o governo russo não poderia se ver forçado pela opinião pública a intervir em favor de um

povo irmão, o embaixador da Alemanha respondeu que tudo dependia do caráter pessoal do ministro russo dos assuntos estrangeiros... Esse ministro, segundo o embaixador da Alemanha, não seria tão imprudente para tomar uma medida que teria provavelmente como resultado levantar várias questões de fronteira que interessam à Rússia e trazer à tona novamente os problemas suecos, poloneses, ruteno, romeno e persa. E mais, a França não estava, de maneira alguma, em condições de enfrentar uma guerra.

As mesmas observações foram recebidas por Sir Edward Grey e eis o que ele telegrafou, em 27 de julho, ao embaixador da Grã-bretanha em São Petersburgo:

Recebemos de fontes alemãs e austríacas a informação de que não se acredita que a Rússia agirá, desde que a Áustria concorde em não tomar território sérvio.

O embaixador da Inglaterra escreveu a seu governo em 28 de julho:

Meu colega austríaco me disse hoje que uma guerra geral era totalmente improvável, dado que a Rússia não tinha, nem vontade, nem condições de fazer a guerra.

O embaixador da Inglaterra em Roma escreveu, em 29 de julho:

Parece difícil fazer a Alemanha acreditar que a Rússia leve as coisas a sério. Por outro lado, dado que a Alemanha desejaria permanecer em boa relação conosco, o ministro pensa que ela modificaria sua atitude se ela acreditasse que a Grã-bretanha agiria, com a Rússia e a França.

Por seu lado, o embaixador da França em Roma escreveu, em 29 de julho:

O Marquês de San Giuliano me disse que, infelizmente, neste caso, a convicção da Áustria e da Alemanha era __ e continua sendo ainda __ de que a Rússia não marchará.

Mesma observação por parte do embaixador da Inglaterra em Viena:

O embaixador da Alemanha me exprimiu, em 24 de julho, a convicção de que a Rússia não intervirá.

§5. Crença da Alemanha e da Áustria de que a Inglaterra permaneceria neutra em caso de conflito.

Vimos a Áustria e a Alemanha convencidas de que nem a Rússia, nem a França interviriam no conflito da Áustria com a Sérvia. Elas estavam igualmente certas da neutralidade da Inglaterra.

A persuasão da Alemanha relativa à neutralidade da Inglaterra era absoluta. O embaixador da Inglaterra em São Petersburgo telegrafou, em 25 de julho:

> *... Sua Excelência respondeu que infelizmente a Alemanha tinha a convicção de poder contar com nossa neutralidade.*

O ministro dos negócios estrangeiros inglês constata uma opinião idêntica num outro despacho, de 27 de julho:

> *O embaixador da Rússia me disse que nos meios alemães e austríacos prevalece a impressão de que, se ela vier, nós ficaremos de lado.*

Mesma nota ainda, do encarregado dos negócios da França em Londres, na mesma data:

O embaixador da Alemanha e o embaixador da Áustria-Hungria deixam entender que eles estão certos de que a Inglaterra manteria a neutralidade, se um conflito viesse a explodir.

Foi preciso a violação do território belga para determinar a entrada da Inglaterra no conflito. Mas, até o momento de sua intervenção, a Alemanha contava com sua neutralidade.

CAPÍTULO II

Antipatia primitiva da Inglaterra pela guerra.

§1. Vivas antipatias da Inglaterra pela ideia de ser envolvida em uma guerra. Ela recusa, a princípio, toda promessa de assistência à França, em caso de conflito com a Alemanha.

Sumário

É raro que as determinações das pessoas pensadoras se formem bruscamente, principalmente quando elas devem substituir opiniões arraigadas por um julgamento absolutamente contrário. Os psicólogos estudarão com interesse os estados de alma sucessivos que, através de uma massa de hesitações, levaram, em alguns dias, o ministro encarregado dos interesses da Inglaterra, de

uma antipatia violenta pelas hostilidades, a uma declaração de guerra.

Os documentos diplomáticos só fornecem, evidentemente, os extremos dessa evolução. No entanto, é fácil adivinhar as etapas intermediárias.

E não foi apenas a opinião do ministro inglês que evoluiu, mas também a do rei, a do Parlamento e, enfim, a do grande público. Foi preciso realmente que os alemães fossem privados de todo senso político, quer dizer, psicológico, como lhe reprovou o príncipe de Bülow, para ter tão desastradamente ferido os sentimentos da Inglaterra.

Deixemos falar os documentos oficiais.

As ideias do ministro dos negócios estrangeiros inglês, Sir Edward Grey, sobre uma guerra a propósito da Sérvia, são nitidamente indicadas em seu despacho de 20 de julho:

> *A ideia de uma guerra entre não importa quais das grandes potências me revolta e seria abominável que não importa qual dentre elas foi envolvida numa guerra pela Sérvia.*

Não se pode esquecer que a Inglaterra não era aliada à França por nenhum tratado, nem mesmo por uma convenção verbal, contrariamente ao que acreditava o público. Apesar de todos os

seus esforços, em 1912, o embaixador da França só conseguiu uma carta em que o ministro inglês deixava bem claro a recusa da Inglaterra em se envolver.

A ideia de uma guerra era então absolutamente antipática ao ministro inglês. Ele escreveu em 23 de julho:

> *Supondo que quatro grandes potências da Europa __ Áustria, França, Rússia e Alemanha __ se coloquem em guerra; parece que o custo seria tão grande e seria um obstáculo tal ao comércio que uma guerra seria acompanhada ou seguida de um desmoronamento completo da indústria e do crédito europeu. Em nossos dias, nos grandes Estados industriais, isso levaria a um estado de coisas pior do que aquele de 1848 e seja para qual lado se inclinasse a vitória muitas coisas seriam completamente engolidas.*

Instruções sobre a reserva que eles deveriam observar devem ter sido transmitidas a todos os agentes ingleses, pois o embaixador da Inglaterra em São Petersburgo, relatando uma conversa com o embaixador da França, escreveu ao ministro inglês, em 24 de julho:

> *... Pessoalmente eu não vejo nenhuma razão para esperar uma declaração de solidariedade da parte do governo de Sua Majestade que levaria a um engajamento absoluto*

de sua parte no apoio à Rússia e à França, pela força das armas. Os interesses diretos da Grã-Bretanha na Sérvia são nulos e uma guerra em favor desses países não seria jamais sancionada pela opinião pública da Grã-Bretanha.

A este despacho o ministro inglês respondeu em 25 de julho:

Eu não acho que a opinião pública aprovasse ou devesse aprovar que façamos a guerra por causa de uma querela sérvia.

Às urgentes insistências do embaixador da França na Inglaterra para obter uma promessa de apoio, Sir Edward Grey, deu a seguinte resposta em 29 de julho:

O Presidente está convencido de que a Áustria não aceitará as condições; ele está convencido de que manter a paz entre as potências está nas mãos da Grã-Bretanha.

Ele acredita que se o governo de Sua Majestade britânica mostrasse que a Inglaterra viria apoiar à França em caso de conflito entre esta e a Alemanha como resultado da desavença austro-sérvia, não haveria guerra, pois a Alemanha modificaria logo sua atitude.

Eu lhe expliquei o quanto seria difícil ao governo de Sua Majestade britânica fazer tal declaração; ele me declarou manter que ela seria no interesse da paz.

A correspondência entre o presidente da república francesa e o rei da Inglaterra veio confirmar, se isso ainda fosse necessário, o quão antipática era a ideia de uma guerra para a Inglaterra. Os historiadores do futuro terão dificuldade para explicar como foi possível fazer a Alemanha acreditar que a Inglaterra queria a guerra. A resposta polida mas esquiva do rei é datada de 1º de agosto, dia da declaração de guerra à Rússia, véspera do ultimato da Alemanha à Bélgica. Eis um extrato:

... Eu me empenhei pessoalmente a fim de encontrar alguma solução que permitisse adiar as operações militares ativas e deixasse às potências tempo para que elas discutissem com calma... Quanto à atitude de meu país, os acontecimentos mudam tão rapidamente que é difícil prever o que se passará, mas vós podeis estar certo que meu governo continuará a discutir franca e livremente com o Sr. Cambon todos os pontos de interesse às duas nações.

§2. Esforços da Inglaterra na Europa para evitar o conflito.

Desejoso de evitar a todo custo a guerra, o ministro dos assuntos estrangeiros da Inglaterra, Sir Edward Grey, fez os mais enérgicos esforços, diretamente e por intermédio de seus embaixadores, para deter o conflito entre as potências. O melhor meio lhe pareceu primeiro aconselhar a Sérvia a aceitar o ultimato austríaco e ele escreve em 24 de julho:

> *É impossível dizer se quando expirar o prazo, uma ação militar por parte da Áustria pode ser evitada de outra maneira que não seja a aceitação integral de suas demandas. Mas a única chance parece ser evitar uma recusa absoluta e responder favoravelmente ao máximo de demandas que permita o limite de tempo.*
>
> *Eu insisti junto ao embaixador da Alemanha para que a Áustria não precipite uma ação militar.*

Todos os embaixadores intervieram junto às potências e particularmente junto à Alemanha, no mesmo sentido. Eis o que escreveu, em 29 de julho, o embaixador da Inglaterra em São Petersburgo:

Ao embaixador da Alemanha que me pediu que desse conselhos moderadores ao ministro dos assuntos estrangeiros, eu disse que, desde o início, eu não parei de fazê-lo e que o embaixador da Alemanha em Viena deveria agora usar de sua influência calmante. Eu expus claramente à sua excelência que a Rússia levaria a coisa a sério e que uma guerra geral seria inevitável se a Áustria atacasse a Sérvia.

O projeto de conferência do governo inglês não sendo aceito pelos interessados, o ministro se declarou, em 29 de julho, pronto a aceitar todas as proposições.

Eu solicitei ao governo alemão que propusesse algum meio que permitisse às quatro potências combinar sua influência para impedir a guerra entre a Áustria e a Rússia. A França concordou. A Itália fez o mesmo.

Mesmo quando a Áustria havia declarado guerra à Sérvia, Sir Edward Grey não perdeu todas as esperanças. Ele escreveu em 1º de agosto:

Eu ainda acredito em manter a paz, se conseguíssemos apenas ganhar um pouco de tempo antes que uma grande potência comece efetivamente a guerra.

O governo russo me informou das boas disposições da Áustria para entrar em negociações com a Rússia e para aceitar uma base de discussão que não apresentasse os inconvenientes da fórmula sugerida primeiro pela Rússia.

Era muito tarde!

§3. Papel atribuído pela Alemanha à Inglaterra na gênese da guerra.

Os documentos precedentes mostram de uma maneira realmente indiscutível o quanto a ideia de uma guerra era antipática à Inglaterra. Eles, no entanto, não convenceram ninguém na Alemanha.

Se fosse necessário provar a que ponto o afetivo e o místico paralisam a visão das realidades, bastaria citar os discursos no Reichstag do chanceler do império, que tinham por objetivo demonstrar que foi a Inglaterra que provocou a guerra. O discurso pronunciado no fim de agosto de 1915 é, sob este ponto de vista, extremamente curioso. Que o povo alemão professe tais opiniões, isso se compreende facilmente, pois ele acredita em tudo o que seu governo lhe manda acreditar. Uma tal cegueira no chanceler do império seria inexplicável isolada das razões psicológicas que eu enunciei acima. É inútil falar de má fé, pois o chanceler, sabendo que seu discurso seria registrado pela história, certamente

não pensou em alterar muito completamente a verdade. Como todos os crentes, ele estava certamente convencido da óbvia precisão de suas afirmações.

Ele age unicamente, aliás, por via da afirmação, assegurando, por exemplo, que “todas as tentativas do inimigo para nos atribuir ambições guerreiras e para atribuir a si mesmo o amor pela paz, confessados em testemunhos publicados...” Diz ele: “É claramente demonstrado que teríamos podido impedir a catástrofe dessa conflagração que devasta o mundo, se tivéssemos mantido um entendimento sincero com a Inglaterra, objetivando a paz”.

Para justificar os pretensos projetos belicosos da Inglaterra, o chanceler acrescenta: “A intromissão da Inglaterra em nossa discussão com a França sobre a questão do Marrocos demonstrou ao mundo inteiro como a política inglesa, com o objetivo de se impor ao mundo inteiro, ameaçava a paz do mundo”.

Menos cego, o chanceler teria podido dizer que naquele momento era a “a política alemã que, com o objetivo de se impor ao mundo inteiro, ameaçava a paz do mundo”. Foi naquele momento preciso, com efeito, que a França compreendeu o quanto a guerra era inevitável.

CAPÍTULO III

Evolução dos sentimentos da Inglaterra

§1. Transformação dos sentimentos do governo inglês.

Sumário

Vimos os enérgicos protestos do governo inglês contra a ideia de ser envolvido no conflito por causa da Sérvia. Vimos também com que tenacidade ele se interpôs para tentar manter a paz na Europa. Vamos pesquisar agora quais as causas que levaram, em uma semana, a pacífica Inglaterra a se tornar belicosa.

Um erro psicológico da Alemanha levou a essa transformação. Convencida por seus diplomatas de que a Inglaterra, às voltas com as mais graves dificuldades na Irlanda, não pensaria numa guerra pouco útil para ela, a Alemanha pensou que podia violar a neutralidade da Bélgica, a fim de chegar mais rapidamente em Paris. Essa ausência de discernimento lhe criou um temível inimigo.

Tomemos como ponto de partida da evolução inglesa o despacho, em 31 de julho, do ministro dos assuntos estrangeiros da Inglaterra. Ela está bem hesitante ainda:

> *Não poderíamos nos engajar de uma maneira definitiva e tomar parte numa guerra eventual. Eu disse isso ao*

embaixador da França, que solicitou ao governo de sua majestade britânica que reexaminasse essa decisão.

Eu lhe respondi que não podíamos nem devíamos nos engajar neste momento, mas que reexaminaríamos certamente a situação assim que um fato novo se produzisse.

O embaixador da França procurou provar a influência que a decisão da Inglaterra poderia ter sobre a decisão da Alemanha e o ministro se tornou um pouco menos indeciso, mas ainda se recusando ao engajamento ele escreveu em 31 de julho:

Hoje, o Sr. Cambon fez alusão a um telegrama proveniente do embaixador da França em Berlim.

Esse telegrama afirmava que a incerteza a respeito de nossa intervenção constituía um encorajamento para Berlim. Bastaria que nós consentíssemos em declarar, de uma maneira precisa, nossa resolução em nos colocar ao lado da Rússia e da França, para determinar em favor da paz a atitude da Alemanha.

... Eu expliquei ao Sr. Cambon que, na reunião do conselho dos ministros de hoje, nós decidimos, no momento, por um não engajamento definitivo. Nós submetemos nossa política ao Parlamento, mas nós não podemos envolver o Parlamento antecipadamente. Até o presente, nem o gover-

no nem a opinião pública estão convencidos de que uma intervenção por parte deste país se imponha, em virtude de um tratado ou de uma obrigação qualquer. Desenvolvimentos ulteriores poderiam modificar a situação e levar o governo e o parlamento a considerar que uma intervenção seria justificada. A proteção da neutralidade da Bélgica poderia particularmente ter uma influência, eu não diria decisiva, mas pelo menos importante sobre a orientação de nossa política.

... O Sr. Cambon repetiu sua questão: se nós apoiaríamos a França em caso de ataque da Alemanha.

Eu lhe disse que não podia fazer outra coisa que me ater à resposta já dada e que, no estado em que estavam as coisas, era impossível tomar algum partido.

O embaixador da Alemanha recusou assegurar a neutralidade da Bélgica e Sir Edward Grey escreveu em 1º de agosto:

Eu disse hoje ao embaixador da Alemanha que a resposta do governo alemão com relação à neutralidade da Bélgica era muito lamentável, pois na Inglaterra a opinião pública se interessava por essa neutralidade. Se a Alemanha pudesse dar uma certeza análoga àquela já dada pela França, a este respeito, isso contribuiria de maneira apre-

ciável para diminuir aqui a inquietude e a tensão. Por outro lado, se um dos beligerantes viesse a violar a neutralidade belga, enquanto o outro a respeitasse, seria extremamente difícil conter a emoção pública na Inglaterra.

Como se vê, o ministro inglês começava a ser tocado. Seus sentimentos de pacifismo a todo custo se transformavam. Por um despacho de 2 de agosto, o embaixador da França em Londres pôde comunicar a seu governo:

Ao sair do Conselho de Ministros desta manhã, Sir Edward Grey me fez a seguinte declaração:

"Estou autorizado a assegurar que se a frota alemã penetrar na Mancha ou atravessar o Mar do Norte a fim de empreender operações de guerra contra a costa francesa ou a marinha mercante francesa, a frota britânica dará toda a proteção em seu poder."

"Esta segurança é naturalmente dada sob a condição de que a política do governo de Sua Majestade seja aprovada pelo Parlamento britânico e não deve ser considerada como uma obrigação do governo de Sua Majestade de agir até a eventualidade, já mencionada, de uma ação produzida pela frota alemã."

Isso foi apenas um começo. A Inglaterra não declarou guerra à Alemanha, mas ela prometeu à marinha mercante francesa a proteção de sua frota. Se a Inglaterra tivesse permanecido nisso a Alemanha teria simplesmente se abstido de atacar as costas francesas ou nossos navios mercantes, para não provocar as represálias britânicas.

Mas os sentimentos do ministro inglês continuaram a evoluir. Em 4 de agosto, o ministro da Inglaterra em Bruxelas, tendo recebido instruções, escreveu ao governo belga:

> *Estou encarregado de informar o governo belga que se a Alemanha exerce uma pressão com o objetivo de obrigar a Bélgica a abandonar seu papel de país neutro, o governo de Sua Majestade espera que a Bélgica resista por todos os meios possíveis.*
>
> *O governo de Sua Majestade britânica, neste caso, está pronto a se juntar à Rússia e à França, se a Bélgica desejar, para oferecer ao governo belga, sem demora, uma ação comum com o objetivo de resistir às medidas de força empregadas pela Alemanha contra a Bélgica e, ao mesmo tempo, oferecer uma garantia para a manutenção da independência e a integridade da Bélgica no futuro.*

Os dados estavam jogados. A Inglaterra não podia mais recuar e, em 4 de agosto, o embaixador da França em Londres teve a satisfação, tão esperada, de poder telegrafar a seu governo:

Sir E. Grey me pediu que fosse vê-lo por um instante para me dizer que o primeiro-ministro declarou hoje na Câmara dos Comuns que a Alemanha tinha sido convidada a retirar seu ultimato à Bélgica e a dar sua resposta à Inglaterra esta noite antes da meia-noite.

A Alemanha, convencida da neutralidade da Inglaterra, ficou consternada com essa decisão. Suas tropas já tinham invadido a Bélgica e ela dificilmente poderia voltar atrás. As lamentações do chanceler da Alemanha e sua aflição são fielmente traduzidas num relatório redigido pelo embaixador da Inglaterra em Berlim:

Eu encontrei o chanceler muito agitado.

Sua excelência começou logo uma arenga que durou em torno de vinte minutos. Ele disse que a medida tomada pelo governo de Sua Majestade britânica era terrível ao máximo; tudo por uma palavra __ "neutralidade", uma palavra que em tempos de guerra não era tão frequentemente levada em conta __ tudo por um pedaço de papel. A Grã Bretanha ia fazer a guerra a uma nação aparentada a ela, que só desejava ser sua amiga. Todos os seus esforços nesse

sentido tinham sido, continuou ele, tornados inúteis por essa última e terrível medida. A política a qual, como eu o sabia, ele tinha se dedicado desde sua chegada ao poder, havia caído por terra, como um castelo de cartas. Ele exclamou que o que nós havíamos feito era inconcebível; era como atacar por trás um homem no momento em que ele defendia sua vida contra dois assaltantes. Ele responsabilizava a Grã Bretanha por todos os terríveis acontecimentos que poderão se produzir. Eu protestei com força contra essa declaração e disse que, da mesma maneira que ele e Herr Von Jagow desejavam me fazer compreender que, por razões estratégicas, era para a Alemanha um assunto de vida ou morte, avançar através da Bélgica e violar sua neutralidade, da mesma maneira eu desejava que ele compreendesse que era, por assim dizer, um assunto de "vida ou morte" para a honra da Grã-bretanha, seu engajamento solene em caso de ataque, para defender a neutralidade da Bélgica.

É, eu insisti, simplesmente necessário ter esse pacto solene, sem o qual que confiança se poderia ter nos futuros engajamentos da Grã Bretanha?Ao me despedir dele ele me disse que o golpe que a Grã-bretanha daria na Alemanha ao se unir a seus inimigos seria tão mais violento que, quase ao último momento, ele e seu governo haviam trabalhado

conosco e apoiado nossos esforços com vistas à manutenção da paz entre a Áustria e a Rússia. Eu respondi que o que era mais trágico era ver duas nações levantarem a guarda precisamente no momento em que as relações entre elas eram as mais amigáveis e mais cordiais que elas jamais tiveram em anos.

Nesse dramático despacho, que mostramos um fragmento, ficam claras as diferenças de concepção do direito que separam tão profundamente o alemão do inglês. A incompreensão entre os dois interlocutores era total. "O pedaço de papel", de uma importância colossal para um, não possuía nenhum para o outro.

§2. Transformação da opinião pública inglesa no momento da guerra.

Vimos como se transformou em alguns dias a vontade pacífica do ministério inglês. Essa evolução foi naturalmente aceita pelo rei e o Parlamento, sem o consentimento dos quais teria sido impossível declarar a guerra.

Os acontecimentos tornaram a mudança de opinião do ministério muito rápida. Mas como ela iria ser acolhida por uma população tão pacifista e pouco informada das negociações da chancelaria?

Esse ponto aparecia como de uma extrema importância, pois na Inglaterra a opinião pública é toda poderosa.

Era preciso então conquistá-la. Os ministros __ através de seus discursos em público __ e a imprensa, se empenharam nisso com coragem.

A tarefa poderia parecer difícil. Tratava-se de persuadir a nação a tomar parte numa guerra europeia por causa de um insignificante e pequeno país balcânico, que ela mal conhecia de nome. Impor isso a ela sem explicação teria sido impossível.

Um empreendimento tal demandaria um conhecimento aprofundado da alma inglesa para ter sucesso.

Os ministros conseguiram isso falando ao público não de seus interesses materiais, mais de sua dignidade nacional e de sua honra, ou seja, do respeito a seus compromissos, ao qual deve se ater um grande povo.

Desde o século XIV, a política inglesa com relação aos Países Baixos se limitou à manutenção de pequenos Estados amigos da Inglaterra e interpostos entre as Ilhas Britânicas e as grandes potências da Europa central. Como extensão dessa política, a Inglaterra havia garantido, por escrito, a neutralidade da Bélgica. “Se tivéssemos deixado que a violassem”, disse Lloyd George, “o eco de nossa vergonha jamais teria deixado de ecoar através das eras”.

Só podemos reproduzir aqui curtos fragmentos dos discursos pronunciados a esse respeito pelos ministros ingleses, em várias reuniões públicas.

Eis primeiro como se exprimiu o Sr. Asquith, em 4 de setembro de 1914:

> *Eu vos pergunto e pergunto ao mundo, qual teria sido nossa situação como nação hoje se, por timidez, por não sei qual falso cálculo de interesse, por uma paralisia do senso de honra e do dever, nós tivéssemos sido tão vis, para trair nossa palavra e enganar nossos amigos?...*
>
> *... Que contas teríamos prestado, nós o governo e o povo deste país, ao tribunal da consciência nacional e de nossa honra, se, ao desafio de nossas obrigações solenemente aceitas, nós não tivéssemos feito tudo para impedir __ sim; e para vingar __ esses intoleráveis crimes?*
>
> *De minha parte, eu digo que, antes de permanecer testemunha silenciosa __ melhor dizer, cúmplice voluntário __ desse triunfo trágico da força sobre o direito, da brutalidade sobre a liberdade, eu gostaria muito mais ver ser riscado da história este país que nós habitamos.*

Citamos ainda alguns extratos de um discurso pronunciado pelo Sr. Lloyd George, em 19 de setembro de 1914:

... Não há ninguém nesta sala que tenha considerado a perspectiva de uma grande guerra com mais distanciamento, com mais repugnância que eu jamais tenha feito em toda minha vida política. Não há ninguém, nem nesta sala nem fora desta sala que, mais que eu, tenha a convicção que nós não podemos evitá-la sem a desonra nacional...

A honra nacional é uma realidade e toda nação que a desconhece está condenada. E porque nossa honra nacional está envolvida nessa guerra? Em primeiro lugar porque estamos ligados a um compromisso de honra em defender a independência, a liberdade, a integridade de um pequeno país vizinho que vivia pacificamente e que não poderia nos obrigar a isso porque era fraco.

Fazendo alusão em seguida ao tratado assinado pela Prússia e que ela viria a rasgar simplesmente por interesse, o ministro mostrou que a existência dos povos repousa no respeito aos pedaços de papel.

Como as Letras de Câmbio, que colocam em movimento grandes navios carregados com milhares de cargas preciosas, vagando de uma ponta a outra do mundo. O que está então, por detrás desses navios, a força motriz que os

impulsiona? A honra dos negociantes. Os tratados são a moeda corrente da política internacional.

A divergência entre o ponto de vista alemão e o ponto de vista inglês estava justamente na compreensão diferente da honra pelos dois povos. Diz o Sr. Lloyd George:

Os alemães podem compreender a vingança, eles podem compreender que se bata pela busca ávida de territórios; eles não podem compreender que um grande império mobilize seus recursos, mobilize seu poderio, mobilize a vida de seus filhos, mobilize até sua existência para proteger uma pequena nação que só procura se defender.

§3. O papel da violação e da devastação da Bélgica sobre a opinião pública inglesa e o alistamento dos voluntários.

Os argumentos de ordem racional tocam pouco as massas, os de ordem sentimental ou mística sempre as impressiona. Se a opinião inglesa se tornou absolutamente unânime em favor da guerra não foi totalmente por causa da violação da Bélgica, mas pela devastação feroz de suas cidades, dos incêndios de seus monumentos e do massacre de seus habitantes, que se seguiu a ela.

A invasão da Bélgica aconteceu, aliás, com formas pérfidas que chocaram violentamente o caráter inglês.

Na manhã mesma do dia em que a Alemanha violaria seus compromissos, o ministro que a representava em Bruxelas ainda manifestava o respeito de seu governo por essa neutralidade. O ministro dos assuntos estrangeiros de Bruxelas encontra, em 2 de agosto, o ministro da Alemanha em Bruxelas, que lhe diz que "até o presente ele não havia sido encarregado de nos fazer uma comunicação oficial, mas que nós conhecíamos sua opinião pessoal sobre a segurança com a qual tínhamos o direito de considerar nossos vizinhos do leste".

> *Eu imediatamente respondi que tudo o que nós conhecíamos das intenções deles, intenções indicadas nas múltiplas conversas anteriores, não nos permitia duvidar de sua perfeita correção com relação à Bélgica; eu tinha, no entanto, que acrescentar que nós teríamos em grande apreço a posse de uma declaração formal que a nação tomaria conhecimento com alegria e reconhecimento.*

Na noite desse mesmo dia, às 19 horas, o mesmo ministro da Alemanha remetia à Bélgica o ultimato que solicitava a passagem das forças alemãs sobre o território belga.

Percebe-se facilmente, após atos de tão astuciosa perfídia, que os diplomatas tinham uma desconfiança completa por suas recíprocas palavras. É preciso reconhecer que os simples particulares empregam um pouco mais de boa fé em suas relações.

Veremos em breve que essa desconfiança extrema dos governos, uns em relação aos outros, com respeito a seus compromissos, figuram entre as causas mais ativas da guerra.

Sabe-se com que ferocidade a Alemanha devastou a Bélgica, massacrando sem piedade seus habitantes[16]. Seu objetivo era, conforme os princípios de seu estado-maior, aterrorizar a população e evitar toda resistência.

Aqui, mais uma vez, os alemães cometeram um desses erros psicológicos dos quais eles se mostraram tão pródigos. Seu cálculo estava errado, pois, longe de destruir a resistência, o único resultado de suas violências foi provocar a indignação da Inglaterra.

[16] O êxodo desses infelizes belgas, fugindo de sua pátria devastada, levantou contra a Alemanha todos os países neutros, inclusive aqueles, como a Suíça, que mostravam primitivamente simpatias pela Alemanha. Em toda parte eles foram acolhidos com a mais profunda simpatia. Eis como se expressou a este respeito o **Journal de Genève**: "Um admirável e emocionante impulso de caridade se apoderou da população de Genebra, com a narração das atrocidades e das devastações sem exemplo na história, cometidas pelos alemães na Bélgica. Todos os dias, há uma semana, desembarcam aqui infelizes valões e flamengos cujos lares foram queimados, saqueados, pilhados. Todos se apressam em recebê-los, em abrigá-los, em adotá-los, seja uma criança, um velho, uma pobre mulher, ignorando tudo o que eles tiveram que abandonar ou que perderam na confusão desordenada de uma fuga frenética. Há misérias pavorosa, angústias inconcebíveis para aliviar".

Esse sentimento fez brotar do solo britânico 2 milhões de voluntários que nada os obrigava a pegar em armas.

Lembremos com que pobre maneira o chanceler do império explicou diante do Reichstag a violação da Bélgica. Foi pela teoria dos historiadores alemães, exposta num outro capítulo, de que um Estado não tem que levar em conta os tratados que os prejudicam.

"A necessidade não conhece leis".

CAPÍTULO IV

Os papéis da Alemanha, da Áustria, da Prússia e da França, durante o período das negociações.

§1. Tentativas da Rússia e da França para evitar a guerra.

Sumário

A França não estava de maneira alguma preparada para a guerra e a Rússia muito menos. Esta última tentava estender sua pobre rede de estradas de ferro, mas estas melhorias permanecem ainda no estado de projetos.

Nenhum dos dois países poderia então desejar a guerra. Foi mesmo a convicção de sua abstenção que determinou, eu repito, a Áustria a se mostrar tão intratável.

Tal intransigência colocou a Rússia num grande embaraço. Para evitar a guerra ela já havia deixado, alguns anos antes, a Áustria se apoderar da Bósnia. Se ela lhe permitisse esmagar os eslavos da Sérvia, todo seu prestígio não estaria perdido nos Bálcãs? De concessões em concessões, ela se resignou no entanto, quando a Alemanha lhe dirigiu uma ordem inaceitável.

Desde o início das negociações a Rússia se mostrou bem conciliadora. O embaixador da Inglaterra em São Petersburgo escreveu em 25 de julho:

> *Se a Sérvia apelasse para as potências, a Rússia estaria pronta a manter a distância e a deixar a questão nas mãos da Inglaterra, da França, da Alemanha e da Itália.*
>
> *Seria possível, em nossa opinião, que a Sérvia propusesse submeter a questão à arbitragem.*

O mesmo embaixador parece ter tido da questão uma visão bem nítida e ao mesmo tempo bem profética, quando escreveu:

> *A ação da Áustria visava na realidade a Rússia. A Áustria queria derrubar o "status quo" atual nos Bálcãs e nele estabelecer sua própria hegemonia. O Sr. Sazonoff não acreditava que a Alemanha desejasse realmente a guerra; mas sua atitude seria decidida pela nossa. Se nós nos aliássemos firmemente à França e à Rússia, não haveria guerra.*

Se nós lhes faltássemos nesta hora, haveria uma vasta efusão de sangue e no fim nós estaríamos ainda assim envolvidos na guerra.

Destaca-se a precisão destas últimas linhas. Recusando-se a se envolver claramente e em prometer seu apoio material, a Inglaterra fez a Alemanha acreditar que ela permaneceria neutra e pode-se perguntar se esta atitude não contribuiu para a guerra. O mesmo embaixador explica claramente, sempre na data de 25 de julho, as intenções da Rússia:

Sua excelência respondeu que a Rússia não permitiria à Áustria esmagar a Sérvia e se tornar a potência preponderante nos Bálcãs e se a Rússia se sentisse segura do apoio da França ela não recuaria diante dos riscos da guerra. O Sr. Sazonoff me assegurou mais uma vez que ele não desejava precipitar um conflito, mas, a menos que a Alemanha contivesse a Áustria, eu poderia considerar a situação como desesperada.

Esta linguagem afirmativa não durou muito tempo. A Rússia entrou rapidamente na via das concessões as mais pacíficas. Em 25 de julho o embaixador da França em São Petersburgo telegrafou a seu governo:

Um conselho de ministros acontecerá amanhã sob a presidência do imperador.O Sr. Sazonoff mantém toda moderação: "É preciso evitar tudo o que poderia precipitar a crise. Eu estimo que, mesmo se o governo austro-húngaro passasse à ação contra a Sérvia, nós não deveríamos romper as negociações".

As intenções indulgentes da Rússia são bem marcadas ainda num despacho do embaixador da França em Roma, na data de 26 de julho:

O Sr. Sazonoff disse ontem ao embaixador da Itália em São Petersburgo que a Rússia usaria todos os meios diplomáticos para evitar o conflito e que ela não renunciaria à esperança de que uma mediação poderia levar a Áustria a uma atitude menos intransigente; mas que não se poderia, no entanto, lhe pedir que deixasse a Sérvia ser esmagada.

A mesma vontade conciliadora está mais uma vez indicada no despacho seguinte do embaixador da França em São Petersburgo, na data de 26 de julho:

O ministro dos negócios estrangeiros continua com uma louvável perseverança em buscar os meios de fazer

prevalecer uma solução pacífica. Ele me declarou que: "Até o último instante eu me mostrarei pronto a negociar".

Fortemente desejoso de evitar uma guerra, o governo russo se mostra pronto para todas as transações. O ministro dos negócios estrangeiros da Rússia escreveu em 27 de julho:

Se as negociações diretas com o Gabinete de Viena forem irrealizáveis eu estou pronto a aceitar a proposição inglesa ou qualquer outra, de maneiras a resolver favoravelmente o conflito.

Infelizmente, a Áustria, convencida da neutralidade da Rússia pelas suas próprias concessões, acreditou que não arriscaria nada fazendo guerra à Sérvia. O governo russo respondeu à decisão da Áustria com uma mobilização parcial, notificada em 28 de julho, a seu embaixador em Berlim, nos seguintes termos:

Após a declaração de guerra feita pela Áustria à Sérvia, o governo imperial anunciará amanhã (29 de julho) a mobilização das zonas militares de Odessa, Kieff, Moscou e Kazan. Queira informar o governo alemão, lhe confirmando que a Rússia não tem qualquer intenção agressiva contra a Alemanha.

A Rússia não abandonou, no entanto, toda perspectiva de paz. O ministro dos negócios estrangeiros telegrafou na mesma data:

É evidente que a declaração de guerra feita pela Áustria põe fim à ideia de comunicações diretas entre a Áustria e a Rússia. Agora é da máxima urgência que o Gabinete de Londres aja para pôr em marcha a mediação, a fim de fazer suspender as operações militares da Áustria.

A menos que se pare essas operações, a mediação só faria deixar as coisas se arrastarem e dar à Áustria o tempo de esmagar a Sérvia.

Após as instruções serem recebidas, o embaixador da Rússia em Viena fez, junto ao governo austríaco, uma nova tentativa. Ele registra seu insucesso no despacho seguinte, datado de 28 de julho:

... O governo austro-húngaro, que mal havia decidido pelas medidas enérgicas contra a Sérvia, não poderia nem recuar nem discutir nenhum dos termos da nota austro-húngara.

O Conde Berchtold acrescentou que a crise havia se tornado tão aguda e que a excitação da opinião pública havia atingido um tal grau, que o governo, mesmo se quisesse,

não poderia consentir com outra coisa. A menos que a resposta da Sérvia desse prova de falta de sinceridade de suas promessas para o futuro.

O governo russo se recusava, no entanto, em perder toda esperança. Em 29, nosso embaixador em São Petersburgo telegrafou para Paris:

Desde já eu estou em condições de assegurar a Vossa Excelência que o governo russo concorda com todos os procedimentos que a França e a Inglaterra lhe propuserem para salvaguardar a paz. Meu colega da Inglaterra telegrafou nos mesmos termos a Londres.

Infelizmente, o gabinete de Viena se mostrava cada vez menos conciliador. Vendo a situação se agravar a cada instante, o ministro dos negócios estrangeiros russo coloca sua última chance na intervenção da Inglaterra e telegrafou a seu embaixador em Londres, em 29:

Só nos resta deixar inteiramente ao governo britânico a iniciativa das negociações que se julgue útil fazer.

A Alemanha, que estava bem hesitante a princípio, parece nessa data decidida pela guerra. O embaixador da França telegrafou a seu governo, em 30 de julho:

Numa audiência que manteve esta tarde com o Conde de Pourtalès, o Sr. Sazonoff se convenceu de que a Alemanha não quer pronunciar a palavra decisiva que salvaguardaria a paz. O imperador Nicolau teve a mesma impressão numa troca de telegramas que manteve pessoalmente com o imperador Guilherme. Por outro lado, o estado-maior e o almirantado russos receberam inquietantes informações sobre os preparativos do exército e da marinha alemães.

Ao me repassar estas informações, o Sr. Sazonoff acrescentou que o governo russo não diminuiu seus esforços de conciliação. Ele me repetiu: "Até o último instante eu negociarei".

Mesmo esforço por parte do tsar. O embaixador da França telegrafou no dia 30 uma conversação com o ministro dos negócios estrangeiros da Rússia, em que ele diz:

O imperador Nicolau tem um desejo tal de conjurar a guerra que eu vos faço, em seu nome, uma nova proposta: "Se a Áustria reconhecer que seu conflito com a Sérvia assumiu o caráter de uma questão de interesse europeu, se declarar pronta a eliminar de seu ultimato as causas que atinjam a soberania da Sérvia, a Rússia se encarrega de cessar todas as medidas militares".

Era, infelizmente, muito tarde. A Áustria não cedeu e, em 31 de julho, o embaixador da Inglaterra telegrafou a seu governo:

> *Foi decidido dar ordens para a mobilização geral. Esta decisão foi tomada em consequência de um relatório recebido do embaixador russo em Viena, segundo o qual a Áustria se decidiu a não recorrer à intervenção das potências e pôs em movimento suas tropas contra a Rússia, bem como contra a Sérvia. A Rússia tem também razões de acreditar que a Alemanha faz preparativos militares e ela não pode se deixar ultrapassar.*

"Não se deixar ultrapassar". Guardemos o sentimento de desconfiança que traduz esta frase. Ela tornaria a guerra inevitável.

O ministro dos negócios estrangeiros da Rússia, o Sr. Sazonoff, foi enfim obrigado a renunciar a toda esperança de paz. Ele expressou sua impotência numa conversa, que nosso embaixador telegrafou a Paris, em 1º de agosto:

> *O Sr. Sazonoff se declarou esgotado em seus esforços incessantes para evitar a guerra. Jamais ele havia se oposto a uma proposição qualquer, considerando algo que fosse inadmissível. Ele tinha aceitado a proposição de uma conferência a quatro; ele tinha aceitado a proposição de uma*

mediação pela Inglaterra e a Itália; ele tinha aceitado a proposição de uma conversação direta entre a Áustria e a Rússia; mas sempre __ seja por respostas evasivas, seja por recusas formais __ a Alemanha e a Áustria-Hungria tinham tornado vãs todas as tentativas feitas em favor da paz.

Poder-se-ia objetar certamente que a Rússia teria evitado a guerra não tentando se interpor entre a Áustria e a Sérvia. Ela já tinha suportado a conquista da Bósnia pela Áustria; porque não aceitaria a da Sérvia? Trata-se aqui, evidentemente, de questões de sentimentos e de prestígio dos quais alguém estranho a esses sentimentos não poderia falar com competência. Deve-se acreditar que a conquista da Sérvia pela Áustria prejudicaria extremamente os interesses da Rússia, já que, para evitar isso, ela deixou a Europa se engajar numa terrível guerra.

O ponto de vista russo se acha, aliás, nitidamente marcado por esta reflexão do embaixador da Inglaterra na Rússia, telegrafada a seu governo em 1º de agosto:

Um domínio austríaco na Sérvia seria evidentemente tão intolerável para a Rússia quanto para a Inglaterra um domínio alemão nos Países Baixos.

§2. Desejo da Alemanha em localizar o conflito. Suas hesitações, até o último momento, em provocar uma guerra geral.

Às vezes é muito difícil diagnosticar com certeza as causas reais das ações humanas. Seus próprios autores nem sempre as conhecem. É forçoso então se ater a probabilidades.

Dos documentos publicados até aqui parece resultar que a Alemanha não queria a guerra e se decidiu por ela apenas no último momento, por razões que buscaremos esclarecer num outro capítulo. Se ela se mostrou pouco preocupada em moderar a intransigência da Áustria foi, sem dúvida, por causa de sua certeza de que as potências da Tríplice Entente não interviriam. O governo germânico achou então, sem risco, uma nova ocasião de humilhar a Rússia, como já tinha feito facilmente a Áustria com a conquista da Bósnia.

Uma vez compreendida essa intenção, explica-se facilmente a prescrição da Alemanha a seus embaixadores para que insistissem, junto às potências, para que o conflito permanecesse localizado entre a Áustria e a Sérvia.

Eis o que escreveu, em 22 de julho, o encarregado dos negócios ingleses em Berlim:

Ontem à noite, eu encontrei o secretário de Estado dos negócios estrangeiros. Ele insistiu que a solução da questão em jogo pertencia unicamente à Sérvia e à Áustria-Hungria e que não deveria haver nenhuma intervenção estrangeira nas discussões entre esses dois países.

Mesma interpretação em Paris. Nosso ministro dos assuntos estrangeiros escreveu em 24 de julho:

O embaixador da Alemanha chamou particularmente minha atenção sobre os dois últimos parágrafos de sua Nota, indicando com insistência, antes de os ler, que isso era o ponto capital. Eu anotei literalmente o seguinte texto:

"O governo alemão estima que a questão atual é um assunto a ser tratado exclusivamente entre a Áustria-Hungria e a Sérvia e que as potências têm o maior interesse em restringi-lo às duas partes interessadas.

"O governo alemão deseja ardentemente que o conflito seja localizado e toda intervenção de uma outra potência, por causa do jogo natural das alianças, deve provocar consequências incalculáveis".

Nessa data o governo alemão parecia realmente tender a localizar o conflito. O encarregado de negócios da Inglaterra em

Berlim, relatando sua conversa com o ministro da Alemanha, escreveu:

> *Ele disse ter dado a entender ao governo russo que a Alemanha não queria, a nenhum preço, uma guerra geral e que faria o possível para impedir uma tal calamidade. Se as relações entre a Áustria e a Rússia se tornassem ameaçadoras, ele estava pronto a se render a vossa proposta de fazer trabalhar em conjunto as quatro potências em favor da moderação em Viena e em São Petersburgo.*

A Alemanha parecia muito se ater a que a Rússia não interviesse. O ministro dos negócios estrangeiros francês indica isso no despacho aqui mostrado, de 26 de julho, a seus embaixadores:

> *O embaixador da Alemanha me fez esta tarde uma comunicação solicitando uma intervenção da França junto à Rússia, num sentido pacífico. A Áustria me disse ter declarado à Rússia que não perseguia nem o crescimento territorial, nem atingir a integridade do reino Sérvio; sua única intenção é assegurar sua própria tranquilidade e policial.*
>
> *É das decisões da Rússia que depende que uma guerra seja evitada; a Alemanha se sente solidária com a França no ardente desejo de que a paz possa ser mantida e na firme*

esperança de que a França usará de sua influência no sentido de apaziguar Petersburgo.

Mesma negociação em Londres. Sir Edward Grey escreveu em 27 de julho:

O embaixador da Alemanha me informou que o governo alemão aceita, em princípio, a mediação entre a Áustria e a Rússia pelas quatro potências, reservando-se, bem entendido, em sua qualidade de aliada, o direito de ajudar a Áustria, se ela fosse atacada. Ele também recebeu instruções para me solicitar o uso de minha influência em São Petersburgo para localizar a guerra e manter a paz da Europa.

Enquanto solicitava uma intervenção junto à Rússia, a Alemanha considerava que as dificuldades da Áustria com a Sérvia não podiam ser submetidas a um tipo de tribunal estrangeiro. O embaixador da Inglaterra em Berlim telegrafou em 27 de julho:

O secretário de Estado diz que a conferência proposta equivaleria, em suma, a uma corte arbitral e, na sua opinião, só poderia ser convocada com a solicitação da Áustria e da Rússia. Ele declarou então não poder concordar com

vossa proposição, apesar de seu desejo de cooperar para a manutenção da paz.

A Áustria se furtava, aliás, a qualquer influência estrangeira. O embaixador da Inglaterra em Viena telegrafou em 28 de julho:

O ministro dos assuntos estrangeiros declara com calma, mas com firmeza, que não pode aceitar nenhuma discussão sobre a base da nota sérvia; a guerra seria declarada hoje e a justiça e a necessidade dessa guerra deveriam ser consideradas como provadas pelo caráter do imperador, notoriamente pacífico e, ele se permitia acrescentar, pelo seu próprio. Era uma questão a ser tratada entre as duas partes imediatamente interessadas.

O governo alemão parecia, no entanto, sempre desejoso pela manutenção da paz. O embaixador da Inglaterra em Berlim telegrafou no dia 28 de julho:

Sobre o convite do chanceler imperial, eu verei sua excelência esta noite. Ele me solicitou que lhe fizesse saber de seu desejo de trabalhar de acordo com a Inglaterra pela manutenção da paz geral, como pudemos fazer durante a última crise europeia. Ele não pôde aceitar vossa proposta de uma conferência dos representantes das grandes potências,

porque tal conferência teria, em sua opinião, um ar de "areópago", composto de duas potências de cada grupo e que se reuniam para julgar as duas outras potências; mas a impossibilidade em que se encontrava de aceitar a conferência proposta não devia ser considerada como incompatível com seu grande desejo de nos prestar uma cooperação efetiva.

Vós podeis estar certo de que ele estava em vias de fazer o seu melhor, tanto em Viena quanto em São Petersburgo, para levar esses dois governos a examinar em conjunto a situação, de uma maneira direta e amigável.

Infelizmente, essas boas intenções não duraram. As temíveis determinações da Alemanha estavam a ponto de serem tomadas, pois o embaixador da França em São Petersburgo telegrafou no dia 29:

O embaixador da Alemanha declarou ao Sr. Sazonoff que se a Rússia não parar com seus preparativos militares o exército alemão receberá ordem para se mobilizar. O Sr. Sazonoff respondeu que os preparativos russos são motivados: por um lado, pela intransigência obstinada da Áustria; por outro lado, pelo fato de que oito unidades austro-húngaras já estão mobilizadas.

O tom dado pelo Conde de Pourtalés à notificação fez o governo russo se decidir, nesta mesma noite, a ordenar a mobilização de treze unidades destinadas a operar contra a Áustria.

A Alemanha hesitou, no entanto, mais uma vez. O embaixador da Inglaterra em Viena escreve em 30 de julho:

O embaixador francês fica sabendo de Berlim que o embaixador alemão em Viena recebeu instruções de falar seriamente com o governo austro-húngaro para que ele não agisse de uma maneira suscetível de provocar uma guerra europeia.

Infelizmente, o embaixador alemão está ele mesmo tão identificado com os sentimentos extremos anti-Sérvia e anti-Rússia, que prevalecem em Viena, que é pouco provável que ele trabalhe pela causa da paz com inteira sinceridade.

Dos esforços que teriam sido feitos pela Alemanha junto à Áustria encontram-se bem poucos traços na correspondência diplomática. Foi somente após mais de um ano de guerra que, em seu discurso no Reichstag, em agosto de 1915, o chanceler deu as seguintes indicações:

Eu telegrafei à Viena, para o Sr. Tachirachky: "Não podemos exigir da Áustria que ela negocie com a Sérvia, com a qual ela se encontra em estado de guerra, mas a recusa a toda mudança de opinião, como Petrogrado, seria uma grave falta. Estamos, sem dúvida, prontos a cumprir com nossos deveres de aliados, mas devemos nos recusar a nos deixar entrar em uma conflagração geral, pela não-observação de nossos conselhos por parte da Áustria-Hungria.

... Foi unicamente pela mobilização russa que a guerra se tornou inevitável.

Essas explicações foram bem tardias. Elas só contêm, sem dúvida, pequenos fragmentos de verdade. Já se disse, com razão: "Se os governos dissessem a verdade, nada mais do que a verdade, não haveria mais diplomacia e, talvez, guerras".

Todas as declarações da Alemanha durante as negociações diplomáticas tinham por objetivo único ganhar tempo? O despacho seguinte, enviado de São Petersburgo em 30 de julho, pelo embaixador da Inglaterra, parece provar que o embaixador da Alemanha não pensava assim:

Às duas horas da manhã, o embaixador da Alemanha teve uma nova audiência com o ministro dos assuntos es-

trangeiros e parecia absolutamente tomado pela emoção ao se dar conta de que a guerra era inevitável. Ele suplicou ao Sr. Sazonoff que fizesse uma proposta qualquer que ele pudesse telegrafar ao governo alemão como última esperança.

O Sr. Sazonoff redigiu então a seguinte fórmula que enviou ao embaixador da Alemanha:

"Se a Áustria, reconhecendo que seu conflito com a Sérvia tomou o caráter de uma questão de interesse europeu, se declara pronta a eliminar de seu ultimato os pontos que violam o princípio da soberania da Sérvia, a Rússia se compromete a parar seus preparativos militares".

Mas os acontecimentos marchavam mais rápidos do que os desejos dos diplomatas. A mobilização alemã foi anunciada aos jornais. Deve-se acreditar, no entanto, que a Alemanha hesitou mais uma vez, segundo o despacho enviado, em 30 de julho, pelo embaixador da França em Berlim:

Parece certo que o conselho extraordinário, acontecido ontem à noite em Potsdam, com as autoridades militares e sob a presidência do imperador, decidiu pela mobilização. É o que explica a preparação da edição especial do ***Lokal Anzeiger****, mas que, sob influências diversas (declaração da Inglaterra de que se reservava inteira liberdade de ação,*

troca de telegramas entre o tsar e Guilherme II), as graves medidas tomadas foram suspensas.

Elas não o foram por muito tempo. A hora fatal havia chegado. Em 2 de agosto o embaixador da França em São Petersburgo telegrafou ao governo francês:

O embaixador da Alemanha enviou ao Sr. Sazonoff, às 7 horas da noite, a declaração de guerra de seu governo; ele deixará Petersburgo hoje.

Em 3 de agosto, o embaixador da Alemanha levou ao ministério dos assuntos estrangeiros franceses a seguinte declaração:

As autoridades administrativas e militares alemãs constataram um certo número de atos de hostilidade caracterizada cometidas em território alemão por aviadores militares franceses. Estou encarregado e tenho a honra de fazer conhecer a Vossa Excelência que, em presença dessas agressões, o império alemão se considera em estado de guerra com a França, por causa desta última potência.

Tratava-se, bem entendido, de pretextos inteiramente inventados, mas, para vencer a França, antes que a Rússia estivesse pronta, era necessário lhe declarar a guerra imediatamente.

CAPÍTULO V

O papel dos sentimentos populares sobre a gênese da guerra.

§1. A importância da opinião pública.

Sumário

A opinião popular constitui, nos tempos modernos, uma força a qual nem mesmo os soberanos resistem.

Ela é criada lentamente e prepara as vontades inconscientes que precedem na maioria das vezes as vontades conscientes dos governantes.

Não se pode dizer que, na gênese da guerra atual, a opinião popular desempenhou um papel aparente. Ele foi, no entanto, real. Os diplomatas de diversos países __ da Áustria particularmente __ sempre a tiveram em grande conta. Na Inglaterra, país pacífico que se interessava muito pouco pela Sérvia, o governo teve que criar a opinião pública.

Eu já lembrei que fazer nascer um sentimento e depois propagá-lo de maneira a torná-lo coletivo é um dos fundamentos essenciais da política. Se os alemães manifestam atualmente contra seus inimigos um ódio tão feroz, foi porque o governo soube persuadi-los de terem sido atacados traiçoeiramente pela Inglaterra e

a Rússia, após um complô elaborado em surdina. Nos 70 milhões de alemães talvez não exista um só que não partilhe dessa convicção. Cinquenta anos pelo menos __ ou seja, o tempo necessário para o desaparecimento da atual geração __ sem dúvida se passarão, antes que a verdade, sobre este assunto, possa se estabelecer.

Para conseguir criar na Alemanha uma opinião coletiva contra a Inglaterra e a França, foram necessárias vontades individuais muito fortes, possuidoras de grandes meios de propaganda.

A ajuda prolongada da imprensa, das sociedades patrióticas, dos jornais, dos livros, das universidades, foi, com efeito, necessário durante vários anos.

Os jornais são em toda parte poderosos condutores, porque eles manipulam segundo sua vontade os verdadeiros fatores coletivos da opinião das massas: a afirmação, a repetição, a sugestão e o prestígio.

Mantendo-se pacífico o governo imperial favorecia esse movimento que lhe fornecia os pretextos para obter do Parlamento os impostos necessários para o crescimento das forças armadas. Tornando-as bastante temíveis, nenhuma potência pensaria em lutar contra a Alemanha e sua hegemonia se imporia desta forma sem guerra.

A experiência revelou o perigo dessa maneira de pensar e mostrou o quão rapidamente a opinião coletiva pode se tornar uma força que seus criadores não controlam mais.

A imprensa germânica desempenhou talvez o papel preponderante na preparação da opinião pública. O governo alemão e os grandes fabricantes de armas tinham todos os jornais influentes em suas mãos. Cada vez que o governo desejava aumentar os impostos destinados ao incremento de seus armamentos ou sua frota, ele fazia publicar artigos que asseguravam ao público que a França desejava atacar a Alemanha para conseguir sua revanche.

Mesmo que nem sempre se dê conta disso, a opinião pública representa uma vontade superior à dos soberanos e nada é suficientemente forte para combatê-la quando ela se pronuncia nitidamente.

No início da guerra os alemães pareciam fazer pouco caso da opinião dos neutros. Mas, logo após a devastação da Bélgica, a opinião universal se voltando contra eles, eles passaram a temê-la e trataram de se conciliar com ela, comprando ou criando jornais na maior parte dos países: Espanha, Itália, Turquia, América etc. Essa operação foi conduzida com a perseverança e o método que os germânicos dedicam a cada um de seus empreendimentos.

A ausência completa de psicologia e a incapacidade de compreender os sentimentos dos outros, lhes fizeram, aliás, cair em exageros que lhes retiraram toda a confiança de seus leitores.

§2. Os partidários da guerra na Alemanha.

Os alemães jamais tiveram muita simpatia pelos franceses, que invejaram por muito tempo, ao longo de nossa história. Nos últimos anos sua antipatia aumentou sob a influência de acontecimentos diversos, particularmente o caso do Marrocos. Habilmente explorados pela imprensa, esses conflitos contribuíram fortemente para excitar a opinião pública alemã contra nós.

Tal estado de espírito é bem marcado num documento publicado pelo **Livro Amarelo**. Nele se lê:

> *Descobrimos todos os dias o quanto são profundos e duráveis os sentimentos de orgulho ferido e de rancores contra nós, provocados pelos acontecimentos do último ano. O tratado de 4 de novembro de 1911 é uma profunda desilusão. O ressentimento observado em todas as partes do país é o mesmo. Todos os alemães, até os socialistas, querem pegar sua parte do Marrocos. Parecia, há um ou dois anos, que os alemães fossem partir para a conquista do mundo. Eles se achavam suficientemente fortes para que ninguém*

ousasse lutar contra eles. Possibilidades infinitas se abriam à indústria alemã, ao comércio alemão, à expansão alemã.

A opinião pública alemã acha que, para nossos 40 milhões de habitantes, temos um lugar ao sol realmente muito grande.

Mesmo que o partido da guerra contasse com muitos adeptos, o da paz contava com eles igualmente. Eis, a este respeito, um dos documentos publicados pelo **Livro Amarelo**:

A opinião pública alemã está dividida, sobre a eventualidade de uma guerra possível e próxima, em duas correntes.

Há no país forças de paz, mas desorganizadas e sem líderes populares. Elas consideram que a guerra seria um mal social para a Alemanha, que a guerra beneficiaria principalmente a Inglaterra.

Os partidários da guerra se dividem em várias categorias: cada um tira de sua casta, de sua classe, de sua formação intelectual e moral, de seus interesses, de seus rancores, razões particulares que criam um estado de espírito geral e que aumentam a força e a rapidez da corrente belicosa.

Uns querem a guerra porque ela é inevitável, dadas as circunstâncias atuais. E, para a Alemanha, é melhor cedo do que tarde.

Outros a consideram como necessária por razões econômicas provocadas pela superpopulação, pela superprodução, pela necessidade de mercados e oportunidades; ou por razões sociais: apenas o diversionismo no exterior pode impedir ou retardar a tomada do poder pelas massas democráticas e socialistas.

Outros, incertos sobre o futuro do império e acreditando que o tempo trabalha a favor da França, pensam que é preciso precipitar os acontecimentos.

Outros são belicosos por "bismarquismo", se é que se pode dizer assim. Eles se sentem humilhados por terem que discutir com os franceses, falar de direito e razão, nas negociações ou conferências em que eles nem sempre têm razão, enquanto que têm a força mais decisiva.

Outros querem a guerra por ódio místico contra a França revolucionária.

Enfim, fabricantes de canhões e de chapas de aço, grandes comerciantes que demandam cada vez mais mercados, banqueiros que especulam sobre a era do ouro e a pró-

xima indenização de guerra, pensam que a guerra seria um bom negócio.

A Universidade, exceção feita para algumas mentes ilustres, desenvolve uma ideologia guerreira. Os economistas demonstram com estatísticas a necessidade para a Alemanha em ter um império colonial e comercial que corresponda ao rendimento industrial do império.

Historiadores, filósofos, jornalistas políticos e outros apologistas da "deutsche kultur" querem impor ao mundo uma maneira de sentir e de pensar que seja especificamente alemã. Eles querem conquistar a supremacia intelectual que, de acordo com as mentes lúcidas, permanece com a França.

As mentes se acostumam em considerar a próxima guerra como um duelo entre a França e a Alemanha.

Todas as informações contidas nesse relatório parecem bem exatas. Mas eu não pude admitir que "as mentes se acostumam a considerar a próxima guerra como um duelo entre a França e a Alemanha".

A Alemanha via, com efeito, a Inglaterra como uma inimiga bem mais odiada e temida do que a França. Seu interesse em um dia lhe fazer a guerra era visível enquanto que ela não tinha nenhum em declará-la a nós. Destrói-se seus concorrentes, poupa-se

seus clientes. A França e a Rússia, que a Alemanha invadia cada vez mais comercialmente, haviam se tornado seus melhores compradores, uma fonte crescente de riqueza para suas indústrias e seus comerciantes.

Se a guerra com a França estivesse realmente de acordo com os interesses do governo alemão, várias ocasiões excelentes de fazê-la aconteceram , particularmente na época em que uma revolução deixava a Rússia inteiramente desarmada, após as derrotas no Japão.

O único concorrente temido pela Alemanha era a Inglaterra, cuja rivalidade entravava seus esforços em todos os pontos do globo.

Contra essa potência adversária, o ódio dos alemães crescia a cada dia. Sentindo-se os mais fracos eles permaneciam silenciosos, mas construindo febrilmente uma frota capaz de luta com a formidável marinha inglesa. Para realizar o sonho germânico de dominação das principais rotas comerciais do mundo apoderando-se de Antuérpia, foi preciso primeiro vencer a Grã-bretanha.

A frota alemã, destinada a triunfar sobre ela, ainda não havia sido comprada. A guerra foi declarada muito cedo para os interesses da Alemanha. Não há portanto nenhuma razão para acreditar que ela a queria, no momento em que diversas circunstâncias a fizeram explodir.

§3. Os sentimentos dos diversos países beligerantes durante as negociações diplomáticas e no momento da declaração de guerra.

A França e a Inglaterra receberam as ameaças de guerra e sua declaração como um mal inevitável que se deve sofrer.

Se nos reportarmos aos despachos diplomáticos, não foi a mesma coisa nos diversos países, principalmente naqueles que tinham motivos mais ou menos reais para se interessar pelo tema.

Parece mesmo que a perspectiva de guerra foi favoravelmente recebida na Alemanha, ao menos para os jornais. Eis o que escreveu, em 10 de julho, nosso representante na Baviera:

> *O governo imperial é apoiado pela opinião publica em qualquer assunto em que se envolva vigorosamente, mesmo com os riscos de um conflito. O estado de guerra, ao qual os acontecimentos do Oriente habituam as mentes há mais de dois anos, aparece não mais como uma catástrofe distante, mas como uma solução para as dificuldades políticas e econômicas que só fazem se agravar.*

De acordo com as informações que ele recebeu, nosso ministro de assuntos estrangeiros telegrafou a nossos agentes, em 26 de julho:

Produz-se uma verdadeira explosão de chauvinismo em Berlim. O imperador da Alemanha voltou diretamente para Kiel. O Sr. Jules Cambon estima que, com as primeiras medidas militares da Rússia, a Alemanha responderá imediatamente e não esperaria realmente um pretexto para nos atacar.

Realmente foi assim, com efeito.

A declaração de guerra parece, no entanto, ter provocado principalmente uma explosão de fúria e não de alegria.

Eu soube através do Sr. Cambon, nosso embaixador em Berlim, que, no trajeto de volta, o pessoal da embaixada e ele foram grosseiramente insultados nas estações de trem pelos passageiros alemães pertencentes a todas as classes da sociedade.

A opinião pública da Áustria, durante e após as negociações diplomáticas, parece ter sido igualmente, pelo menos na parte alemã da população, muito favorável à guerra. Entre austríacos e sérvios existia um desses ódios culturais que apenas torrentes de sangue podem, com muito custo, apagar.

Eis, a propósito, o que dizem os diplomatas. O embaixador da Inglaterra em Viena escreveu:

O povo austríaco atribuía sua causa ao fato de que indiscutivelmente lhe parecia inconcebível que houvesse um

outro povo para lhe barrar o caminho, ou que questões de política pura ou de prestígio fossem invocadas para impedir a necessidade gritante de uma vingança pelo crime de Sarajevo.

Nosso ministro dos assuntos estrangeiros telegrafou aos embaixadores:

A suposição mais favorável que se possa fazer é de que o gabinete de Viena, sentindo-se ultrapassado pela imprensa e pelos militares, procure obter o máximo da Sérvia através de uma intimidação preliminar direta e indireta e se apoie na Alemanha para essa ação.

O embaixador da Inglaterra em Viena registra, em diversos despachos, o entusiasmo do povo pela ideia de uma guerra com a Sérvia. Eis alguns extratos deles:

Este país está louco de alegria com a perspectiva de uma guerra com a Sérvia e experimentaria uma viva decepção se houvesse algum impedimento às hostilidades e isso frustrasse suas esperanças...

Assim que se soube da rejeição da resposta sérvia e da ruptura de relações com Belgrado, aconteceu em Viena

um "delírio de alegria". Até tarde da noite, massas circulavam pelas ruas entoando cantos patrióticos.

... É incontestável que a opinião pública acreditava só haver duas alternativas: sujeitar a Sérvia ou se resignar a ser, cedo ou tarde, desmembrado por ela.

Esse movimento de opinião pública explicaria muito bem a intransigência da Áustria com relação à Sérvia. Intransigência notada na seguinte passagem de um despacho do mesmo embaixador:

O governo austro-húngaro quer, a todo preço, a guerra com a Sérvia. Ele acredita que isso se deve à sua condição de grande potência e até que um castigo tenha sido infligido à Sérvia, é improvável que ele dê ouvidos a propostas de mediação.

Quanto à opinião da Rússia, é muito difícil conhecê-la. Os jornais só publicam o que o governo autoriza.

O povo russo conhecia muito pouco os austríacos, dos quais ouviam falar muito raramente. A opinião dita pública, foi provavelmente a de alguns altos funcionários, professores e intelectuais. Os despachos mostram muito pouco disso. Eis tudo o que eu pude extrair das correspondências diplomáticas:

Um despacho de 23 de julho, de Sir Edward Grey, fez alusão a uma fixação de prazo que "poderia inflamar a opinião pública na Rússia".

Num despacho de 26 de julho nosso ministro dos assuntos estrangeiros escreveu:

> *A opinião russa manifesta a impossibilidade política e moral para a Rússia de deixar a Sérvia ser esmagada.*

Em 27 de julho, o embaixador da França em Berlim disse:

> *É importante não se deixar criar na Rússia uma dessas correntes de opinião que carregam tudo.*

Mas, trata-se aqui de simples hipóteses. Afirmações tão vagas, que fazem alusão a probabilidades remotas, não permitem certamente conhecer a opinião dos russos a propósito da guerra.

Ficamos mais bem informados sobre o que se passou após a abertura das hostilidades. Os povos que menos compreendem por quais motivos eles devem perecer nos campos de batalha são geralmente os que manifestam mais entusiasmo no momento de uma declaração de guerra.

O entusiasmo dos camponeses russos foi, parece, muito grande, segundo um observador citado pelo Sr. de Wizewa:

Os camponeses partem para a frente de batalha com um entusiasmo incrível e as classes superiores da sociedade, que tinham sido, até a véspera, radicais ou conservadoras, os aclamam ao passarem, desejando-lhes sorte...

... A guerra libertou, em um só golpe, na Rússia, do fundo da alma nacional, todo tipo de preciosos poderes e virtudes que, sem essa ocasião providencial, arriscariam permanecer adormecidos para sempre.

De hábito os camponeses sentiam que não tinham nada para fazer além de beber; mas agora não é mais assim. Foi como se a guerra lhes tivesse dado uma verdadeira razão de existir e como se, na morte, eles tivessem encontrado o objetivo real de sua vida. Para o russo, ir para a guerra é oferecer seu corpo no altar do sacrifício.

E o fato é que, no esplêndido ardor dos soldados russos correndo para o inimigo, se percebe a exaltação alegre que agitava o coração dos antigos mártires que se lançavam rumo a uma morte repleta de glória...

CAPÍTULO VI

O papel da vontade dos três imperadores

§1. A vontade do imperador da Áustria. Dominantes psicológicos da política austríaca.

Sumário

Os secos despachos reproduzidos ao longo deste estudo nos levaram até à declaração da guerra, sem nos ter permitido ainda penetrar completamente em suas causas imediatas. É preciso agora tratar de ler um pouco mais a alma dos autores desse grande drama.

Com relação aos grandes acontecimentos, como as guerras, atribui-se, na maioria das vezes, aos chefes de Estado, uma influência que eles não possuem, ou só o possuem em pequeno grau. Sem dúvida que sua vontade consciente toma as decisões. Mas eles obedecem também, sem o saber, a uma vontade inconsciente criada por numerosas influências coletivas. O peso de tais sugestões se torna, em um certo momento, suficientemente forte para pender um dos pratos do que eu chamei, em outro lugar, de a balança dos motivos.

Se existem autocratas no céu, eles não existem certamente sobre a terra. Todos são dominados por fatores superiores à sua vontade. Napoleão proclamou isso mais de uma vez.

A história mostra o quão frequentemente os soberanos foram forçados a agir contrariamente à sua vontade pessoal, ou seja, consciente. Em 1870, por exemplo, nem o imperador dos franceses, nem o rei da Prússia desejavam a guerra. Eles fizeram todo o possível para impedi-la e, no entanto, tiveram que sofrê-la.

O primeiro de todos os chefes de Estado atualmente em cena, o imperador da Áustria, foi um soberano constantemente vencido durante seu longo reinado, mas muito pacífico. Sua idade avançada não lhe permitiu se meter muito nas negociações da última guerra. Foram provavelmente seus medíocres ministros, seu não menos medíocre herdeiro e também a antipatia profunda do povo pela Sérvia, que o levaram a aceitar um conflito armado entre a Sérvia e a Áustria.

De resto, era apenas o medo das complicações e não uma doçura natural que o tornava pacífico. No começo de seu reinado ele deu diversas provas de uma dureza excessiva.

Após um motim na Hungria, logo no início de seu reinado, ele mandou prender e decapitar os mais ilustres cidadãos desse país e se apoderou de seus bens. Dentre eles figurava o presidente da Câmara da alta nobreza e da Corte Suprema de Justiça, com

mais de oitenta anos. As mulheres dos grandes personagens que escaparam da morte foram chicoteadas publicamente.

Que dominantes psicológicas inspiraram aos políticos austríacos o ultimato à Sérvia, que fez nascer a guerra?

Eu vejo dois, muito nitidamente: a necessidade de prestígio, no início e depois a desconfiança com relação à Rússia.

A necessidade de prestígio foi a origem do ultimato à Sérvia; a desconfiança com relação à Rússia determinou a mobilização geral austríaca e, por via de consequência, a das outras potências.

Os próprios embaixadores insistiram em seus despachos sobre a necessidade, para a Áustria, do prestígio que eu mencionei.

O embaixador da Inglaterra em Roma se exprimiu assim, em 23 de julho:

> *A gravidade da situação reside na convicção do governo austro-húngaro de que era, para seu prestígio, de uma necessidade absoluta, em vista das numerosas desilusões ocasionadas pelo desenrolar dos acontecimentos nos Bálcãs, de obter um sucesso definitivo.*

Mesma observação do embaixador da Inglaterra em Viena. Ele escreveu em 28 de julho:

Eu me encontrei esta manhã com o ministro dos assuntos estrangeiros. Sua excelência declarou que a Áustria-Hungria não podia adiar as medidas militares contra a Sérvia e se veria na obrigação de rejeitar toda sugestão de negociação, tendo por base a resposta sérvia. Segundo ele, havia o prestígio da Áustria-Hungria e nada poderia impedir o conflito.

Os políticos austríacos, que desconfiavam fortemente da Rússia, protetora dos sérvios, temiam igualmente as outras potências e, apoiados pela Alemanha, eles declararam apressadamente guerra à Sérvia. Eles esperavam assim impedir a ação paralisante de um tipo de tribunal europeu, diante do qual a Áustria teria que se explicar.

Mas, se ela queria castigar a Sérvia, a Áustria não desejava, de maneira alguma, uma guerra europeia.

Por isso, quando apareceu a iminência de um conflito geral, mesmo quando suas tropas já tinham entrado na Sérvia, ela se tornou subitamente muito mais conciliadora. Vejamos o que dizem a este respeito os despachos dos embaixadores.

O ministro dos negócios estrangeiros na França escreveu, em 1º de agosto, a seus agentes:

Em Petersburgo, o embaixador da Áustria se encontrou com o Sr. Sazonoff e lhe declarou que seu governo consentia em estabelecer uma discussão quanto ao ultimato dirigido à Sérvia.

O ministro russo se declarou satisfeito com essa declaração e propôs que as negociações acontecessem em Londres, com a participação das potências.

Por seu lado, o ministro dos assuntos estrangeiros da Inglaterra se exprimiu assim, em 1º de agosto:

Eu soube de fonte certa que, mesmo que a situação tenha se modificado pela mobilização russa, o governo austro-húngaro fez saber ao governo alemão que, para atestar o quanto ele aprecia os esforços da Inglaterra pela paz, ele estaria disposto a acolher favoravelmente minha proposição de uma mediação entre a Áustria e a Sérvia. O efeito dessa aceitação seria naturalmente que a ação militar da Áustria contra a Sérvia continuaria no momento e que o governo de Sua Majestade britânica solicitaria ao governo russo que parasse sua mobilização contra a Áustria.

Infelizmente, por razões que tentaremos mais a frente desvendar, a Alemanha interveio no último momento. O embaixador da Inglaterra escreveu de Viena a seu governo:

A transferência da disputa para o terreno mais perigoso de um conflito direto entre a Alemanha e a Rússia veio encurtar essas conversações, tanto em São Petersburgo quanto em Viena.

Em 31 de julho a Alemanha interveio, lançando simultaneamente em São Petersburgo e em Paris seus ultimatos, concebidos de uma forma que só comportava uma resposta. Em 1º de agosto a Alemanha declarou guerra à Rússia e, no dia 3, à França. Segundo todas as probabilidades, um adiamento de alguns dias teria poupado a Europa de uma das maiores catástrofes da história.

§2. A vontade do imperador da Rússia e os dominantes psicológicos da política russa.

O mais poderoso dos autocratas atuais é certamente o imperador da Rússia. Ele representa, no entanto, um exemplo impressionante desse fato observado a cada instante na história de que os soberanos se encontram perpetuamente forçados a agir contra sua própria vontade. Durante seu reinado, esse autocrata foi quase sempre obrigado a fazer o contrário do que desejava.

Idealista pacifista, ele sonhava, ao subir ao trono, instaurar uma paz universal e, no entanto, em nenhuma época, a Rússia sofreu guerras tão próximas, tão prolongadas, tão mortíferas quan-

to sob seu reinado: guerra com o Japão, guerra civil interior, guerra atual contra a Áustria e a Alemanha.

Um soberano representa hoje, como tenho dito, uma síntese de vontades superiores à sua. Seu poder se limita a canalizá-los, a fim de que sua orientação não aconteça à margem dele e nem, principalmente, contra ele. Aqui reside toda a arte da política moderna. Ela pode dirigir os acontecimentos, mas não os cria.

Os despachos dos diplomatas mostram de maneira suficiente o quanto o tsar era hostil à guerra e os esforços tentados por ele para impedi-la. Porque então ele se viu obrigado a aceitá-la?

Ele foi conduzido por fatores psicológicos idênticos àqueles que dominaram ao mesmo tempo a política austríaca e que deveriam fatalmente levá-los ao conflito.

Esses fatores foram: a necessidade de prestígio e a desconfiança de uma potência vizinha.

A Rússia sendo um pouco a criadora dos pequenos Estados eslavos dos Bálcãs, outrora dominados pela Turquia, se acreditava obrigada a protegê-los contra as ambições da Áustria.

Ela teria muito a perder deixando-os serem absorvidos pela Áustria? Aqui se trata, eu já disse isso, de uma questão de amor-próprio nacional que um estrangeiro não poderia responder.

É preciso então se limitar a constatar um tal sentimento e se dar conta igualmente de que a mobilização da Áustria, inútil con-

tra um Estado tão pequeno quanto a Sérvia, só poderia evidentemente ser dirigida contra a Rússia, da qual desconfiava e pela qual não podia se deixar surpreender.

Essa mobilização precipitada, que provocou a da Rússia, deslanchou a catástrofe. Para saber como o governo do tsar foi levado às mesmas medidas precipitadas, consultemos os relatórios diplomáticos.

O embaixador da Inglaterra em São Petersburgo escreveu em 29 de julho:

> *Se a Rússia não tivesse indicado claramente, ao se mobilizar, sua atitude resoluta, a Áustria teria explorado os desejos pacifistas da Rússia e se acharia autorizada a levar as coisas tão longe quanto bem lhe parecesse.*

E, por seu lado, o embaixador da França em São Petersburgo informava, na data de 29 de julho, que:

> *O estado-maior russo constatou que a Áustria precipita seus preparativos militares contra a Rússia e ativa sua mobilização, que começou na fronteira da Galícia. Em consequência, a ordem de mobilização será expedida, esta noite, às treze unidades do exército destinadas a operar eventualmente contra a Áustria.*

Apesar dessa mobilização, realizada principalmente por desconfiança, a Rússia não se mostrou agressiva e, para assegurar a paz, se contentou, no último momento, com uma promessa de que a independência da Sérvia seria respeitada.

O embaixador da Inglaterra em Viena escreve em 1º de agosto:

> *Segundo o embaixador da Rússia, esta última se contentaria, nesta hora, com uma garantia em relação à integridade e à independência da Sérvia. Ele me assegura que a Rússia não tem nenhuma intensão agressiva contra a Áustria.*
>
> *Hoje, ele mais uma vez mostrará ao ministério dos assuntos estrangeiros as terríveis consequências que se seguirão fatalmente à recusa de uma concessão, mesmo que pequena. Desta vez a Rússia iria até às últimas consequências.*

§3. A vontade do imperador da Alemanha. Os fatores de sua determinação.

O estudo da psicologia do imperador da Alemanha foi tentado mais de uma vez. Nós estudaremos aqui os elementos que puderam determiná-lo a declarar, no último momento, a guerra.

Apesar de seu armamento __ destinado, em sua mente, a impedir o ataque de uma potência qualquer __ ele era incontesta-

velmente pacífico. Seus vinte e cinco anos de reinado, durante os quais ele soube resolver muitas dificuldades que ameaçavam desencadear a guerra, provam isso nitidamente. Nosso embaixador em Berlim não contesta isso e registra simplesmente em um de seus relatórios:

> *Que o imperador se acostuma com um tipo de ideia que outrora lhe repugnava e que __ tomando emprestado uma frase que ele ama empregar __ nós devemos manter nossa pólvora seca.*

Muito impulsivo, muito pessoal e muito pio, ele se acreditava realmente o eleito de Deus e repetia isso frequentemente. No momento da declaração de guerra ele escreveu na proclamação dirigida a suas tropas:

> *Lembremos que o povo alemão é o povo eleito de Deus. Foi sobre mim, como imperador alemão, que o espírito de Deus desceu. Eu sou seu instrumento, sua espada, seu defensor. Infeliz daqueles que desobedecem, infeliz dos covardes, infeliz dos descrentes!*

Comentando esta proclamação, o ministro inglês Lloyd George disse:

Jamais se ouviu tal coisa desde os tempos de Maomé. A alienação é sempre aflitiva, mas, algumas vezes, ela é perigosa, quando surpreende um chefe de Estado.

Alienação, não; paroxismo de espírito místico, certamente.

Notemos com cuidado, para bem compreender a gênese da ideia de guerra no imperador alemão, que em todo tempo esse pacifista teve a ameaça fácil. Ele não parava de falar em espada afiada, de pólvora seca etc., tendo ido até mesmo ao Marrocos, à Constantinopla e à Terra Santa oferecer sua proteção. Fértil, em todo lugar, em discursos ameaçadores. Ele queria se fazer temer, considerando que seu poderoso exército lhe permitiria desempenhar o principal papel na Europa, sem ter necessidade de desembainhar a espada.

O método não era ruim, porque durante muitos anos ele lhe deu tudo o que ele exigia. Como, por exemplo, nosso recuo no Marrocos e principalmente o silêncio da Rússia quando, apesar dos tratados, a Áustria, apoiada pelas ameaças da Alemanha, se apoderou da Bósnia e da Herzegóvina.

Tendo sido vencedor até aqui com seus ares ameaçadores, ele poderia supor realmente que eles não bastariam no caso da Sérvia? Os relatórios dos diplomatas, cujos extratos fornecemos, mostravam a França e a Rússia como absolutamente incapazes de

fazer a guerra. A Inglaterra, ameaçada por uma guerra civil na Irlanda, lhe parecia ainda menos pronta.

Nessas condições, porque o imperador da Alemanha teria consentido em favorecer uma reunião que, como todos os congressos, chegaria a uma dessas soluções bastardas que não satisfariam ninguém e teria certamente impedido a Áustria de tirar da Sérvia a vingança desejada pelo assassinato do arquiduque herdeiro da Áustria?

O imperador era pacifista e nenhum interesse o levaria à guerra. Que motivos então o levaram a isso?

Parece que foram, em último lugar, por razões militares, como vou agora expor.

Para bem compreender seu valor, mostraremos primeiro a importância preponderante que tinha, aos olhos do imperador da Alemanha, bem como ao imperador da Rússia, a questão das datas de mobilização. Foram elas que, finalmente, determinaram a direção da rota funesta que grandes impérios tomariam.

O medo dessa mobilização fica nitidamente marcado nos despachos seguintes dos embaixadores; eles provam que, no último momento, foi uma verdadeira corrida para não se deixar ultrapassar pelos adversários de quem se desconfiava.

A Áustria começou e a Rússia logo a imitou. Nosso embaixador em São Petersburgo anuncia, em 31 de julho:

Em razão da mobilização geral da Áustria e das medidas de mobilização tomadas secretamente, mas de uma maneira contínua, pela Alemanha há seis dias, a ordem de mobilização geral das forças armadas russas foi dada. A Rússia não pode, sem o mais grave perigo, se deixar mais ultrapassar.

O embaixador da Inglaterra em Berlim escreveu, em 31 de julho, após sua audiência com o chanceler do império:

O chanceler me informou que a mobilização russa contra a Áustria frustrou fortemente seus esforços de inculcar à Viena a paz e a moderação.

Ele não poderia, portanto, deixar seu país sem defesa enquanto as outras potências se aproveitavam do atraso e se medidas militares fossem neste momento tomadas pela Rússia contra a Alemanha também __ como ele tinha motivos para crer __ seria impossível para ele permanecer tranquilo. Ele tinha que me dizer que, no mais breve prazo, talvez hoje mesmo, o governo alemão tomaria talvez medidas sérias; ele estava, com efeito, a ponto de ser recebido em audiência pelo imperador.

Sua excelência terminou me dizendo que a notícia de novos preparativos ativos na fronteira russo-alemã lhe ha-

via chegado precisamente no instante em que o tsar solicitava ao imperador, em nome da velha amizade, de intermediar junto a Viena e no momento em que o imperador se dedicava a uma prece fervorosa.

A Rússia se defende de ter precipitado sua mobilização. Em 1º de agosto, o embaixador da Inglaterra em Paris escreveu:

Apontamos a Sua Excelência que a ordem de mobilização geral russa só foi publicada após a Áustria ter publicado sua própria ordem de mobilização geral e que o governo russo estava pronto a se desmobilizar se todas as potências também o fizessem.

A Alemanha temia tanto a mobilização da Rússia que ela lhe dirigiu, em 31 de julho, o ultimato, evidentemente inaceitável: que ela se desmobilizasse num prazo de doze horas e, em 1º de agosto, lhe declarou a guerra.

Antes de chegar a isso o imperador tinha feito diretamente urgentes negociações junto ao tsar para que ele parasse a mobilização. Elas provam, ao mesmo tempo, seu medo da mobilização e seu real desejo de tentar manter a paz. Seguem extratos dessa correspondência.

O primeiro despacho do imperador da Alemanha a seu primo é de 28 de julho. Nele se lê, particularmente:

É com a mais viva preocupação que eu observo a impressão que produziu em teu império, a marcha a frente da Áustria-Hungria contra a Sérvia. A agitação sem escrúpulo que acontece há anos na Sérvia levou ao monstruoso atentado que vitimou o arquiduque Francisco Fernando.

Eu sei o quanto é difícil para ti e teu governo resistir às manifestações da opinião pública. Em nome da cordial amizade que nos liga estreitamente há tanto tempo eu uso de toda minha influência para convencer a Áustria-Hungria a chegar a um entendimento leal e satisfatório com a Rússia. Eu conto com tua ajuda em meus esforços para afastar todas as dificuldades que poderiam ainda surgir.

O tsar responde para agradecer o imperador por sua mediação. Este último lhe telegrafa de novo em 29 de julho:

Medidas militares da Rússia que a Áustria-Hungria poderia considerar como uma ameaça apressariam uma calamidade que nós dois procuramos evitar e tornariam igualmente impossível minha missão de mediador.

Novo despacho do imperador da Alemanha em 30 de julho, à 1 hora da manhã:

Meu embaixador foi encarregado de chamar a atenção de teu governo sobre os perigos e as graves consequências de uma mobilização: foi o que eu já havia dito em meu último telegrama. A Áustria-Hungria só se mobilizou contra a Sérvia e apenas uma parte de seu exército. Se a Rússia, como é o caso, segundo teu telegrama e a comunicação de teu governo, se mobiliza contra a Áustria-Hungria, a missão de mediação que tu amigavelmente me confiastes e que eu aceitei prontamente, estará comprometida ou talvez impossível. Todo o peso da decisão está sobre teus ombros, que terão que suportar a responsabilidade da guerra ou da paz.

O tsar responde em 30 de julho, à 1h20min da tarde:

As medidas militares que agora estão em vigor já haviam sido tomadas há cinco dias com o objetivo de defesa contra os preparativos da Áustria.

Eu espero, com todo meu coração, que essas medidas não influenciarão em nada em seu papel de mediador, que eu aprecio grandemente.

Em 31 de julho, às 2 horas da tarde, última tentativa do imperador da Alemanha. Ele escreve:

Eu realizei uma ação mediadora entre teu governo e o governo austro-húngaro.

Enquanto essa ação ainda estava em curso tuas tropas foram mobilizadas contra minha aliada, a Áustria-Hungria. Após isso, como eu já te fiz saber, minha intervenção se tornou quase ilusória. Apesar disso, eu a continuei.

Eu recebi, a poucos instantes, notícias dignas de fé, sobre sérios preparativos de guerra, igualmente em minha fronteira oriental. Tendo que responder pela segurança de meu império, eu me vejo forçado a tomar as mesmas medidas defensivas.

Eu fui até o extremo limite do possível em meus esforços para manter a paz. Não serei eu que suportarei a responsabilidade pelo pavoroso desastre que ameaça agora todo o mundo civilizado.

Neste momento, mais uma vez, cabe a ti impedi-lo. Não há ameaça à honra e ao poderio da Rússia que impeça esperar o resultado de minha intervenção.

Este despacho permanece sem resposta. A Rússia foi então, oficialmente intimada, em 31 de julho, a se desmobilizar em 12 horas. Era a guerra.

Os modos do imperador da Alemanha, após a declaração de guerra, não foram aqueles do homem satisfeito com o sucesso de

uma intriga habilmente urdida. As violências que ele mandou cometer, contra todos os costumes, contra o embaixador francês, bastariam para provar isso. Eu já mencionei a maneira brutal com que nosso representante foi conduzido à fronteira, obrigado a ficar durante vinte e seis horas num vagão fechado, sem uma gota de água, nem um pedaço de pão e forçado a pagar 5.000 francos em ouro para sua viagem. O processo foi tão descortês que seu autor acabou por se envergonhar e reembolsou o dinheiro.

O desespero desse imperador pacifista que se viu na impossibilidade de evitar uma guerra que não queria foi extremo. Apenas o desespero pode explicar o imperioso ultimato dirigido à Rússia, após três amigáveis despachos.

Mas onde encontrar o motivo de uma tal precipitação, num soberano que, certamente, desejava a paz? Que necessidade urgente o levou, no último momento, a declarar a guerra?

Foi evidentemente o medo de dar a seus eventuais adversários o tempo de se preparar. Mas tal fórmula só é inteligível compreendendo a vantagem imensa que representava para a Alemanha, em caso de conflito, a rapidez de sua mobilização.

O estado-maior alemão, sabendo que a França tinha necessidade de vinte dias para realizar a sua e a Rússia em torno de dois meses, considerou que, graças à prontidão de sua própria mobilização, poderia dirigir primeiro todas as suas forças contra a Fran-

ça para esmagá-la, depois se voltar contra a Rússia. Este plano falharia inteiramente se a Rússia se aproveitasse das negociações, cuja duração era desconhecida, para efetuar sua mobilização. O imperador teria então dois inimigos para combater, em vez de um. Foi o que ele quis evitar com seu ultimato.

§4. Os fatores diversos que podem ter influenciado a vontade inconsciente do imperador da Alemanha.

Ao lado dos motivos estratégicos racionais que enunciamos, outros fatores podem ter agido na vontade inconsciente do imperador da Alemanha e determinado sua decisão consciente. É preciso considerar, com efeito, que a popularidade do kaiser pacífico diminuía nas forças armadas, enquanto que a de seu filho, partidário da guerra, aumentava. Por três ou quatro vezes, com relação ao Marrocos, particularmente o exército se acreditou a ponto de fazer a guerra e a Alemanha tinha recuado. Os pangermanistas forçavam a luta. A realização do desejo de dominação universal parecia agora fácil. Ele o seria quando a Rússia, em alguns anos, tivesse terminado sua rede de estradas de ferro, ainda tão imperfeita? O conjunto de todas essas razões contribuiu, sem dúvida, para determinar a decisão do imperador da Alemanha.

Repitamos, ao terminar este capítulo, que os encorajamentos dados pela Alemanha à Áustria e a intransigência desta última

resultaram principalmente da convicção errônea dos políticos alemães, durante toda a semana das negociações, de que, nem a Rússia, nem a França, nem a Inglaterra, queriam fazer a guerra.

Foi principalmente porque governos pouco perspicazes cometeram esse erro de avaliação que milhões de pessoas tiveram que perecer e florescentes cidades da Europa foram devastadas.

CAPÍTULO VII

Conclusões. Quem queria a guerra?

§1. Resumo dos acontecimentos que levaram à guerra.

Sumário

Eu expus bem claramente, eu creio, os acontecimentos que precederam a guerra para que um outro resumo seja necessário. Eu o dou, no entanto, a fim de condensar fatos cujo estudo através dos documentos oficiais seria talvez um pouco longo.

Deixemos de lado a série de causas distantes da gigantesca conflagração e vamos logo a seu ponto de partida: o assassinato do arquiduque herdeiro da Áustria, após uma conspiração fomentada na Sérvia.

A Áustria resolveu vingar essa morte e ao mesmo tempo aumentar um pouco, nos Bálcãs, seu prestígio, diminuído pelos recuos sucessivos durante a guerra balcânica. Ela enviou à Sérvia um ultimato inaceitável, cuja rejeição prevista poderia permitir-lhe declarar a guerra.

A operação não parecia comportar nenhum risco. O apoio da Alemanha era certo. Todos os relatórios diplomáticos asseguravam __ ponto fundamental __ que a Rússia e, por consequência, a França, seriam obrigadas à neutralidade por suas dissensões internas e sua fraqueza. A Rússia, que já havia cedido no caso da Bósnia, se submeteria certamente mais uma vez. Quanto à Inglaterra, ameaçada por uma guerra civil com a Irlanda, como pensaria em intervir numa questão que não a interessava de maneira alguma?

Com a operação __ sonhava a Áustria __ ela ganharia uma província e restauraria junto aos eslavos um prestígio que ela sentia se apagar.

A Alemanha não retiraria disso, evidentemente, nenhum ganho material, mas um importante benefício moral, já que, mais uma vez, ela teria imposto sua vontade à Europa e marcado sua crescente hegemonia. Tal resultado só deveria lhe custar a resolução de interditar às potências estrangeiras toda intervenção entre a Áustria e a Sérvia. Foi, com efeito, o que ela tentou.

Infelizmente, os diplomatas se esqueceram, nesse plano racional, de fazer intervir alguns elementos afetivos, místicos e coletivos aos quais nenhum evento histórico está livre e que obedecem a encadeamentos lógicos de forma alguma análogos aos da razão.

Suas previsões e seus raciocínios pareciam infalíveis e, no entanto, os fatos provaram que eles estavam inteiramente enganados. A Rússia sentia uma grande necessidade de prestígio e tinha aceitado anteriormente uma humilhação muito grande, em circunstâncias análogas, para poder sofrer uma nova.

O erro de psicologia relativo a uma não-intervenção da Rússia foi a verdadeira origem da guerra.

Desses falsos pontos de partida __ que a Rússia cederia e que nenhuma potência interviria __ decorreu toda a trágica aventura. Para assustar a Rússia, a Áustria e a Alemanha se mostraram arrogantes. A Rússia, querendo evitar a guerra, propôs negociações. Elas só fizeram confirmar suas adversárias, com a convicção de que não precisavam temer um conflito geral. Sua intransigência só cresceu e, finalmente, a Áustria pensou poder declarar impunemente guerra à Sérvia.

Essa determinação, considerada como muito hábil pelos diplomatas austríacos, era, ao contrário, muito infeliz, pois impediria qualquer recuo, no caso das potências se decidirem intervir, em último caso.

Quando a Alemanha e __ principalmente __ a Áustria compreenderam que sua intransigência causaria uma guerra europeia, elas se tornaram conciliadoras e fizeram o possível para impedir a catástrofe, mas já era muito tarde. Em vão o imperador da Alemanha enviou urgentes telegramas ao tsar da Rússia. Os homens que até então tinham conduzido os acontecimentos agora seriam dirigidos por eles.

Na hora suprema que precedeu à declaração de guerra, viu-se intervir mais o amor-próprio e a necessidade de prestígio, que tinham sido até então os motivadores do comportamento, mas um novo sentimento apareceu: a desconfiança. Ela foi o que bastou para tornar o conflito inevitável.

Foi ela, com efeito, que precipitou o armamentismo, para não ser surpreendido pelo adversário. Tal precipitação parecia constituir, em caso de luta, uma condição necessária ao sucesso.

A Áustria tinha se mobilizado contra a Sérvia a fim de mostrar suas intenções irredutíveis e intimidar a Rússia, pois ela sabia bem que seu exército habitual seria forte o suficiente contra um pequeno Estado, já esgotado por duas guerras recentes.

A Rússia devia pensar, naturalmente, que essa mobilização era dirigida contra ela e, para não ser surpreendida, se mobilizou, por sua vez.

Nessa corrida, a Alemanha, não querendo se deixar ser ultrapassada e acreditando induzir a Rússia a revelar suas verdadeiras intenções, exigiu, em termos imperativos, que ela se desmobilizasse imediatamente. A mobilização russa, evidentemente, tinha sido um pouco precipitada, mas o tsar deveria se submeter a uma injunção tão brutal quanto a do kaiser? Certamente que não. Os sentimentos em jogo, de um lado e do outro, eram muito fortes para poder serem abdicados. Eles não cederam e a guerra foi deslanchada.

Apesar de seu ardente desejo de paz, a França se viu obrigada a seguir sua aliada.

A Inglaterra, que queria muito permanecer estranha ao conflito, se viu fatalmente envolvida após um novo erro psicológico. O estado-maior alemão, considerando os tratados sem importância em tempos de guerra e convencido de que a Inglaterra veria com indiferença a violação da neutralidade belga, não hesitou em penetrar na Bélgica. Essa infeliz operação __ outrora condenada por Moltke sob o ponto de vista estratégico __ valeu à Alemanha um inimigo a mais e isso sem nenhuma vantagem, pois simplesmente atravessando Luxemburgo ela teria perdido quinze dias em Liége e teria chegado mais rápido em Paris.

Já se disse que, com um pouco de paciência nas negociações, se teria evitado a guerra. O fato parece certo, mas, de acordo

com o que vimos das causas distantes dessa conflagração, ela teria sido simplesmente retardada. Muitas fontes de conflitos existiam entre a Alemanha e as outras potências para que a custosa paz armada, com que a Europa era obrigada a se contentar, pudesse durar por muito tempo.

§2. Como responder a esta questão: Quem queria a guerra?

Num capítulo precedente eu destaquei que a esta questão: quem queria a guerra? seria exagerado responder: ninguém.

Ninguém a desejava, com efeito. No entanto, ela foi declarada pelo imperador da Alemanha. A ele cabe, então, a responsabilidade e é apenas sob o ponto de vista psicológico que interessa mostrar que ele não a queria.

Antes do estudo atento dos documentos, eu partilhava da crença, geral na França, de que a Alemanha buscava um pretexto para nos fazer a guerra e se aproveitou da primeira oportunidade que apareceu. Foi a opinião formulada por um acadêmico ilustre, em um trabalho sobre **Les Leçons du Livre Jaune** e por dois cientistas professores da Sorbonne no texto **Qui a Voulu la Guerre?** laboriosamente construído seguindo todas as regras dos métodos históricos.

Mesmo aceitando, em princípio, a opinião comum, algumas objeções flutuavam, no entanto, em minha mente. Sem dúvida que, num futuro mais ou menos distante, uma guerra parecia inevitável entre a Inglaterra e a Alemanha, mas que interesse poderia ter esta última em buscar agora um conflito com a França e a Rússia, seus melhores clientes comerciais, que ela invadia a cada dia através de seus representantes comerciais e seus produtos? Ocasiões bem melhores não haviam se apresentado, particularmente quando a Rússia, vencida pelo Japão e em plena revolução, não tinha, eu já mencionei isso, nenhuma possibilidade de se defender?

Estudando mais atentamente os documentos, a luz se fez em minha mente e eu cheguei à conclusão de que, se a Alemanha havia tornado a guerra inevitável, pelo crescimento contínuo de seus armamentos e os ares cada vez mais arrogantes de sua diplomacia, ela não desejava, de maneira alguma, o conflito, na época em que ele explodiu[17].

[17] Eu acreditei por muito tempo que seria o único na França a sustentar esta opinião. A evidência dos textos acabou, no entanto, por se impor a alguns observadores. Em seu livro **La Guerre de 1914**, publicado enquanto eu corrigia as provas deste livro, o Sr. Victor Basch, professor na Sorbonne, escreve: “Sim, a Alemanha queria a paz, a paz imposta por ela, a paz germânica, a paz aceita pelas potências como uma capitulação. Não, a Alemanha não queria a guerra a qualquer preço e, principalmente, ela não queria a guerra tal como ela se deu”. (Pág. 77)

Mesmo com a falta das peças que publicamos, vários fatos de ordem psicológica bastam completamente, em nossa opinião, para justificar esta tese.

Em primeiro lugar, os urgentes despachos do imperador da Alemanha ao tsar, o convocando, no último instante, a parar com o armamentismo que o obrigaria a se mobilizar, para não ser pego desprevenido. Ele chegou até a lhe lembrar a promessa de amizade feita a seu avô em seu leito de morte. Se a decisão do imperador da Alemanha de declarar a guerra já tivesse sido tomada, esta hipocrisia seria inútil. O conteúdo de seus despachos é, portanto, bem sincero. Porém, como o primeiro foi escrito três dias antes do início das hostilidades, parece indubitável que nesta hora tardia o imperador da Alemanha não estava, de maneira alguma, resolvido pela guerra e fazia todos os esforços para impedi-la.

Eu creio que este argumento é demonstrativo por si só. Pode-se também considerar como comprobatório o acesso de desespero do embaixador da Alemanha em São Petersburgo, relatado pelo embaixador da Inglaterra nos textos que eu já reproduzi:

> *Ele parecia absolutamente arrasado pela emoção, ao se dar conta de que a guerra era inevitável. Ele suplicou ao Sr. Sazonoff que fizesse uma proposição qualquer que ele pudesse telegrafar ao governo alemão como última esperança.*

Esta não é, certamente, a atitude de um embaixador que recebeu de seu governo a ordem de provocar a guerra.

Aproximemos enfim, esta emoção, ao mesmo sentimento manifestado pelo ministro dos assuntos estrangeiros em Berlim, numa conversa, que eu já relatei em outro lugar, com o embaixador da Inglaterra.

Pode-se realmente acreditar que pessoas separadas por grandes distâncias combinaram a simulação de sentimentos idênticos de desespero? Aqui, mais uma vez, a hipocrisia parece totalmente inútil para ser verossímil.

A estas três ordens de provas, acrescentamos ainda a indicação fornecida pelo almirante francês na **Revue de Paris**, de que, em 26 de julho, toda a frota alemã se encontrava em manobras bem distantes de suas bases de operações e não teriam podido renovar suas provisões de carvão e completar sua tripulação se a frota inglesa tivesse intervido.

Os desejos belicosos do imperador da Alemanha devendo ser eliminados, resta o fato: ele declarou a guerra. Porquê?

Eu mostrei nitidamente em meu último capítulo quais as engrenagens de desconfianças que o impulsionaram. Seu sentimento dominante foi o medo, caso as negociações se prolongassem e não fossem vitoriosas, de dar à Rússia o tempo necessário para terminar sua mobilização, o que teria aniquilado o plano de ofensiva

rápida de seu estado-maior. Um pouco menos de suspeita o teria acalmado um pouco, pois a Áustria já começava a ceder. Seu pessoal teve tê-lo influenciado no último momento. Mesmo que o kaiser e o tsar estivessem de acordo em querer evitar uma guerra geral que nem mesmo o soberano da Áustria desejava, sua desconfiança recíproca deveria fatalmente produzir o conflito.

A esta interrogação: quem queria a guerra? poder-se-ia então responder: ninguém. Mas a esta outra questão: quais foram as causas imediatas da guerra? é preciso responder: a desconfiança recíproca dos três imperadores. O mais desconfiado foi o imperador da Alemanha e porque tomou a decisão de declarar a guerra ficará o responsável por ela.

Ficará, por outro lado, responsável de ter provocado massacres e destruições como as de Louvain, Reims, Ypres etc., que nenhum general teria ousado ordenar sem sua permissão. Isso será sua vergonha eterna.

*

* *

A questão a qual eu dediquei vários capítulos comporta um grande interesse psicológico, porque ela traz à luz o conflito de alguns sentimentos que fazem agir as pessoas e a maneira como eles podem nascer e crescer.

Mas, sob o ponto de vista prático, o problema das origens da guerra, que tanto apaixona professores e acadêmicos, é desprovida de interesse. Circunstâncias distantes e variadas tornaram o conflito inevitável e importa muito pouco saber quem o deslanchou no último momento.

A alma popular, olhando precisamente o evento desta maneira, o julgou melhor do que os sábios. Foi a Alemanha, a Rússia ou a Áustria que queria a guerra? Ela não procurou saber. Sem se perder na análise sutil de documentos diplomáticos de interpretação incontestável, ela sentiu muito justamente que, mais uma vez, após Tanger, Algésiras, Casablanca e Agadir, a Alemanha repetiu gestos de ameaças. O mesmo grito se fez ouvir em toda parte: "Não se pode mais viver assim". Cada um se resignou com uma luta visivelmente fatal. O que importa, nas atuais circunstâncias, que a Alemanha tenha decidido ou não pela guerra no último instante? Pelas ameaças que ela acreditava poder impunemente repetir, na medida em que crescia seu poderio, ela a teria infalivelmente provocado, cedo ou tarde. Não valia a pena aceitar novas humilhações para apenas adiar um pouco o desfecho inevitável.

CAPÍTULO VIII

Opiniões formuladas sobre as causas da guerra, na Alemanha e em diversos países.

§1. Fundamentos psicológicos das opiniões formuladas sobre a guerra.

Sumário

Ficou-se, geralmente, um pouco surpreendidos, nos países neutros, com as singulares opiniões de certos escritores alemães sobre as causas da guerra e da violência com que eles as emitiram.

Eu exporei neste capítulo as mais importantes, ou seja, aquelas formuladas por cientistas de renome. Para compreender sua gênese, eu rogarei ao leitor que se reporte aos princípios expostos em meu livro **Les Opinions e les Croyances**. Nele se verá que as crenças têm origens coletivas, afetivas e místicas e não podem ser influenciadas pelo pensamento; como a alma individual se forma da alma coletiva; quais são os grandes fatores da persuasão; por quais mecanismos, enfim, se formam as correntes de opinião que, num dado momento, arrastam todo um povo.

Cada um desses fenômenos possui leis. Eu já tratei de determinar algumas delas; mas quando eu escrevi a obra dedicada a seu estudo, eu não podia supor que uma guerra europeia fornece-

ria tão rapidamente provas contundentes aos princípios que havia formulado.

As opiniões sobre as causas da guerra, difundidas na Alemanha e reproduzidas neste capítulo, mostram a que ponto uma crença, estabelecida por sugestão e propagada por contágio mental, escapa à influência do pensamento.

Elas provam também que a inteligência mais alta não impede a cegueira completa da pessoa escravizada pelo domínio de uma crença.

As opiniões que eu mostrarei, de acordo com os próprios escritos de seus autores, foram geralmente emitidas com a fúria e a violência que caracterizam o nascimento de uma nova fé. Elas constituem documentos psicológicos muito preciosos. Não é de se espantar, com efeito, ver um dos mais ilustres cientistas da Alemanha, o venerável Wundt, se deixar levar por torrentes de injúrias contra povos poderosos, que ele chama de infames bandidos e de assassinos.

Nós não fomos os únicos espantados por essas explosões de fúria. Durante uma conferência, traduzida na **Revue du Mois**, um escritor pertencente a um país neutro, o Sr. G. Grau, professor na Universidade de Chistiania, constata com espanto a que ponto o discernimento de pensadores ilustres estava alterado pela guerra atual.

Utilizando os princípios de psicologia coletiva que eu expus há muitos anos, o Sr. Grau mostra que, envolvido pela alma coletiva a pessoa mais inteligente perde todas as suas faculdades críticas.

O autor dá como exemplo a cegueira de ilustres pensadores, como o professor Euken. Este célebre filósofo nos informa que a guerra dos alemães é uma missão da Alemanha para regenerar a humanidade. “Nós não lutamos por nós mesmos, nós lutamos pelo bem da humanidade”.

O ilustre psicólogo Wundt, já citado, se revela mais categórico ainda. Diz ele:

> *A guerra verdadeira, ou seja, a guerra real, a guerra propriamente dita, a guerra justa e santa é aquela que a Alemanha faz a seus inimigos. Quanto a que fazem os franceses, russos e ingleses é uma outra coisa qualquer.*
>
> *Não, esta guerra não é, por parte de nossos inimigos, uma guerra verdadeira, nem mesmo é uma guerra, pois a guerra também tem seus direitos e suas leis. É o ataque infame de bandidos, cujos meios são o assassinato, a pirataria e a trapaça, não a luta aberta, honrosa, com as armas.*

Bem poucos cientistas alemães, segundo o Sr. Grau, conseguiram ficar livres desse acesso de fúria coletiva.

§2. A opinião dos diplomatas alemães.

Os diplomatas germânicos fizeram, desde o início da guerra, todos os esforços para demonstrar que o governo alemão, embora tendo declarado a guerra, não foi seu causador.

Eu já reproduzi um extrato dos discursos do chanceler do império alemão. Eis um fragmento do que ele pronunciou no Reichstag em 2 de dezembro de 1914:

> *O gabinete de Londres deixou que se produzisse esta monstruosa guerra universal, pois ele acreditava encontrar nela uma oportunidade de atingir em seus órgãos vitais, graças ao apoio das outras potências da Entente, seu maior concorrente no mercado mundial.*
>
> *São então, a Inglaterra e a Rússia que carregam, diante de Deus e diante da humanidade, a responsabilidade pela catástrofe que se abateu sobre a Europa e sobre o mundo.*

O chanceler toma evidentemente sua crença como uma realidade quando assegura que a Inglaterra queria golpear um concorrente mundial. Pode-se afirmar, pelo contrário, segundo os documentos publicados nos outros capítulos, que ela rejeitava com um horror intenso a ideia da guerra e fez o impossível para impedi-la.

A que ponto a política inglesa era pouco agressiva, o próprio predecessor do chanceler atual, o príncipe de Bülow, destacou bem em seu livro sobre a política alemã. Nele, ele escreve, com efeito:

> *Nos dez anos seguintes ao projeto de lei sobre a marinha e o início de nossas construções de navios, uma política inglesa resoluta não mediu esforços para nitidamente impedir o desenvolvimento marítimo da Alemanha e de nos tornar inofensivos. "Essa repugnância da Inglaterra em fazer a guerra nos permitiu lançar nossas asas sobre o mar".*

O chanceler do império retornou várias vezes a essa questão da origem da guerra e dos motivos da violação da Bélgica e não hesitou, para justificar sua causa, em alterar os textos. Foi assim que seus agentes, tendo descoberto durante a pilhagem da Bélgica, alguns papeis relatando conversações mantidas em 1906 e 1912, entre os adidos militares inglês e belga, sobre a maneira de proteger a Bélgica em caso de ataque, o chanceler suprimiu da transcrição das conversações a passagem em que era dito que a troca de ideias visava unicamente a hipótese de uma violação da neutralidade belga.

A **Gazette de l'Allemagne du Nord** traduziu em seguida a palavra conversação por convenção. Naturalmente, a legação da

Bélgica não deixou de notar as falsificações tão flagrantes desses documentos.

Tais procedimentos são sempre perigosos. Alterar uma vez a verdade obriga em alterar frequentemente em seguida, para apoiar a primeira afirmação. Abala-se assim fortemente sua credibilidade.

§3. Opiniões dos grandes jornais e dos professores alemães.

Os diplomatas alemães podem ter sido inexatos em suas afirmações, mas pelo menos eles alegaram fatos verossímeis.

Os professores d'além-Reno estiveram bem longe de se preocupar com a verossimilhança. Sua mentalidade se mostrou bem abaixo da mentalidade dos diplomatas. Esses especialistas __ alguns bem célebres, saídos bruscamente de seus laboratórios e lançados em problemas novos para eles __ deram prova de uma singular fraqueza de pensamento e de uma ignorância completa da mentalidade dos outros povos.

O Sr. Kostyleff destacou, em **Scientia**, algumas de suas estranhas afirmações. Diz ele:

> *Eles primeiro disseram que foi o embaixador da Rússia em Paris que havia preparado e desencadeado a guerra, depois que havia sido o rei Eduardo VII, Sir Edward Grey,*

Sr. Winston Churchill, o Grão Duque Nicolau e até mesmo... o Sr. Poincaré. Eu encaminho as pessoas desejosas de documentos diretamente à ***Neue Freie Presse****, de 2 de outubro e ao* ***Frankfurter Zeitung****, do dia 3. O último destes artigos é particularmente instrutivo. Ele tem por título "A conjuração da Tríplice Entente" e é iniciado por um artigo análogo do jornal búlgaro* ***Kambana*** *que, indo mais longe, afirmava que tudo isso já estava combinado desde a guerra balcânica pelos governos inglês, francês e russo.*

As afirmações do Sr. L. Brentano, professor na Universidade de Munique, não são menos bizarras. Os franceses, segundo ele, fizeram a guerra como revanche a 1870 e para restabelecer a monarquia. Eis alguns extratos de seu artigo:

O enfraquecimento da ideia de revanche não era precisamente o caso dos reacionários franceses... Começa-se, em Paris, a crescer a ideia do restabelecimento da monarquia. Muitos pensaram que uma guerra poderia levar à monarquia desejada. Basta lembrar os artigos principais do ***Gaulois*** *e do* ***Figaro*** *dos últimos anos, bem como os artigos de Maurice Barrès e as frases que se podia ouvir nos cabarés parisienses, para constatar que a França, ou pelo menos Paris, estava pronta para a monarquia e desejava a guerra.*

O Sr. Edward Meyer, professor na Universidade de Berlim tem concepções menos originais. Ele se prende simplesmente, como a maior parte de seus compatriotas, aos ingleses. Eis em quais termos esse bravo professor revela ao mundo seus negros projetos:

Dos meios mais elevados até o último trabalhador braçal ou camponês, não há ninguém na Alemanha que não se dê conta de que a Inglaterra é nossa inimiga mortal, que é a Inglaterra que nos impôs essa luta pela existência e que, em nome de seus próprios interesses e com o único objetivo de arruinar nosso Estado e de suprimir nossa existência nacional e independente, induziu ao campo de batalha as outras nações que enviam contra nós seus exércitos.

... É, com efeito, incontestável que é o governo inglês que, deliberadamente, provocou essa guerra.

... Ter-se-ia, de boa vontade, retardado a explosão da guerra. A isso serviria a conferência que Sir Grey se esforçava para conseguir.

Os aliados teriam assim ganhado tempo para terminar seus preparativos e teria sido, ao mesmo tempo, uma grande humilhação para a Áustria e para a Alemanha... Esse projeto foi arruinado pelo ultimato da Alemanha, após a Rússia ter começado sua mobilização. Foi o tempo da Ale-

manha desembainhar sua espada, se não quisesse ser pega desprevenida e ter que enfrentar a guerra, tornada inevitável, nas condições que lhe teriam sido as mais desfavoráveis.

O autor, que parece não conhecer bem a história de seu país, termina assegurando a seus contemporâneos que:

A Alemanha (e isso podemos dizer com a consciência tranquila) jamais pensou em perseguir uma política de conquista ou em atacar, desprezando o direito das pessoas, os povos estrangeiros.

Nem mesmo a Bélgica!

Esta opinião sobre as intenções belicosas da Inglaterra é igualmente professada por grandes industriais. Eis como se exprimiu, num discurso diante de uma sociedade de engenheiros alemães, em 31 de janeiro de 1915, o Sr. Schrodter, diretor de uma importante empresa industrial:

As provas se multiplicam para nos convencer de que a guerra foi um complô diabólico do governo da Inglaterra.

Essa obstinação dos alemães em se prender, contra todas as evidências, à Inglaterra, muito impressionou os neutros. Pode-se

constatar isso por esta passagem do **Journal de Genève**, de 26 de março de 1915:

> *Quando a imprensa alemã representa a Inglaterra como a instigadora da guerra, ela supõe em seus leitores uma total incapacidade de pensar e de se lembrar. Não havia no mundo governo mais invariavelmente pacífico, nós diríamos de bom grado pacifista, quanto àquele que governava a Grã Bretanha em agosto de 1914. Ele perseguia sem cessar uma redução simultânea dos armamentos navais.*

§4. As opiniões dos militares alemães.

A maior parte dos militares alemães que expuseram seu pensamento partilham também da ideia, generalizada na Alemanha, de que a guerra foi provocada pela Inglaterra. Mas alguns a atribuem simplesmente à pressa da mobilização russa.

Eis um fragmento de uma entrevista do general de Falkenhayn, chefe do estado-maior geral alemão, que foi publicada no **Journal de Genève**, de 25 de janeiro de 1915:

> *Essa guerra não é, de nossa parte, uma guerra agressiva, ela não foi provocada por uma casta ou pelos militares, mas é uma guerra defensiva que nos foi imposta pela mobilização russa. Diante dessa mobilização, nós não podí-*

amos fazer outra coisa senão nos preparar. A Rússia tinha sido aconselhada e advertida pelo imperador e nosso embaixador em Petersburgo; ela sabia que se se mobilizasse, nós ordenaríamos, para nossa defesa, a mobilização geral e tomaríamos todas as medidas necessárias para proteger nossa existência nacional. A Rússia continuou a se mobilizar enquanto negociava.

O general de Moltke, recentemente chefe do estado-maior, se prende, como a maior parte de seus compatriotas, à Inglaterra. Eis, segundo o **Times** de 23 de janeiro de 1915, uma entrevista dada por esse general a um jornal alemão. Tendo declarado que ninguém desejava a guerra na Alemanha, ele acrescenta:

Porque, se estivéssemos tão ansiosos para fazer a guerra, não a fizemos durante a guerra russo-japonesa, quando a Rússia estava sem defesa, ou quando a Grã-bretanha estava tão envolvida com a guerra dos Bôeres?...

Eu não duvidei um só instante de que a Inglaterra participaria de uma guerra contra nós, porque era do interesse de sua política provocá-la. Ela se preparava para isso há muito tempo. A questão belga foi um simples pretexto...

Vós podeis estar certos de que essa guerra foi um terrível golpe para o imperador.

§5. A opinião popular alemã.

A grande massa do povo alemão, nela compreendida a burguesia, só possui as opiniões que lhe são impostas. O alemão é muito disciplinado, muito respeitoso da autoridade para professar pensamentos pessoais diferentes dos de seu governo.

Buscar-se-ia por isso, em vão, por divergências na opinião popular.

Dentre os 70 milhões de alemães há bem poucos que não estejam convencidos de que a guerra é resultado de um complô mercenário urdido pela Inglaterra com a esperança de destruir o poderio germânico.

Tal crença fez com que o anúncio das hostilidades fosse recebido com entusiasmo. Esse entusiasmo foi mantido cuidadosamente pelos despachos de vitórias publicadas nos jornais. Jamais as derrotas. Nenhum telegrama mencionou a batalha de Marne. Se os alemães não entraram em Paris foi unicamente por razões estratégicas. Eis como um suíço que visitou a Alemanha durante os primeiros dias de dezembro descreve, no **Temps**, a mentalidade do povo alemão ao longo da guerra:

O povo alemão inteiro está certo da vitória, da invencibilidade do exército, da pureza, da santidade mesma, da causa que ela defende. Se o exercício da liberdade desenvolveu nas nações republicanas o senso de individualidade que favorece a eclosão de iniciativas e desenvolve as energias particulares, o militarismo alemão deu ao povo uma alma coletiva que só se emociona com um sopro vindo do alto. O químico Ostwald vê nisso a afirmação de uma superioridade que nossa cultura latina não pode compreender nem tolerar.

É concebível que, com sua mentalidade, o povo alemão participe numa confiança cega no conceito de seus dirigentes e que admita como verdade evangélica tudo o que vem das esferas ultraterrestres onde reinam seu imperador e seus ministros. Por isso a Alemanha é sincera quando afirma que apenas o grande estado-maior proclama a verdade enquanto que os aliados só publicam mentiras; quando pretende que apenas a agência Wolff anuncia fatos precisos e verídicos e que os jornais "inimigos" são fábricas de mentiras; quando sustenta que a Alemanha tinha o direito de violar a Bélgica, porque ela tinha um tratado secreto com a Inglaterra. Nenhum argumento é capaz de convencer; apenas ela tem razão e todos os outros povos mentem.

Reconhece-se aqui todas as características psicológicas da fé dos verdadeiros crentes.

Várias agências __ particularmente a agência Wolff, tantas vezes mencionada __ estavam encarregadas de agir sem trégua sobre a opinião pública alemã. Suas mais inverossímeis invenções foram religiosamente aceitas. Assim, ela revelou à Alemanha indignada que as jovens belgas furavam os olhos dos soldados e que os padres acabavam de matar os feridos!

A mesma agência não parou de inundar o mundo com surpreendentes notícias. **La France**, de 18 de outubro de 1914, reproduziu um de seus despachos enviados aos jornais das pequenas repúblicas sul-americanas. Eis um extrato:

> *Uma gigantesca esquadra de Zepelins pôde aterrissar na última noite em Londres. Os soldados alemães penetraram no palácio real e conseguiram capturar o próprio rei George. O rei, prisioneiro, imediatamente comprou sua liberdade, pagando em ouro uma soma de 100 milhões de marcos.*

As afirmações dessa natureza eram, aliás, reservadas para os países que seu estado primitivo fazia supor serem dotados de uma credulidade um pouco ingênua. Os redatores dos despachos davam então livre curso à sua imaginação. Foi assim que o escritório

de imprensa estabelecido pelos alemães em Constantinopla fazia aparecer nos jornais turcos notícias deste gênero:

> *De acordo com um radiograma de Amsterdã, o governo britânico ofereceu à Sua Majestade islâmica 2.000 burros carregados com ouro para que ela desistisse de enviar sua poderosa frota contra Londres.*

§6. A opinião dos neutros.

As opiniões sobre as causas da guerra variaram segundo os países dos autores que as formularam.

Fatores diversos foram invocados como causas da guerra: influência dos militares na Alemanha, conspiração da Tríplice Entente, megalomania do príncipe herdeiro alemão, desejo dos franceses de revanche, pan-eslavismo dos russos, ambição da Áustria etc.

Vários escritores independentes hesitaram em formular uma opinião e chegaram a conclusões próximas às do célebre historiador Ferrero. Escreve ele: “O problema das responsabilidades que pesa hoje em dia tão intensamente na consciência do mundo civilizado é insolúvel no momento”. Este autor considera simplesmente como provável que “a propaganda germânica e os partidários da guerra tinham criado uma situação interna a qual o governo não pôde resistir indefinidamente”.

De uma maneira geral, a opinião sobre as causas da guerra não foi o resultado da observação de fatos, ou seja, de constatações racionais, mas de tendências afetivas ou místicas. Os católicos, pelo menos na Espanha e na Itália, deram, a princípio, razão à Alemanha.

Essa simpatia primitiva dos católicos pela Alemanha foi muito generalizada, no início. Eis como se exprime o Sr. Dudon na revista religiosa **Etudes**, de janeiro de 1915:

> *No primeiro dia que o canhão detonou, eles fizeram votos pela Alemanha. A Providência lhe devia o sucesso estrondoso de suas armas. Era o mínimo para compensar a religião do Kaiser, a probidade de seus súditos, as obras dos católicos alemães, a ortodoxia e a fidelidade da Áustria. Se essa causa fosse vencedora, o que adviria à Europa? Que sorte lhe preparava à influente Inglaterra protestante, à Rússia cismática e à França revolucionária?*
>
> *Se Deus não tivesse decidido abismar o Ocidente e o mundo pelo contragolpe, num dilúvio de impiedade laica e fosse indispensável que a Alemanha triunfasse: com ela triunfaria a ordem social, política e religiosa.*

Mas a guerra, que transformou muitas coisas, acabou também por modificar as mentalidades capazes de considerar as lutas

atuais como uma punição do céu. Na França, os poucos católicos que se sentiam tentados a formular explicações desse tipo, rapidamente desistiram disso e nos campos de batalha se mostraram os mais valentes.

LIVRO V

As forças psicológicas em jogo nas batalhas

CAPÍTULO I

As transformações dos métodos de guerra

§1. Os elementos novos das guerras modernas e seus imprevistos.

Sumário

Não temos a intenção de estudar aqui, em seus detalhes, as formas novas e frequentemente bem imprevisíveis da guerra moderna, mas, para marcar a importância do papel que nela desempenham os fatores psicológicos, eu sou obrigado a indicar sumariamente as condições atuais da luta europeia.

Ela tem sido um poderoso elemento de evolução individual, política e social. Armamentos, estratégia, concepções humanitárias, noções de direito, costumes, hábitos, tudo terá mudado. A Revolução Francesa não exerceu, certamente, sobre a vida das pessoas, uma ação mais profunda.

Antes de examinar sucessivamente algumas das transformações da guerra vamos resumir seu conjunto.

As mudanças concernentes, ao mesmo tempo, nas batalhas sobre a terra e sob a terra, sobre o mar e sob o mar e enfim nos ares.

Para os combates sobre a terra, suas características modernas são, primeiro, a substituição de exércitos com vários milhões de combatentes pelas antigas tropas que não contam mais do que algumas centenas de milhares de soldados. Depois, a enorme extensão dos campos de batalha, que se estendem por várias centenas de quilômetros em vez de ficarem restritas, como outrora, a um lugar determinado.

Ao longo dessa imensa frente de batalha, os soldados combatem abrigados por trincheiras escavadas no solo. O papel do general comandante se limita quase ao envio telefônico das ordens, seja para reforçar as linhas em certos pontos ameaçados pelo inimigo, seja para atacar.

A antiga artilharia, cujos canhões sem precisão atingiam apenas algumas centenas de metros e só produziam medíocres estragos, foi substituída por uma artilharia que atinge, de acordo com a peça, de 10 a 20 quilômetros e tão poderosa que fortalezas julgadas outrora como inexpugnáveis são aniquiladas em alguns

dias. As tropas expostas a seus golpes são quase instantaneamente destruídas.

Sobre o mar as mudanças não foram menos profundas. O emprego de submarinos, capazes de fazer afundar em alguns minutos gigantescos couraçados que custam 80 milhões, os obrigou, desde o início da guerra, a se refugiar nos portos e não sair deles.

A luta que acontece sob a terra e sob o mar continua até nos ares, graças aos dirigíveis e aos aeroplanos. Esta arma nova ainda não produziu efeitos muito destrutivos, mas é provável que ela exercerá um papel muito importante quando as frotas de aviões puderem aos milhares sobrevoar um país.

O tipo antigo de batalhas desapareceu completamente. Quer se tratasse das batalhas de Aníbal, de César ou de Napoleão, elas eram a obra pessoal de um general. O sucesso dependia de suas manobras. Ele via tudo, organizava tudo, comandava tudo. Uma pintura do tempo de Luís XIV ou de Napoleão podia representar um campo de batalha em um só quadro. Percebia-se regimentos se bombardeando a pequenas distâncias e o general dirigindo de uma colina seus movimentos.

Hoje em dia o observador que percorra o teatro de operações, onde se movem cem mil soldados, não vê nenhum combatente, nenhum canhão. Homens, cavalos, artilharia, trincheiras,

tudo é dissimulado. Sem os obuses cruzando a atmosfera ele poderia achar que está em pleno deserto.

Se ele possui, no entanto, um olho penetrante e observa por tempo suficiente, acabará por ver, algumas vezes, sair da terra e rastejar lentamente através do campo, homens que com muito custo se distinguem do solo e só se levantam um pouco durante curtos instantes para saltar em uma trincheira.

Se o mesmo observador encontrar o general que dirige esse exército invisível ele o achará no fundo de um pequeno reduto escondido, enviando, de acordo com despachos recebidos por telégrafo ou telefone, suas ordens às diversas unidades agrupadas sob seu comando. Toda sua manobra consiste em fazer chegar __ por estrada de ferro __ tropas até o ponto que ele quer atacar ou defender.

Para encontrar enfim o comandante de todos os soldados, o observador que eu imagino, teria muito caminho a percorrer. O **Illustration** de 18 de setembro de 1915 nos revelou que, de 5 a 25 de setembro de 1914, ou seja, antes, durante e após a batalha de Marne, o general comandante e seu estado-maior estavam baseados em Châtillon-sur-Seine, a 50 léguas do campo de batalha.

As batalhas decisivas de outrora foram substituídas por centenas de pequenos combates que se sucedem durante meses. Mata-se uma quantidade enorme de pessoas para avançar muito pouco.

Os movimentos de grande envergadura só foram constatados na Polônia e na Rússia.

Fora as transformações indicadas, esta guerra foi cheia de imprevistos. Ensinava-se, por exemplo, nas escolas de oficiais, que a infantaria devia, para evitar grandes perdas, avançar espalhadas. Viu-se, pelo contrário, que, desde o início, os alemães atacaram em grandes massas, com fileiras cerradas. O efeito moral produzido em Charleroi por essa chegada imprevista de massas torrenciais foi formidável. Mas o método vitorioso em Charleroi, por ser imprevisto, falhou em Yser. Franceses e ingleses consideraram simplesmente essas grandes massas como um alvo que recebia todos os golpes. 150.000 alemães foram assim mortos em alguns dias.

Pode-se dizer, de uma maneira geral, dos métodos alemães, que todos os nossos adidos militares puderam observar durante as grandes manobras, mas que eles permaneceram, no entanto, totalmente ignorados por nossos generais.

Sob o ponto de vista do valor de nossa preparação, eis o que escreveu no **Temps** de 9 de agosto de 1915, um dos combatentes da guerra atual, o general Malleterre:

> *Mesmo nestes últimos anos em que a França, despertada do entorpecimento na qual a mergulharam lentamente*

os morfinômanos do pacifismo[18]*, percebia-se enfim claramente o perigo alemão e os chefes militares permaneciam hipnotizados diante da fronteira do leste e das hipóteses de ataque súbito partindo da praça praça-d'armas da Alsácia-Lorena.*

A Alemanha revelou, em agosto de 1914, como em agosto de 1870, a mesma força de concepção, de organização e de execução.

E se explica assim a surpresa terrível que experimentaram nossas tropas quando se viram esmagadas, ao primeiro contato, por avalanches de projéteis vindos de posições invisíveis, que nossa artilharia não podia atingir. Aqui o que mais uma vez houve de inesperado no ataque alemão é que, antes da abordagem da infantaria, os deslocamentos das unidades eram precedidos de verdadeiras vanguardas de obuses de todos os calibres, furacões de ferro e de fogo, bloqueando e recuando nossas linhas nervosas. Eu não sei se isso se passou diante de mim ou eu ouvi de outras testemunhas. Eu guardo a lembrança de certos dias passados estoicamente sob os obuses, seja em posição, seja em descan-

[18] Situação bem resumida nestes versos do poeta L. de la Soudiére:

Vivíamos confiantes, como pacíficos.

E o povo escutava os retóricos maléficos.

so e da raiva que tínhamos por não poder atravessar a distância que nos separava da infantaria alemã.

Superioridade estratégica, superioridade numérica, superioridade material, foram as características idênticas das duas ofensivas alemãs: a de 1870 e a de 1914.

Os alemães tinham previsto tudo, salvo a influência de certos fatores psicológicos, ainda ignorados em suas escolas.

Precisemos agora os pontos técnicos mais importantes das transformações da guerra atual.

§2. A tática moderna. A extensão da frente de batalha. A ofensiva e a defensiva.

A guerra moderna, enormemente complicada por dificuldades de abastecimento, é, sob o ponto de vista tático, singularmente simplificada. As grandes formações de antigamente se limitam ao ataque linear e a vastos movimentos de envolvimento. A dificuldade não consiste unicamente em manobrar os soldados, mas em transportá-los e mantê-los com munições e víveres. É por isso que as estradas de ferro desempenham um papel preponderante. Um exército que possua uma rede de estradas de ferro que ultrapasse a de seu adversário possui, por este único fato, uma esmagadora superioridade sobre ele e poderá batê-lo com efetivos inferiores. Esta observação é justificada pelas derrotas da Rússia. Graças à

sua rede de estradas de ferro, os alemães puderam transportar suas tropas para pontos previamente escolhidos e bater o inimigo. Essa tática muito simples foi vitoriosa sempre. Corpos do exército numerosos transportados rapidamente para um dos flancos do adversário, contornavam-no, envolviam-no e lhe apreendia muitos canhões e prisioneiros. “Um exército de 100.000 soldados pego pelos flancos pode ser batido por um exército de 30.000 soldados, disse há muito tempo o grande Frederico”.

Apesar dessas evidências, nosso estado-maior estava convencido, no início da campanha, de que os alemães, ao invés de penetrar na Rússia, seriam invadidos. Foi justo o contrário. Os russos, mesmo vitoriosos, não puderam jamais, por falta de transportes, se distanciar muito de sua base de operações. Os alemães, recuando, teriam naturalmente destruído as linhas e dado acesso a seu território. Se os russos tivessem se tornado invasores, eles não teriam provavelmente se aventurado muito longe.

A enorme extensão das frentes de batalha atuais, totalmente contrárias ao antigo princípio de concentrar as tropas em um só ponto, torna as batalhas indefinidas. Elas se compõem de pequenos combates escalonados em um grande espaço e que raramente levam a operações definitivas.

O emprego de trincheiras modificou muito as ideias de antigamente sobre a ofensiva e a defensiva.

Sob o ponto de vista psicológico a ofensiva é, evidentemente, muito superior à defensiva. Um adversário que espera um ataque sem saber onde ele acontecerá se encontra certamente num estado de inferioridade.

A superioridade da ofensiva sobre a defensiva foi, aliás, ensinada em todos os livros militares, desde Napoleão. Era um dos dogmas fundamentais do estado-maior alemão.

> *É sempre melhor agir na ofensiva, mesmo quando se é numericamente mais fraco, afirma Bernhardi. Frequentemente o inimigo fica desconcertado por um golpe de ousadia e se tira dele vantagens, escreveu o grande Frederico à Luís XV.*
>
> *Frederico, o grande, venceu audaciosos combates ofensivos, porque seus inimigos se apresentavam a ele na maioria das vezes em uma defensiva inerte e que, prejudicados pelas formas e princípios rígidos da arte militar daquela época, eles não podiam paralisar suas audaciosas manobras, através de contra-ataques apropriados; foi sobre a estratégia e a tática ineficiente de seus adversários que Napoleão conseguiu suas brilhantes vitórias e o princípio do envolvimento durante o período de Moltke levou ao sucesso porque os adversários não encontraram nenhuma manobra para enfrentá-lo.*

A guerra de trincheiras não suprimiu as vantagens da ofensiva, mas ela a tornou tão mortífera que se hesita em recorrer a ela numa escala muito grande, além das operações consideradas como fundamentais. Eu já recordei que, na esperança de tomar Calais e de contornar o exército francês, os alemães sacrificaram inutilmente 150.000 homens no espaço de alguns dias, tentando ultrapassar nossas trincheiras.

Não se poderia dar como regra absoluta essa superioridade circunstancial da defensiva sobre a ofensiva. Se a quantidade de munições for suficiente, a ofensiva pode retomar sua antiga vantagem. Um dos comunicados do estado-maior russo, do mês de junho de 1915, dizia:

> *Geralmente, em nossas ofensivas, nossas perdas são menores do que na defesa de um entrincheiramento sob fogo concentrado de uma grande artilharia. Foi assim na ofensiva sobre a vila de Demenkalisma, a oeste de Jidatchew, onde fizemos prisioneiros 629 austríacos, incluindo 19 oficiais; retiramos uma metralhadora e só tivemos 50 mortos ou feridos.*

É igualmente curioso constatar que os comandantes do exército alemão que conseguiram as maiores vitórias são, contrariamente ao que se passava sob Napoleão, velhos. Leopoldo da Ba-

viera, Hindenburgo (que havia sido posto em disponibilidade por incapacidade, quando comandava o 4º Corpo), Mackensen e Below são septuagenários; o marechal de Haesler é octogenário. Todos estes generais tinham sido postos na aposentadoria para renovar os quadros, mas foi preciso reconvocá-los. Sob Napoleão, comandantes muito jovens batiam os velhos generais da Europa. É o contrário hoje em dia. Deve-se, sem dúvida, concluir que as qualidades que asseguravam a vitória há um século, não são mais, de maneira alguma, aquelas que o determinam agora. É preciso atualmente, sem dúvida, a mesma audácia de outrora, mas mais reflexão.

§3. O papel das fortalezas e das trincheiras.

As ideias sobre o papel das fortalezas foram transformadas completamente pela presente guerra. Aqui não se poderia falar em imprevidência, pois apenas a experiência poderia revelar que cidades abertas[19] como Nancy, defendidas por trincheiras improvisadas, resistiriam vitoriosamente a todos os ataques de um numeroso exército sitiante, enquanto que fortalezas julgadas inexpugnáveis, como as de Antuérpia, Liége e Namur, particularmente, seriam reduzidas a cinzas em alguns dias.

[19] Cidade aberta é uma expressão que designa, em tempo de guerra, uma cidade que se rendeu sem combate, para se poupar da devastação. (Nota do tradutor)

Esta guerra marcará, sem dúvida, o fim das fortalezas fixas, pois nenhuma delas ofereceu uma resistência minimamente prolongada. A de Charlemont, perto de Givet, atacada em 29 de agosto, foi destruída em três dias, a 12 quilômetros de distância, sem que nem um só dos disparos de seus defensores tivesse atingido o inimigo. A cidadela de Longwy foi, da mesma maneira, derrubada em seis dias. Antuérpia não resistiu nem quinze dias.

Os alemães, naturalmente, não tinham revelado que possuíam canhões que atingiam a uma distância bem superior à dos canhões dos fortes belgas ou franceses e capazes de destruir, em três ou quatro disparos, cúpulas metálicas consideradas indestrutíveis.

O resultado da guerra atual mostra que as fortalezas servem apenas para imobilizar, em abrigos fictícios, soldados que poderiam combater. Varsóvia e Kovno pareciam inexpugnáveis. Mais de trinta fortes cercavam a primeira destas cidades. Kovno, que cobria a última linha de retirada dos russos, estava provida com os mais modernos meios de defesa. Sua artilharia devia ser formidável, pois os alemães se apoderaram de mais de 400 canhões.

Se o conflito presente pôs fim à era das fortalezas, ele inaugura o advento das trincheiras. A trincheira constitui simplesmente uma fortaleza em terra plana, podendo se deslocar à vontade quando uma de suas partes for tomada ou destruída. Mesmo que muito poucos homens sejam necessários para defendê-la, ela é

muito mais temível e invulnerável do que as fortalezas melhor construídas. Graças a ela a defensiva pôde se tornar, na maioria das vezes, superior à ofensiva. Para romper uma linha de trincheiras é preciso dez vezes mais homens e dez vezes mais canhões do que para batalhar em campo aberto.

Uma das razões que tornam as trincheiras tão temíveis é que, durante a tomada de uma delas, a custa de gigantescos esforços, o inimigo constrói várias delas por detrás. Após o assalto da primeira trincheira tudo deve recomeçar.

A trincheira não fez desaparecer apenas as antigas manobras estratégicas, ela tornou impossíveis as grandes batalhas de outrora __ Actium, Bouvines, Austerlitz, Waterloo etc. __ que definiam a sorte de um povo ou, pelo menos, a de uma campanha.

A guerra, como se pratica atualmente, é nova pela extensão, a importância e o armamento das trincheiras, mas não pelo seu emprego. Elas foram, com efeito, utilizadas em todos os tempos. Só se atacava outrora as praças fortes por meio de trincheiras paralelas às fortificações e chamadas, por este motivo, de paralelas. Por ocasião do cerco de Arras, em 1640, o marechal de Chaulnes fez uso delas. Elas serviram igualmente durante o cerco de Dunquerque, em 1658.

Por muito tempo adotadas como meio de ataque, as trincheiras também foram usadas como meio de defesa. Sabe-se que Wel-

lington obrigou Masséna a bater em retirada protegendo os limites de Lisboa através de uma dupla linha de trincheiras estabelecidas em Torres-Vedras. A primeira tinha quarenta e oito quilômetros de comprimento e a segunda estava localizada a doze quilômetros atrás. As valas mediam cinco metros de largura. Vinte e cinco mil trabalhadores foram empregados neste trabalho durante um mês. Koutousoff, em Borodino, se protegeu igualmente por meio de trincheiras, que também foram empregadas ainda em várias guerras modernas, como a do Transvaal e a do Japão, particularmente.

Mesmo que não tivéssemos sabido utilizá-la no início da campanha para proteger a França contra a invasão, seu papel era ensinado em nossos livros militares, dentre os quais uma instrução de 24 de outubro de 1906, modificada em 28 de outubro de 1911, sobre os trabalhos de campanha para o uso das tropas de infantaria. Nela se encontra até mesmo vários projetos e diversos tipos de trincheiras a céu aberto ou recobertas.

O que se pode considerar como novo no emprego das trincheiras é, primeiro, a adição de uma artilharia poderosa que as transformam em verdadeiras fortalezas e, em seguida, sua extensão, com quinhentos a seiscentos quilômetros de comprimento. Esta extensão foi o resultado de uma improvisação acarretada pelas necessidades do momento, quando, após a batalha de Marne, franceses e alemães procuraram se cruzar, protegendo-se contra a

artilharia. Com apenas as trincheiras fornecendo um abrigo satisfatório, elas foram escavadas em toda a frente de batalha, até que os exércitos em presença chegaram ao mar. Quinhentos quilômetros de abrigos subterrâneos foram criados assim em poucas semanas.

A vida nas trincheiras, suportada durante longos meses, exige uma paciência e uma coragem inabaláveis de seus defensores expostos aos obuses e à explosão das minas enterradas pelo inimigo abaixo deles.

Eis a descrição que dela fez um escritor militar que as visitou:

> *Imagine uma vala tão profunda para que um homem grande possa nela se esconder todo e em pé, tão larga para que dois homens possam nela ficar, um diante do outro. No fundo da vala se encontra uma única abertura para que o soldado possa atirar e, nas paredes, são escavados nichos para colocar os equipamentos e os cartuchos. Degraus entalhados na própria terra, numa das extremidades, permitem aos homens entrar e sair facilmente do buraco. O comprimento de uma trincheira varia ao infinito, de acordo com o terreno.*
>
> *Mas basta que um obus caia em uma trincheira para que todos os homens que nela se encontram sejam mortos.*

Foi por isso que se inventou os 'pare-éclats', paredes de terra bem largas para resistir às explosões dos obuses e que dividem a trincheira em um certo número de compartimentos comunicantes entre si. A parede 'pare-éclat' fecha uma parte da vala e deixa passagem para um homem. Vista do alto, a trincheira apresenta por isso o aspecto de um ancinho, em que as paredes 'pare-éclats' formam os dentes e o espaço entre um dente e outro pode conter três ou quatro atiradores. Quando o terreno permite, escava-se na extremidade da trincheira ou atrás, uma câmara bem mais espaçosa onde os homens que não estão em ação vêm repousar e se alimentar. Recobre-se a trincheira com um teto formado por feixes que suportam ramos e terra. E recobre-se o piso com palha. As trincheiras são ligadas comumente umas às outras por corredores. Centenas ou milhares de homens transitam em suas galerias e os exércitos tentam atingir um ao outro sob a terra.

Tomar uma trincheira é muito perigoso; defendê-la após tê-la tomado, às vezes, é muito mais ainda. Ela geralmente está, com efeito, mais ou menos destruída pelos obuses e é preciso repará-la sob o fogo do inimigo.

Escreve um artilheiro:

Eu sei de um ataque em que o trabalho da artilharia tinha sido tão "cuidadoso" que dois batalhões de caçadores lançados ao assalto só perderam oitenta homens para romper em treze minutos a linha de trincheira que lhes tinha sido designada como objetivo; mas para manter essa linha, eles tiveram em seguida que repelir 'onze contra-ataques' e se bater durante seis dias e seis noites. Eles finalmente a conservaram, mas perderam mil e quinhentos dos seus.

É preciso reconhecer que as trincheiras só são realmente invioláveis quando são bem construídas e bem defendidas. Elas foram de muito pouca utilidade para os russos[20] que, não podendo interromper a marcha dos alemães, recorreram ao processo um pouco bárbaro de incendiar suas próprias cidades.

[20] A experiência ensinou muito rapidamente a nossos generais que as fortalezas só são defendidas levando seus canhões para as trincheiras situadas bem a frente dessas fortalezas. Quando este princípio foi bem compreendido, nossos fortes mais importantes, como o de Verdun e até mesmo cidades não fortificadas como Nancy, puderam resistir aos alemães.
O mesmo princípio não foi compreendido pelos russos. Foi à ineficiência de suas trincheiras que o crítico militar do jornal russo **Rietch** atribuiu à queda sucessiva de todas as fortalezas importantes: Brest-Litovsk, Novo-Georgievsk, Kovno, Grodno etc. O mesmo jornal assegura que foi pela falta de técnicos militares capazes que os russos não puderam construir as trincheiras necessárias que as teriam salvado da invasão. A incapacidade é sempre uma desculpa muito medíocre.

O **Temps** de 3 de setembro de 1915 conta a seguinte história de seu sistema de devastação sistemática para impedir um pouco a marcha do inimigo:

> *Um imenso mar de fogo marca a linha de recuo. As estradas são marcadas em milhas e milhas, por casas que queimam.*
>
> *Quando os húngaros entraram em Krylof, todas as ruas queimavam e não puderam atravessar a cidade por causa do calor do gigantesco braseiro. Foi preciso contornar a cidade. Quando se chegou em Vladimir-Volinski, essa cidade também queimava e de lá já se via a cidade de Verba igualmente toda em chamas. E além dela queimavam os vilarejos. Esse mar de chamas despejava suas vagas em toda a planície de Kovel e todos os vilarejos que a rodeavam também queimavam.*
>
> *Os habitantes, que não limparam a retirada russa, permanecem mudos de espanto e horror.*

O incêndio não aconteceu apenas sobre os vilarejos, mas também sobre cidades muito grandes, como Brest-Litovsk, particularmente, que possuía 40.000 habitantes. Dela só restam paredes calcinadas. Os russos, ao se retirarem, queimaram tudo. Foi, tal-

vez, pagar muito caro pelo bloqueio dos alemães durante algumas horas.

§4. O papel da artilharia e das munições.

Após se estar convencido, no início da campanha, de que o número de soldados desempenharia um papel preponderante, foi preciso reconhecer o quão mais importante era a quantidade disponível de munição. Sua insuficiência constitui uma das razões pelas quais os russos, superiores em número em relação a seus adversários, se viram tão frequentemente vencidos. Uma trincheira defendida por canhões e metralhadoras que dão seiscentos tiros por minuto só é tomada após ter sido inundada com obuses. Um general inglês escreveu justamente que dois homens numa trincheira, com metralhadoras, poderiam fazer frente a uma brigada.

Essa enorme importância da quantidade de munições, muito evidente hoje em dia, levou muito tempo para ser compreendida. Foram precisos mais de seis meses de guerra para que fosse reconhecida, tanto na França, quanto na Inglaterra e na Rússia. Nós perdemos um número imenso de homens por não ter percebido isso a tempo.

Nenhum general, no início da guerra, previu essa necessidade de uma produção intensa de obuses. No plano da mobilização, acreditou-se exagerada numa previsão de fabricação de treze mil

obuses por dia. No mês de setembro de 1914, ainda não haviam sido atingidos sete mil. Em maio de 1915, fabricava-se mais de oitenta mil por dia para as peças de 75 e este número é agora reconhecido como muito insuficiente.

Nosso estado-maior deu tão pouca importância para a munição abundante, no começo das hostilidades, que o ministro da guerra dessa época tinha enviado à frente de batalha a maior parte dos trabalhadores dos arsenais. Foi preciso depois ir buscá-los penosamente, um a um, em cada regimento. Operação que levou um mês. A experiência mostrou hoje em dia que poucos homens e muita munição valem infinitamente mais do que muitos homens e pouca munição.

§5. O papel do número.

Apesar do papel capital assumido pela abundância da munição, o do número permanece importante.

Os alemães sempre insistiram em sua influência, mas cuidando de marcar seus limites. Eis a opinião de Bernhardi:

> *Não se deve jamais esquecer que os fatores morais e intelectuais são sempre dominantes e, em certos limites __ muito variáveis, aliás __ se revelam mais poderosos do que os fatores numéricos. Isso é tão verdadeiro que, em alguns casos, as forças morais são quase capazes de compensar*

todas as outras ineficiências e que a influência de uma só grande personalidade pode elevar consideravelmente a capacidade geral de exércitos inteiros e até mesmo de nações inteiras... Quando os adversários estão equilibrados numa luta indecisa, o nível de rendimento baixará pouco a pouco dos dois lados e, finalmente, o sucesso pertencerá àquele que tiver manifestado o mais alto valor moral e o maior espírito de sacrifício, ou, se os recursos morais são iguais, àquele que for capaz de sustentar financeiramente a luta por mais tempo.

O fator solidez das tropas passa então a frente do fator número. O mesmo autor escreve que:

As massas recrutadas pela República Francesa se dispersaram em 1870-71, apesar de sua grande superioridade numérica, contra os sólidos batalhões prussianos. E os japoneses, apesar da inferioridade notória de suas forças, venceram sem parar a superioridade dos russos. Sobre este ponto a Guerra da Secessão é extraordinariamente instrutiva. O exército da União, superior em número, sucumbia sempre diante da solidez das tropas confederadas.

Não é preciso, no entanto, uma desproporção muito grande entre as forças em presença, mas o número fatalmente importa.

A experiência e as considerações teóricas mostram que, em presença de uma superioridade numérica que ultrapasse um certo ponto, mesmo o gênio permanece impotente e que a massa, se pode agir como tal e se ela é suficientemente grande, pode aniquilar qualquer superioridade intelectual e moral. O gênio só pode então compensar a vantagem do número em certos limites. A superioridade numérica, levada a um certo grau, exerce um tipo de influência esmagadora.

O número dos exércitos em presença na guerra europeia é imenso, pois representa toda a parte válida da população. Diversos escritores militares avaliaram em 9 milhões o número de soldados convocados pela Alemanha.

É inútil acrescentar que em nenhuma época da história se viu uma tão formidável quantidade de combatentes. Esta guerra é, por isso, sem precedentes nos esplendores da humanidade. Povos inteiros e não mais exércitos estão em luta.

No início da campanha, os alemães agiam por ataques em profundidade e em massas, que lhes custaram perdas enormes. Repelidos em Marne, eles praticaram em seguida a tática chamada defensiva-ofensiva. O ataque é recebido em uma posição defensiva bem escolhida e respondido por meio de um contra-ataque, assim que o adversário parece enfraquecido pelo esforço.

Mantido depois da batalha de Marne, este método não produziu nenhum resultado útil porque os adversários possuem forças quase iguais. Ficará assim até o dia em que um deles se tornar superior ao outro em efetivos e artilharia e seu comandante puder abrir uma brecha de vários quilômetros na frente inimiga. Aberta a linha em um ponto, provavelmente todo o resto cairá no mesmo golpe.

§6. A guerra marítima e aérea.

As guerras marítimas parecem em vias de sofrer uma evolução ainda mais profunda do que a guerra terrestre.

As lutas navais tendem, com efeito, a acontecer não sobre o mar, mas sob o mar e se pergunta se esses imensos couraçados, que custam uma centena de milhões, que podem ser afundados em alguns minutos por uma mina ou um torpedo lançado por um submarino, sobreviverão no futuro.

O papel dos submarinos é dobrado: papel material, sob o ponto de vista das destruições produzidas; papel psicológico, pelo medo que inspiram. Esse medo forçou os maiores couraçados a se abrigarem nos portos, sem sair deles.

Com um número suficiente de submarinos a Alemanha poderia efetuar o bloqueio real da Inglaterra. Mas a confiança ia ou-

trora para os couraçados e os submarinos pareciam um elemento acessório.

Nada justificava, no entanto, essa preferência, pois o papel futuro dos submarinos já tinha sido previsto. O chefe do almirantado britânico, em 1905, Lorde Fisher, dizia que o submarino produziria uma revolução nas guerras navais e o almirante Sir Percy Scott escreveu, algumas semanas antes da guerra, que a introdução dos submarinos tornaria inúteis os navios de superfície. Dizia ele: “O submarino expulsará o couraçado do mar como o automóvel caçou o cavalo da estrada”.

Um engenheiro italiano, ex-diretor das construções navais, propôs transformar os submarinos em couraçados-torpedeiros que navegam sob a água e só deixam emersos duas reduzidas blindagens que cobrem as chaminés, os motores e os canhões. O casco do navio seria blindado apenas na parte superior. A espessura da água em que o navio permanece imerso é suficiente para protegê-lo contra os obuses.

No estado de equilíbrio instável em que a civilização moderna entrou, com os rápidos progressos das ciências, é preciso esperar muitas outras transformações ainda.

CAPÍTULO II

Os sentimentos que a guerra fez surgir. O nascimento de novas personalidades.

§1. O nascimento de novas personalidades.

Sumário

Uma guerra prolongada como a que perturba a Europa constitui um desses acontecimentos fundamentais capazes de modificar o equilíbrio dos elementos que formam nossa vida mental. Ela resulta nessas variações de personalidade que eu falei num outro capítulo. O indivíduo se transforma até o ponto em que sua conduta surpreende até mesmo aqueles que o conhecem. Ele mesmo se espanta mais tarde quando, colocado de novo em seu antigo meio, ele retoma sua primitiva personalidade.

Tais transformações acontecem de uma maneira tão instantânea quanto os acontecimentos que as produziram. Numa época em que o luxo e o gosto do bem estar pareciam ter tornado impossível uma vida de privações e de perigos, viu-se centenas de milhares de pessoas, que nada as havia preparado para enfrentar cotidianamente uma morte terrível, atingiram a bravura dos guerreiros mais célebres. O heroísmo se tornou entre elas uma qualidade banal. A leitura das citações nas ordens do dia do exército mostra

que indivíduos, que exerciam, na vida civil, pacíficas profissões, deram prova no campo de batalha de uma intrepidez sem limite.

A guerra atual justifica então, mais uma vez, a teoria, exposta em meus livros, de que a constância aparente da personalidade resulta simplesmente da constância do meio. A pessoa da vida diária pode se modificar até o ponto de se tornar irreconhecível. Cada um de nós reúne possibilidades de características variadas que as circunstâncias farão diversamente surgir. Ninguém poderia, por consequência, pretender se conhecer.

As transformações da mentalidade constatadas entre os combatentes das camadas sociais variadas que compõem os exércitos são tão profundas que espantam os observadores.

Eis o que escreveu um deles:

> *Uma mentalidade particular se desenvolveu nos soldados, transportados frequentemente, pelos acontecimentos, a um plano heroico. Eles têm o gosto pelo sacrifício, o desinteresse, o entusiasmo e o horror dos discursos inúteis. Os "falastrões" não são tolerados na linha de fogo. Não se toma mais os gauleses como amantes das belas palavras. Em revanche, uma solidariedade tal existe entre os homens, que não se tem mais necessidade de pedir voluntários, quando se trata uma ação arriscada: todos estão prontos. Realmente, o dever e a luta enobreceram cada soldado. Eu conheço*

um oficial, ex-trapista, que tem sob seu comando homens cuja conduta não era exemplar em Paris. São agora soldados admiráveis e a redenção de seus erros passados é um fato consumado, aos olhos de seus camaradas.

***Le Temps**, 27 de julho de 1915.*

Essa mentalidade nova implica no desenvolvimento de certos sentimentos, cujos princípios vamos indicar os principais.

§2. A exaltação do patriotismo. Influência da alma do povo.

O amor pela pátria, qualificado de patriotismo, necessita do sacrifício completo de seus interesses pessoais pelos interesses gerais.

O patriotismo é tão mais forte quanto mais a alma do povo se encontra estabilizada pelos séculos de vida em comum e pelos interesses comuns. O instinto de conservação coletivo substitui então facilmente o da conservação individual.

É, na realidade, a alma do povo que luta numa guerra e quanto mais sua existência é ameaçada mais ela se defende.

O patriotismo representa uma qualidade herdada de ordem mística e não racional. Quem fosse patriota simplesmente pela razão o seria mediocremente e por pouco tempo.

Escreve o Sr. Chevrillon:

O patriotismo, como a religião, não é de ordem da razão, mas da vida. É um instinto, um desses sistemas herdados de ilusões e de sentimentos que a vida, ao longo de seus desenvolvimentos, construiu, se esforçando rumo a seus fins, que são sempre de se perpetuar ou de aperfeiçoar suas formas. Desses sistemas, uns servem à conservação do indivíduo; outros, ao do grupo; outros, ao da espécie. Todos, mais ou menos diretamente, com o único objetivo essencial: a manutenção do tipo. Eis o que a dialética não explica, não demonstra ao indivíduo o absurdo de seu sacrifício à causa que, morto, não saberá de mais nada. Quem pensa assim parte de um axioma falso, supondo que o indivíduo apenas existe, que se limita a si mesmo, que só tem valor e fim nele mesmo, enquanto que ele vive em seu grupo e para seu grupo, como a folha da árvore para a árvore, enquanto que a porção __ e, sem dúvida a principal de seu ser __ não é individual, mas social. Considerado deste ponto de vista o patriotismo é lógico, ele não é um erro do indivíduo que calcula mal se sacrificando por aquilo que não é dele. Ele é, no indivíduo, uma função da vida coletiva, para a vida coletiva; assim como o amor e a vida da espécie. Função latente em tempos comuns, mas capaz, ainda como o amor, de bruscos despertares.

O patriotismo, herança dos mortos, constitui uma dessas potências superiores criadas por longas acumulações ancestrais cuja força se revela em certos momentos. Foi ele que, no mesmo dia em que a guerra foi declarada, determinou aos homens pertencentes aos partidos, em aparência os mais rebeldes à sua influência __ pacifistas, sindicalistas, socialistas etc.__ que se enfileirassem imediatamente sob as bandeiras.

Essa unanimidade teria sido impossível se o patriotismo não tivesse constituído uma força inconsciente cujos impulsos expulsam todos os raciocínios.

Uma massa de pequenos fatos mostra bem sua espantosa ação. Um dos mais típicos é o caso do soldado que, após ter desertado em 1899, se estabeleceu como agricultor em Carlsruhe e casou-se com uma alemã, com quem teve seis filhos. Sua antipatia pelo serviço militar era muito grande e por isso ele não tinha medo de desertar a fim de evitá-lo. Mas, por ocasião do conflito, a voz da terra natal falou tão alto e tão vitoriosamente que ele abandonou sua nova família e voltou para lutar na França.

Muitos outros casos de mesma ordem poderiam ser citados. O mais tocante talvez é o do conselheiro de Estado, ex-prefeito, que, com sessenta anos, engajou-se como simples soldado e acabou por ser morto pela explosão de um obus.

§3. O gosto pelo risco e a temeridade.

O amor pelo risco é um elemento de nossa natureza. Ele se traduz em diversas maneiras: jogo, caçadas perigosas, combates, explorações etc.

Nenhum conquistador, nenhum fundador de império, atinge o sucesso sem arriscar várias vezes sua sorte na mesa de jogo do destino.

Arriscar a fim de vencer é necessário, principalmente nas batalhas, mas não é preciso que as chances de sucesso sejam muito inferiores às chances de insucesso. A clara visão das possibilidades é por isso indispensável.

Para estabelecer a unidade da Alemanha, Bismarck soube enfrentar muitos riscos. Outros teriam hesitado em atacar sucessivamente a Áustria __ que era considerada como muito forte __ e a França, poderosa o suficiente para vencer a Áustria e a Itália.

O risco de pequenas chances de sucesso constitui a temeridade. É uma forma de coragem ao mesmo tempo inútil e perigosa que, na última campanha, nos custou milhares de homens. Eis o que me escreveu a este respeito um oficial de artilharia, o Sr. de B..., do qual citarei ainda três interessantes observações feitas sobre a frente de batalha:

Existe um mundo entre a temeridade e a bravura. A primeira deveria ser absolutamente proscrita e punida. É a ela que devemos regimentos inteiros privados de oficiais. Os alemães __ com seu implacável método __ compreenderam isso, sem dúvida. Por isso não se vê entre eles, quase nunca, esses atos de aparência heroica, dos quais tanto nos orgulhamos e nos são funestos, na maioria das vezes, pois eles ceifam os melhores e deixam uma tropa com valor consideravelmente diminuído.

§4. Renascimento dos sentimentos religiosos na França durante a guerra.

A guerra desenvolveu na França manifestações místicas muito diferentes daquelas resultantes do misticismo político da Alemanha.

No ideal místico de dominação dos alemães, o Deus encarnado na pessoa do imperador só desempenha um papel distante. Tendo escolhido o povo alemão para regenerar o mundo e tendo lhe dado todas as qualidades necessárias, ele não tinha mais que se ocupar com eles.

Certo da proteção de seu Deus, o místico alemão não sente necessidade de pedi-la. Menos certo dessa proteção, o místico francês trata de obtê-la através de súplicas repetidas. Elas são ne-

cessárias porque ele está convencido de que, segundo a explicação publicada num grande jornal, por um acadêmico ilustre:

> *A desgraça nacional é uma expiação pelos nossos pecados. Há um sentido neste cataclismo e todas as religiões são unânimes em reconhecer na desgraça nacional uma expiação.*

O melhor meio de apaziguar a fúria desse Deus vingativo era, segundo o mesmo autor, dirigir-lhe preces públicas. Uma petição foi, por consequência, enviada neste sentido ao governo, para obter sua adesão. Ela não foi, naturalmente, acolhida. Um Deus capaz de ser dobrado apenas por súplicas baixas possui uma mentalidade um pouco bárbara para nossas almas modernas.

Sua intervenção nas recentes batalhas pareceu evidente, no entanto, a guerreiros ilustres. No **Gaulois** de 26 de dezembro de 1914, o general Cherfils escreveu:

> *Compreende-se muito bem porque, no plano da soberana Providência, a guerra não teve a brevidade esmagadora que havíamos esperado. Essa guerra deve ser para a filha mais velha da Igreja uma libertação, uma ressurreição. A ressurreição implica primeiro no túmulo. Na falta do túmulo de Lázaro, Deus nos deu a liteira de Jó, a longa prova dolorosa e sangrenta em que renova a alma da França cris-*

tã. Tal é a explicação mais verdadeira da duração da guerra. Ela é a mais verdadeira porque ela é sobrenatural. Jamais, desde os tempos de Joana D'Arc, foi mais visível que o sobrenatural governa os mundos.

O espírito místico dá, certamente, uma grande força aos crentes. Mas ele lhe sugere, às vezes, explicações bem singulares!

O renascimento dos sentimentos religiosos sobre a frente de batalha foi muito menor no interior do país. A hostilidade do Papa e a dos partidos católicos entre os neutros e a inabilidade do clero, que assegurava que nossos reveses eram um castigo do céu, atingiram profundamente o patriotismo nacional e criaram uma frieza geral com relação ao catolicismo.

§5. Evolução dos sentimentos populares durante a guerra.

É difícil falar da evolução dos sentimentos populares durante a guerra. As transformações de sentimentos e de ideias. em todas as camadas sociais são evidentes, mas suas formas finais permanecem ainda desconhecidas.

A evolução da opinião geral nos diversos países determinará em grande parte a continuação ou o término da luta. A realidade das coisas é muito menos importante do que a ideia que se faz dela. Quem se acredita vencido logo o é. O mundo é governado

hoje em dia pelos conceitos coletivos. Lentos para se formar, eles se tornam irresistíveis após terem crescido.

É por isso que a Alemanha faz tantos esforços para conquistar a opinião pública, mas ela muitas vezes altera a verdade para que a fé em suas afirmações possa subsistir.

A convicção mística de seu triunfo ainda não foi abalada entre os alemães. Ela somente o será quando eles sentirem que o Deus dos combates os abandonou.

Quanto a conhecer os verdadeiros sentimentos dos diversos países, deve-se renunciar a isto. Seus jornais dizem apenas __ salvo na Inglaterra, talvez __ o que o governo permite.

Eis aqui, no entanto, a título de documento e sem que se possa atribuir a ele uma grande importância, um extrato do jornal húngaro **Magyar Orzag**, de 4 de abril de 1915:

> *Nos oito meses que dura essa horrível guerra, pôde-se constatar três fases diferentes no sentimento público.*
>
> *A primeira foi a do entusiasmo transbordante que inflamava as almas.*
>
> *Depois, as disposições públicas mudaram. A opinião pública se tornou, por assim dizer, apática com relações às coisas da guerra. As vitórias não alegravam mais ninguém, mas as derrotas não emocionavam de menos.*

Assim, chegamos à terceira fase do sentimento público. À indiferença sucedeu um excessivo nervosismo. É uma grande reação. Os acordes sentimentais ressoam. O menor acontecimento impressiona. Jamais a aflição pública foi mais profunda; jamais os lutos foram mais desoladores; jamais os acontecimentos tocaram mais a massa. É mais que nervosismo: é quase um fenômeno mórbido.

Depois dessa época, tendo os russos sido expulsos da Galícia, a opinião húngara deve ter mudado mais uma vez.

Este capítulo contribuirá, como o seguinte, para mostrar o quanto devem ser modificadas nossas antigas ideias sobre a solidez da personalidade. O agregado de equilíbrios de que ela é formada deve sua estabilidade __ eu repito __ somente ao meio social e às necessidades da existência cotidiana. As influências ancestrais acumuladas pela herança constituem um núcleo psicológico bem fixo, mas circunstâncias imprevistas poderão revestir este núcleo com equilíbrios novos que transformarão a personalidade. É quando se produz o aparecimento de pessoas desconhecidas, que espantam seus contemporâneos e que a posteridade não compreende.

CAPÍTULO III

A coragem militar. Sua gênese e suas formas.

§1. As diversas formas de coragem.

Sumário

Mesmo que a vida seja para a pessoa um bem precioso, ela a sacrifica facilmente em certas circunstâncias, particularmente quando ela obedece a impulsos ancestrais superiores ao instinto de conservação individual.

A resistência ao medo natural produzido pelo perigo constitui a coragem. Nesta qualidade entram diversos elementos que fazem um todo complexo e que se apresenta sob aspectos variados.

A coragem pode ser acidental e se torna, por isso, relativamente fácil. Sob a forma contínua ela aparece mais difícil, salvo quando o hábito torna sua prática quase inconsciente.

A guerra europeia permitiu fazer observações muito interessantes sobre a coragem, sob o ponto de vista psicológico. Os comentários registrados nos próprios campos de batalha são cheios de ensinamentos.

Dentre as cartas recebidas da frente de batalha, eu escolherei aquela de um oficial de artilharia, o Sr. de B..., já citado acima. Eis o que ele me escreveu:

Sob o ponto de vista da bravura, a guerra me fez discernir toda uma gama extensa de qualidades, até então classificadas em minha mente num bloco um pouco confuso.

Primeiro que tudo, quão justa é a expressão espanhola que diz de um homem: "Ele foi bravo aquele dia".

A mais bela qualidade da bravura é aquela que permite a um homem, partindo da segurança e na emoção da luta se lançar, com uma vontade friamente calculada, num perigo conhecido e avaliado.

A verdadeira coragem é prudente e só é exercida no limite da necessidade e sem fanfarronada inútil, fora das questões de exemplo a dar para conduzir homens hesitantes.

A coragem de um mesmo grupo de homens varia completamente segundo as circunstâncias, principalmente com um temperamento tão influenciável quanto o nosso. O valor de um grupo de alemães sofre, certamente, menos oscilações.

A confiança dos homens em seus comandantes é um fator dos mais importantes. O mesmo grupo, nas mesmas

circunstâncias, pode obter um sucesso ou um fracasso, de acordo com a maneira com que ele é comandado.

Desde o começo da guerra nossa coragem militar sofreu uma transformação importante. Diante das necessidades, seu lado brusco e impulsivo, que nos custou tantos homens, acabou por desaparecer.

Imbuídos dos métodos antiquados que nosso estado-maior não soube modificar, nossos soldados, no início, se lançavam loucamente a descoberto contra baterias que os deixavam se aproximar e os aniquilavam sem sofrer nenhuma perda. Tais procedimentos levavam rapidamente à derrota. Eles foram, tanto quanto a ineficiência do comando, um dos motivos de sucesso dos alemães.

Essa causa é bem destacada na entrevista seguinte de um general alemão, publicada pelo **Figaro**, de 5 de outubro de 1914:

Vossa infantaria merece grandes elogios, mas ela tem graves e terríveis defeitos. O mais perigoso de todos é sua coragem. Vossos infantes combatem de peito aberto. Eles parecem ter prazer em se fazer de alvos. Eles são fáceis de mirar e atingir. É heroico. certamente, mas é absurdo.

Vós credes que a coragem é sempre um elemento útil e muito certamente ela o é, em certas circunstâncias: nos assaltos, nas cargas de baioneta. Mas a grande coragem

dos homens é, na maioria das vezes, mais um inconveniente do que uma vantagem. Isso vós não o sabeis. É, no entanto, uma verdade. Vós pareceis ignorar que para vencer é preciso se esconder, se dissimular, oferecer ao adversário a menor presa possível, remover a terra, se esconder nela, se servir de todas as rochas, de todas as saliências do terreno, ver e não ser visto.

Eis o que vós aprenderão talvez um dia, de tanto nos ver fazer. É preciso tudo arriscar na batalha, mas não é preciso arriscar nada fora dela.

A experiência acabou por ensinar aos soldados o que seus comandantes se esqueceram de lhes ensinar em tempos de paz.

Essa evolução é resumida nas linhas seguintes de um oficial francês, publicadas pelo **Éclair**, de 29 de novembro de 1914:

Nossa noção de coragem mudou. Ela não está menor, mas mais humilde, mais interior, mais obscura, mais moral enfim. A outra, a de outrora, tinha qualquer coisa de explosiva, de aristocrática. Os corajosos saiam das fileiras, se distinguiam aos olhos de todo; eles tinham atitudes e espectadores; eles pareciam primeiro uma elite e eram reconhecidos por sinais visíveis que os tornavam uma exceção. Não há exceção quando não há massa e só há coragem numa

trincheira para seus dois vizinhos, a bem dizer, para ninguém. O renome não a acompanha; ela mesma, frequentemente, se ignora. Não há mais nada de grandes gestos. Ela consiste quase unicamente em conservar seu sangue frio, o funcionamento do cérebro e da vontade. A glória daqueles que venceram as batalhas de Ypres será de não retornarem loucos, nem candidatos à loucura.

Essa glória, até o presente, nós a conquistamos e ela não nos veio de alguns indivíduos privilegiados pelo caráter ou pelas circunstâncias, mas muito mais pelas qualidades comuns de nosso povo.

Estas linhas mostram bem que a coragem intermitente, irrefletida, foi substituída pela coragem contínua, refletida e, por consequência, prudente. Esta segunda forma de bravura se revela atualmente muito mais útil do que a primeira.

As observações feitas sob o fogo são sempre particularmente interessantes. Eis algumas outras que me foram transmitidas pelo Dr. Jolivot. Elas mostram bem a ação dos comandantes:

Sob a influência da emoção produzida por um fogo violento, o soldado se torna muito semelhante a um cavalo embalado, com a diferença de que ele seguirá cegamente seu comandante. Mas se este comandante vem a desapare-

cer, a desagregação da tropa é rápida. Eu vi uma companhia se debandar a um primeiro ataque, em Argonne, enquanto que o resto do regimento, bem cerrado neste momento, estava resolutamente engajado na luta. Os homens podem ser conduzidos, mas se o gesto e a voz do comandante não estiverem assegurados, o resultado é nulo. O homem se livra então de seu fuzil e de sua mochila, ou seja, do que tem de mais precioso e uma tropa se torna assim uma massa.

§2. O heroísmo.

As condições muito duras e muito mortíferas da guerra moderna deveriam forçosamente produzir derrota ou heroísmo. Elas felizmente criaram o heroísmo. Ele é mesmo tão difundido que se pode considerá-lo como uma qualidade elementar. Ninguém duvida que este ponto de vista seja possível, após ter percorrido a tão longa lista de citações em ordens do dia. Os exemplos seguintes, tomados ao acaso, são característicos de milhares de outros semelhantes:

Courtin, reservista do 126º de infantaria, após ter matado os defensores de uma metralhadora, salta sozinho numa trincheira defendida por vinte alemães e os mata a golpes de fuzil e de baioneta.

Cheylan, suboficial do 3º suábio, é enviado, na noite de 8 de outubro de 1914, com três homens, para reconhecer as posições dos inimigos. Ele encontra quarenta deles escondidos por detrás de uma cerca. Mata dezoito e coloca os outros em fuga.

O cabo Leboucq, do 4º couraceiro, fez prisioneiro, sozinho, com ousadia e sangue frio, um capitão e vinte e três soldados wurtenburgueses.

O marinheiro Mathieu Jouy, protegido por alguns sacos de areia, defende sozinho uma trincheira para cobrir a retirada de seus camaradas, conta uma centena de assaltantes e, com um braço paralisado por um golpe de baioneta, retêm os assaltantes e pôde se juntar aos seus.

Arthur Fleury, do 319º de infantaria territorial, mata sozinho quatro alemães, prende oito e coloca três outros em fuga. Ferido e abandonado duas vezes, ele retorna sozinho à sua companhia, assim que se sente um pouco melhor.

Inumeráveis são tais atos de bravura entre os soldados provenientes de todas as camadas da sociedade. O heroísmo não tem casta.

Trata-se, nos exemplos precedentes, de heroísmos intermitentes, mas as condições de existência da guerra atual, no fundo das trincheiras, tornaram o heroísmo contínuo indispensável. Jul-

gar-se-á a valentia que exige essa vida pelos extratos seguintes de diversas publicações.

Eis primeiro uma passagem retirada do **Éclair**, de 29 de novembro de 1914, proveniente de um oficial que vivenciou nas trincheiras a batalha de Ypres:

> *Na noite de 24, não distante de Ypres, fomos postos bruscamente no fogo, nas trincheiras. Durante treze noites e doze dias __ eu fui ferido na décima terceira __ ficamos enfurnados nas valas, na lama, molhados pela névoa noturna, transidos e imóveis, sob uma chuva furiosa de balas, de estilhaços, de bombas e de obuses que não parava, nem de dia nem de noite, nem um quarto de hora.*
>
> *... Adeus aos nossos sonhos de heroísmo teatral, nossas cargas vigorosas e nossas baionetas vermelhas com o sangue odiado. Era preciso, ao invés disso, sufocar na fumaça das explosões, ficar surdo com seu barulho, ser enterrado em seus cacos, escutar os gritos dos feridos sem se incomodar, receber os miolos de um companheiro na cara, ver passar diante de si o braço de um outro, apanhar aqui os pés esmagados, ali o peito aberto. Era preciso ver, ouvir, tremer e não cair. Estávamos em nossas tumbas, à frente do destino que nos esperava, presos num pesadelo de suplícios infernais.*

O Sr. Léon Bourgeois resumiu, nos seguintes termos, a vida nas trincheiras:

Eles sofrem sem dizer uma palavra, na obscuridade absoluta, com os pés na lama, gelados, escutando os menores ruídos da noite, sem sono, a mão na arma, prontos para combater, prontos para morrer. E as noites se sucedem e em centenas de quilômetros de distância eles estão assim: atentos, impassíveis, inabaláveis. E seus comandantes estão perto deles, silenciosos também. E quando os combates acontecem, eles não veem nem mesmo seus comandantes; eles recebem de longe as ordens transmitidas por telefone. As balas silvam, os obuses explodem bruscamente, os formidáveis engenhos de guerra se abatem sobre a trincheira e a confusão se instala. E, quando a agitação passa, eles se fecham, eles se contam. Sem uma hesitação, sem um instante de perturbação, eles recomeçam, incansáveis, a silenciosa função. E os comandantes fazem o mesmo.

E quando, no dia seguinte, o ***Bulletin des Armées*** *narrar o combate em que se ganhou algumas centenas de terreno, resumirá num texto simples e nítido o heroico. combate e ninguém dirá o nome do batalhão ou do regimento, ninguém dirá o nome dos seus comandantes e quem venceu. Ninguém dentre eles, do mais graduado ao mais humil-*

de, pensou na coisa maravilhosa que parecia necessária outrora para fazer nascer os prodígios: a glória!

§3. O papel do hábito sobre a coragem.

O hábito desempenha um papel preponderante na gênese da coragem continuada imposta pela guerra atual. Basta, para criá-lo, que os mesmos perigos se repitam e que o homem saiba resistir aos primeiros. De coragem eventual, passa-se então para a coragem contínua.

Não se deve por isso exagerar no rigor dessa vida nas trincheiras, cujo quadro reproduzimos acima. Ela só aparece dura quando contemplada bruscamente, sem levar em conta o hábito. A vida nas minas, com o perpétuo perito das explosões, parece igualmente infernal ao homem que vive sempre à luz. Abandonar os campos ensolarados por um subterrâneo onde só se move rastejando, seria deixar o paraíso pelo inferno. E, no entanto, os velhos mineiros aposentados sentem falta de sua antiga vida. Para eles, a existência sob a terra representa o paraíso e a vida ao sol, o inferno.

É em razão dos efeitos do hábito que os soldados das trincheiras são alegres e não dão nenhum sinal de cansaço. O hábito põe sobre eles sua poderosa marca. Quando eles retornarem à fá-

brica, aos campos, ao escritório, muitos sentirão falta, talvez, das mortíferas trincheiras.

A alegria nas trincheiras foi perfeitamente notada pelo Sr. E. Herriot:

> *Aqui, numa dessas valas de lama e palha molhada onde nossos soldados vivem, toca-se realmente no mais alto ponto do sofrimento humano; um sofrimento feito de privações, de frio glacial, de esforço cotidiano; um sofrimento contínuo. Mas é preciso acreditar que a ideia que se faz das coisas é, talvez, às vezes, pior do que a coisa em si e depois, acostuma-se a tudo. Eu não ouvi uma só queixa. E não foi por pudor; os soldados não têm pudor. E, não apenas eu não ouvi queixas, como, no meio das condições de vida mais duras, eu só vi homens alegres; de uma alegria retirada das fontes mais profundas do temperamento nacional; feita de confiança, de otimismo e de vontade.*

Guardemos estas últimas linhas com respeito à alegria. Ela é um dos principais sustentáculos do homem que vive nas trincheiras. Os comandantes que compreendem seu valor sabem mantê-la por diversos meios.

O hábito dessa vida tão terrível se adquire, aliás, bem rápido. Eis o que escreveu a este respeito um militar que viveu muito tempo nas trincheiras:

> *Não é difícil fazer um cabeludo. Isso demanda oito dias no máximo. No fim de uma semana, o soldado está tão bem habituado ao tumulto infernal do bombardeio que se, por acaso, o canhoneio é interrompido, ele fica literalmente aturdido pelo silêncio. Dorme-se ao som dos obuses. Mas a ausência de ruído desperta quem está dormindo; o fato é constatado a cada dia. E isso significa que o hábito está estabelecido. Ele acontece desde o início com uma rapidez inesperada.*

Todas as cartas dos soldados destacam a rapidez de sua adaptação. Eis uma que mostra, ao mesmo tempo, o papel do hábito e a facilidade com que o soldado francês se adapta às condições de combate bastante contrárias à sua mentalidade atávica:

> *Nada me assusta agora; os obuses podem assobiar, bem como as balas; eu não perco mais meu sangue frio como no início e somos todos assim. Nos primeiros combates, nós nos aprontávamos muito rápido; não se via a hora de carregar a baioneta e, querendo ir mais rápido, nos deixávamos fuzilar. Agora, quando nós atacamos, rastejamos e*

nos servimos dos mínimos montes de terra para nos abrigarmos. Assim conseguimos atirar nos alemães em condições favoráveis a nós e, algumas vezes, até mesmo sem que eles saibam de onde vem os tiros. Em nosso último combate, ocupamos um terreno quase insustentável; tivemos que repelir ataques vindos de todas as direções, tanto nos flancos quanto à frente... Nenhum nos fez recuar.

Não temos que examinar aqui as causas psicológicas do hábito. Ele é uma consequência da aptidão para se adaptar. Num ser incapaz de se adaptar não há hábito possível.

De acordo com sua duração, o hábito cria reflexos provisórios ou duráveis, cuja aparição se dá espontaneamente. Essa ação é bem demonstrada na seguinte narração de um oficial, exposto à noite a um ataque imprevisto:

Oh, velho automatismo profissional! Como você me é precioso! Há alguns segundos eu não passava de um alucinado jogado na noite. Eis-me aqui diante de meus soldados. Sob o olhar de meus subordinados eu sinto uma força estranha me penetrar; eu me torno o comandante calmo, senhor de si, certo do que ordena, confiante em sua ciência e cuja vontade anima os fracos.

A coragem criada pelo hábito só intervém em perigos de mesma espécie, que se repetem da mesma maneira. O fenômeno foi frequentemente observado. Os soldados habituados a receber, por exemplo, certas categorias de obuses, não se alarmam mais e só se abalam quando a natureza do projétil muda. É preciso um novo hábito para superá-lo.

Os fatos precedentes bastam para provar a parte do hábito na gênese da coragem continuada. Na guerra, tanto quanto na paz, três quartos de nossos atos são dirigidos pelo hábito.

O hábito que cria a coragem continuada não pode nada contra os perigos imprevistos e a bravura, neste caso, vem de outra fonte. Ela implica numa forte vontade e, por consequência, num tipo de tensão nervosa que não poderia facilmente ser prolongada. O papel dos comandantes se torna então preponderante.

§4. O papel do contágio mental.

O contágio mental __ muito poderoso na vida social __ o é mais ainda na vida do soldado. Apenas ela suscita essa coesão dos grupos, sem a qual nenhuma ação militar seria possível.

O contágio mental é, como se sabe, um fenômeno psicológico em virtude do qual os indivíduos submetidos à sua influência agem, não segundo sua vontade, mas segundo a dos seres que os cercam.

O contágio mental age pouco sobre a inteligência, mas muito sobre os sentimentos. Sob o império de suas sugestões as pessoas em massa sentem e reagem todos da mesma maneira.

Muitos estados mentais __ derivados de diversas associações de sentimentos: otimismo, pessimismo, medo, coragem etc __ são suscetíveis de se tornarem contagiosos. As ideias. também podem sê-lo, algumas vezes, mas somente em proporção de seu conteúdo afetivo ou místico. Uma ideia puramente racional não é contagiosa.

O contágio mental acontece assim que o indivíduo entra numa aglomeração com contornos profissionais bem nítidos; um agrupamento militar, por exemplo. À sua personalidade se superpõe então a alma de sua coletividade. Ele sentirá, pensará, julgará com as ideias. de seu grupo e não de acordo com seus sentimentos, seus pensamentos, seus julgamentos habituais.

Escreve o capitão Tabureau:

> *Milagre espantoso. Assim que este homem, este reservista, veste o uniforme, seu estado de espírito muda bruscamente; o sentimento de sua individualidade se atenua, ele adquire um sentido novo, o da vida coletiva; ele não é mais o merceeiro, o metalúrgico, o agricultor tal; é uma engrenagem de uma máquina; suas ideias. pessoais se apagam, uma força misteriosa o leva a pensar e a agir como os ou-*

tros. O que ele ouve dizer ao redor de si: "O inimigo está ferrado, só vamos lhe dar uma mordida..." e ei-lo persuadido de que o inimigo está sem força, ridículo, desprezível. Ao contrário, que ele receba de seu vizinho a terrível confidência: "fomos traídos" e ei-lo convencido de que todos os seus comandantes estão vendidos ao inimigo.

No campo de batalha, se ele está emotivo, basta que alguns homens gritem: "Salve-se quem puder!" para que imediatamente toda ideia razoável seja varrida dele; sem refletir, sem se dar conta do perigo real, ele se põe a fugir como um louco.

O contágio mental torna muito perigosos os ruídos, as opiniões etc., que se propagam principalmente quando o moral está abalado por uma derrota. Eis o que me escreveu a este respeito o oficial de artilharia já citado:

Em alguns dias, se muito, após o início da campanha, eu tive uma confirmação da exatidão de vossa concepção, que me chocou. Era 20 de agosto,em Sarrebourg. Um simples rumor como este: a artilharia do inimigo atira de muito longe para que se possa se defender contra ela, tinha transformado em uma tropa indecisa homens que, algumas horas antes, estavam cheios de entusiasmo. Apenas a artilharia

estava em face dessa desmoralização. Um obus atingiu meu cavalo e eu fui lançado num funil. Não sei porque eu pensei em vós e, na semi-inconsciência em que me havia deixado o choque, eu senti como esses homens tinham sofrido o contágio mental que os paralisava e que nós outros não podíamos sentir, sendo, como artilheiros, estranhos à sua massa. Cinco dias após, os mesmos homens, estimulados pelo exemplo de companhias que conservaram seu sangue frio e o ruído de supostas vitórias no norte, desenvolviam um esplêndido esforço. O rebanho indeciso havia se tornado um instrumento poderoso.

O mesmo oficial me destacou que os isolados retomavam seu valor militar após serem reintegrados a seu grupo habitual, mas de maneira alguma quando eram colocados num outro. Eles o deixavam na primeira ocasião para se juntar às viaturas de artilharia. A confiança proveniente do contágio mental desaparecia então fora de seu meio familiar.

CAPÍTULO IV

As consequências das imprevisões e dos erros de psicologia na gênese dos conflitos.

§1. Generalidade da imprevisão e da falta de observação em psicologia política.

Sumário

A maior parte dos fenômenos físicos são traduzidos facilmente em fórmulas. Não acontece o mesmo com os eventos da vida social. Muitos fatores os determinam para que leis breves possam permitir prevê-los.

Mesmo com relação a acontecimentos próximos da hora presente os prognósticos são sempre incertos. Muito poucos cérebros são capazes de compreender os encadeamentos imediatos de um evento e muito menos seus resultados distantes. Os políticos que possuem a faculdade de prever um pouco os desdobramentos de fatos importantes são em número muito restrito.

Mas se as dificuldades de previsões distantes aparecem claramente, não é menos rara a aptidão para observar corretamente. A história demonstra, no entanto, que governos que possuem em mão todos os elementos possíveis de informação __ embaixadores, adidos militares, espiões etc. __ e podem, portanto, serem

facilmente documentados, quase nunca conseguem saber o que se passa nos países vizinhos. É evidente, por exemplo, que se, em 1870, Napoleão III soubesse da força militar real da Alemanha, ele não teria se lançado na guerra funesta que nos custou tão caro.

Não é menos evidente que, se conhecêssemos antes de 1914 os métodos e o armamento alemães, que um observador um pouco cuidadoso teria podido descobrir durante suas grandes manobras, teríamos podido reformular tudo o que a experiência revelou de defeituoso em nossa organização.

É principalmente sob o ponto de vista da psicologia dos povos que as faculdades de observação dos políticos se mostraram sempre medíocres. Eles querem julgar os seres segundo as ideias que eles fazem deles e aplicam a todas as mentalidades a mesma medida. Grande erro.

Os grandes chefes de Estado foram, em todos os tempos, grandes psicólogos. Mas, se eles souberam penetrar os motivadores de ação de seus compatriotas, os dos outros povos lhes permaneceram frequentemente fechados.

Napoleão, que conhecia tão perfeitamente a alma dos franceses, se enganou inteiramente com relação aos russos e aos espanhóis. Esse desconhecimento o levou a empreender guerras que resultaram na decadência de seu império.

Uma das grandes superioridades de Bismarck foi conhecer tão bem a psicologia dos povos estrangeiros tanto quanto a dos germânicos. Ele sabia até onde poderia ir, os limites em que era preciso parar e os meios a empregar para estimular os movimentos populares. Com algumas palavras mudadas no célebre despacho de Ems, ele obrigou os franceses a lhe declarar a guerra. Dois ou três dias de paciência bastariam para estabelecer a verdade, mas, conhecendo nossa psicologia, ele sabia que éramos incapazes dessa dose de paciência.

A ignorância da psicologia de um povo custa, muitas vezes, caro aos governantes. A ignorância da psicologia dos bôeres levou um ministro inglês a lançar seu país numa expedição ao Transvaal. Essa guerra danosa foi, ademais, totalmente inútil, pois, reconhecendo que ela não poderia domar a alma desse pequeno povo, a Inglaterra acabou por lhe conceder quase inteiramente a liberdade e abandonar sua conquista.

A história das guerras do Segundo Império bastaria para mostrar a frequência da falta de previsão e de observação em política. Não há uma só das campanhas desse período __ a da Crimeia e a do México, particularmente __ que não mostre uma incompreensão absoluta dos governantes. Uma única guerra era para ser feita, a que poderia impedir a Prússia de devastar a Áustria e se aliar a este império. Ela teria prevenido nossos futuros desastres.

Os antecedentes da guerra de 1870 podem figurar dentre aqueles que revelam o quanto de imprevisão e de incompreensão. Que se percorra a coleção dos jornais franceses, dos discursos parlamentares, dos documentos diplomáticos de 1865 a 1870, que tratam dos eventos ocorridos, de Sadowa a Sedan. Que acúmulo de julgamentos errôneos, de previsões absurdas, de incompreensões formidáveis. Cegueira por todo lado, clarividência em nenhum lugar. Se esses mesmos acontecimentos se tornaram inteligíveis mais tarde foi porque suas consequências, ao se desenrolarem, não puderam mais ser contestadas.

É preciso reconhecer que, com as complicações da política atual, os acontecimentos mais próximos são difíceis de prever. Não é de se surpreender então que um dos mais ilustres políticos atuais tenha podido escrever no **Figaro**, de 5 de junho de 1914, ou seja, às vésperas da guerra: “A Áustria-Hungria é uma potência decadente. Ela não é um perigo para ninguém”.

Como explicar a inaptidão geral para compreender os fatos presentes e pressentir um pouco suas consequências? Ela se deve sobretudo a que a maior parte dos políticos, confinados num círculo de crenças políticas, de origem mística ou afetiva, pensam não de acordo com os acontecimentos, mas de acordo com as ideias. que eles fazem deles. Sendo essas ideias. geralmente a imagem de

seus sentimentos e de seus desejos, não têm nenhuma relação com a realidade.

Se remontássemos às origens da maior parte dos erros na história, nelas se acharia sempre a imprevisão, a falta de observação e a incompreensão.

Os erros de psicologia são os mais funestos que um político pode cometer. Sua tarefa é, por isso, muito difícil. De suas previsões ou de seus erros depende frequentemente o destino de um povo. O acerto das visões de Cavour criou a unidade da Itália e o de Bismarck o Império Alemão. As imprevisões de um visionário coroado nos valeram, pelo contrário, Sedan e uma invasão, que figuram dentre as causas da guerra atual. Se as vontades humanas não dirigem inteiramente os acontecimentos da história, elas podem pelo menos orientar seu curso. Nossas imprevidências e nossos erros criam as fatalidades, cujas consequências depois precisamos suportar.

Os erros dos políticos se devem frequentemente a que eles negligenciam as influências afetivas, místicas e coletivas que guiam os povos. A guerra atual fornece espantosos exemplos disso. Citar-se-ia sempre, dentre eles, o insucesso prodigioso de nossa política nos Bálcãs e, particularmente, a facilidade com que diplomatas considerados como ilustres foram, durante meses, enganados pelos búlgaros e os turcos.

As pessoas não são as peças insensíveis que um jogador de xadrez maneja friamente. Pensar muito com sua inteligência impede frequentemente de compreender os motivadores que guiam as almas.

Muito útil aos políticos, o senso de previsões não parece vantajoso aos simples particulares que os possuem.

Escreve Clémenceau:

> *Há muito tempo que se sabe que o homem azarado, que vê muito a frente de si, se torna facilmente um inimigo público para seus companheiros de vista curta. Nada melhor em política para barrar seu horizonte. O doutor Gustave Le Bon, com sua cruel psicologia das massas, talvez não tenha insistido o suficiente sobre o fato de que o povo é massa por definição, o que facilita em mais alto grau a vida dos maus governantes de todos os nomes e de todas as categorias, que a história não parou de produzir.*

Deixando de lado essas generalidades, vamos enumerar agora alguns dos erros de psicologia cometidos nos diversos países, antes e durante a guerra.

§2. As imprevisões e os erros de psicologia na França.

Nossos erros de psicologia foram numerosos. Um dos mais graves consistiu na ilusão pacifista. Ela nos fez negligenciar por muito tempo nossos armamentos e causou a oposição à Lei dos Três Anos[21], cuja necessidade aparecia no entanto inegável diante dos ares cada vez ameaçadores da Alemanha, o que revelava a eminência do perigo. Essa evidência escapava, no entanto, a muitos de nossos governantes.

A convicção era que, no estado atual da civilização, uma conflagração europeia era impossível e isso era tão difundido que a maior parte dos ministros no poder na época da declaração de guerra tinham votado contra a Lei dos Três Anos. Enquanto os alemães se armavam cada dia mais, nós sonhávamos com a paz universal.

Acreditava-se como bem certo, em caso de conflito, com uma duração muito curta das hostilidades. Com os armamentos modernos __ metralhadoras, canhões de tiro rápido, obuses explosivos etc. __ como poderiam elas se prolongar? O simples fato de convocar sob as bandeiras todos os homens válidos de dezoito a quarenta e seis anos não aniquilaria instantaneamente a vida do

[21] Lei votada em 19 de julho de 1913 pela Câmara dos Deputados francesa, que aumentava o serviço militar obrigatório de 2 para 3 anos, visando preparar o exército francês para um eventual conflito com a Alemanha. (Nota do tradutor)

país? Os povos em luta estariam certamente ameaçados de morrer de privações?

A experiência mostrou o pouco valor dessas previsões. A guerra vista como tão curta parece, pelo contrário, que vai ser muito longa e Lorde Curzon pôde dizer aos voluntários ingleses que vários Natais se passarão antes que eles revejam sua pátria.

Apesar de todas as previsões, a adaptação da população às condições novas de existência aconteceu facilmente. As mulheres, os velhos, as crianças substituíram valentemente os homens que faltavam para os trabalhos dos quais dependia a subsistência do país. A vida diminuiu, mas não se extinguiu.

Estava-se igualmente convencido de que, em razão da enormidade das massas envolvidas, uma ou duas grandes batalhas definiriam a sorte dos exércitos em presença. Porém, a característica essencial da guerra presente é a extrema raridade das grandes batalhas e a frequência de pequenos combates em uma linha de imensa extensão.

Poços escritores previram as violências da luta atual. Eu não creio, no entanto, que elas fossem difíceis de pressentir. Eis como eu tratei deste assunto, há muito tempo, em minha **Psychologie Politique**. Falando da próxima guerra, que eu julgava inevitável, eu dizia:

Não esqueçamos que ela será uma dessas lutas finais, como a história já registrou várias vezes e que levam ao desaparecimento definitivo de uma das nações em luta. Lutas formidáveis que ignoram a piedade e nas quais países inteiros serão metodicamente devastados até que não restem nem uma casa, nem uma árvore e nem um homem.

E, convencido de que essa luta estava próxima, eu acrescentei:

Tenhamos essas noções bem vivas na alma quando educarmos nossas crianças e nossos soldados e deixemos aos demagogos os discursos inúteis sobre o pacifismo, a fraternidade e outras futilidades que fazem pensar nas discussões teológicas dos bizantinos enquanto Maomé atravessava seus muros.

Um ex-ministro dos assuntos estrangeiros, o Sr. Hanotaux, assinalou alguns dos erros psicológicos cometidos por nossos governantes, desde o começo da guerra. Eles são, na verdade, excessivos:

As potências tinham sérias razões para intervir nos Bálcãs. Desde o dia em que a Turquia tomou posição contra elas, elas tinham que superar as vantagens que a aliança

turca dava aos dois impérios germânicos. Era uma nova frente constituída contra a Rússia; era a Rússia bloqueada no sul, por terra e por mar; era a Inglaterra ameaçada no Canal de Suez e nas Índias.

É singular que precauções diplomáticas não tenham sido tomadas, a esse respeito, desde o início; é singular que não se tivesse nenhum dado preciso sobre a posição eventual da Turquia no conflito, a tal ponto que Paris tenha fornecido mais uma vez, à Sublime Porta[22] *, um empréstimo de 500 milhões, alguns dias antes da declaração de guerra; é singular que, quando a necessidade de agir se tornou evidente, não se tenha feito isso com mais rapidez e energia, penetrando, após Gaeben e Breslau, na porta de Constantinopla.*

Houve aqui uma série de erros que pesa agora sobre a situação presente.

[22] Nome com que se designava o Império Otomano, que tinha sede em Constantinopla (Turquia). O nome era proveniente da porta monumental do Grão Vizirato, sede do governo, naquela cidade. (Nota do tradutor)

§3. As imprevisões e os erros de psicologia da Alemanha.

Os erros psicológicos dos franceses foram grandes, pois eles provocaram uma falta de preparação e desastres. Os erros dos alemães, mesmo que tenham tido para eles a mesma gravidade, foram numerosos. Estes erros também lhes custaram muito caro.

Segundo uma entrevista de um personagem alemão, publicada pelo **La Dépêche Coloniale**, há alguns anos, os alemães, para nos vencer, contariam muito com:

1º) Nossas dissensões religiosas e políticas;

2º) O antimilitarismo;

3º) A Confederação Geral do Trabalho, que pregará, no momento da guerra, a greve geral e a greve do soldado;

4º) Nossa decadência física e moral;

5º) A desorganização de nosso exército e de nossa marinha;

6º) Nossas instituições, pacifistas em sua maior parte.

Sabe-se o quanto a realidade desmentiu essas previsões. Ao formulá-las o autor traduzia ideias difundidas em seu país e se esquecia da influência de um fator psicológico essencial, o poder da alma nacional que, numa crise ameaçadora, domina as vontades individuais divergentes e une todos os corações contra o perigo comum.

Os alemães não viram também que a violação da neutralidade belga provocaria a indignação da Inglaterra e reconciliaria instantaneamente partidos que pareciam divididos para sempre. Eles não poderiam prever o efeito que produziria a violação de um tratado, sendo os princípios do direito internacional ensinados em seus livros muito diferentes daqueles professados pelos ingleses.

A Alemanha também não supunha, de maneira alguma, a resistência da fraca Bélgica a uma invasão armada. Aqui, novamente, a força dos elementos atávicos lhe escapou.

Todas essas imprevisões levaram ao abortamento da marcha fulminante sobre Paris.

Nós mostramos em outros capítulos como causa principal da guerra essa convicção errônea da Alemanha de que nem a Rússia nem a Inglaterra e muito menos a França, interviriam no conflito. Ela pôde então aconselhar intransigência à Áustria e deixá-la esmagar comodamente a Sérvia. Novo erro de psicologia.

Com relação à Itália, os erros de psicologia da Alemanha não foram menores. Sua arrogância para com este aliado acabou lhe produzindo um novo inimigo.

Um dos maiores erros psicológicos dos alemães foi sua barbárie inútil nos países conquistados por eles. Eles revoltaram, com isso, todos os neutros, inclusive a América. Não era, certamente, o resultado esperado, pois milhões foram gastos nos Estados Unidos

para comprar jornais, imprimir brochuras, fazer conferências etc, a fim de mudar a opinião pública. O Sr. Brieux mostrou bem como aconteceu a evolução dos sentimentos na América.

Um fato extremamente interessante e que me parece significativo, é que eu vi, por assim dizer, sob meus olhos, a opinião pública americana evoluir. Eu quero dizer: evoluir em nosso sentido. Eu vos citarei, por exemplo, o caso do Sr. Butler, Reitor da Universidade Colúmbia. Ora, no início da guerra, ele era bastante germanófilo. Comandante da Águia Vermelha, ele não fazia nenhum mistério sobre suas opiniões. Eh, bem, por força das circunstâncias, como e na medida em que os acontecimentos se desenrolam e a verdade se torna tão gritante, o Sr. Butler, no momento atual, exprime bem nitidamente suas simpatias pela França. Eu retornei, com três meses de diferença, a uma mesma cidade, particularmente a Boston: o calor da acolhida tinha se elevado em vários graus!

Frequentemente, ao fim de minhas conferências, jovens vêm até mim, bastante emocionados, para me dizer: "Somos alemães, mas viemos lhe apertar a mão. Vós sabeis o que isso significa. Não nos force a dar mais explicações." Contra os atos de vandalismo __ incêndio de Louvain, bombardeio de Reims etc. a indignação é geral. Jovens, estu-

dantes da escola de belas artes, pintores, escultores, arquitetos, me enviaram uma carta de apoio com mais de quinhentas assinaturas.

Os erros psicológicos dos alemães persistiram durante toda a campanha: erro do famoso manifesto dos intelectuais negando fatos evidentes; erro de ilustres professores afirmando aos neutros que o objetivo da Alemanha era conquistar os pequenos países e submetê-los a seu regime; erro no inacreditável exagero dos despachos, brochuras e panfletos que os alemães inundaram o mundo; erro do chanceler que, para desculpar sua frase histórica relativa aos tratados considerados como pedaços de papel, inventou miseráveis explicações.

Ações que podem ser consideradas como de ordem psicológica, os alemães realizaram bem poucas. A mais notória foi levar a Turquia a declarar guerra aos aliados. O caso era simples, pois os alemães só tiveram que exibir aos olhos do governo turco os dois grandes fatores que sempre agem sobre ele: o prestígio da força e o dinheiro. É notório hoje em dia que se, no início de dezembro de 1914, a Tríplice Entente tivesse mostrado suficiente energia, a Turquia permaneceria neutra. Muito provavelmente mesmo, naquela época, ela não teria concebido a ideia de interditar a passagem dos Dardanelos à frota aliada. Em caso de dificul-

dades, alguns milhões, habilmente gastos, teriam bastado para manter a Turquia com ideias pacíficas.

Além de sucesso bem restrito no campo psicológico, os erros dos alemães foram consideráveis. Eles justificam a afirmação do príncipe de Bülow sobre a incapacidade política de seus compatriotas; incapacidade que resulta de sua impotência em compreender a psicologia dos outros povos. Os diplomatas alemães sempre se esquecem que não se pode medir todos os seres com o mesmo metro.

O extrato seguinte do jornal alemão **Tag**, reproduzido no **Temps**, de 29 de março de 1915, mostra que os próprios alemães acabaram por reconhecer os erros de psicologia que eles acumularam tão desajeitadamente:

> *Nós nos enganamos em tantos dos nossos cálculos! Esperávamos que a Índia inteira se revoltaria ao primeiro som de canhões na Europa e eis que milhares e dezenas de milhares de indianos combatem agora com os ingleses contra nós. Esperávamos que o império britânico fosse fragmentado; mas as colônias britânicas estão unidas, como jamais estiveram antes, à mãe pátria. Esperávamos um levante vitorioso na África do Sul britânica e só vimos um fiasco. Esperávamos desordens na Irlanda e a Irlanda envia contra nós alguns de seus melhores contingentes. Acreditá-*

vamos que os partidários da "paz a qualquer preço" fossem todo-poderosos na Inglaterra; mas eles desapareceram no entusiasmo geral que suscitou a guerra contra a Alemanha. Calculamos que a Inglaterra estivesse degenerada e incapaz de constituir um fator sério na guerra e ela se mostra nossa inimiga mais perigosa.

Aconteceu o mesmo com a França e a Rússia. Pensamos que a França estivesse corrompida e que tinha perdido o sentido de solidariedade nacional e constatamos agora que os franceses são adversários formidáveis. Acreditamos que a Rússia não poderia fazer nada; julgamos que este povo estivesse profundamente descontente para combater em favor do governo russo; contávamos com seu afundamento como grande potência militar, mas a Rússia mobilizou seus milhões de homens muito rapidamente e muito bem; seu povo está cheio de entusiasmo e sua força é esmagadora. Por aqueles que nos levaram a todos esses erros, a todos esses falsos cálculos, a todos esses enormes desprezos por nossos vizinhos e seus assuntos, assumimos um pesado fardo de responsabilidade.

Os erros psicológicos dos alemães espantaram os escritores de todos os países. Eis como se exprime um italiano, o Sr. Pareto, na revista **Scientia**, de 1º de março de 1915:

A aliança italiana foi estabelecida por causa dos procedimentos brutais da Áustria e pela disposição da Alemanha e da Áustria em dar à Itália apenas uma condição subalterna na aliança. Por outro lado, não podia ser questão de aliança, nem de uma paz duradoura da Alemanha com a França, após a conquista da Alsácia-Lorena, das intoleráveis perseguições a que foram submetidos os habitantes dessas regiões conquistadas e por causa da ação incessante da Alemanha que, levada pela necessidade de crescer, combatia toda ação colonial francesa. O governo alemão foi muito pouco sábio ao interromper, através de ataques, a obra debilitante do general André e do Sr. Pelletan, na França e, mais recentemente, não tendo a paciência de esperar que a democracia antimilitarista fizesse seu trabalho de demolição, na França e na Inglaterra.

... Roma e Inglaterra conheciam a arte de ganhar a amizade dos povos que se tornaram seus súditos, ou sobre os quais estendiam simplesmente sua influência. Foi esta a causa da resistência vitoriosa de Roma à invasão de Aníbal na Itália; é a causa da união atual do império britânico. Pelo contrário, nem Cartago, nem a Alemanha conhecem essa arte e os efeitos de sua ausência se mostraram para Cartago, por ocasião da invasão romana na África e a mesma

coisa acontece para a Alemanha com os sentimentos dos alsacianos-lorenos, dos dinamarqueses e dos poloneses, subordinados a este país.

§4. As imprevisões e os erros de psicologia da Rússia.

As imprevisões russas são de uma ordem um pouco diferente daquelas da Alemanha e da França. Elas não constituem imprevisões, na realidade, mas erros psicológicos devidos ao temperamento místico dos dirigentes desse grande império. Suas consequências foram tornar os russos bem impopulares nos países, como a Galícia, conquistados primeiro por eles. Perseguindo a fé religiosa de seus novos súditos, eles esqueceram que as crenças são o que há de mais sagrado para um povo e que a força é impotente contra elas.

Não se tem ainda informações completas sobre os detalhes das proscrições religiosas na Galícia. É preciso, por isso, nos limitarmos a reproduzir extratos de jornais estrangeiros não suspeitos de injustiça, pois eles se mostraram sempre bastante favoráveis aos russos.

Eis primeiro uma passagem de uma correspondência do **Journal de Genève**, de 16 de fevereiro de 1915:

Por uma ordem de 30 de setembro de 1914, todos os livros rutenos impressos na Galícia e até mesmo os livros de

preces, devem ser levados às delegacias de polícia para serem lá destruídos, sob pena, para seus proprietários, de três meses de prisão ou de 3.000 rublos de multa. A correspondência, mesmo particular, em língua rutena, está proibida. 20.000 funcionários dos correios, estradas de ferro etc. da antiga administração, todos galicianos, estão hoje em dia sem emprego, na mais negra miséria. Eles foram substituídos por russos, vindos do fundo da Rússia, que não compreendem nem mesmo a língua do país.

No mesmo jornal (em 28 de abril de 1915), o presidente da Câmara de Deputados ucraniana escreveu:

A invasão russa na Galícia destruiu, num só golpe, todo o trabalho de longos anos. A língua ucraniana foi simplesmente proibida, no uso oficial, na igreja e na escola. Todos os jornais ucranianos na Galícia foram suprimidos, as bibliotecas destruídas, os livros ucranianos que pertenciam a particulares foram confiscados, as coleções dos museus nacionais foram enviados à Rússia. Todas as associações ucranianas foram dissolvidas. Centenas de notáveis da Galícia ucraniana foram enviados à Sibéria.

A igreja greco-uniata __ a qual pertenciam há mais de dois séculos todos os ucranianos da Galícia oriental

(não havia, por assim dizer, ortodoxos antes da guerra) __ havia se tornado uma igreja nacional ucraniana e agora era perseguida por todos os meios. Seu chefe, o arcebispo metropolitano, Conde Andréas Szeptyckyj, foi arrastado para o interior da Rússia, para Koursk; muitos padres foram deportados, o povo aterrorizado e, em sua metade, faminto, foi convertido por meio de ameaças e de promessas, à ortodoxia, por pregadores importados da Rússia. Nas igrejas greco-uniatas, por consequência, católicas, celebraram-se missas ortodoxas de incitação, de acordo com o célebre bispo Eulogius de Volhynie, o célebre fazedor de prosélitos ortodoxos. Agora se começa mesmo a transformar à força as igrejas católicas gregas em igrejas ortodoxas "porque elas eram ortodoxas há duzentos ou trezentos anos e devem agora voltar a sê-lo", dizem.

Segundo o jornal russo **Novoje Wremja**, o Santo Sínodo nomeou uma comissão destinada a velar pela vida religiosa da população russa da Galícia oriental. Segundo um manifesto do tsar, "após um século de domínio católico e polonês, a Galícia retorna ao colo de sua santa mãe, a Rússia".

Não é de se espantar que os galicianos, tão duramente oprimidos, tenham acolhido com transportes de entusiasmo a expulsão dos russos de seu país.

Segundo o **Journal d'une Française em Allemagne**, publicado pela **Revue de Paris** (de março de 1915), "as perseguições dos russos só fizeram despertar a desconfiança dos poloneses, que se aliam com vantagem à Alemanha e à Áustria".

O correspondente do mesmo jornal (em 23 de março de 1915) mostrou bem os frutos dessas draconianas medidas sobre os sentimentos poloneses:

> *Os poloneses que eu encontrei estão muito desanimados... Disse-me um deles:*
>
> *__ Veja na Galícia oriental, como o governador russo Bobrinski aboliu todas as liberdades às quais a população estava habituada. Todo mundo sente falta do regime austríaco, mesmo os rutenos, que se orgulham tanto de serem russos. O senhor tem que convir que isso não é animador. Aliás, metade dos novos funcionários é composta por russos bálticos de origem alemã. É uma camarilha de ex-prussianos que reina ainda sobre o conselho do império em Petrogrado. Ela violou a palavra do tsar após 1905. Ela violará também aqui.*
>
> *... Mesmo em Varsóvia, muitos estão desanimados, pois novas restrições foram impostas nas escolas e a perseguição continua. Os jornais não têm nem mesmo o direito de falar da promessa do grão-duque.*

Essas infelizes prescrições, que nos remetem às eras da distante barbárie, produziram, naturalmente, consequências e justificou a desconfiança dos poloneses.

Eis o que diz na revista **Scientia** (de 15 de maio de 1915), o Sr. Jaworski, presidente do comitê superior da Polônia:

> *Acredita? Não há uma só, eu repito, não há uma só família polonesa, na Polônia russa, que não tenha chorado algum dos seus, morto pela forca por ter amado muito a pátria e a liberdade, ou enterrado vivo nas prisões russas, ou ainda arrastando uma vida na mais negra miséria nos desertos gelados da Sibéria.*
>
> *Todos os poloneses patriotas compreenderam bem a gravidade da situação e elaboraram um plano de ação bem nítido. Eles repudiaram as promessas tentadoras do grão-duque, sentindo o abismo que separa sua civilização e seus interesses nacionais da civilização e dos interesses da Rússia e sabendo que, em caso de uma Rússia vitoriosa, a Polônia seria inevitavelmente esmagada.*

Eu insisti nos pesados e infelizes erros de psicologia dos russos durante sua curta estada na Galícia, porque eles justificam a tese, várias vezes desenvolvida em meus livros, de que o místico domina inteiramente o afetivo e o racional. Os seres que obede-

cem a impulsos místicos perdem todo discernimento. Eles se tornam incapazes de perceber seus interesses mais claros e nenhum raciocínio poderia influenciá-los.

CAPÍTULO V

Os erros de estratégia resultantes dos erros de psicologia.

§1. Os fatores psicológicos da estratégia.

Sumário

Todos os grandes generais tiveram a convicção de que a guerra é uma questão de psicologia tanto quanto de estratégia. Dizia Napoleão: “A guerra toda é moral. O moral e a opinião são mais da metade da realidade”.

Os erros de estratégia podem ter, naturalmente, causas variadas: insuficiência de munição e de provisões, acontecimentos imprevistos etc. Mas aqueles resultantes unicamente de fatores psicológicos são numerosos. Veremos, por exemplo, que a ineficiência dos marinheiros aliados, no início da guerra, deveu-se unicamente, segundo as autoridades mais competentes, à extrema timidez e à falta de previsão do comando superior. Já constatamos, em outros capítulos, a importância capital, em tempos de

guerra, de certos elementos psicológicos, como a rusticidade, a paciência, a iniciativa etc.

Muitos dos erros estratégicos de uma campanha resultam de erros psicológicos cometidos em seus inícios. Em 1870, por exemplo, o governo conhecia perfeitamente o efetivo do exército alemão, impresso em diversos compêndios, mas ele foi vítima de uma dessas assimilações ilusórias de onde derivam tantas convicções errôneas. Sua convicção __ partilhada por um homem tão ilustre como o Sr. Thiers __ era de que o exército alemão de reserva tinha tão pouco valor militar quanto nossa guarda nacional, composta naquela época, por burgueses sem disciplina nem instrução militar.

§2. Erros de estratégia franceses resultantes de erros psicológicos.

A guerra atual é sem analogia com aquelas que a precederam, mas, ao lado de fatos novos imprevisíveis, se manifesta a ação de leis gerais cujas consequências poderiam ser pressentidas. Bernhardi mostrou bem em **La Guerre d'Aujourd'hui** (Tomo I, pág. 19) a permanência de certas leis, cujos casos particulares não alteram o valor:

Na guerra, como na maior parte dos fatos sociais, há certas leis, certos fenômenos se apresentam sempre, certas

relações entre atos e efeitos permanecem constantes. Certas circunstâncias e certas causas sempre têm um caráter decisivo, enquanto que a massa dos fenômenos particulares tem sempre caráter cambiante e fortuito.

Não podendo enumerar todos os erros cometidos, mencionaremos apenas alguns deles que nos custaram mais caro e que um pouco de previdência teria facilmente evitado.

Nosso estado-maior não poderia evidentemente ignorar em 1914 os métodos germânicos, mas um sentimento que eu chamaria de vaidade corporativa, o convenceu da superioridade das concepções francesas. Foi preciso nossas primeiras derrotas para ensiná-lo que só se poderia combater os alemães com seus próprios métodos. Nossos comandantes ignoravam, naquela época, a ação preponderante da artilharia e o poder defensivo das trincheiras que barraram tão facilmente, mas muito, muito tarde, a invasão germânica. Era durante a paz que eles deveriam ter aprendido isso.

É preciso acreditar que a educação militar de nossas forças armadas fosse muito medíocre, pois desde o início da guerra vimos renascer todas as tão funestas derrotas de quarenta e cinco anos atrás. Ausência de iluminadores, inaptidão para se dissimular nas ondulações do terreno, ataques feitos de longe sem o apoio da artilharia etc. Nós conseguimos, graças à nossa capacidade de adaptação, nos corrigir, mas apenas após ter perdido um número

imenso de homens e ter sofrido várias derrotas. A simples observação das grandes manobras alemãs, às quais nossos adidos militares tinham a missão de assistir, poderia ter nos ensinado isso.

Se tantos fatos essenciais lhes escaparam, é por causa do fenômeno psicológico de que ideias bem fixadas na mente impedem a aceitação das que lhes são contrárias. Como resultado, o especialista é incapaz de admitir outra coisa que não sejam suas próprias concepções. Aplique este princípio à interpretação das afirmações feitas pelos seres a sua volta e sentirás rapidamente a precisão disso.

Dentre os erros estratégicos de origem psicológica pode-se citar aqueles que tiveram como resultado final o bombardeamento da catedral de Reims. Convencidos __ simplesmente por ter ouvido um comandante qualquer dizer __ que os fortes que protegiam Reims não eram defensáveis, nós os evacuamos. Porém, trabalhos bem simples bastariam para torná-los inexpugnáveis, pois os alemães os conservaram mais de um ano após terem se instalado neles e utilizá-los para bombardear a catedral.

Os próprios militares não puderam jamais explicar essa incompreensível evacuação. Ela pesará grandemente na memória dos comandantes que a ordenaram. Eis o que disse o general Cherfils, no começo de outubro de 1914, sobre a importância enorme dos fortes de Reims:

Abandonada por nosso estado-maior, por uma ideia preconcebida, a linha de Aisne, prolongada por Reims e Montfaucon até Argone, era uma posição de resistência bem escolhida, na qual Reims tinha uma posição particular. Nós abandonamos, por razões desconhecidas, a defesa do campo entrincheirado de Reims, mas seus fortes permaneceram intactos. Os alemães os ocuparam e voltaram suas defesas contra nós. Os de Brimont, de Vitry-les-Reims e Nogent-l'Abbesse, particularmente, se tornaram, para os bárbaros, pontos de apoio formidáveis. Foi desses fortes que eles bombardearam Reims e procuraram destruir seu santuário três vezes sagrado: para a fé, para a história e para a arte... Reims é o eixo fixo ao redor do qual oscilam os dois ramos da longa cortina que vai de Oise à Argone.

Durante a primeira parte da campanha, nosso estado-maior nutria as mais singulares ilusões. Em 25 de agosto de 1914, ou seja, quase no momento da invasão e da marcha fulgurante sobre Paris, o comunicado oficial dizia:

Nós conservamos a plena liberdade de utilizar nossa rede férrea e todos os mares estão abertos para nos aprovisionarmos. Nossas operações permitiram à Rússia entrar em ação e penetrar até o coração da Prússia oriental.

Longe de ter penetrado no coração da Prússia oriental, era a Prússia que, naquela época, penetrava no coração da Rússia.

Os comunicados do estado-maior se mostraram frequentemente, aliás, bem fracos, sob o ponto de vista psicológico. Pode-se citar como exemplo o comunicado de 5 de dezembro que anunciava que "Reims tinha sido bombardeada com uma intensidade particular". Os alemães desejavam, evidentemente, divulgar isso, mas não era nosso papel informar ao público que, com milhões de homens, não fomos suficientemente fortes para impedir que alguns milhares de alemães semeassem diariamente a ruína e a morte numa das mais importantes cidades da França.

Dentre os erros estratégicos de ordem psicológica, o mais grave foi aquele que fazia supor, ao nosso estado-maior, que os alemães chegariam pela Alsácia. Concentramos todos os exércitos voltados para o leste, enquanto o inimigo invadia o norte. Em vão escritores franceses e alemães publicaram numerosos estudos para provar que a invasão da França se daria pela Bélgica. Em vão, em meados de agosto, o correspondente militar do **Times** publicou neste jornal mapas que mostravam trinta unidades alemãs concentradas no norte da França e se estendendo para o oeste, enquanto que três ou quatro, se muito, existiam em toda a região leste. Nada se fez. As ideias. falsas têm um poder tal que as concepções de

nosso estado-maior não se deixaram abalar. Sua consequência final foi a sombria derrota de Charleroi.

§3. O papel dos erros psicológicos na guerra naval.

Os fatores psicológicos desempenharam um papel fortemente preponderante na maneira como os aliados utilizaram sua frota. Uma grande dominante psicológica __ a timidez __ paralisou seus esforços.

Suas consequências se revelaram desastrosas. Jamais se viu exemplo melhor sobre a que ponto o poderio material pode ser aniquilado pelas influências subjetivas. Não foram, certamente, homens corajosos que faltaram aos aliados, mas personalidades resolutas e empreendedoras. É bem evidente que se, desde o início da guerra, quando o **Goeben** e o **Breslau**, após terem bombardeado Boné e Philippeville entraram nos Dardanelos, tivessem sido perseguidos pelos numerosos encouraçados das esquadras aliadas no Mediterrâneo, estaríamos há muito tempo em Constantinopla, sem ter perdido os navios e os homens que nos custaram mais tarde a tentativa de cruzar os Dardanelos. Os almirantes que comandavam nossa frota poderiam facilmente passar pelo estreito. Eles não ousaram.

Os próprios marinheiros tiveram que reconhecer que a tática naval dos aliados se mostrou cheia de imprevidência e de erros.

Eis o que disse sobre isso o almirante Degouy, na **Revue de Paris**:

Foi uma desgraça, acima de tudo, uma desgraça que pesará sobre todas as nossas operações, que as esquadras da Tríplice Entente não tenham podido tomar, na primeira hora do conflito, a ofensiva enérgica, rápida, que se enquadra tão bem no modo de ação normal das frotas modernas e põe em obra todas as suas qualidades.

... É difícil acreditar que tenhamos perdido, no começo das hostilidades, a oportunidade de dar à marinha austríaca um golpe tão violento que ela teria ficado por muito tempo paralisada.

Não! Não é que nossa marinha não estivesse preparada para uma ação mais enérgica. É que, na falta de informações exatas, falta o poder de fazer. Nessas horas de angústia, faz-se o que é possível e o que é possível tanto para o inimigo quanto para nós mesmos. Faltou discernimento militar, ou melhor, penetração política. Faltou também essa preciosa mentalidade ofensiva que, parece, tínhamos perdido totalmente há quarenta e quatro anos. Os conselhos da prudência __ eu não quero dizer da timidez __ prevaleceram naturalmente, sem esforço, sem discussão, sobre os da

audácia, da audácia visionária, tranquila, segura, a que é o fator principal dos grandes sucessos.

O autor mostrou, em outro lugar, o comportamento receoso adotado pela marinha inglesa, no início da guerra, mesmo que ela fosse, de longe, a mais forte. Diz ele: "Foi a defesa passiva empregada sistematicamente pelo mais forte contra o mais fraco".

A frota alemã, com efeito, estava, no começo da guerra, numa situação bem crítica:

Ela estava naquele momento preciso, 25-26 de julho, em manobras ao largo de Bergen, muito distante de suas bases de operações naturais, que necessitava para se reaprovisionar, encher seus porões __ com carvão e munições __ completar sua tripulação, terminar seus preparativos para uma grande e decisiva luta. Para o cúmulo da desgraça, a frota inglesa, na mesma ocasião, estava muito mais forte do que era em condições normais.

O autor do artigo se declara incapaz de compreender os motivos de tal reserva:

Não se estava longe da aplicação da célebre máxima "é na franja da costa inimiga que começa a ação da frota inglesa", quando se abandonou por tanto tempo aos caça-

minas do adversário toda a parte meridional do Mar do Norte; quando se lhe deixou, por extensão, que organizasse à vontade a defesa submarina de seus estuários, que completasse suas divisões de "matrosen artilleristen"[23] *e de sinaleiros de costa; que armasse uma multidão de navios auxiliares ao mesmo tempo que suas unidades de combates de reserva; que aumentasse o valor, bastante medíocre, de suas edificações costeiras __ uma costa baixa, muito fácil de ser atingida pelos navios __ cobrindo-as com baterias de morteiros, guarnecendo-as com forças móveis das três armas, retiradas das formações de reserva, porque o IX Regimento havia partido, desde o primeiro dia, para a Bélgica...*

Do lado do Báltico, aliás, mesma negligência, mesma inércia.

Foram provavelmente as incertezas de um gabinete político muito dividido que tornaram os ingleses tão temerosos. As consequências de suas perigosas hesitações mostraram, mais de uma vez, a importância da decisão e da previsão dos governantes de um país.

[23] Marinheiros artilheiros. (Nota do tradutor)

A guerra atual revelou igualmente aos políticos ingleses a imprevidência de alguns de seus predecessores. Uma das estações mais úteis aos alemães é a ilha de Héligoland. Bem próxima a suas costas, ela protege o porto de Hamburgo e sua tomada pela Inglaterra teria, sem dúvida, mudado a face da guerra. Porém, essa ilha pertenceu há alguns anos à Inglaterra. Lorde Salisbury, que não suspeitava de sua enorme importância, a ofereceu à Bismarck em 1890, como compensação pelo reconhecimento do protetorado inglês de Zanzibar. Ele pensou, sem dúvida, que estivesse dando um ovo para receber um bife, enquanto entregava, na realidade, uma imensa manada de bois em troca de um ovo pequeno. Mais uma vez se verificou o aforismo no qual eu sintetizei um dos fundamentos da psicologia política: "o político sem previdência é um criador de fatalidades desastrosas".

Do lado russo, os mesmos erros psicológicos foram cometidos.

Diz o almirante citado acima:

> *Como os ingleses e os franceses, os russos tinham torpedeiros e contratorpedeiros, caça-minas, submarinos, enfim. Eles tinham mesmo muitos desses navios ligeiros no mar Báltico. Mas, também como seus aliados, eles só pensavam __ parece __ em utilizar esses preciosos elementos na defensiva pura. Seja porque nada estava pronto para a*

ofensiva imediata, nem o material, nem o pessoal; agrupados, no entanto, em todos os verões, em divisões ativas, em esquadras e em esquadrilhas. Seja porque se estava impedido de se antecipar, por conceitos tímidos, prudentes, apagados, em face de uma marinha cuja jactância alemã aumentava singularmente o valor. Real, na verdade.

Tudo isso justifica o princípio que eu já tive oportunidade de repetir: na guerra, os fatores psicológicos são a alma dos fatores materiais. O valor destes últimos não é nada sem uma vontade forte para animá-los.

Não se poderia deduzir do que dissemos que a frota aliada não tinha nenhuma utilidade durante guerra. Mesmo que timidamente refugiada nos portos, cuja entrada era protegida por correntes de aço, ela existia. Porém, apenas o fato dessa existência nos assegurou a liberdade do oceano e impediu a frota alemã de se aventurar fora do Mar do Norte e do Báltico. Essa simples presença bastou igualmente para interditar aos navios estrangeiros o comércio com a Alemanha. Por isso, mesmo inativa, a frota britânica mantinha para seu país a soberania do mar.

§4. Os erros de estratégia dos alemães.

Os alemães não cometeram seguramente erros psicológicos tão grandes quanto seus inimigos, mas acumularam, enfim, muitos

e se enganaram em inúmeras de suas previsões, como eu já mostrei.

Mesmo reconhecendo o possível papel das trincheiras numa guerra futura, Bernhardi estava convencido de que este recurso seria pouco utilizado pelos alemães. Eis o que ele diz em **La Guerre d'Aujourd'hui**, tomo II, pág. 250:

> *Quanto a nós, não nos defenderemos certamente por detrás de barricadas e de valas. O caráter do povo alemão nos preservará disso... Um defensor enérgico não poderá facilmente se resignar a sacrificar sua liberdade de operações para se instalar atrás de fortificações de terra.*

Eles se resignaram a isso, no entanto!

O mais célebre dos generais alemães cometeu muitos outros erros de previsão. Um escritor suíço os relembrou nos seguintes termos:

> *Estas não foram as primeiras profecias do marechal Von der Golz. Ele não foi menos eloquente em 1912, quando se formou a liga balcânica. Ele era tido como o homem que melhor conhecia o exército turco, que ele tinha formado. Os jornalistas alemães, austríacos, húngaros, ingleses, até mesmo franceses, batiam à sua porta. A todos ele prodigalizava os tesouros de sua certeza. Esses pobres búlgaros,*

gregos, sérvios e montenegrinos seriam reduzidos a mingau. O exército turco é um dos melhores do mundo. Acreditava-se nele. Toda a política da Áustria e da Alemanha na crise foi ditada pelas previsões infalíveis do paxá Von der Golz ... Vieram Kirk-Kilissé, Lulle-Bourgas, a tomada de Adrianópolis, as batalhas de Kossovo e de Monastir, a tomada de Salônica e de Janina. O grande comandante germano-turco estava redondamente enganado. Ele chegou mesmo a conhecer um tempo de desgraça.

O manejo dos fatores psicológicos é mais difícil ainda do que o dos canhões. Por tê-los manejado desajeitadamente os alemães criaram para si inimigos que poderiam ter evitado facilmente.

Toda sua psicologia se reduzia, aliás, em colocar em ação um só processo: a intimidação.

Veremos seus resultados. Os alemães jamais conseguiram compreender a psicologia de seus adversários e por isso suas previsões estratégicas foram tão frequentemente errôneas. Eis em que termos o coronel Feyler levanta alguns deles:

Em quinze meses de guerra o governo sempre prometeu objetivos distantes em curto prazo e esses objetivos jamais foram atingidos. Paris devia ser tomada em seis sema-

nas; não se contou com os acidentes. Calais deveria ser a próxima, no outono; não conseguiram passar por cima do exército belga. Os zepelins deveriam destruir Londres; Londres pouco sofreu, mas a reputação dos zepelins sofreu muito. Os submarinos deveriam bloquear a Inglaterra; a Inglaterra criou o esporte da pesca aos submarinos. Os russos deveriam ser cercados em Varsóvia, depois em Vilna, depois em Riga e, sem dúvida, em toda parte; os exércitos austro-alemães estão se defendendo dos ataques russos.

LIVRO VI

Os elementos psicológicos dos métodos de guerra alemães.

CAPÍTULO I

Fundamentos psicológicos dos métodos de guerra alemães.

§1. O objetivo da guerra.

Sumário

Não se poderia censurar os alemães por terem negligenciado os fatores subjetivos das batalhas. Mesmo se enganando frequentemente na escolha dos meios psicológicos a empregar, eles não desconheciam sua importância.

O princípio fundamental, exposto por seus escritores, é que o objetivo da guerra consiste em dominar por todos os meios possíveis a vontade do adversário e lhe impor a sua.

"É preciso que a alma de uma nação seja curvada e vencida para que se possa lhe arrancar a vitória".

Essa dominação da alma do povo inimigo é um resultado moral que se obtém, não apenas com fatores materiais, mas também por procedimentos psicológicos.

Os alemães não consideram a guerra como apenas um meio de vencer a vontade dos adversários. Ela constitui também, a seus olhos, a mais peremptória maneira de demonstrar a superioridade moral de um povo.

Essa concepção, que Hegel já formulara, foi repetida e desenvolvida por muitos outros autores e, ao longo da guerra atual, ela foi mais uma vez lembrada. Eis o que disse, entre outros autores, um escritor alemão, o Sr. Seeberg, num estudo sobre o **Droit Moral de la Guerre**, resumido pela revista italiana **Scientia** (maio de 1915):

> *A guerra é uma revisão das relações entre os valores e as forças reais na história. Ela mostra aos povos a posição que lhes pertence, em razão das forças que dispõem. Ela abre às suas atividades um campo relacionado com suas aptidões. A guerra favorece a revelação da verdade. É nisto que consiste seu significado eminentemente moral na história e é aqui que é preciso buscar as raízes de seu direito moral. E não se argumente que, com boa vontade, a guerra constitui apenas a prova de uma força física superi-*

or. A guerra atual nos fornece precisamente uma prova do contrário.

A guerra prova não apenas a superioridade da força física, mas também da força moral e cultural. A guerra é o maior julgamento da história universal. Uns sobem, outros descem. E este julgamento é justo.

Antes de examinar os princípios psicológicos que guiaram os alemães no conflito ao qual assistimos, lembremos algumas das tentativas feitas para limitar os direitos da guerra entre as nações civilizadas.

§2. Os direitos da guerra.

Parece que os gregos foram os únicos povos da antiguidade que discutiram os limites do direito da guerra. “Toda guerra, mesmo sendo uma perturbação do estado de direito, não tem menos leis especiais”, escreveu Políbio.

No resto do mundo antigo __ entre os romanos particularmente __ o único direito reconhecido estava na vontade do vencedor. Ele podia __ de acordo com suas fantasias __ aniquilar as cidades e massacrar seus habitantes. Aqueles que eram poupados eram vendidos como escravos ou devorados vivos pelas bestas selvagens nos circos, para divertir o povo. Muito raros foram os

escritores que protestaram contra essa lei da força e muito tímidos foram seus protestos.

Tal concepção do direito da guerra durou muito tempo. Foi preciso quase chegar a época moderna para ver ser poupada a população civil das cidades, os feridos cuidados etc.

Sabe-se que há vários anos existiu em Haia um tipo de tribunal internacional, destinado a codificar o que se poderia chamar de as leis da guerra.

As intenções dos honestos legisladores que pretendiam estabelecer tal código eram, certamente, muito louváveis, mas a reflexão teria lhes mostrado o quanto elas eram irrealizáveis. Eles se esqueciam que, com efeito, um código só tem valor se apoiado na força necessária para fazê-lo ser respeitado. As convenções de Haia não poderiam deixar de ser nocivas às nações que as observavam, enquanto seus inimigos as violavam sem escrúpulos. Os alemães pensaram justamente assim. Eles aceitaram essas convenções na esperança de vê-las paralisar seus adversários e lhes dar assim uma grande vantagem sobre eles, mas jamais pensaram em observá-las.

Ao violá-las eles ficavam, aliás, fiéis às concepções da maior parte de seus legisladores. Estes últimos, com efeito, não dissimularam o desprezo que lhes inspiram convenções que pretendem

limitar o direito do vencedor. Este direito, para eles, permanece absoluto e ninguém tem o poder de restringi-lo.

Quase todos os autores alemães, desde Grotius, não admitem outros limites aos direitos da guerra que não sejam os limites voluntários. Lueder partilha dessa opinião e se baseia em que os meios mais terríveis são necessários às vezes para levar mais rapidamente a luta ao fim.

Quanto à imunidade assegurada aos não-combatentes, ela também não foi considerada pelos alemães como obrigatória. Segundo eles, nada impede ao vencedor de exterminar a população civil de uma cidade e de se apoderar de suas riquezas.

É, como se vê, um renascimento da noção antiga que não admite nenhum direito entre inimigos. Nenhum obstáculo se opõe então ao extermínio dos feridos e ao massacre dos prisioneiros, se estas operações produzem resultados úteis ao vencedor.

Olhada sob o ponto de vista alemão, a guerra seria uma luta sem piedade entre povos, comparável àquela que domina o mundo animal: ou se caça ou se é caçado.

Entende-se o desprezo que inspiram as antigas ideias cavalheirescas a esses teóricos da destruição sem piedade. As matanças e devastações relatadas num outro capítulo são uma simples aplicação de princípios geralmente admitidos na Alemanha. Eles

inspiraram, veremos agora, os escritores militares e as instruções do estado-maior alemão.

§3. Os princípios psicológicos formulados pelo estado-maior alemão.

O que já foi dito basta para demonstrar que os atos cometidos pelo exército alemão, que indignaram tão profundamente o mundo, não representam apenas os excessos de uma soldadesca abandonada a seus instintos ou de intelectuais depravados, mas também as consequências de princípios expostos há muito tempo por teóricos e propagados por escritores militares, cujos trabalhos inspiraram os comandantes germânicos. Suas passagens mais importantes foram traduzidas pelo professor Ch. Andler, na **Revue de Paris**, de 15 de janeiro de 1915. Vou reproduzir os principais deles:

> *Como as tendências morais do século XIX, diz o estado-maior geral, foram essencialmente dirigidas por considerações humanitárias que frequentemente degeneraram em emotividade, ou até mesmo em sentimentalismo, não faltaram tentativas que visavam fazer evoluir os procedimentos de guerra num sentido absolutamente oposto à natureza e até mesmo aos seus fins. E o futuro nos reserva certamente ainda mais esforços do mesmo gênero; tanto que eles já fo-*

ram moralmente sancionados na convenção de Genebra e nas conferências de Bruxelas e de Haia.

É estudando a história das guerras que o oficial se defenderá contra as ideias. humanitárias exageradas.

Quem quer que se sirva da força, escreveu Clausewitz, indiscriminadamente e sem poupar sangue, tem, mais cedo ou mais tarde, a preponderância, se o inimigo não proceder da mesma forma. Não se poderia introduzir na filosofia da guerra um princípio de moderação sem cometer um absurdo.

O realismo militar, diz o general Hartmann, exige absolutamente, em seu interesse exclusivo, que se lhe dê passagem sobre todas as exigências que um direito internacional cientificamente constituído poderia desejar fazer valer... Toda restrição aos atos de guerra, uma vez que recaia nos meios militares, leva a enfraquecer a ação do conjunto beligerante... O direito das pessoas deverá evitar paralisar a ação militar impondo-lhe entraves...

A guerra, por sua própria natureza, é a negação dos princípios sobre os quais repousam a civilização e a cultura e as leis que presidem seu desenvolvimento. Ela coloca em seu lugar um estado de coisas que legitima a força e o poder individual. Se se entende por civilização o equilíbrio de

direitos e deveres que sustenta a estrutura social das nações e que garantem suas instituições, a expressão "guerra civilizada", tal como Bluntschli a empregou, parece de difícil compreensão. Ela traz em si uma contradição irredutível.

O sofrimento e o dano ao inimigo são condições necessárias para dobrar e quebrar sua vontade. Na eficácia desses meios reside sua indiscutível justificação, desde que se possa atingir com eles, com certeza, um fim militar exatamente definido.

É preciso dirigir nossas ações, escreve Von Blum, principalmente para objetivos que serão de natureza a aumentar os danos infligidos ao inimigo.

O primeiro desses métodos é a invasão das províncias inimigas, não com a intenção de mantê-las, mas para levar delas contribuições de guerra, ou simplesmente para devastá-las.

O sofrimento e a miséria profunda da guerra, escreve Hartmann, não devem ser poupados ao Estado inimigo. É preciso que o fardo seja e permaneça esmagador. A necessidade de impô-lo resulta da própria ideia de guerra nacional... Quando a guerra nacional explode, o terrorismo se torna um princípio militarmente necessário.

A teoria do direito de requisição é formulada por Clausewitz da seguinte maneira:

Ela não tem outros limites que não sejam o esgotamento, o empobrecimento e a destruição do país.

As declarações do estado-maior alemão relativas às requisições são bem categóricas:

O sistema das requisições, escreve Hartmann, ultrapassa infinitamente o simples direito de recolher provisões no país onde acontece a guerra. Ele implica na exploração integral desse país, integralmente...

Afirma-se por isso, particularmente, que as necessidades militares não têm que fazer nenhuma distinção entre a propriedade pública e a propriedade privada e que elas reivindicam o direito de tomar o que precisar, em qualquer lugar e de qualquer maneira que ela possa precisar.

A liberdade absoluta da ação militar é, na guerra, uma condição indispensável do sucesso. Eis os princípios que os meios exclusivamente militares deverão opor a toda tentativa de limitar essa ação por um direito de guerra internacional...

Os princípios precedentes foram aplicados com rigor pelos alemães durante toda a guerra. As reclamações dos neutros, diante da destruição de monumentos considerados como patrimônios da humanidade, os deixou absolutamente indiferentes. Pode-se julgar isso pelo seguinte extrato, publicado num jornal de Berlim sob a assinatura de um general alemão e reproduzido na **Revue des Deux-Mondes**, de 15 de dezembro de 1914:

> *Não temos que justificar nada. Tudo o que nossos soldados fizerem de mal ao inimigo será bem feito e justificado, por princípio. Se todas as obras de arte colocadas entre nossos canhões e os deles foram pro diabo, isso não nos importa em nada... Tratam-nos como bárbaros. Grande coisa! Rimos disso. Poderíamos, no máximo, nos perguntarmos se temos algum direito a esse título. Que não nos falem da catedral de Reims e de todas as igrejas e de todos os palácios que partilharam de sua sorte; não queremos mais ouvir isso. Que de Reims nos chegue somente o anúncio de uma segunda entrada vitoriosa de nossas tropas; tudo o mais não nos interessa.*

Obedecendo a teorias cuja aplicação lhes parecia um dever, os alemães ficaram bastante espantados com a indignação dos neutros diante de sua conduta. O que tinha de tão surpreendente

nos incêndios e nas pilhagens? “Pilhar não é, de maneira alguma, roubar”, já tinha dito Frederico, o Grande.

§4. Procedimentos psicológicos diversos utilizados pelos exércitos alemães.

Os meios psicológicos utilizados na guerra pelos alemães são variados: terror, surpresas, ataques noturnos etc. Eles todos decorrem, no entanto, do mesmo princípio: impressionar o moral do inimigo e deprimi-lo. Vamos enumerar os mais característicos:

O terror __ Ele é o processo fundamental dominante de toda conduta dos comandantes do exército alemão. Dele derivam os massacres e os incêndios. Antes de estudar suas consequências em outros capítulos, nós só o mencionaremos agora.

Desde o início da guerra os alemães procuraram aterrorizar o inimigo. Eles fuzilaram ou torturaram um grande número de habitantes inofensivos para apavorar os outros e aumentaram essa sensação através de requisições tão grandes que espoliaram totalmente os sobreviventes. Pode-se impressionar o inimigo destruindo seus monumentos, bombardeando-os até que deles sobrem apenas ruínas. Sabemos com que precisão foi praticado esse sistema na maior parte das cidades e vilarejos da Bélgica. Toda a população era agrupada em um dado ponto, um certo número de civis fuzilados, as casas pilhadas e depois incendiadas.

Essas operações eram executadas em plena luz do dia e os comandantes se rejubilavam com isso.

Escreve o Sr. Andler:

> *Numa proclamação dirigida às autoridades comunais de Liège e datada de 22 de agosto o general Von Bülow, fazendo alusão ao saque de Andenne, diz: "Foi com meu consentimento que o general comandante fez queimar toda a localidade e que ao redor de cem pessoas foram fuziladas".*

Esses ferozes generais só faziam perpetuar antigos procedimentos guerreiros da Alemanha. No século XII, Frederico Barba Ruiva raramente se privava de mandar cortar uma mão de um prisioneiro. Após ter pilhado e incendiado Milão ele mandou matar todos os habitantes que se pudesse capturar. Na Sicília, seu filho mandava esfolar vivos os prisioneiros ou os condenava a ter os olhos furados.

Esses costumes continuaram sempre entre os alemães. Tilly, em 1622, massacrou todos os habitantes de Heidelberg e incendiou essa cidade. Em 1631, ele saqueou a cidade de Magdeburgo, destruindo 1.500 casas e 6 igrejas e queimou vivos a maioria de seus habitantes.

Escreve o Sr. Savarit:

É preciso destacar que os alemães, por suas atrocidades, quase sempre obrigaram seus adversários a represálias iguais. As famosas "instruções" que tanto se reprovou ao duro Louvois, a propósito do Palatinado, não tiveram outras causas além das ferocidades alemãs que tanto revoltaram a margem esquerda do Reno. Louvois escreve, com efeito: "É preciso ultrapassar os alemães em desumanidade, se eles não aceitam fazer uma guerra honesta".

O estado-maior alemão só procurou pretextos para justificar sua conduta após ter visto o efeito produzido sobre os neutros. Ele assegurou então, sem esperar que acreditassem nele, eu penso, que os padres e as jovens belgas furavam os olhos dos feridos.

Necessidade de levar a guerra até o território inimigo __ Para empregar impunemente tais procedimentos é preciso, evidentemente, levar logo a guerra até o território inimigo. É um dos princípios mais fundamentais do estado-maior alemão. Sua prática necessita, naturalmente, de uma longa preparação anterior. Criação de estradas de ferro estratégicas, mobilização minuciosamente estudada etc.

A preocupação de penetrar primeiro no adversário era tão viva nos alemães que ela os levou a violar a Bélgica, apesar do risco de uma guerra com a Inglaterra.

As vantagens de levar as hostilidades para o território inimigo são, com efeito, imensas. Isso permite, principalmente, o aprovisionamento e o enriquecimento através das pilhagens dos derrotados. Um jornal alemão destacou bem estes diversos pontos nas seguintes linhas:

> *Todo o trabalho acontece em virtude de um princípio: enviar da Alemanha o menos possível para as necessidades do exército, tirar o máximo possível do país inimigo conquistado e trazer para a Alemanha tudo o que é útil.*
>
> *Durante três meses, isso proveu as necessidades do exército na proporção de quatro quintos para o país ocupado. Mesmo agora, com as fontes do país ocupado começando a ficar menos abundantes, nosso exército do Oeste ainda tira três quintos do necessário. Assim, segundo um cálculo estabelecido pela média, a Alemanha economiza de 3 a 4 milhões de marcos por dia.*
>
> *Esse benefício da vitória é acrescido ainda dos lucros da guerra econômica __ conforme os direitos das pessoas __ contra o território conquistado, ou seja, pela utilização dos recursos imensos transportados da Bélgica e do norte da França para a Alemanha, tais como: provisões de fortalezas, cereais, lãs, metais, madeiras. O que a Alemanha economiza ou ganha com essa guerra econômica dirigida*

com inteligência comercial, pode ser avaliado diariamente em 6 ou 7 milhões de marcos e o total dos lucros amealhados pela Alemanha por trás da frente ocidental das operações desde o começo da guerra, pode ser calculado ao redor de dois bilhões.

Assegurar que levar a guerra ao país inimigo oferece grandes vantagens é enunciar uma verdade tão evidente que com muito custo se ousa formulá-la. Nossos dirigentes teriam, no entanto, necessidade de ouvi-la repetidamente sem parar durante os quarenta e cinco anos que lhes foram deixados para preparar nossa defesa. Meditando sobre ela eles teriam, talvez, pensado em proteger nossa fronteira do norte. Algumas dessas trincheiras que se revelaram quase invioláveis pela experiência e, em todo caso, capazes de reter por muito tempo uma invasão, bastariam para isso. Seu valor era ensinado em todos os livros militares estrangeiros e a guerra russo-japonesa provou seu poder.

Ataques em grandes massas __ Para atingir os resultados precedentes __ ocupar de surpresa o território inimigo e ao mesmo tempo aterrorizar o adversário __ é preciso não apenas chegar primeiro nele, mais ainda penetrá-lo em grandes massas. Os alemães conseguiram isso na França e na Rússia.

Essa operação necessita, como eu disse acima, uma preparação muito longa. Uma invasão assim não se faz apenas com o e-

xército ativo, mas utilizando todos os reservas. Mesmo que não tenhamos ainda um documento preciso, pode-se dizer que a invasão da França se fez com 2 milhões de homens.

Quando, numa fase avançada da guerra, as invasões com grandes massas se tornaram impossíveis aos alemães, eles jamais deixaram, no entanto, de precipitar tropas numerosas sobre um dado ponto. Na primeira batalha de Flandres, unidades inteiras do exército foram lançadas em grossas colunas, apesar de todas as trincheiras. O exército alemão perdeu assim mais de 150.000 homens em alguns dias, mas, se ele tivesse vencido, teria havido a conquista de Calais, com todas as suas consequências. A jogada valia o risco.

Métodos diversos de intimidação __ Nenhum dos procedimentos capazes de afetar o moral do inimigo foi negligenciado pelo estado-maior alemão: ataques noturnos, gases asfixiantes, lançamento de bombas por meio de balões etc.

Vários dentre eles, como os bombardeamentos por balões, não poderiam, a experiência provou isso, produzir resultados materiais notáveis. Apenas a impressão moral era buscada.

Uma das mais úteis operações alemãs, como efeito psicológico, foi o bombardeamento de cidadezinhas da costa inglesa através de cruzadores que conseguiam escapar da vigilância, aliás insuficiente, da frota britânica.

Essa ação era muito perigosa, em razão da chance que ela apresentava de encontrar couraçados inimigos ou terríveis minas que afundam um navio em alguns minutos. Os alemães não hesitaram, no entanto, em tentá-la, em razão de sua importância.

Os resultados materiais desse bombardeamento só poderiam ser insignificantes, mas sua ação psicológica foi considerável. Pode-se dizer, de acordo com os números dados pelo **Times**, que suas consequências foram reduzir em 600.000 homens o efetivo que os ingleses se propunham a enviar à França.

O sucesso dessa tentativa fez, com efeito, que todos os ingleses temessem o perigo de uma invasão, que já era seu pesadelo no tempo de Napoleão. Eles resolveram então guardar para eles, para se defender contra uma invasão possível, uma parte do exército que eles se prontificavam a enviar para o continente. Arriscando alguns barcos, os alemães obtiveram este resultado: reduzir em 600.000 homens o número de seus inimigos.

O bombardeamento das costas inglesas foi, portanto, uma operação psicológica. É preciso classificar na mesma categoria, o torpedeamento dos barcos de passageiros, como o **Lusitânia**, que fizeram perecer 1.200 pessoas. Mas aqui os alemães cometeram um grande erro, ao não imaginar que essa destruição, em que vários cidadãos americanos foram vítimas, provocaria nos Estados Unidos um movimento de indignação tão violento que uma guerra

surgiria dele. Eles perderam, no mesmo golpe, todas as simpatias que lhes restavam.

As surpresas __ Qualquer que seja a operação militar em vista, os alemães tratam de efetuá-la de surpresa. Por isso a frequência de seus ataques noturnos. Um escritor militar disse com muita propriedade:

> *Não se teme um perigo em razão de seu poder, mas em razão do desconhecido que esconde esse poder. Não é o próprio perigo, mas a incerteza é que faz o medo. A noite favorece o susto, porque ela dissimula a surpresa.*

Os aliados esqueceram frequentemente o papel importante da surpresa nas ações militares. Particularmente quando eles se decidiram a forçar a passagem nos Dardanelos; operação fácil se tivesse sido praticada no dia seguinte à declaração de guerra da Turquia. Uma surpresa naval e uma surpresa terrestre teriam encontrado os turcos sem resistência. Ao invés de operar inopinadamente perdeu-se um tempo enorme negociando com os russos quem retomaria Constantinopla. Era vender a pele de um urso ainda muito forte. O único resultado foi dar aos inimigos o tempo necessário para a organização de sua defesa. Um jornal inglês, a propósito, destacou com precisão que, durante toda a campanha, ingleses e franceses jamais deram prova de muita iniciativa.

Igualmente, para utilizar o efeito moral da surpresa, se praticam os ataques bruscos em plena paz, observados mais de uma vez nas guerras modernas. A agressão dos búlgaros, por ocasião da segunda guerra balcânica, contra seus ex-aliados sérvios e gregos é um exemplo típico. Ela fracassou porque os atacantes se superestimaram e também porque os atacados tinham a frente um general que soube responder ao ataque, não por uma defensiva, mas com um contra-ataque, ou seja, respondeu uma surpresa com outra surpresa. Os búlgaros, que tinham contado com a desorganização de seus inimigos foram rapidamente desmoralizados. É bom ter confiança em seu valor, mas o poder que se atribui não deve ser composto por uma quantidade muito grande de ilusões. Também não é bom supor que o adversário se conduzirá de acordo com as ideias. __ na maioria das vezes bem falsas __ formadas por nós sobre sua mentalidade.

Eu não prosseguirei no estudo dos fatores psicológicos nas lutas modernas. Eu já tive ocasião de mostrar sua influência ao estudar algumas das qualidades postas em jogo ao longo da guerra. Os fatos citados mostram que todos os agentes materiais são, eu repito, dirigidos em última análise por forças psicológicas.

CAPÍTULO II

Aplicação dos princípios do estado-maior alemão. Incêndios, assassinatos e pilhagens.

§1. As narrações dos assassinatos, incêndios e pilhagens segundo os diários dos prisioneiros alemães.

Sumário

Os exemplos de assassinatos, incêndios e pilhagens que vamos mencionar são a consequência de métodos adotados pelos alemães e expostos por eles em diversos escritos. Sua base, que eles acreditam ser muito correta, é o terror.

A exatidão dos fatos relatados será naturalmente sempre muito difícil de provar. Os alemães os negam em bloco, bem entendido. Mas os testemunhos são tão repetidos, tão concordantes e saídos de fontes tão diversas que contestar seu conjunto parece impossível. Possuímos, aliás, algumas confissões nos próprios diários encontrados com prisioneiros alemães. O Sr. Bédier destacou muitas.

Em tal matéria o valor dos testemunhos depende mais de sua origem do que de seu número. Estamos certos, por exemplo, apesar da raridade dos documentos, que os reis assírios tinham o há-

bito de furar eles mesmos os olhos de seus prisioneiros, simplesmente porque eles tiveram o cuidado de mandar que os representassem praticando isso, nos baixos-relevos de seu palácio. As confissões relatadas nos diários alemães têm o mesmo valor documental.

A maior parte das atrocidades alemãs serão certamente conhecidas um dia em seus detalhes, pelo acúmulo de circunstâncias que escapam a todas as previsões.

Nós veremos isso constatando como os próprios católicos alemães tiveram a coragem de provar que os atos de crueldade imputados aos padres belgas pelos germânicos não tinham nenhuma realidade. Duvidava-se um pouco disso.

Examinemos agora os casos atribuídos aos alemães. Começaremos por aqueles descritos nos diários dos prisioneiros e escolheremos apenas os mais típicos.

Eis alguns, traduzidos pelo professor Bédier e publicados na **Revue de Paris**, de 1º de janeiro de 1915. Os nomes dos autores desses relatos, bem como os números de suas unidades e de seus regimentos, são indicadas no trabalho do cientista observador:

> *3 de setembro de 1914 em Sommepy (Marne) __ Horrível carnificina, o vilarejo queimado até o rés do chão, os franceses jogados nas casas em chamas, os civis e todos os outros queimados juntos.*

Diário de um oficial saxão:

24 de agosto __ O admirável vilarejo de Gué-d'Hossus (Ardenas) foi incendiado, mesmo inocente, ao que me parece. Disseram-me que um ciclista caiu de sua bicicleta e que, em sua queda, seu fuzil disparou sozinho. Então se fez fogo em sua direção. "Mais adiante, simplesmente se jogou os habitantes masculinos nas chamas".

De um outro:

É do destino que tenhamos destruído oito casas com seus moradores. Numa só delas, foram passados na baioneta dois homens com suas mulheres e uma jovem de dezoito anos. A pequena quase me comoveu, seu rosto era tão cheio de inocência.

Outro fragmento de um diário:

25 de agosto (na Bélgica) __ Dos habitantes da cidade fuzilou-se trezentos. Os que sobreviveram à salva de tiros foram requisitados como coveiros. Precisava ver as mulheres naquele momento!

E como alguns soldados tinham poupado prisioneiros, o general Stenger, comandante da 58ª brigada, dirigiu em 25 de agosto a suas tropas a seguinte ordem:

> *A partir de hoje, não se fará mais prisioneiros. Todos os prisioneiros serão massacrados. Os feridos, com armas ou sem armas, massacrados. Até mesmo os prisioneiros agrupados em comboios serão massacrados. Atrás de nós não ficará nenhum inimigo vivo.*

A **Revue des Deux-Mondes** publicou outros extratos desses instrutivos diários. Eis um dos mais espantosos:

> *Em 23 de agosto, captura-se soldados cujos uniformes os qualificaram como franco-atiradores; foram colocados em três fileiras para que, com um mesmo tiro, se abatesse três homens de uma vez. Tomamos posição ao longo do Meuse. Nossos homens se comportaram como vândalos. Tudo foi destruído. O espetáculo dos cadáveres dos habitantes mortos desafia qualquer descrição. Não resta mais nenhuma casa de pé. Retiramos de todos os cantos os habitantes, uns após os outros e os fuzilamos em bloco; homens, mulheres e crianças encontrados num claustro que foi incendiado.*

O Sr. Paul Hazard, oficial intérprete, traduziu igualmente um grande número de diários. Eis algumas passagens:

18 de agosto __ Queimado todo um vilarejo, fuzilados oito habitantes.

Num outro diário:

25 de agosto __ Fuzilamos ao redor de cinquenta habitantes do vilarejo.

Em mais um outro:

19 de outubro, à noite no acampamento em M... Fuzilamos alguns civis. Você não pode fazer ideia do aspecto atual da Bélgica. A maior parte dos vilarejos estão completamente destruídos. Tudo está queimado. O primeiro que se fuzila nos vilarejos é sempre o padre e os capelães não são poupados...

Todos os maus casos são negados certamente, mas será difícil para os alemães desmentirem os fatos contados pelos seus próprios soldados.

§2. As descrições de assassinatos, incêndios e pilhagens segundo diversos documentos.

A autenticidade dos atos consignados nos documentos oficiais após inquéritos ou retirados de outras fontes, não têm, evidentemente, o mesmo valor que as confissões dos interessados reproduzidas mais acima, mas eles os confirmam. Por isso eu descreverei alguns deles.

Eis um extrato dos relatórios de uma comissão oficial relativa aos massacres de Dinant:

> *Em sua obra de destruição e de roubo os soldados colocavam fogo nas casas. A cidade logo não passava de um imenso braseiro. Em resumo, a cidade de Dinant está destruída. Ela contava com 1.400 casas; 200 permanecem de pé.*
>
> *... A comissão possui a lista das vítimas do massacre de Dinant. Essa lista contém quase 700 nomes e ela não está completa. Dentre os mortos há 73 mulheres e 39 crianças dos dois sexos, com as idades de 6 meses até 15 anos.*
>
> *Dinant tinha 7.600 habitantes; um décimo dessa população foi morta; não há família que não possua vítimas e algumas desapareceram completamente.*

O **Temps**, de 30 de novembro de 1914, deu terríveis detalhes da conduta dos alemães em Dinant:

> *Famílias inteiras foram fuziladas. Num dado momento, para ir mais rápido, colocou-se em ação duas metralhadoras que ceifaram centenas de civis; homens, mulheres e crianças que tinham sido reunidos em via pública.*

Os casos de massacres e de torturas infligidos aos prisioneiros são inumeráveis.

No número de 31 de dezembro do mesmo jornal, lê-se os seguintes fatos:

> *Em 6 de setembro, o cavaleiro Backelandt é desarmado. Ele é amarrado e depois seu ventre é aberto a golpes de baioneta. Em Tamines, um oficial superior francês foi conduzido até uma árvore, amarrado ao tronco e um cavalo foi atado a cada uma de suas pernas. A um sinal dado chicoteou-se os cavalos! Foi o esquartejamento em toda sua crueldade! "Eu vi, eu vi a calça se rasgar, o corpo se abrir", diz a testemunha, ainda tremendo.*

O mesmo jornal relata que em Badonvillers várias mulheres e crianças foram queimadas vivas após serem cobertas de petróleo.

O **Figaro**, de 26 de janeiro de 1915, traz o seguinte relato de um refugiado de Longwy:

> *Um velho, com os pés acorrentados, foi suspenso em uma porta pelos punhos com a ajuda de fios de aço que lhe entravam pela carne e lhe arrancavam urros de dor. E o pobre velho urrou quase vinte horas antes de dar o último suspiro.*

Dentre as mais sangrentas devastações da Bélgica, é preciso citar o saque de Louvain e o massacre de uma parte de sua população.

Muitos relatos foram publicados. Pode-se citar, particularmente, o de um cidadão suíço, o Sr. Füglister, então habitante da cidade. Eis alguns extratos publicados pelo **Journal de Genève**, de 5 de maio de 1915:

> *O massacre e o incêndio começaram a uma hora fixada previamente, após um sinal. O horror foi indescritível. Abominavelmente embriagadas as tropas se dedicaram a atos inomináveis. Os oficiais comandavam, o Sr. Füglister os ouviu: "Matem e queimem tudo". É impossível ainda estabelecer os números, mas a população era de 43.000 habitantes e não restam mais do que 21.000 pessoas em Louvain.*

A testemunha suíça contou toda uma série de fatos especialmente atrozes, cujas provas ele possui e guarda. O que se passou remete aos limites conhecidos do horror.

Apenas o sadismo pode explicar atos como os que resume o Sr. Lenotre, de acordo com os documentos oficiais:

Em X..., cento e noventa fuzilados; um jovem é enterrado vivo, com a cabeça para baixo e as pernas para fora da cova, para que os executores não perdessem nada das contorções de sua lenta agonia.

Um soldado belga é prisioneiro: fervem-lhe as mãos.

Os prussianos caminham pelas estradas, buscando um lugar propício a uma execução em massa de um grupo de mulheres molestadas, camponeses, crianças aos prantos. De repente, um para. É aqui. Os infelizes se agrupam e se abraçam antes de morrer. Mas não, ainda não. Seguem adiante. São colocados em marcha a golpes de chibata, a coronhadas. Um oficial comanda alto e alinha seus homens. Os fuzis são abaixados. __ Olhem mais uma vez vossa bela pátria! Ele escarnece.

A fim de desculpar atos de uma crueldade tal, os alemães quiseram afirmar que os habitantes começaram atirando neles. É impossível invocar o mesmo pretexto para justificar as apavoran-

tes torturas infligidas aos milhares de russos que se encontravam nas estações climáticas da Alemanha por ocasião da declaração de guerra. Encontramos o relato no livro do Sr. Rézanoff, resumido pela **Revue des Deux-Mondes**, de 1º de agosto de 1915. Não se trata de atos de fúria popular, mas de atos cometidos por intelectuais de todo nível, particularmente de oficiais. As jovens eram despidas e violadas sob os olhos de seus pais, que eram fuzilados assim que faziam um gesto de protesto. Vários desses infelizes se suicidaram de desespero ou tornaram-se loucos. A ferocidade sádica do temperamento alemão se revelou de uma maneira inegável nessa sinistra aventura. Entre as pessoas torturadas se encontravam vários cônsules. Eles foram em seguida jogados em calabouços, onde, sem dúvida, ainda se encontram. O caráter predatório e feroz dos alemães foi, aliás, observado em todas as guerras. Wellington escreveu, em 1807, a propósito da legião alemã que servia, naquela época, sob a bandeira inglesa contra Napoleão:

> *Eu posso vos assegurar que, naquela legião de alemães, desde o general até o menor dos tocadores de tambor, são todos iguais. A terra jamais viu bandidos mais sanguinários e mais infames. Eles assassinam, roubam e maltratam os camponeses por toda parte por onde passam.*

Os soldados cujos crimes nós citamos só continuaram, portanto, uma tradição já antiga.

A invasão dos alemães à Bélgica lembra, efetivamente, em todos os pontos, aquela dos germânicos nos primeiros séculos de nossa era. Como hoje, eles pululavam espantosamente em seu país e, não podendo nele encontrar subsistência, se derramavam sobre os países vizinhos. Os romanos fizeram sobre eles imensas carnificinas, aliás, insuficientes.

O imperador Probo exterminou, dizem, 400.000 deles. Mas, quando ele chegou os bárbaros já tinham tido tempo de destruir os maravilhosos monumentos da Gália romana. Um século mais tarde, eles recomeçaram suas devastações e arrasaram a Gália, a Espanha e a Itália. Após ter sido o flagelo do Império Romano, a Alemanha ameaça hoje em dia se tornar o flagelo do universo.

As destruições dos monumentos religiosos de Louvain, Soissons, Reims e Arras não teriam acontecido sem a vontade expressa do imperador. Deve-se ver nisso as consequências de seu ódio intenso ao catolicismo, manifestado outrora numa carta escrita a uma de suas parentes que veio a se converter: “Eu odeio esta religião que tu abraçastes. Eu considero sua destruição como o objetivo supremo de minha vida”, escreveu ele.

Num de seus discursos, reproduzido pela **France**, de 3 de outubro de 1914, lê-se:

As igrejas católicas do romanismo papal, que vos impõe a admiração excessiva, são às vezes injúrias ao Todo Poderoso. Deus é injuriosamente esquecido nelas em prol de santos imaginários, verdadeiros ídolos substitutos da divindade, pela superstição latina. Na catedral de Reims vê-se mesmo o espetáculo ímpio de reis franceses que foram adúlteros, deificados de alguma forma e apresentados sob a forma de estátuas acima do grande portal, melhor colocadas do que a imagem de Deus.

Mestres alemães dignos de nossa raça não devem descrever tais igrejas sem se erguer com indignação contra as superstições do romanismo.

Estas linhas contribuem para explicar a fúria dos germânicos contra a antiga catedral.

§3. As ferocidades austríacas.

Os soldados austríacos durante sua primeira invasão à Sérvia não se mostraram mais ternos do que seus confrades alemães na Bélgica. O Sr. Reiss, professor da Universidade de Lausanne, fez na Sérvia uma pesquisa local, cujos resultados ele publicou na **Revue de Paris**, de 7 de abril de 1915.

Dela, eu destaco as seguintes linhas, relativas aos suplícios escolhidos pelos soldados, de acordo com as ordens de seus oficiais:

> *Eu destaquei as seguintes maneiras de matar e mutilar: vítimas fuziladas, mortas a golpes de baioneta, degoladas por machados, violadas depois mortas, apedrejadas, penduradas, nocauteadas a golpes de coronhas e de porrete, estripadas, queimadas vivas, pernas ou braços cortados ou arrancados, orelhas e narizes cortados, olhos furados, seios cortados, pele cortada em tiras ou as carnes arrancadas; enfim, uma menininha de três meses jogada aos porcos.*

Cada uma delas lembra fatos análogos acontecidos a cargo dos balcânicos durante suas guerras com os turcos primeiro e depois entre eles. Alegava-se então que se tratava de populações semibárbaras que possuíam há séculos o hábito de viver em massacres recíprocos e que apenas os turcos conseguiram mantê-los em paz.

Como os mesmos argumentos não podem ser aplicados aos alemães, é preciso admitir que mais civilização não torna as pessoas menos ferozes. Todas as nossas velhas ideias. humanitárias estão refutadas por muito tempo.

§4. Psicologia do terror. Seus inconvenientes.

O estado-maior alemão deu como justificativa dos assassinatos e incêndios a necessidade de apavorar as populações para levá-las a pedir o fim da guerra.

O terror sempre foi empregado, por revolucionários e também pelos reis, como meio de impressionar seus adversários e servir de exemplo àqueles que hesitam em se submeter. As torturas infligidas dão, ao mesmo, satisfação aos atávicos instintos sanguinários de muitas pessoas.

É inevitável portanto encontrar a prática do terror desde as primeiras épocas da história. Eu lembrei acima os baixos-relevos assírios que mostram reis furando eles mesmos os olhos dos prisioneiros e apenas confiando aos seus soldados a complicada operação de esfolá-los vivos, para cobrir com suas peles os muros da cidade.

Eu destaquei igualmente que os romanos das primeiras eras professavam __ a propósito dos povos invadidos e do tratamento a infligir aos prisioneiros __ as mesmas teorias que os alemães atuais. Toda ação útil ao vencedor era boa aos seus olhos. O estrangeiro representava, a princípio, um inimigo que não possuía nenhum direito. Só havia fraternidade possível entre indivíduos da mesma cidade ou, no máximo, do mesmo país.

A dureza implacável e o egoísmo feroz, que foram durante muito tempo a lei de Roma, não duram eternamente. No fim da República os costumes se tornaram menos sanguinários.

Nenhum ato de barbárie é mencionado na **Eneida**. Cícero louva Marcelo por ter poupado os monumentos de Siracusa e cobre com seu desprezo o saqueador Verres.

Os germânicos modernos nos remetem, por suas crueldades, às eras mais distantes de nossa história.

Eles sistematizaram na luta atual os assassinatos, torturas e pilhagens, mas não formularam seus métodos agora. Bismarck já afirmava que era preciso tornar a guerra extremamente penosa para as populações a fim de dispô-las à paz. Escreveu ele em 1870:

> *A verdadeira estratégia consiste em golpear vosso inimigo e golpeá-lo duramente. Acima de tudo vós deveis infligir aos habitantes das cidades invadidas o máximo de sofrimento, de modos a desencorajá-los da luta e vos assegurar de sua ajuda na pressão sobre seu governo para levá-lo a cessar a luta. Vós só deveis deixar, às populações que cruzardes, os olhos para chorar.*
>
> *Em todos os casos, nosso princípio diretor é tornar a guerra tão terrível às populações civis que elas mesmas supliquem em favor da paz.*

Vimos com que fúria ardorosa os alemães seguiram esses conselhos: incêndios dos vilarejos, mulheres e crianças queimados vivos ou submetidos a todas as torturas. Eles só obtiveram, aliás, como resultado, o êxodo em massa dos habitantes.

Seria inútil discutir a validade de tais atos sob o ponto de vista do direito ou da humanidade. Pode-se ao menos examiná-los quanto a seus resultados.

Não apenas a eficácia das violências cometidas não foi totalmente aquilo que os alemães esperavam, mas elas foram até nocivas, levantando entre todos os povos um sentimento de indignação profunda e lhes criando assim inimigos no mundo inteiro.

O terror só tem, aliás, ação eficaz, com a condição de ser muito breve. Prolongá-lo é torná-lo mais funesto do que vantajoso. No vencido, ele produz, com efeito, com a revolta, um ódio intenso e um poderoso elemento de sucesso nas batalhas. Os povos invadidos, compreendendo que não têm nenhum quartel a esperar, se defendem até o fim.

Eles se defendem e se lembram. Os alemães possuíam antes da guerra uma grande parte do comércio da Bélgica, sobretudo em Antuérpia. Qual será sua situação depois da paz? Eles teriam dado prova de uma psicologia muito mais cuidadosa governando com doçura o país que eles pensavam ter conquistado para sempre.

O emprego da ferocidade sistemática exige também a certeza de que o inimigo molestado não penetrará jamais em vosso território para nele ter sua revanche. Porém, ninguém pode contar com a sorte. O próprio Napoleão não conseguiu isso.

Suponhamos que 100.000 cossacos entrem um dia em Berlim e lá submetam as mulheres, as crianças e os velhos ao tratamento infligido pelos alemães aos desafortunados habitantes de Dinant e Louvain; quem reclamaria?

§5. As justificativas dos alemães.

Após ter negado sistematicamente todos os fatos que lhes eram atribuídos, os alemães acabaram por tentar justificá-los, alegando que se tratava de simples represálias e imputaram aos belgas e aos franceses os mesmos crimes.

Sabe-se que, num relatório apresentado numa sessão do Reichstag, o chanceler acusou as jovens de furar os olhos dos feridos.

Segundo os jornais alemães os padres belgas também tinham o hábito de furar os olhos e cortar os dedos dos prisioneiros.

Essas afirmações parecem bem improváveis. Mas isso não passa de inverdades opostos a um conjunto preciso de fatos.

Uma circunstância particular permite, no entanto, derrubá-las completamente.

Sempre existiu, na Alemanha, uma rivalidade muito grande entre protestantes e católicos. Os primeiros tinham o hábito de atribuir aos segundos todos os tipos de malfeitos. Estes últimos, para se defender, criaram, há muito tempo, agências de investigação, particularmente o escritório **Pax**, encarregado de estabelecer a luz sobre os atos de que eram acusados.

Não podendo admitir que os padres de sua religião fossem culpados dos crimes que lhes eram imputados, o escritório **Pax** empreendeu uma série de investigações minuciosas de cada um desses fatos e não teve nenhuma dificuldade em obrigar as autoridades alemãs a reconhecerem que todos os atos atribuídos ao clero belga foram totalmente imaginários.

Os alemães deram em seguida, como principal razão do incêndio das cidades abertas, particularmente Louvain, que os habitantes tinham atirado em seus soldados. Porém, os civis, segundo eles, não devem se envolver na guerra. Mas, quando lhes foi conveniente, os comandantes alemães adotaram a regra oposta. Os jornais reproduziram a proclamação seguinte, distribuída na parte da Prússia oriental invadida pelos russos:

> *Quando o inimigo atravessar as fronteiras da Alemanha imperial, seguir-se-á uma luta pela defesa nacional em que todos os métodos estão autorizados. É dever de todo homem capaz pegar em armas para repelir a invasão e ata-*

car o inimigo quando ele se retirar. A população inteira deve pegar em armas para manter sempre o inimigo desperto, para tomar suas munições, para apreender suas provisões, para capturar seus iluminadores, para destruir por todos os meios possíveis suas ambulâncias e hospitais de campanha e para matá-lo durante a noite.

§6. Ensinamentos psicológicos que se pode tirar da prática dos métodos de terror.

Os assassinatos, pilhagens e incêndios praticados pelos alemães e os austríacos, foram constatados igualmente, eu já lembrei isso mais acima, nas duas guerras balcânicas.

Esses métodos de guerra sem piedade parecem então se propagar cada vez mais. Eles nos remetem progressivamente aos períodos mais recuados da história.

Pensava-se, muito erradamente, que os progressos da civilização que tinham desenvolvido a inteligência, poderiam provocar uma transformação análoga em nossos sentimentos. Que nada. As amarras sociais dissimulam um pouco, em alguns povos, a barbárie ancestral, mas, simplesmente mascarada, ela reaparece assim que se desagregam essas amarras sociais.

Ela reaparece tanto entre os intelectuais quanto entre os iletrados. Compreende-se facilmente o porque disso ao ter em mente

a separação profunda que existe entre o caráter e a inteligência e a influência mínima da educação sobre nossos sentimentos. Assim que as amarras sociais foram abolidas, comandantes e soldados do exército alemão se tornaram iguais e obedeceram aos mesmos instintos de ferocidade.

Em mais de uma época da história viu-se uma cultura refinada se associar com a mais sanguinária crueldade. Como, por exemplo, os senhores italianos da Renascença, nos tempos dos Bórgias. Como ainda os imperadores mongóis, poetas, artistas e cientistas que redigiam catálogos de estrelas, imaginavam instrumentos para medir a obliquidade da eclíptica e mandavam, no entanto, erguer pirâmides com as cabeças cortadas de seus prisioneiros.

O futuro que nos prepara a generalização dos métodos alemães não é tranquilizador. Escreveu o **Spectator**:

> *Se a guerra moderna não deve mais obedecer a regras, então, na verdade, o futuro da raça humana é bem sombrio e muito precário.*
>
> *Se o que a Alemanha fez for friamente aceito pela humanidade como sendo uma lei de necessidade inevitável ou um procedimento normal da guerra, então será realmente difícil impedir os inimigos da Alemanha de cobrá-la na mesma moeda.*

É certo que, em todas as futuras guerras, os povos serão obrigados a adotar os métodos alemães e se mostrar, eles também, sem piedade. Como seria fraco um exército que se curvasse às convenções internacionais, particularmente a de Haia, diante de um outro exército que não tivesse nenhuma preocupação com elas!

O recuo das ideias. humanitárias é visível. Isso é mostrado facilmente ao se comparar as proclamações dos oficiais alemães que falam sem parar em incêndios e massacres, com as ordens dadas em 1796 por Bonaparte a seu exército, quando ele ia penetrar na Itália.

Destaca-se facilmente que todas as concepções de ordem geral destinadas a modificar as relações entre os povos, como o socialismo, o humanitarismo, as convenções de Haia etc. ficaram sem ação. Sua derrota parece bem definitiva.

É de se desejar que todas as atrocidades constatadas sejam, após verificação completa, reunidas em um livro especial, cuja leitura deverá sempre fazer parte do ensino fundamental. As populações das províncias limítrofes da Alemanha não deverão jamais se esquecer o que é uma invasão germânica. Melhor informadas, elas teriam exigido de seus representantes que o governo fizesse trabalhos sérios de defesa da fronteira norte e a mais rica região da França não estaria arruinada nos dias de hoje.

Uma tal publicação teria como resultado impedir, após a guerra, uma nova invasão pacífica dos alemães. Seria impossível romper todo comércio com eles, mas sempre se deverá lembrar da imperiosa necessidade de manter distância desses indestrutíveis inimigos de nossa civilização e de nossa raça.

CAPÍTULO IV

Consequências dos métodos de guerra alemães sobre os sentimentos dos neutros.

§1. As consequências psicológicas dos métodos alemães sobre a opinião dos neutros.

Sumário

Os protestos levantados em todo o mundo pelos métodos de devastação e de massacres dos alemães os deixaram primeiro muito indiferentes. Agindo segundo princípios estabelecidos eles não tinham que se preocupar com a opinião dos neutros.

A onda crescente de reprovação acabou, no entanto, por comovê-los. O governo alemão compreendeu que se a força pode esmagar o direito, seu abuso produz hostilidades que, reunidas, produz também uma força.

A violação da neutralidade belga já valeu à Alemanha a temível inimizade da Inglaterra. Precisava ainda irritar as outras potências e principalmente a América?

A prática de crueldades sem utilidade militar, constituiu visivelmente um erro de psicologia. Como falar dos benefícios da hegemonia e da cultura germânica após tanta atrocidade?

Assim que os alemães compreenderam seu erro, eles tentaram, através dos jornais, de conferências, de brochuras, mudar a opinião geral.

Infelizmente para eles, a corrente de hostilidade tinha adquirido uma força tal, os atos de devastação estavam tão dificilmente contestáveis, que a impressão produzida não pôde se apagar.

Eles próprios acabaram, aliás, por reconhecer o fraco resultado de sua propaganda. Eis um extrato da **Gazette de Cologne**, muito significativo:

> *É preciso confessar que todo o talento dos alemães __ dos prussianos, principalmente __ não os ajuda muito a ganhar os corações. A perspicácia psicológica que penetra os sentimentos dos outros povos não é o ponto forte dos teutônicos. Os esforços que faz hoje em dia a Alemanha, através da imprensa, para conciliar as simpatias dos neutros, chegam um pouco tarde e nem sempre são marcados por um tato muito apurado.*

Vamos reproduzir agora os protestos dos notáveis mais ilustres, formulados em diversas partes do mundo.

Estas reproduções não constituem uma recriminação inútil. Elas mostram aos povos tentados a imitar, no futuro, o método dos alemães, de que reprovação eles estão cercados e quais inimigos eles poderão se criar.

A era da cavalaria certamente passou para sempre, mas o abandono definitivo de certas leis remeteria a humanidade aos períodos mais sombrios da barbárie primitiva. Apenas a opinião pública poderá, talvez, fazê-las reviver.

§2. A impressão produzida na América.

Vamos dar primeiro a palavra a um dos mais ilustres personagens da América, o ex-presidente Roosevelt. Ele se expressou assim no **New York Times**, de 8 de novembro de 1914:

> *A Bélgica não cometeu ofensa de nenhum tipo e, no entanto, seu território foi invadido e seu povo submetido ao jugo.*
>
> *É fato igualmente que cidades abertas foram bombardeadas. Isso é manifestamente contrário ao acordo de Haia que interdita o bombardeamento de cidades abertas.*
>
> *Os artigos 43 e 50 interditam expressamente as penalidades coletivas, pecuniárias ou outras, que recaiam sobre*

uma população, por atos cometidos por indivíduos cuja conduta não pode ser responsabilidade dela. Ou bem esta interdição está sem efeito ou ela se aplica a penalidades como a destruição de Visé, de Louvain, de Aesrchot e de Dinant. Ademais, é com o objetivo de espalhar o terror e não de punir que se recorre à devastação sistemática, apavorante, a qual foi submetida uma parte da Bélgica central e isso é expressamente proibido pelas convenções de Haia.

No **New York Times** de 20 de outubro de 1914, o Sr. professor Eliot escreveu as seguintes linhas:

Nossa opinião pública está profundamente comovida com a maneira com que a guerra é conduzida pelo lado alemão. Aos olhos do povo americano nada pode justificar o fato de lançar bombas sem um alvo específico sobre cidades povoadas por não-combatentes, nem o fato de queimar ou bombardear quarteirões de cidades não-fortificadas, nem a destruição de monumentos preciosos e tesouros da arte, nem a distribuição de minas flutuantes no Mar do Norte, nem a exigência de resgates extorquidos dos cidadãos sob ameaça de destruição, nem a prisão de cidadãos que não carregam armas, para serem mantidos como reféns que

respondem pela conduta pacífica de populações inteiras e ameaçados de execução sumária em caso de desordem.

O presidente do célebre Instituto Carnegie, de Pittsburgo, o Sr. A. Church, escreveu em resposta ao manifesto dos intelectuais alemães, que lhe tinham enviado um certo doutor Schaper, de Berlim:

Eu experimento um sentimento de piedade ao notar com que importunidade os alemães fazem esforços para se reconciliar com a boa opinião da América.

Oh! Doutor Schaper. Se um dia as condições se invertessem, se um dia os soldados estrangeiros atravessassem as ruas de Berlim e se os cidadãos vissem suas casas destruídas e seus habitantes massacrados, não gostarias vós e os noventa e três intelectuais não gostariam de atirar nesses invasores sem piedade?

... Todo o ouro que vós podeis dar à França e à Bélgica em um milhar de anos, todas as preces expiatórias que vós podeis fazer a toda hora durante mil anos, tudo isso não repararia a ruína de duas nações pelo fogo e pelo sangue e não secaria o oceano de lágrimas humanas que acompanharam vossa horrível invasão.

... Não há nenhuma desculpa para fazer essa guerra. Armados e defendidos como vós estáveis, o mundo inteiro não poderia jamais irromper além de vossas fronteiras. Vossa grande nação fazia navegar seus vasos sobre os oceanos, vendia suas mercadorias nas partes mais distantes da terra e gozava do mais alto favor da humanidade porque se tinha confiança de que ela era um Estado humano. Mas agora toda a boa opinião foi destruída. Vós não podereis em meio século reconquistar esses benefícios materiais e espirituais que vós haveis perdido.

Dentre os muito raros americanos que assistiram à devastação da Bélgica, pode-se citar o Sr. Dawell. Ele conta lembranças cheias de horror, resumidas em um livro que aqui mostramos um fragmento. Ele escreve:

Eu vi, em muitos lugares da terra, muitas coisas terríveis e revoltantes. Mas nada tão apavorante quanto Aerschot. Dois terços __ eu não exagero em nada __ de suas casas foi tomada pelas chamas e traziam os visíveis traços de uma pilhagem cometida por uma soldadesca demente. As provas do crime estavam por toda parte...

§3. A opinião pública na Suíça e em diversos países neutros.

Numa parte da Suíça alemã a opinião pública se mostrou a princípio favorável aos germânicos, mas ela logo se voltou inteiramente contra eles assim que os massacres e os incêndios da Bélgica ficaram conhecidos.

Eis primeiro um fragmento do artigo publicado na **Bibliothèque Universel de Genève**, pelo Sr. Rossel, juiz federal suíço:

> *A invasão de Luxemburgo, apesar das garantias solenes de 1867 e a violação do território belga, apesar das garantias não menos solenes de 1831, são faltas pelas quais não há desculpas. O mar passaria por eles sem lavar sua sujeira.*
>
> *Quando os Estados não respeitam mais o que os particulares olham como sagrado, sua assinatura, significa que toda a civilização está em perigo. A quem e ao que confiar nas relações internacionais? O que valem os tratados se eles não são regidos por um outro direito que não seja o direito do mais forte? Os monstruosos e detestáveis exemplos de outrora bastariam para justificar as violações de hoje? Dezenove séculos de cristianismo e todas as conquistas da*

ciência e todos os progressos da lei e todas as obras-primas do pensamento teriam sido em vão? A própria vitória poderia apagar a mancha indelével? Quando a Alemanha tiver recobrado o sangue frio e cingido sua testa com a coroa de louro, ela abaixará a cabeça e pensará na "deutsche treue", nessa "lealdade alemã", que era seu orgulho.

Muito certamente, com efeito, eu já disso isso, parece que a Alemanha moderna atravessa uma dessas fases místicas que alucinam todo um povo. Nenhuma discussão é então possível. O autor de um artigo publicado no **Journal de Genève**, de 6 de novembro de 1914, mostrou isso muito bem:

A discussão é impossível com quem pretende, não buscar, mais possuir a verdade. Nenhuma força mental é capaz, no momento, de perfurar o muro espesso de certeza com o qual a Alemanha se barricou contra a luz do dia. A certeza terrível, o contentamento do fariseu que cresce na literalidade monstruosa do pregador da corte, que glorifica Deus por tê-lo feito impecável, irreprochável e puro; ele, seu imperador, seus ministros, seu exército e sua raça; e que se rejubila com antecipação, em sua "santa cólera", pelo esmagamento de todos aqueles que não pensam como ele.

... Quando se vê, por outro lado, as mentes mais lúcidas da Alemanha __ historiadores e cientistas que são, portanto, hábeis na crítica dos textos __ basearem suas certezas sobre documentos provenientes todos de uma só das partes e, como prova peremptória, nos remeter às afirmações interessadas de seu imperador e seu chanceler, como escolares espertos que não têm outro argumento além de que: "Magister dixit!"[24]*. Que esperança resta de convencê-los de que existe uma verdade fora do mestre e que, ao lado do Weissbuch*[25]*, temos nas mãos todo tipo de livros, de todas as cores e que um juiz imparcial deve escutar as testemunhas.*

Entre a mente germânica de hoje em dia e a do resto da Europa não há mais nenhum ponto de contato.

A Alemanha parece atingida por uma exaltação mórbida, de uma loucura coletiva, sobre a qual nenhum remédio pode agir além do tempo. Se acreditarmos na observação médica para casos análogos, essas formas de delírio são de evolução rápida e seguidas subitamente de profundas depressões.

[24] O mestre falou! (Nota do tradutor)
[25] Livro branco. Conjunto de orientações políticas e planos de ação de um Estado ou organização. (Nota do tradutor)

Dentre os diversos artigos de escritores suíços, eu reproduzirei ainda uma passagem daquele intitulado **L'Opinion Publique en Suisse**, publicado pelo professor Henri Poggi na **Revue des Deux-Mondes**, de 15 de abril de 1915. Nele é mostrado como um público, a princípio simpático aos alemães, fica em seguida indignado com eles por seus atos de vandalismo. Com mais psicologia os alemães teriam compreendido que, se eles podem ter grande prazer em queimar e massacrar, essa satisfação produz às vezes aborrecimentos superiores ao prazer.

> *Desde o início das hostilidades, a violação da neutralidade belga e o discurso cínico pronunciado pelo chanceler no Reichstag para motivá-la, levantaram entre nós uma "onda de protestos" geral contra a Alemanha. Na Suíça alemã, é verdade, uma grande parte dos habitantes e de numerosos jornais se mostraram germanófilos a princípio, como é natural, por afinidade cultural e a influência de vastos interesses comuns e laços de amizade e parentesco.*
>
> *... Após as pavorosas crueldades cometidas na Bélgica e na França, após o saque e a destruição de Malines e de Louvain, que tiveram como coroamento o abominável atentado contra a catedral de Reims, a opinião pública e a imprensa em grande parte mudaram e eloquentes protestos se fizeram ouvir. O próprio professor Vetter, até então o mais*

pangermanista dos suíços, dirigiu, após os crimes sacrílegos de Louvain, uma veemente carta aberta aos intelectuais da Alemanha.

Os outros países neutros __ Holanda, Dinamarca, Noruega etc. __ não formularam opiniões tão nítidas quanto aquelas da América e da Suíça.

Eles estavam muito próximos da Alemanha e se sentiam muito ameaçados por ela para poderem escrever livremente. O exemplo da Bélgica bastou para lhes impor o silêncio.

Na Espanha, a opinião pública se dividiu nitidamente. Os católicos, pelo menos no início, tomaram abertamente o partido dos alemães, como já destacamos.

O mais ilustre cientista da Espanha, Ramon y Cajal, expressou publicamente uma opinião, que aqui mostramos alguns fragmentos:

Nosso ancestral das cavernas pilhava e assassinava franca e sinceramente, sem atormentar suas vítimas com a ajuda de teorias antropológicas. Hoje em dia os agressores, quando eles se sentem fortes, escrevem livros científicos, cheios de alta filosofia, não apenas para justificar seus crimes e suas iniquidades., mas para se apresentar ao mundo como um povo superior ao qual tudo é permitido.

O autor não acredita no esmagamento completo de um dos grupos de beligerantes. Segundo ele:

> *os vencidos não terão outro pensamento se não o de imitar os métodos do vencedor, para tentar vencer, por sua vez. Quando os órfãos de hoje tiverem atingido a idade adulta, o terrível massacre recomeçará.*

LIVRO VII

Os desconhecidos da guerra.

CAPÍTULO I

As consequências imediatas das guerras modernas.

§1. Os incidentes atuais e futuros.

Sumário

As consequências das guerras modernas são inumeráveis e durante muitos anos suas repercussões seguirão implacavelmente seu curso. As derrotas de 1870 pesam sobre nossa vida econômica e social há quase meio século.

Querer expor agora os incidentes múltiplos da guerra europeia seria impossível. Eu me limitarei então a indicar sumariamente o que a experiência já ensinou com relação às complicações produzidas pelas lutas modernas, o preço que elas podem custar, as perdas que elas ocasionam e suas consequências psicológicas.

Nenhum dos grandes conflitos da história colocou em jogo tão formidáveis elementos e não poderia produzir tais efeitos. De

ordem material e psicológica, esses efeitos permanecem ainda muito entrelaçados para poderem ser separados nitidamente.

§2. Complicação das guerras modernas.

No mundo antigo, entre os romanos, por exemplo, a manutenção de um exército era coisa muito simples. Cada soldado carregava suas armas e suas provisões essenciais, que consistiam quase unicamente de uma pequena quantidade de farinha com a qual ele próprio fazia sua alimentação, quando não encontrava nada para consumir nos países atravessados.

Se fosse preciso sitiar uma cidade, os aparelhos necessários __ catapultas, torres etc. __ eram construídos no local, utilizando-se de troncos de árvores.

Um exército de hoje em dia, com seus enormes efetivos, sua artilharia e seu material, representa uma cidade ambulante, reunindo fábricas, lojas, oficinas, correio, telégrafo, hospitais, alojamentos etc. Todos estes elementos formam um serviço de retaguarda sem o qual as operações da frente de batalha seriam impossíveis.

Dada a extensão dos campos de batalha atuais e os transportes de tropas exigidos pela tática, uma organização complicada de estradas de ferro e de automóveis se tornam indispensáveis para reabastecer os homens e evacuar os feridos.

Um exército com 45.000 homens, com os 12.000 cavalos e as 2.000 viaturas que o acompanham, ocuparia, numa estrada, 50 quilômetros. É preciso centenas de trens para transportá-lo.

O serviço de comunicações desempenha um papel preponderante. Sua ineficiência na Rússia foi uma das causas principais dos reveses sofridos pelos aliados. Foi, pelo contrário, com os deslocamentos rápidos de seu exército, de um ponto a outro, que o comandante do exército austro-alemão pôde vencer tão facilmente as numerosas tropas russas que lhe foram opostas.

Todas as ordens chegam do quartel-general, que compreende, para um exército desses, 50 oficiais, 300 homens de tropa, 200 cavalos e 35 viaturas.

Cada corpo do exército é uma unidade independente. Como só transporta víveres para oito dias, ele precisa, na retaguarda, de órgãos complicados de reabastecimento de víveres e, principalmente, de munições. Os diferentes comandantes de exército, distribuídos numa distância de várias centenas de quilômetros, recebem telegraficamente as ordens do generalato.

Só se dá conta do papel das estradas de ferro nas guerras modernas ao se lembrar que, durante os 20 dias da mobilização francesa, 10.000 trens circularam através da França.

Após a batalha de Marne, o exército francês procurou contornar o flanco direito do exército alemão que, naturalmente,

combateu essa tática com uma manobra semelhante. Durante as seis semanas que durou esse movimento de nossas tropas __ que terminou na batalha de Yser __ todo o exército inglês e uma parte do exército francês foram transportados em estradas de ferro, de Aisne a Yser. “6.000 trens transportaram 70 divisões num percurso de 100 a 600 quilômetros”.

Vamos examinar apenas a complicação dos meios de transporte. Mas, se quisermos refletir em todas as consequências que produz o reabastecimento de víveres e munições de vários milhões de homens, perceberemos como a vida exterior e interior de um país é tão profundamente perturbada. Todas as suas usinas, fábricas etc. não têm outra ocupação que não seja fornecer a alimentação e o material das tropas que operam na frente de batalha. Isso resulta numa forte redução das exportações e, por consequência, da riqueza nacional.

Esse fenômeno é observado atualmente na França, bem como na Alemanha. As exportações delas baixaram enormemente. Por outro lado, a necessidade de comprar muitos produtos no estrangeiro, aumenta grandemente a importação e cria assim uma causa de empobrecimento. A importação representa despesa, pois é preciso enviar dinheiro para fora a fim de receber mercadorias. A exportação constitui a receita, pois expedindo produtos recebe-

se o dinheiro que representa seu valor. Importar sem exportar é, por isso, gastar sem ganhar o necessário para cobrir suas despesas.

A Alemanha, em tempos comuns, exportava ao redor de 12 bilhões em mercadorias e importava quase o mesmo. Durante a guerra ela exportou muito pouco __ através dos neutros __ e importou muito. A importação foi muito superior à exportação e ela precisou fazer grandes empréstimos e exportar muito ouro. Essa emigração de metal precioso não pode durar muito tempo, pois a provisão de ouro de um país que não exporta se esgota forçosamente muito rápido.

Eu encerro aqui o parágrafo dos incidentes materiais, que me afastaria um pouco dos fenômenos psicológicos.

§3. As consequências da guerra para as populações.

Nas lutas antigas, salvo talvez nos períodos de grandes invasões, uma pequena parte da população era atingida pela guerra. A dificuldade dos meios de comunicação deixava as diversas províncias quase estranhas umas às outras. As batalhas aconteciam entre tropas pouco numerosas e apenas em sua passagem os habitantes poderiam sofrer.

Bem diferentes são as condições de uma guerra moderna. Os exércitos, que raramente ultrapassavam 100.000 homens, contam agora com vários milhões. Graças às estradas para automóveis e

as estradas de ferro, essas avalanches de soldados se estendem sobre as diversas partes de um país, como uma nuvem de gafanhotos; e a devastação é completa. A França só foi invadida em alguns departamentos, mas eles foram totalmente arruinados. O valor dos objetos pilhados chega __ segundo números dados pelos próprios alemães __ a 2 bilhões, para os primeiros meses da guerra. O Sr. Henri Masson, advogado da Corte de Apelação, avalia em cinco bilhões e quatrocentos milhões de francos as perdas sofridas apenas pela Bélgica durante os noventa primeiros dias da guerra.

Hoje, o pauperismo da Bélgica é completo. A devastação brutal do início foi sucedida de pilhagem sistemática por meio de requisições, escalonadas de maneira a expropriar o país de seus últimos recursos.

O público e os jornais não se ocuparam apenas com as devastações cometidas na Bélgica e no norte da França. Países também importantes __ Polônia, Galícia, Armênia __ foram submetidos ao mesmo regime.

No que concerne à Polônia, eis um extrato do **Journal de Genève**, de 5 de junho de 1915:

> *A guerra se estende sobre três quartos do território polonês. Dois terços da Polônia, que conta com 13 milhões de habitantes, estão ocupados pelos soldados austro-*

húngaros. Fala-se de 5.000 vilarejos, 200 vilas e burgos bombardeados, arruinados, incendiados.

... Muitas estradas de ferro, portanto, o comércio; as vastas indústrias do carvão, de tecelagem e de açúcar, na Polônia; a do petróleo, na Galícia, foram bruscamente paralisadas. Por toda parte a miséria, a fome, epidemias. Testemunhas que se deslocaram para os lugares, a fim de levar socorro a tantos infortunados, declaram que as perdas da população civil ultrapassam a dos campos de batalha.

Se a guerra leva a esses resultados nos países mais civilizados, pode-se supor como ela deve ser ao atravessar regiões em que o invasor se sente livre. Os massacres e a destruição não conhecem limites. Foi o que aconteceu na Armênia.

É uma tragédia colossal e ignorada, nos escrevem de Hoppa, no Mar Negro, ao ***Corriere della Sera****. Toda a Armênia ocidental está em luto: devastações, massacres, miséria, miséria! As cidades são cemitérios. Trébizonde, que viu a glória de Alexis Comnène*[26]*, está metade destruída e os habitantes fugiram.*

[26] Imperador bizantino de 1081 a 1118. (Nota do tradutor)

Retornamos, evidentemente, à época das antigas invasões bárbaras. Mas, se as invasões modernas se mostram tão ferozes, elas são, por outro lado, muito mais extensas.

§4. As perdas em homens.

As perdas em homens durante a guerra atual são imensas e deixam bem para trás as hecatombes das mais célebres batalhas. No entanto, ainda é difícil levantar os números exatos. Os números seguintes foram fornecidos pela Comissão do Exército. Vejamos quais eram as perdas para a França nas datas de 15 de fevereiro e 1º de maio de 1915:

	Em 15 de fevereiro	Em 1º de maio
Mortos	186.541	327.000
Feridos	415.863	592.000
Desaparecidos ou prisioneiros	243.321	317.000

Estes números não incluem as perdas da batalha de Arras (em julho de 1915) que chegaram a 113.000 homens e as da batalha de Champagne, em setembro de 1915, que ultrapassam 100.000 homens. Admitindo que metade dos feridos retorne à frente de batalha, pode-se dizer que nossas perdas, em um ano, foram em torno de 1 milhão de homens.

As perdas dos alemães parecem ter sido muito mais consideráveis, em razão de sua necessidade de combater em duas frentes de batalha e também por causa de seus ataques em massas compactas. Elas são avaliadas em mais de 2 milhões.

Combinando todos os números sucessivamente fornecidos pelos diversos beligerantes, pode-se admitir que suas perdas totais, durante o primeiro ano da guerra, não devem ter sido muito inferiores a 6 milhões de homens. Neste número não estão incluídos 1 milhão de soldados __ dos quais, 600.000 russos __ que estão prisioneiros na Alemanha. A flor da juventude europeia terá perecido durante esta terrível guerra.

As lutas napoleônicas não produziram, em vinte anos, tais hecatombes. Em Iéna e em Wagram as perdas do inimigo foram inferiores a 30.000 homens. Apenas em Leipzig, a mais considerável batalha do Império, os aliados perderam 60.000 homens.

As grandes batalhas de outrora seriam consideradas hoje em dia como escaramuças de postos avançados, mencionadas pelos comunicados oficiais em algumas linhas.

Os enfrentamentos atuais, importantes pelas perdas em homens, não produzem as consequências práticas das antigas batalhas, em que uma ou duas decidiam a sorte de uma campanha. Gasta-se 30.000 homens para tomar um montículo ou algumas trincheiras e o resultado final é quase nulo.

§5. As despesas das guerras modernas.

Nenhuma guerra custou tanto quanto o gigantesco conflito ao qual assistimos.

Na Câmara dos Comuns, o Sr. Lloyd George disse que as despesas eram, apenas para a Inglaterra, de um bilhão por mês. No entanto, as guerras mais dispendiosas até então __ as de Napoleão, que duraram vinte anos __ custaram apenas vinte e um bilhões à Grã Bretanha. As despesas da guerra da Crimeia chegaram a menos de dois bilhões e as do Transvaal a um pouco mais de cinco bilhões.

Os armamentos dos tempos de paz, há quarenta e cinco anos, exigiram certamente muitos bilhões a mais. Eles constituíam um prêmio de seguro contra os ataques exteriores. A experiência mostrou que a Inglaterra não era ainda suficientemente forte pois, no momento da declaração de guerra, os armamentos franceses e ingleses se mostraram totalmente insuficientes. Os dez departamentos franceses devastados pelos alemães, com suas centenas de fábricas e monumentos incendiados, representam uma soma muito maior do que aquela necessária para um armamento que permitisse resistir ao invasor.

Num discurso no Reichstag, pronunciado em 20 de agosto de 1915, pelo secretário do tesouro, o Sr. Helfferich, destacou-se que “as despesas de um só mês são um terço maiores do que a

despesa total da guerra de 1870". Os 20 bilhões de crédito consignados não foram suficientes. Precisou-se fazer um novo empréstimo.

A artilharia e as munições constituem uma das maiores despesas da guerra moderna. Um couraçado queima 19 toneladas de carvão por hora em grande velocidade. Para remuniciar os 150 tiros que são carregados em seus 12 canhões e que podem ser disparados em duas horas, é preciso gastar mais de 5 milhões. O preço do tiro de um canhão de 305 mm ultrapassa 5.000 francos. Um modesto obus para canhão de 75 chega a trinta francos.

Um especialista fez, no **Matin** de 19 de julho de 1915, os seguintes cálculos:

> *Segundo um comunicado francês de 17 de junho, nossa artilharia disparou, no norte de Arras, em vinte e quatro horas, 300.000 obuses, ou seja, quase tanto quanto toda a artilharia de campanha alemã em 1870-71.*
>
> *O peso desses 300.000 tiros de canhão pode ser avaliado em 4,5 milhões de quilos. Isto quer dizer que seu transporte exigiu mais de 300 grandes vagões, ou seja, mais de seis composições de estradas de ferro. Este transporte demandou, pela estrada, 4.000 viaturas com seis cavalos. A despesa beira ao redor de 9 milhões e 375.000 francos.*

A essa despesa de quase 10 milhões de francos em algumas horas deve ser acrescentada a perda de 113.000 homens em alguns dias. Tais números dão uma ideia clara do que custa uma guerra moderna.

O conflito europeu contém uma massa de incidentes imprevistos. O célebre químico Sir William Ramsay destacava em 1914 que a Alemanha gasta diariamente para suas munições 1.000 toneladas de algodão e que se, desde o início da guerra, se tivesse estancado a importação dessa matéria prima, a guerra teria fatalmente terminado em abril. Pode-se dizer igualmente que, se a greve dos mineiros ingleses tivesse se prolongado, os aliados não teriam podido continuar a luta, por falta de carvão para manter suas fábricas e manter funcionando suas estradas de ferro.

Uma das consequências da guerra foi a criação de um imenso desemprego. O Estado francês se viu obrigado a pagar benefícios a 3.253.367 famílias de mobilizados. Na data de 30 de junho de 1915, ou seja, em menos de um ano, elas receberam mais de 1,3 bilhão, ou seja, quase um terço de nosso orçamento anual em tempos de paz.

O custo da guerra se revela pelo enorme crescimento desse orçamento. Em junho de 1915 ela já nos tinha engolido 24 bilhões; dos quais, 2/3 direcionados às despesas exclusivamente militares. O resto representava as compras de gêneros alimentícios

para a população (187 milhões) e os juros da dívida (1,427 bilhão).

E deve ser muito mais, por mais que essa soma exprima a totalidade das perdas produzidas pela guerra. A pilhagem de nossos mais ricos departamentos as torna muito mais onerosas.

Em junho de 1915, dois milhões de hectares, onde viviam 3.250.000 habitantes, tinham sido invadidos e progressivamente devastados pelo inimigo. O valor pecuniário do solo ocupado chega a quase 10 bilhões e o das construções, das fábricas particularmente, muito mais.

A fim de cobrir essas múltiplas despesas, as nações envolvidas devem recorrer a empréstimos. Eles deverão se repetir até o esgotamento de todo dinheiro do público e das reservas metálicas dos bancos. Quando essa hora fatal chegar, para alguma das partes envolvidas, ela será forçada a abandonar a luta.

Esse fator econômico impedirá sem dúvida a guerra europeia de durar tempo suficiente quanto àquelas conhecidas com os nomes de Guerra dos Trinta Anos, dos Cem Anos etc. Hoje não se combate apenas com golpes de canhão, mas a golpes de bilhões. Porém, tais lutas não podem se prolongar, pelo único fato de que a riqueza de um povo é uma grandeza finita. A guerra só poderá ser retomada após períodos de paz que permitam aos combatentes reconstituírem um pouco seus recursos.

§6. A duração das guerras modernas.

A guerra atual __ bem como as seguintes __ só terminará então, provavelmente, sob a influência de fatores econômicos e não militares. Com o sistema das trincheiras, um exército não consegue obter uma grande superioridade sobre o outro. Cada um deles se desgasta lentamente pela defensiva. O que se desgastar mais rápido será o exército vencido.

Não é preciso objetar que as guerras da República e do Império continuaram durante vinte anos. Os meios de destruição eram então pouco onerosos e muito menos mortíferos do que hoje em dia. Em doze meses nós gastamos mais homens e dinheiro do que em vinte anos na época napoleônica.

As diversas lutas que se sucederam no último meio século tiveram uma duração muito variável. A guerra da Crimeia, em 1854, durou dois anos; a guerra do Transvaal, em 1899, dois anos e meio; a guerra da Secessão, nos Estados Unidos, cinco anos. Mas a maior parte foi muito menos longa. A guerra franco-alemã, em 1870, durou seis meses. A guerra russo-japonesa, em 1904, dezoito meses. A guerra hispano-americana, em 1912, cinco meses e a segunda, menos de seis semanas.

De todas as guerras modernas, a mais custosa e a mais mortífera foi a guerra civil de Secessão entre os Estados Unidos do norte e os do sul. É a única que se pode comparar com a guerra

atual. Quando ela terminou, em 1865, os exércitos do norte contavam com 1 milhão de soldados e os do sul com 700.000. As perdas dos dois adversários ultrapassaram 1 milhão de homens. No fim da guerra, a dívida dos Estados Unidos do norte tinha se elevado a 14 bilhões. Os confederados do sul, totalmente arruinados, deixaram um passivo de dez bilhões. A devoção dos combatentes ao interesse comum foi tal que as mulheres doaram suas joias e quando todos os recursos se esgotaram, elas propuseram raspar suas cabeças para vender suas cabeleiras nos mercados europeus. De sua vitória, os vencedores não tiraram, aliás, nenhuma vantagem. Como será, sem dúvida, o caso da guerra presente e daquelas que poderão segui-la.

CAPÍTULO II

As incertezas das narrações de batalhas.

§1. O valor dos documentos oficiais relativos às batalhas.

Sumário

Eu não tenho, de maneira alguma, a intenção de abordar nas páginas seguintes a descrição das principais batalhas da guerra europeia. Eu quero apenas registrar alguns ensinamentos psicoló-

gicos, como o papel do imprevisto e da vontade nos grandes acontecimentos e também uma justificativa para esta tese: é quase impossível saber exatamente como aconteceram os fatos observados por vários milhares de pessoas. O resultado final é conhecido, mas a maior parte das explicações e das interpretações permanece errônea. É bem duvidoso que conheçamos os detalhes reais dos mais célebres acontecimentos históricos, particularmente daqueles relatados unicamente pelos textos.

Ao longo da guerra atual, os relatos oficiais das diversas potências foram inspirados por diferentes princípios psicológicos, que se resumem nos seguintes: 1º) calar ou dissimular os reveses; 2º) alterar a verdade, de maneira a agir sobre a opinião pública.

O primeiro método, que se poderia qualificar de método do silêncio, foi empregado pelos ingleses e os franceses, principalmente no início da campanha. Os alemães usaram largamente o segundo, que consiste em transformar a verdade. Os russos utilizaram alternadamente o primeiro e o segundo.

Quanto ao sistema de se limitar a dizer exatamente a verdade é inútil mencioná-lo, pois ninguém o empregou. É, de resto, natural que os adversários em presença dissimulem suas derrotas e exagerem seus sucessos.

O leitor que lesse, nos comunicados dos diversos países, afirmações absolutamente contraditórias, acabaria, de resto, por

não ter nenhuma confiança neles e só se fiar nos resultados. Pouco lhe importaria, por exemplo, os comunicados russos anunciando a tomada de numerosos prisioneiros e muitas metralhadoras, quando ele percebesse finalmente que os vencedores evacuavam pontos estratégicos particularmente importantes e recuavam sempre.

No que concerne aos comunicados alemães, eles abusaram tanto da ausência de verdade que os neutros não lhe dão mais nenhum crédito. Escreveu o **Journal de Genève**, de 10 de abril de 1915:

> *Quanto mais se estuda seus comunicados, mais os braços vos caem, com as afirmações contrárias à realidade, que eles acumularam desde o início da guerra. Há muito mais do que se tinha suposto no momento da publicação.*

Nosso estado-maior praticou com um pouco de exagero, no começo da campanha, o método do silêncio, só mencionando nos despachos assuntos insignificantes e mesmo se calando sobre as maiores batalhas, como a de Charleroi, por exemplo. Pode-se dizer que, durante todo o mês de agosto de 1914, os franceses não souberam absolutamente nada do que se passava na fronteira. Um despacho de 29 de agosto que anunciava que a situação não tinha mudado de Somme aos Vosges revelou, pela primeira vez, a presença dos alemães em Somme. Em 1º de setembro, o público sou-

be bruscamente que uma unidade de cavalaria alemã marchava sobre a floresta de Compiègne e que o governo havia decidido deixar Paris.

Um dos grandes inconvenientes do método do silêncio é de não poder se prolongar. É preciso, de tempos em tempos, oferecer alguma informação ao público. Os redatores dos comunicados que estudamos não eram, evidentemente, psicólogos muito perspicazes. Eles deixavam ver muito claramente sua dissimulação da verdade. Líamos, por exemplo, que os alemães se retiraram de uma cidade, sem que tivéssemos sido prevenidos de que ela havia sido ocupada. Os feridos, os jornais estrangeiros, o pessoal das embaixadas etc., falavam de grandes batalhas que nossos comunicados jamais haviam dito uma só palavra. O público percebeu muito rapidamente que lhe escondiam as coisas mais essenciais e quando ele soube da entrada dos alemães __ que se acreditava estarem ainda nos arredores de Lille __ em Compiègne, nas portas de Paris e sua intenção de incendiar a capital por quarteirões, para nos obrigar a assinar a paz, foi um pânico geral, um ímpeto da população rumo ao interior, que não se viu em 1870.

Se, desde o início, a verdade tivesse sido progressivamente conhecida, a opinião pública teria lentamente se adaptado a ela. A desordem cresceu, aliás, com as sinistras histórias contadas nos jornais. A censura, que não deixava publicar uma só linha sobre os

acontecimentos essenciais, permitia aos grandes diários se estenderem longamente sobre os incêndios das cidades, os massacres de mulheres e crianças, as torturas infligidas aos prisioneiros etc. Era fazer o jogo dos alemães, muito desejosos de que se conhecesse em toda parte seus métodos de terror, destinados a prevenir e a paralisar as resistências.

Quando a batalha de Marne bloqueou a invasão alemã e nos levou a algum sucesso, o governo continuou a dar prova, na censura aos jornais, de uma psicologia bem medíocre. Coisas que os alemães não poderiam ignorar __ como os lugares de combates e os números dos regimentos inimigos __ nos eram escondidos. Atos de coragem, que poderiam ter levantado a opinião pública, eram mantidos sob silêncio. As proezas heroicas que salvaram o país pareciam ser para os autores vagas abstrações. Nossos dirigentes precisaram de vários meses para descobrir a enorme influência do contágio mental e compreender a necessidade de publicar os atos de bravura, mantidos como secretos até então. Esse consolo da população civil não era, no entanto, uma arma negligenciável. Era muitíssimo importante dissipar os medos e as dores dos não-combatentes com a narração de nossas primeiras proezas. Os gestos dos herois são sementes de heroísmo.

O silêncio imposto à imprensa parece ter tido, em parte, como causa, o medo, aliás compreensível, da influência que poderia

exercer a opinião pública no desenrolar das operações. Em 1870, foi ela que impôs os atos mais desastrosos da campanha: a nomeação de Bazaine, a absurda marcha de Mac-Mahon sobre Sedan etc. Na guerra hispano-americana, foi ainda a opinião pública que exigiu o envio da frota à Cuba, cidade com porto estreito, de onde os navios só poderiam sair um após o outro, sob o fogo do inimigo, o que levou à destruição completa da frota espanhola pelos encouraçados americanos.

As observações precedentes já mostram o quanto a ineficiência ou a inexatidão das informações oficiais tornam difícil uma narração fiel das peripécias da guerra europeia.

§2. O valor das narrativas de batalhas. As ilusões dos generais. A primeira batalha de Flandres.

Para se convencer do pequeno valor das narrativas de batalhas, basta comparar as relações variadas que são dadas por seus comandantes. Diversas razões psicológicas __ dentre as quais figura o desejo de cada general de se atribuir o maior mérito possível e as ilusões que tal sentimento provoca inconscientemente nele __ são a causa da maior parte das narrativas de batalhas apresentarem apenas relações bem distantes com a realidade.

Pode-se ver pelos relatórios da primeira batalha de Flandres, a que ponto generais que pertencem ao mesmo lado podem narrar um combate de maneira diferente.

Não existe, com efeito, nenhuma analogia entre a narração do jornal francês oficial, o **Bulletin des Armées**, de 5 de dezembro de 1914 e o relatório do comandante do exército inglês, o marechal French.

Segundo o boletim francês, nosso general comandante tinha concebido o plano dessa batalha e os ingleses desempenharam nela um papel secundário. O relatório inglês afirma precisamente o contrário.

Vejamos primeiro fragmentos do texto oficial francês:

Mas esses acontecimentos tomam tempo. O exército inglês só poderá entrar em ação num novo teatro em 20 de outubro.

O exército belga, por outro lado, que vem de três meses de batalha, está em falta momentaneamente de munições. O general comandante não hesita em exigir um novo esforço.

Desde 4 de outubro ele encarregou o general Foch de coordenar, no local, as operações dos exércitos do norte. No dia 18 ele coloca a sua disposição os reforços que, constantemente aumentados, até 12 de novembro, vão constituir

o exército francês na Bélgica, sob as ordens do general Durbal. Este exército, junto com os belgas "e uma unidade inglesa", operará doravante entre o mar e Lys.

*O **Journal de Genève**, avaliando esse período da guerra, escreveu que o comando francês, pela rapidez e a amplitude de seus transportes, deu testemunho de uma maestria incomparável. O resultado desse esforço foi o fracasso total do ataque alemão em Flandres.*

A versão inglesa é bem diferente. Ei-la, segundo o resumo do relatório do marechal French, publicado pelo **Times** de 1º de dezembro de 1914:

É certo que foi o comandante das forças inglesas na França que: "foi o primeiro a reconhecer a gravidade do movimento alemão no norte e o primeiro a tomar medidas decisivas para interrompê-lo. Foi por sua iniciativa que o exército sob seu comando se deslocou de Aisne, no norte e colocado diante da linha dos alemães em seu avanço rumo a Calais. Foi ele que, surdo aos clamores e às dúvidas de homens menos resolutos, cobriu com suas tropas uma frente de batalha muito mais longa do que parecia permitir o número dos combatentes. É preciso reconhecer, no entanto, 'a ajuda' útil que o marechal recebeu do general comandante

francês. Os generais Foch, Durbal e Maud'huy tornaram-se verdadeiros heróis".

Vê-se que, segundo esta versão, os franceses contribuíram apenas com uma ajuda útil ao marechal inglês.

As coisas se passaram realmente assim? Foi preciso a intervenção do general inglês para prever e interromper uma invasão que teria podido nos ser tão desastrosa? Uma única certeza existe: essa batalha, perdida pelos alemães, foi uma das mais sangrentas da história. O inimigo não teria deixado nela menos do que 150.000 homens e os exércitos inglês e francês, 50.000.

Só saberemos a verdade sobre esse período da guerra depois de muito tempo, mas é preciso confessar que nosso **Bulletin des Armées** nem sempre foi muito exato e às vezes manifestou uma satisfação um pouco prematura. Escreveu a este respeito um correspondente do **Temps**:

Esquece-se muito nas avaliações das operações atuais que o principal objetivo da estratégia e das manobras de guerra é garantir a integridade de um povo, sua honra e sua vida. Como, desde Reims até Mézières; desde Lille até Argonne; as hordas alemãs matam e violam, o otimismo atual me parece, no mínimo, estranho.

A ofensiva dos alemães os levou à conquista total da Bélgica __ salvo uma fatia mínima __ e à ocupação de nossos departamentos do norte e do nordeste. A proporção desse território deve ser __ em população e em riqueza __ avaliada em um sexto da França. O estatístico mais modesto avaliaria as perdas francesas __ em território, casas, imóveis, fábricas, minas, estradas de ferro, autoestradas, obras de arte __ ao redor de trinta bilhões. O que dizer dos mortos, da vergonha e da humilhação da invasão? Um autor acha que a ofensiva alemã "não foi nada". O que ainda lhe falta?

Os resultados, mesmo caramente conquistados, são, no entanto, inegáveis e se o pensamento se reporta aos dias sombrios do fim de agosto de 1914, para compará-los ao nosso estado atual, não podemos deixar de admirar com gratidão o exército, ao mesmo tempo paciente, tenaz e de um tão magnífico ardor, que nos protegeu. Prodigiosa barreira contra a fulminante invasão.

Eu não insisti aqui nesses resultados. Eu quis simplesmente mostrar o quanto parece ser difícil ser informado sobre uma batalha. Os generais dos diversos exércitos e, às vezes, de um mesmo exército, proclamam cada um a sua verdade. Todas essas verdades, mesmo que concernentes aos mesmos fatos, são frequente-

mente muito diferentes. As narrações divergentes da batalha de Marne vão nos oferecer mais uma vez um exemplo bem típico.

CAPÍTULO III

As hipóteses formuladas sobre a Batalha de Marne.

§1. O início da campanha. Os primeiros reveses.

Sumário

Provavelmente jamais saberemos que ilusões psicológicas levaram nosso estado-maior a imaginar que os alemães atacariam a França pelo leste, enquanto tantos escritores militares tinham indicado que eles chegariam pelo norte.

Num de seus luminosos artigos, o general Bonnal destacou com precisão que todo o plano ofensivo da Alemanha contra a França estava exposto na página 337 do 2º volume do livro de Bernhardi, **La Guerre d'Aujourd'hui**, cuja tradução francesa foi publicada em 1913. A fronteira direita alemã devia ser expandida até Calais, através da Bélgica etc. Foi exatamente o que foi tentado.

O plano da Alemanha não era por isso difícil de entender. Ele se resumia em invadir a França em massas, por uma região

pouco defendida, tomar imediatamente Paris e impor a paz, para se voltar em seguida contra a Rússia.

Os alemães reuniram, com essa intenção, 2.000.000. Os franceses não podiam lhes opor mais do que 1.500.000 homens; mas este número teria sido suficiente para resistir se nossos comandantes não tivessem tido a muito infeliz ideia de distribuir suas tropas numa frente de batalha com mais de 500 quilômetros, já bem protegida pelas numerosas fortalezas que a guardavam. Foi o mesmo erro cometido em 1870, mas menos explicável, pois a invasão pela Bélgica era fácil de prever e as cartas publicadas no **Times** desde meados de agosto de 1914 mostravam que três ou quatro corpos apenas do exército alemão estavam no leste, enquanto que todos os outros se amontoavam no norte e no noroeste.

O erro de previsão de nosso estado-maior teve terríveis consequências. Tendo enfim reconhecido o erro ele fez transportar com toda a pressa nossas tropas do leste para a frente Dinant, Charleroi, Mons etc. Era muito tarde. A batalha de Charleroi, que durou de 20 a 23 de agosto foi desastrosa para nós. Na noite de 23 de agosto o general comandante em chefe ordenou uma retirada geral.

Essa retirada começou em 24 de agosto, após a perda da batalha de Charleroi, que soou muito como uma derrota. Os soldados que dela participaram guardaram uma lembrança cheia de

horror. Eles tinham nos calcanhares o exército alemão, que fazia 50 quilômetros por dia e não lhes dava nenhum descanso.

Um dos combatentes narrou a retirada de uma maneira que me foi confirmada por muitos oficiais. Eu a reproduzo segundo **La France**, de 10 de novembro de 1914:

> *Depois disso, foi a retirada. E que retirada!... Marchava-se de noite, de dia, o tempo todo, ao acaso, para frente. Soldados se encontravam que não eram da mesma unidade; todas as armas se cotovelavam, se misturavam; cavaleiros a pé, sem cavalos; artilheiros perplexos; infantaria a cavalo. Durante cinco dias eu marchei sem encontrar meu regimento...*

Os alemães não perderam um só instante em sua perseguição. Em 3 de setembro o exército de Von Klück tinha atingido a linha Nanteuil, Creil, Senlis. Nossa situação parecia desesperada.

§2. A marcha dos alemães sobre Paris. Os projetos de incêndio metódico da capital.

O projeto dos alemães de se apoderar de Paris tinha fundamentos ao mesmo tempo psicológicos e estratégicos. A tomada de nossa capital teria um efeito moral imenso e devia, em sua percepção, levar ao fim imediato da guerra.

Paris invadida obrigaria o governo a concluir imediatamente a paz, a fim de não se atrasar, como em 1870, numa longa campanha na França e poder dispor de dois milhões de homens contra os russos, cuja mobilização ainda não havia terminado.

Para atingir esse resultado essencial, o estado-maior, de acordo com informações concordantes de oficiais alemães prisioneiros, só encontrou um meio: incendiar Paris, quarteirão por quarteirão, com seus habitantes, até que o governo francês tivesse assinado a paz.

Todas as informações reunidas sobre esse ponto são concordantes. As coisas teriam se passado como as contam o Sr. senador Trouillot e o professor Lavisse.

Eis o que escreveu o primeiro em **La France**, de 2 de abril de 1915:

> *Os sete setores que deveriam dividir Paris, após a tomada de posse pelo inimigo, estavam destinados a uma destruição integral e sucessiva, de maneira escalonada e na medida das recusas do país em aceitar, sob o nome de paz, o que teria sido um irremediável aniquilamento. E dessa vez o objetivo teria sido atingido: Paris desapareceria da face do mundo.*

O Sr. Lavisse deu, por seu lado, a mesma versão na **Revue de Paris**:

> *Paris seria tratada como refém. Eles queriam, parece, dividi-la em quarteirões e advertir nosso governo de que, se não aceitassem liminarmente a paz, um quarteirão saltaria; um outro em seguida, após um novo intervalo; e assim sucessivamente. Porém, sabemos agora e não podemos duvidar, de que eles eram bem capazes de destruir Paris: "Alguma coisa __ dizia um de seus ancestrais germânicos, o vândalo Genserico, eu creio __ me leva a queimar Roma".*

Os prisioneiros deram como explicação para esses projetos a crença de que não havia nenhum outro meio de forçar o governo a concluir uma paz, que eles sabiam ser absolutamente necessária para voltar seu exército contra a Rússia. Com as teorias professadas pelo estado-maior, nenhuma hesitação devia barrá-los.

§3. As hipóteses formuladas sobre as origens da batalha de Marne.

Tocamos aqui no ponto mais capital, talvez, de nossa história, em 1.000 anos. A destruição de Paris, realizada pelos alemães, teria, sem dúvida, desempenhado na evolução do mundo, um pa-

pel mais importante do que aquele exercido outrora pela tomada de Constantinopla pelos turcos.

Esse acontecimento teria marcado o fim de nossa existência moral. A França decapitada cairia a um nível bastante inferior. Ela sucumbiria na vergonha e na lamentação por não ter sabido se preparar para a resistência.

Mas o destino que nos levou à borda extrema do abismo não nos deixou desaparecer nele.

Escapamos a esse formidável perigo por motivos que poderão ser invocados um dia contra a teoria das pretensas fatalidades da história. Somos nós que criamos essas fatalidades e depende frequentemente de nossa vontade não deixarmos que elas nasçam. Veremos que um fato mínimo pode, num dado momento, salvar a vida de um povo.

Por isso os alemães estiveram às portas de Paris.

O general comandante em chefe temia, interrompendo a retirada de seu exército, vê-lo preso entre a onda de alemães vindos do norte e a onda vinda do leste. Ele só interromperia esse cerco recuando abaixo de Paris. Mas então a capital estaria abandonada à destruição. O que fazer?

A situação parecia desesperada. Diversas circunstâncias levaram a uma batalha em Marne. Ela foi ganha e Paris salva.

Até aqui não saímos de fatos absolutamente certos. Eles se reduzem, aliás, a esta simples constatação: a batalha de Marne foi ganha.

Mas suponhamos que o historiador, levando sua pesquisa mais adiante, venha a se perguntar: 1º) porque o general comandante em chefe que, seguindo as ordens dadas ao exército, queria recuar até bem ao sul de Paris, abandonou seu projeto e resolveu lutar; 2º) porque o general Von Klück, que estava às portas da capital, desistiu de seu ataque para se dirigir ao leste?

Examinemos primeiro os relatos oficiais publicadas pelos jornais, mesmo que eles não esclareçam, de maneira alguma, o problema.

Vejamos primeiro um dos extratos do **Bulletin des Armées**:

> *Nosso exército, após 4 de setembro, quando ele chegou até a linha fixada pelo general comandante em chefe como limite extremo de seu movimento de retirada, é um exército endurecido, aguerrido por quinze dias de lutas incessantes e a prova está nos sucessos locais que ele obteve ao se retirar. Nossa retirada foi então __ não se deve duvidar __ uma retirada voluntária, refletida, desejada. Nosso alto comando conservou sua completa liberdade de manobra. Foi livremente que o general Joffre, na noite de 4 de*

setembro, ordenou a seus comandantes que retomassem a ofensiva no dia 6.

Os jornais diários naturalmente expandiram este relato. Um deles escreveu, falando do general comandante em chefe:

Seu método se revela inteiramente na preparação da batalha de Marne. Todas as ordens, escritas por seu próprio punho, já estavam prontas em 27 de agosto, para a ação que começou em 5 de setembro. Ele pesou tudo e ajustou as diversas fases da batalha, uma por uma, como as peças de um mecanismo delicado que, na hora certa, se põe em marcha como um movimento de relojoaria.

Tais afirmações agradam muito ao público, não se pode culpá-lo, mas elas se expõem à críticas realmente fáceis, mesmo para espíritos pouco avisados.

É necessário, com efeito, insistir muito para mostrar que uma fuga precipitada como a de Meuse à Marne não foi "uma retirada voluntária, refletida, desejada". Tão evidentes exageros legitimam reflexões como a que publicou o **Journal de Genève**, em seu número de 18 de dezembro de 1914:

Permanecemos confusos ao ver que a verdade custa a se mostrar sobre os fatos mais evidentes e em todos os do-

mínios. Só para citar um exemplo: muita gente ainda está convencida de que o comandante do exército francês estava decidido, desde o início da guerra, a atrair o inimigo para Paris, para batê-lo em Marne. Essa vitória foi o brusco e soberbo retorno à ofensiva de um exército que havia sofrido uma série de derrotas muito sensíveis. Mas o plano do estado-maior francês não consistia em atrair para o território nacional um milhão de alemães e em se dedicar à devastação e à ruína das mais ricas províncias da França.

As afirmações relativas às retiradas voluntárias foram, aliás, as mesmas em todos os derrotados. É justamente por isso que o jornal acrescenta:

Esta campanha é rica em renúncias voluntárias ao combate! Todos os beligerantes afirmaram as suas. Leiam os comunicados austríacos, por exemplo; suas mais importantes derrotas foram voluntárias. Voluntário foi o abandono de Belgrado pelos sérvios. Também voluntária foi a retirada dos alemães de Anspach, na Alsácia e de Béthume, em Flandres. E se olharmos a série de comunicados franceses, não há dúvida que constataríamos vontades iguais. São as exigências do fato moral.

Tudo isso mostra que nenhuma opinião exata pode ser estabelecida segundo o que contam os jornais e, por isso, permanecem sempre as questões postas, como esta: porque o general comandante em chefe, que queria se refugiar ao sul de Paris, interrompeu seu movimento de retirada a fim de lutar?

Aqui estamos inteiramente no desconhecido e eu imagino que no futuro se escreverão muitos livros a fim de elucidar esta questão. Provisoriamente, duas hipóteses podem ser formuladas.

A primeira seria a intervenção do governo para obter que o general comandante em chefe interrompesse seu movimento de retirada[27]. A segunda, que o general comandante em chefe tenha pensado em se aproveitar da mudança de direção para o leste, do exército do general Von Klück e se decidido bruscamente a atacá-lo. Com efeito, em 4 de setembro, ele lançou uma ordem onde se lia: "É conveniente se aproveitar da situação do primeiro exército alemão para concentrar sobre ele os esforços dos exércitos aliados

[27] Através de sua instrução geral nº 4, de 1º de setembro, o general comandante em chefe prescrevia às tropas que se refugiassem ao sul de Paris até em Bray, por detrás do Sena. O V Exército devia se retirar até o sul de Nogent-sur-Seine. Em 2 de setembro o general em chefe expunha ao ministro que ele "estava impossibilitado de organizar em Marne uma linha de defesa segundo a proposição do general French" e, por uma nota (nº 3.463) aos exércitos, ele anuncia que recua para retirar as tropas da pressão do inimigo e levá-las a se fortificar na zona em que elas se estabelecessem, a fim de reuni-las numa linha geral marcada por Pont-sur-Yone, Nogent-sur-Seine, Arcis-sur-Aube, Brienne-le-Château, Joinville.

da extrema esquerda. Todas as providências serão tomadas no dia 5 de setembro, para partir ao ataque no dia 6".

As duas hipóteses precedentes: a intervenção do governo e a utilização do movimento a leste, de Von Klück, não são inconciliáveis. Sua fusão deve chegar bem próximo da verdade. Resta então a última e importante questão. Porque o general alemão, que estava às portas de Paris, desistiu de atacar a capital? Pesquisemos.

§4. Hipóteses sobre as causas da retirada do exército alemão em sua marcha sobre Paris.

A retirada dos alemães, quando eles estavam a dois dias se muito de Paris, com sua vanguarda em Pontoise, é o fenômeno misterioso da guerra. As almas crentes veem nele um verdadeiro milagre.

Esse milagre provém simplesmente de fatores estratégicos e psicológicos.

Acima de tudo é preciso __ eu creio __ descartar completamente a hipótese de que o general alemão estaria conforme a regra segundo a qual, antes de atacar uma praça forte, deve-se desembaraçar-se do exército que pode defendê-la.

Bem a par dos movimentos do inimigo para ignorar as ordens que prescreviam ao exército francês o posicionamento bem

ao sul da capital, ele devia saber que nenhuma tropa poderia se opor à sua marcha sobre Paris. Sua certeza de entrar facilmente nessa cidade era, portanto, completa. Porque ele interrompeu seu movimento?

A esta questão só é possível, mais uma vez, responder com duas hipóteses. Pode-se supor, particularmente: o general pensou que à glória fácil de conquistar uma capital não defendida, ele poderia acrescentar aquela mais alta de capturar, em um só golpe, todo um exército que se achava isolado a leste, pelo fato de que os ingleses, esmagados em Compiègne, tiveram que bater em retirada.

Para envolver esse exército ele voltou sua marcha para o leste. Mas como, ao mesmo tempo, o exército de Maunoury __ do qual ele ignorava a existência, visto que ele havia sido formado quase instantaneamente, com elementos tomados por toda parte __ marchava em sua direção, ele viu seu flanco exposto a ele. Certo de não ser atacado[28], Von Klück se contentou em cobrir seu flanco exposto com uma unidade que tomou posição ao norte de Meaux.

[28] Foi a esse ataque imprevisto __ por um exército improvisado, cuja existência não era suspeitada __ que os alemães atribuíram sua derrota. Eis o que disse, no número de 12 de setembro de 1915, o jornal **Die Post**: “Esse plano, perfeitamente preciso sob o ponto de vista tático, teria levado ao sucesso se o projeto de Klück não tivesse sido reduzido a nada pela intervenção inesperada de dois exércitos vindos de Paris que atuaram ao norte de Meaux. Essa aparição súbita de uma força muito superior não poderia ser prevista pelo general alemão”.

Em 3 de setembro o general Gallieni, governador de Paris, soube que as cabeças de colunas de Von Klück, que tinham atingido Nanteuil, tinham feito uma conversão para o sudeste, na direção de Meaux e se achavam sobre Marne. Diante de uma tal situação o general Gallieni teve uma visão clara. Sob sua ordem Manoury atacou em 5 de setembro a ala mal defendida e tratou de interrompê-la em Nanteuil-le-Haudouin. Durante quatro dias ele lutou no espaço compreendido entre Ourcq e Nanteuil contra os esforços sucessivamente enviados por Von Klück, que rapidamente compreendeu seu erro.

Esse foi o nó da batalha. Manoury, ameaçado por sua vez de envolvimento, começou a enfraquecer e recuava ao norte de Nanteuil quando, na noite de 9 para 10 de setembro, Von Klück recuou, sem que se saiba ainda exatamente por quê.

Sob o ponto de vista militar não se pode reprovar Von Klück por sua manobra. Mas o que se lhe reprovaria é o fato de não ter protegido sua direita, perto de Meaux, com tropas suficientes. Assim que ele viu Maunoury tomar, em Ourcy, posição em direção ao exército alemão, ele temeu um envolvimento e enviou duas unidades do exército para reforçar a ala ameaçada. Ele escapou assim do desastre que teria seguido o envolvimento do corpo do exército ameaçado, mas toda a sua linha ficou desorganizada e o recuo geral dos alemães se tornou a consequência.

Enquanto a ala alemã se curvava o general Foch conseguiu reforçar uma parte do centro dos pântanos de Saint-Gond.

A retirada dos alemães não parecia ser efetuada em bloco. À esquerda do meio círculo anterior de Meaux a Sézanne, eles recuaram no dia 10. No centro, em direção a Sézanne, no dia 13. O exército do príncipe herdeiro, a leste, só começou sua retirada no dia 15.

O último recuo dos alemães se fez tão rapidamente que ficamos trinta e seis horas sem tomar conhecimento dele e sem saber que havíamos vencido. Perseguindo nosso sucesso e ficando nos calcanhares do inimigo, não lhe dando nenhum descanso, nós os reconduzimos provavelmente, senão à fronteira, pelo menos acima de Reims, preservando assim essa antiga cidade de um pavoroso bombardeamento e a destruição de sua catedral.

Detalhes com relação à própria vitória de Marne, não diremos nada, porque não sabemos nada e ninguém, provavelmente, sabe nada de preciso ainda.

Apenas o futuro explicará, talvez, as circunstâncias de nossa vitória. Mas, pode-se dizer já que ela foi ao mesmo tempo uma obra coletiva devido ao valor de nossos soldados e um acúmulo de acasos felizes.

Tudo o que é permitido afirmar hoje com certeza é que ela foi a maior batalha de todos os tempos. Ela se estendeu sobre um

imenso semicírculo de mais ou menos 250 quilômetros de largura, indo de Nanteuil-le-Haudouin, a 25 quilômetros acima de Meaux (o exército Maunoury) até um pouco abaixo de Verdun. O semicírculo passava por Meaux, Coulommiers, Sézanne, Fère-Champenoise, Vitry-le-François[29].

Os exércitos que dela participaram, do lado francês, ultrapassaram um milhão de homens. Os efetivos alemães parecem ter sido um pouco superiores.

A luta durou 10 dias, de 5 a 15 de setembro.

As perdas dos alemães foram avaliadas em 150.000 homens. As nossas não devem ter sido notavelmente inferiores.

A batalha de Marne, que salvou Paris da destruição, deve ser olhada como o mais importante acontecimento dos anais de nosso país. Ela mostrou mais uma vez a ação da vontade dos homens sobre as pretensas fatalidades da história.

[29] Escreve o general Malleterre: "Todos os esforços pedidos foram enviados e seriam necessários muitos volumes para relatar os atos heroicos, individuais e coletivos, da vitória de Marne. De seu conjunto não se retira apenas o que ele teve de reviravolta do destino, mas alguma coisa muito maior ainda do que apenas um ato de tática militar? Um imenso exército que se achava vitorioso, que marchava embriagado pelo triunfo, foi derrubado por soldados que tinham sofrido a tripla prova da derrota, da retirada e da fome!
Mas se seus corpos pareciam esgotados, seus corações não estavam derrotados. E aqui aconteceu o milagre, o milagre da energia nacional, o milagre da virtude do povo, o milagre da tradição guerreira da França".

CAPÍTULO IV

Os problemas da paz.

§1. As dificuldades da paz.

Sumário

As dificuldades que tornarão espinhoso o problema da paz ainda não aparecem a todos os olhos. Para colocá-los em evidência, basta imaginar a hipótese mais favorável que possa acontecer aos aliados. Suponhamos então que, pelos misteriosos desígnios das divindades procuradas pelos homens de fé, ao invés de avançar cem metros por mês, avançamos cem quilômetros no mesmo tempo. Admitamos ainda que sejam aniquilados os dois ou três milhões de alemães interpostos entre Berlim e Paris. E eis que chegamos à capital da Alemanha e podemos nela ditar nossas leis. As dificuldades serão eliminadas? De maneira alguma.

A perspicácia de Maquiavel não bastaria para prever a conduta conveniente nas favoráveis circunstâncias que acabamos de supor.

Quaisquer que sejam as hipóteses imaginadas: divisão da Alemanha em numerosas províncias, desarmamento obrigatório, indenização esmagadora etc., chega-se sempre à conclusão de que, para evitar as tentativas de revanche de 70 milhões de pessoas,

será preciso manter de pé um exército formidável que não impedirá, aliás, essas tentativas. Napoleão, mestre absoluto da Prússia após Iéna, se viu em presença de um problema semelhante e não pôde resolvê-lo. Ele acreditou ter aniquilado a Prússia e, poucos anos mais tarde, os generais prussianos entravam vencedores em Paris.

A menos que soluções imprevistas intervenham, pode-se dizer que começamos uma dessas lutas prolongadas, entrecortadas por períodos de paz provisória, como a história várias vezes conheceu. Guerra dos Trinta Anos, Guerra dos Cem Anos etc. Apenas as batalhas futuras serão muito mais ruinosas e mortíferas do que as de outrora.

Se os conceitos que dirigem os povos não mudarem, as nações europeias deverão se contentar, parece, com períodos de paz bem efêmeros. Para que esses períodos possam mesmo durar um pouco __ dez ou quinze anos, por exemplo __ será preciso que as partes envolvidas estejam tão enfraquecidas, após suas derrotas, que se vejam na impossibilidade de recomeçar imediatamente a luta.

Por isso, é provável que a guerra atual só será encerrada com a ruína total de um dos combatentes. Essa solução não é nova e se apresentou várias vezes na história; particularmente pela Guerra da Secessão.

Escreve o Sr. W. Eliot:

Os americanos sempre se lembram dos seus cinco anos de guerra civil que, mesmo resolutamente conduzida por ambas as partes, só cessou quando os recursos dos estados do sul, em homens e em material, foram esgotados. Nessa terrível crise o capital inteiro desses estados foi engolido.

Uma paz precária seria, aliás, ainda mais ruinosa para os aliados do que a continuação da guerra. Àqueles que duvidam disso, basta se lembrarem das condições expostas pelo conde Bernstorff, embaixador alemão nos Estados Unidos:

O príncipe disse que era preciso reduzir a França e transformá-la numa nação como Portugal, mesmo se fosse preciso matar cinco milhões de franceses. E, entrando em detalhes, ele se dedicaria ao despedaçamento da França removendo quinze milhões de habitantes para além de uma linha que iria de Saint-Valéry a Lyon, para uni-los às províncias belgas que, naturalmente, se tornariam alemãs. A Alemanha nos faria pagar dez bilhões, demoliria nossas fronteiras e tomaria nossas armas. Ela forçaria a França a abandonar a Inglaterra e a Rússia, impondo-lhe uma alian-

ça de vinte e cinco anos com seus vencedores. Enfim, Guilherme II compraria a Rússia e esmagaria a Inglaterra.

Num documento secreto da chancelaria do Império, sobre as condições da paz, assinado pelas grandes associações dos industriais e agricultores alemães, de 20 de maio de 1915, os desejos do povo alemão são nitidamente expressos:

A Bélgica deve ser economicamente submetida à Alemanha. A região costeira da França, vizinha da Bélgica, até Somme, deve fazer parte do império alemão. A Alemanha se apoderará de todas as fortalezas do leste, sobretudo Verdun e Belfort. Os territórios carboníferos do norte e de Pas-de-Calais pertencerão à Alemanha. Os proprietários de todas as regiões serão expulsos e suas terras ocupadas pelos alemães. Da Rússia, se apoderará da Polônia e das províncias do Báltico.

O documento precedente dos industriais recebeu uma aprovação completa num outro manifesto, assinado por um grande número de professores. Eles pedem, por outro lado, que se apodere de todas as colônias.

Soubemos ainda das condições alemãs para a paz através dos últimos discursos pronunciados no Reichstag, pelo chanceler e o ministro das finanças, em agosto de 1915. Elas têm o mérito de

serem categóricas: arruinar e espoliar os derrotados. O ministro inglês, Sir E. Grey, os comenta assim:

> *A Alemanha deve estar acima de tudo: a liberdade das outras nações deve ser aquela que a Alemanha lhes conceder. Tais são as conclusões do discurso do chanceler alemão. E, a estas conclusões, o ministro das finanças acrescenta que um pesado fardo de bilhões deverá ser suportado durante várias décadas, não pela Alemanha, mas por aqueles que ela gosta de qualificar de instigadores da guerra. Em outros termos, a pretensão da Alemanha é de que, durante várias décadas, todas as nações que resistiram a ela deverão penar, a fim de lhe pagar tributo sob a forma de indenização de guerra.*

Após o discurso pronunciado em 19 de agosto de 1915, no Reichstag, pelo chanceler do Império, a **Gazette de Voss**, escreveu:

> *Como somos o povo supremo, nosso dever é, doravante, conduzir a marcha da humanidade. É um pecado contra nossa missão poupar os povos que nos são inferiores.*

A reflexão de um personagem alemão sobre a sorte da Alsácia após a guerra, reproduzida pelo **Journal de Genève** de 4 de

setembro de 1915, é bem típica: “Após a guerra, os alsacianos deverão nos lamber os pés”.

Tudo o que foi exposto aqui deveria ser posto sob os olhos das raras pessoas que pensam na paz. Não se poderia, portanto, reprovar muito as palavras pronunciadas pelo Presidente da República francesa, em 14 de julho de 1915, na cerimônia de Rougel de Isle. Elas traduzem um sentimento muito preciso da situação.

> *Do que seria feito o amanhã, se uma possível paz cambaleante viesse a se assentar, sufocada, sobre os escombros de nossas cidades destruídas? Um novo tratado draconiano seria logo imposto à nossa covardia e cairíamos, para sempre, na vassalagem política, moral e econômica de nossos inimigos. Industriais, cultivadores, trabalhadores franceses estariam a mercê de nossos rivais triunfantes e a França, humilhada, se rebaixaria no desencorajamento e no desprezo alemães.*
>
> *... Que nossos inimigos não se enganem! Não foi para seguir uma paz precária, trégua inquieta e fugidia entre uma guerra encurtada e uma guerra mais terrível, não foi para permanecer exposta amanhã a novos ataques e a perigos mortais que a França se levantou.*

§2. As causas futuras de conflitos.

Qualquer que seja a paz aceita pelos beligerantes, as principais dificuldades consistirão em retardar um pouco as causas futuras de conflitos. Uma sobre-humana sabedoria será necessária para conseguir isso.

Nas transformações do mapa da Europa, que a paz verá surgir, o princípio das nacionalidades substituirá, provavelmente, o velho dogma do equilíbrio.

É perfeito na teoria, esse princípio das nacionalidades que permite a cada povo escolher o regime sob o qual quer viver, mas como aplicá-lo em países de nacionalidades estreitamente enlaçadas, como nos Bálcãs, onde gregos, sérvios, búlgaros, romenos, húngaros etc, reclamam as mesmas províncias, em nome do mesmo princípio? Que dificuldade de aspecto insolúvel! Trieste, por exemplo, é uma cidade italiana, rodeada por populações eslavas, que vivem nessa região desde Carlos Magno e não aceitarão jamais um domínio latino.

Ao lado dos problemas europeus, surgirão os problemas asiáticos, particularmente a absorção da China pelo Japão. Essa conquista pacífica se efetuou sem ruído durante a guerra e sua história será uma fonte de documentos psicológicos dos mais curiosos.

É de se lembrar com que singular desconhecimento do caráter asiático, nossos diplomatas franceses imaginaram, num certo momento, poder obter a ajuda na Europa de tropas do Mikado.

Essa espantosa campanha foi acolhida com entusiasmo pela imprensa. Uma grande perspicácia não era, no entanto, necessária para compreender que, longe de pensar em nos enviar seus exércitos, o Japão os utilizaria de uma maneira muito mais conforme a seus interesses[30]. Ele soube, com efeito, se aproveitar __ como se devia esperar __ das lutas que imobilizavam as potências europeias, para impor seu protetorado à China e lhe ditar medidas que levarão à eliminação rápida dos estrangeiros.

As consequências da hegemonia japonesa assim estabelecida na China serão certamente imensas. A Alemanha, cujos escritores aconselhavam fazer a guerra para conquistar mercados, verá em breve se fechar __ bem como para todos os europeus, de resto __ o mais importante dos mercados asiáticos.

Mas esse não será o único resultado da influência japonesa. O papel primordial atribuído às massas nas grandes batalhas modernas dará aos quatrocentos milhões de chineses, submetidos aos

[30] Os jornais franceses se mostraram unânimes na ocasião. Um ex-ministro dos negócios estrangeiros foi um dos mais enérgicos defensores desse projeto. Eu creio ter sido o único a tentar demonstrar o absurdo disso. Um único jornal, o do Sr. Clémenceau, consentiu em inserir minhas observações. Algumas partes essenciais de minha carta foram, no entanto, cortadas pela censura.

japoneses e treinados por eles, uma potência mundial que poderá se tornar preponderante. Nossos diplomatas descobrirão isso, sem dúvida, um dia.

§3. As concepções dos escritores estrangeiros sobre o fim da guerra e o estado da Europa após a paz.

O futuro da Europa parece hoje muito sombrio. Mas, como todas as previsões não passam de hipóteses, cada um pode escolher aquela que satisfaça seu espírito.

Não será sem interesse mostrar como é olhado o futuro, por escritores de nacionalidades diferentes. No oceano de prognósticos contraditórios que foram formulados, eu escolherei sobretudo aqueles emanados de personagens conhecidos.

Eis o que escreve o Sr. E. Meyer, professor na Universidade de Berlim:

> *Uma coisa é certa: a volta às condições como aquelas que existiam antes da guerra é, daqui para frente, totalmente impossível; o aspecto do mundo após a guerra será completamente diferente do que era antes, mesmo se as fronteiras dos Estados sofrerem modificações insignificantes ou não sofrerem nenhuma. Novos problemas que surgiram em massa exigirão soluções e outros, que pareciam resolvidos,*

se imporão de novo à nossa atenção, frequentemente com uma força elementar.

Essa guerra universal, desencadeada pela Inglaterra (Que persistente ilusão!) terá, como uma das consequências mais imediatas e das mais nefastas, o crescimento formidável do Japão. Crescimento que resultará inevitavelmente numa luta gigantesca pelo domínio do Pacífico e do Oceano Índico. Como frequentemente acontece, a própria Inglaterra contribuiu, em sua cegueira, para armar o inimigo mais perigoso dentre aqueles que ameaçam seu poderio.

Embora nutrindo a esperança de ver a Alemanha esmagar a Inglaterra, o autor acrescenta:

É muito mais provável que sejamos obrigados __ mesmo sendo vitoriosos até o fim __ a nos contentar com resultados modestos. A Inglaterra se aproveitará da primeira ocasião para recomeçar a luta, à frente, senão da antiga, de uma nova coalizão e com uma preparação melhor. Disso resultará uma longa sucessão de guerras graves e sangrentas, até que sobrevenha uma decisão definitiva. Por isso, eu vejo nesta guerra universal desencadeada pela Inglaterra (!), uma reviravolta decisiva da história moderna e numerosos são os sintomas que indicam que, a partir de hoje, o de-

senvolvimento da cultura moderna se deslocará lentamente, mas irresistivelmente, na direção descendente, como aconteceu na antiguidade após as Guerras Púnicas.

Mas não é nem o Japão, nem a Inglaterra, mas a Rússia que apavora um ex-ministro húngaro, o Conde Andrassy, que num artigo memorável intitulado **La guerre mondial e la liberté,** diz:

... O império russo, que cresceu em enorme proporção, se tornaria o maior inimigo da livre existência intelectual. Nenhuma potência é, como o tsarismo, um entrave à liberdade intelectual e nenhuma o seria, como ele neste caso, absolutamente temível.

O sistema do tsarismo não admite a liberdade e isso acontece não apenas por egoísmo a fim de manter seu domínio, mas também porque a Rússia é composta por elementos e povos tão heterogêneos que apenas uma forte centralização do poder pode conservá-la em sua integralidade. Uma Rússia livre deixaria de ser uma Rússia unificada e quanto maior é o número de povos oprimidos mais o império deve ser uma verdadeira criação imperialista, onde a opressão se torna uma imperiosa necessidade orgânica.

... Com a derrota de Pompeu e, mais tarde, após a morte de César, com a destruição das legiões de Brutus e

Cássio por Augusto e Antônio, a sorte da República foi selada. A grande luta, inevitável entre os dois vencedores, Otávio e Antônio, decidiria qual dos dois seria o senhor do mundo, mas não se existisse ainda uma liberdade.

Após a derrota da Europa central, a questão seria igual. A quem deve ser atribuída a soberania do mundo, ao ministério parlamentar inglês ou ao tsar branco?

A paz desejada ficaria mais distante quanto jamais esteve e a liberdade esperada deixaria de existir.

Pode-se supor que os soberanos alemães confederados, curvados há cinquenta anos ao domínio da Prússia vitoriosa, estariam dispostos a se separar da Prússia derrotada? É difícil de acreditar. A Alemanha ganhou tanto, em importância militar, com sua união à Prússia que, separada dela, sua tendência seria sempre se unir novamente a ela. O Sr. de Beyens, ex-ministro da Bélgica em Berlim, destacou com razão que:

A guerra foi tão aclamada no resto da Alemanha quanto na própria Prússia. As primeiras manifestações foram ainda mais ruidosas em Munique do que em Berlim. Em Dresden, o populacho quebrou, com uma fúria ao menos igual à da burguesia da capital prussiana, as vitrines da delegação britânica. Este estado de espírito prova: primeiro

que uma parte da opinião pública __ aquela que se mostrou tão explícita __ estava muito pervertida, muito infectada pelo vírus pangermanista, tanto entre os tranquilos habitantes das regiões meridionais quanto entre seus irmãos do norte, enfatuados com sua supremacia militar; e prova também que a unidade alemã é agora considerada por todos os germânicos como uma condição indispensável para sua existência nacional.

Os raros alemães em que a arrogância nacional não superou a faculdade de raciocinar um pouco, compreenderam muito bem as dificuldades da paz. Eis, segundo a **Revue**, alguns fragmentos de um artigo do professor Osterrieth:

Imaginemos a Alemanha vitoriosa, tendo conquistado a Inglaterra, tendo-a reduzida ao papel de vassala; ou melhor ainda: os aliados tendo conseguido desmembrar a Confederação Germânica e dominado os Estados alemães do sul. Tanto de uma forma quanto de outra, esta organização pode ser durável?

Jamais a Alemanha poderá proteger inteiramente a Europa contra uma invasão asiática e ao mesmo tempo manter sua pesada herança do poder inglês sobre os mares. Ainda menos facilmente os aliados vitoriosos poderão dis-

pensar a Alemanha, que consiste num gigantesco baluarte contra a Ásia. A manutenção da civilização europeia só se efetuará pela união das três grandes potências: Alemanha, França e Inglaterra. Uma mudança considerável no equilíbrio de uma delas arriscará a existência das outras. Unidas, elas formam a base da Europa sobre a qual repousam, politicamente e etnicamente, as outras nações.

A Rússia, considerando sua situação particular, é um mundo em si mesmo. Essa terra ortodoxa tem suas raízes em Bizâncio. Ela tentou se aproximar de nossa cultura, mas a força de seu poder permanecerá na Ásia. Seu desenvolvimento intelectual e social criará um povo novo, diferente dos outros, ao qual faltarão as tradições que nos ligam. A Europa deverá se manter seriamente em guarda contra as cobiças da Rússia, nação asiática em essência.

Eis agora as opiniões emitidas pelos escritores italianos. Um deles, o Sr. Pareto, vê as dificuldades, mas também não encontrou os meios de resolvê-las:

Duas hipóteses são possíveis a respeito da maneira como se dará o fim da guerra atual: 1º) pode-se supor que ela produzirá uma paz que deixará os adversários com força igual, ou quase igual. Neste caso, é bem evidente que ela

não passará de uma trégua; 2º) pode-se acreditar que ela acabará com a vitória plena, inteira, absoluta de um dos beligerantes. Se for a Tríplice Entente a vitoriosa __ não se vê como, não melhor do que Napoleão I após a Batalha de Iéna, não pôde fazer a respeito da Prússia __ ela poderá destruir o poderio militar alemão e impedi-lo de se reconstituir. Do contrário, a dor e a humilhação da derrota agiriam, como elas sempre agiram, para reavivar e estimular os sentimentos patrióticos dos alemães. Se forem os impérios do centro da Europa que obtiverem a vitória, também não se vê como poderão destruir o imenso império britânico e impedir que os Estados que o compõem se unam de novo em um ardente desejo de revanche, talvez com o apoio da grande potência dos Estados Unidos da América; nem como eles poderão fazer com que o império russo, igualmente extenso, seja seriamente atingido e perca toda a esperança de um futuro melhor.

Um outro autor italiano, o professor Rignano, escreve:

Os aliados não podem se fazer ilusões a respeito da possibilidade de aniquilar definitivamente a Alemanha. Mesmo no caso de uma vitória tão decisiva de sua parte que eles possam ditar a seu rival as condições que eles queiram,

eles deverão se dar conta de que um país como a Alemanha estará recuperado de sua derrota em poucos anos. Basta se lembrar da rápida ressurreição da França, após sua derrota, igualmente tão grave, de 1870-71.

As observações precedentes nos mostram um futuro pleno de lutas e incertezas, mas elas todas supõem que a Alemanha atual não tenha mudado.

Poder-se-ia destacar que a Alemanha absolutista está, sob o ponto de vista político, atrasada em mais de um século na evolução democrática, em relação a países como a América e a Inglaterra. Parece portanto duvidoso que tal forma de governo possa durar. Se de Estado autocrático a Alemanha passe um dia ao Estado democrático, uma guerra ofensiva se tornará muito difícil.

Outras hipóteses não formuladas ainda podem ser enunciadas. Examinemo-las agora.

§4. Ideias relativas à pouca utilidade prática das guerras, que a experiência poderá ensinar.

Numerosos foram os escritores que demonstraram os lados inevitáveis e úteis das guerras. Para eles, o conflito é uma lei da natureza. A luta existe em toda parte, mesmo entre as células de nosso próprio corpo. Se ela se enfraquece, é a doença; quando ela cessa, é a morte. A história parece mostrar que a paz é apenas uma

trégua acidental entre combates. Todas as civilizações foram criadas sobre a guerra e aniquiladas pela paz. A guerra produz qualidades que a paz não poderia criar e que contribuem para fortalecer a alma do povo.

Essas ideias oferecem um fundo preciso, impossível de contestar. Mas as lutas antigas nunca foram tão ruinosas e tão mortíferas quanto as de hoje em dia. Outrora, exércitos e não povos inteiros combatiam.

Nas condições atuais a guerra só pode terminar, eu repito, com a ruína quase total de um dos beligerantes. Assim que todo seu ouro é transformado em fumaça e seus recursos reduzidos a papel sem valor reconhecido, será a bancarrota e a interrupção forçada da luta.

Pode-se esperar que no futuro os povos admitirão a necessidade, senão de suprimir, ao menos de tornar menos frequentes esses ruinosos conflitos?

Não se deve contar muito, sem dúvida, com a sabedoria das nações, mas pode-se esperar que elas saberão talvez descobrir, ao longo do tempo, seus verdadeiros interesses.

Deixemos de lado primeiro as pueris tagarelices dos pacifistas sobre a paz, pelo triunfo do direito. Se uma paz durável for obtida, não será o direito que a criará, mas necessidades econômi-

cas e sociais superiores a todas as vontades; depois uma transformação profunda das ideias que guiam as pessoas.

Uma pequena mudança nas ideias de um povo basta para modificar sua mentalidade e, por consequência, sua conduta. Quando guerras forem suficientemente repetidas para levar à ruína industrial e financeira da Alemanha, os combatentes adquirirão, talvez, um certo número de noções, como estas:

1º) Não é correto que os germânicos foram designados por Deus para reinar sobre o mundo, após tê-lo devastado;

2º) Massacrar vizinhos detestados e incendiar seus monumentos e suas cidades, produz prazeres muito vívidos, mas são prazeres que custam extremamente caro em pessoas e em dinheiro;

3º) Na evolução atual do mundo, uma luta econômica pode enriquecer o vencedor e uma guerra militar o arruína por muito tempo;

4º) É mais proveitoso comerciar com seus vizinhos do que destruí-los;

5º) A evolução da era moderna criou entre as nações uma interdependência financeira e industrial superior a todas as vontades. Os povos podem se odiar, mas eles não poderiam viver muito tempo sem trocar os diferentes produtos que cada um obtém segundo seu clima e suas capacidades.

A maior parte destas verdades são, eu creio, evidentes, mas apenas em teoria. Elas não atingiram ainda a esfera do inconsciente, onde se elaboram as causas de nossas ações. Antes que elas possam se tornar motivadoras de conduta, milhões de pessoas deverão perecer ainda. A história mostra que massacres e devastações prolongadas sempre foram necessários para que uma verdade racional triunfasse sobre as ilusões de origem afetiva ou mística. Pelas cruzadas e pelas guerras de religião, o mundo foi devastado para fazer triunfar concepções hoje em dia sem prestígio e sem força. As ilusões só temem o peso do tempo; por isso sua vida sempre foi tão longa.

CONCLUSÕES

Sumário

Eu expus neste livro os ensinamentos psicológicos da guerra atual e mostrei sua gênese. O estudo de suas consequências políticas, psicológicas e sociais será o objeto de um outro volume.

As conclusões gerais de cada um dos capítulos do presente livro são muito especiais para serem condensadas em uma visão de conjunto, por isso me limitarei a algumas considerações.

Grandes cataclismos já convulsionaram a Europa. As gerações que sofreram essas rajadas de morte, sempre acreditaram que tudo acabaria, mas, das ruínas acumuladas, um mundo novo sempre surgiu.

Parece mesmo que, atingido certo estágio de sua história, os povos não podem progredir sem a ação dessas grandes crises. Elas são, talvez, necessárias para livrá-los das amarras de um passado que se tornou muito pesado, de preconceitos e hábitos muito arraigados.

A Alemanha sacrifica hoje em dia suas riquezas e sua prosperidade futura pelo desejo de ver as nações escravizadas pelo seu despotismo e nós a amaldiçoamos com justiça. Mas sem esta guerra o temível sonho de hegemonia se realizaria lentamente na indiferença geral. Quando enfim, sentindo pesar duramente sobre eles

o despotismo germânico, os povos quisessem se livrar dele, seria muito tarde. A indústria, a ciência, o comércio e tudo o que faz a riqueza das nações estariam nas mãos dos alemães.

A paz lhes teria dado provavelmente o que procuraram com esta gigantesca conflagração; mas, cegos pelo seu sonho, eles não compreenderam e acreditaram que o império romano poderia se repetir mais uma vez. Mesmo se os exércitos alemães ganhassem cem batalhas e devastassem cem cidades, o mundo precisa muito de liberdade e tem meios suficientes de defesa para que um César qualquer possa esperar submetê-lo a suas leis.

Com a mentalidade moderna, o ideal de dominação universal, que obceca tantos conquistadores, não é mais realizável. Em nossos dias, a maior parte dos povos preferiria perecer a aceitar uma hegemonia imposta pela força. Eles adquiriram suficiente consciência de si mesmos para que o absolutismo de um déspota possa escravizá-los.

Os países invadidos não escaparão, sem dúvida, da ruína, mas eles não têm que temer a servidão.

*

* *

O destino das grandes nações europeias ainda nos é desconhecido. O futuro está escrito num livro que a inteligência humana ainda não sabe ler.

Mas se ninguém consegue revelar o que verá nascer o desenrolar do tempo, podemos pelo menos relembrar seu curso. Criador do presente, o passado contém as causas dos acontecimentos atuais e daqueles que o destino fará surgir. Os erros que quase nos custaram nosso desaparecimento tiveram nele seus germes. O presente mostra resultados. O passado revela sua gênese.

Uma das causas da grandeza dos romanos, notada por Montesquieu, foi sempre saber reconhecer as qualidades de seus adversários e a necessidade de adotar seus métodos. Devemos reter essa lição e estudar minuciosamente os métodos militares e industriais dos alemães.

Certamente que não é necessário procurar copiá-los, pois sua mentalidade difere da nossa, mas os mesmos resultados podem ser obtidos por processos diferentes.

O alemão moderno não é, de maneira alguma, o ser transcendente imaginado pela vaidade de seus historiadores. Herdeiro dos homens que Napoleão venceu tão facilmente em Iéna, ele só tem de superior uma disciplina muito rigorosa e uma organização meticulosa bem adaptada às necessidades da era moderna.

Seu misticismo não o impede de perseguir um objetivo bem prático. Ele não luta, como os exércitos da Revolução Francesa, para o triunfo de uma ideia capaz de seduzir os derrotados, mas por uma supremacia que permita incrementar seus ganhos comerciais. Não saberíamos vencê-los em tais territórios, mas em outros, onde nossa superioridade secular poderá se manter.

*

* *

Mesmo que modificado pelas circunstâncias, o plano de guerra dos alemães visa sempre conquistar territórios: 1º) na Bélgica e na França, ricas regiões industriais; 2º) na Rússia, a Polônia, a Lituânia e a Courlande; 3º) no Oriente, Constantinopla e, se possível, o Canal de Suez e o Egito.

Supondo o sucesso desta última operação, os alemães não poderiam, de maneira alguma, considerar a guerra como ganha e imaginar só ter que proteger suas conquistas, como fizeram na França, por um sistema de trincheiras fortificadas que impedem os contra-ataques.

Todas essas conquistas não lhes serão de nenhuma utilidade, com efeito, enquanto a Inglaterra lhe impedir o comércio marítimo, sem o qual a Alemanha não conseguiria viver por muito tem-

po. E ela a impedirá o quanto seja necessário, pois sua frota domina sem rivalidade os mares.

*

* *

A França sairá desta guerra provavelmente quase esgotada de homens e de dinheiro. Mas ela terá perdido também as ilusões e os erros que acabaram por levá-la à decadência.

Nós nos encontraremos então diante de um edifício social que nossas dissensões políticas e religiosas abalaram fortemente. Os povos que não souberam renunciar às suas lutas intestinas desapareceram da história. Os inimigos internos sempre ficam impotentes contra os inimigos externos.

Consolidar a sociedade abalada será uma pesada tarefa. Muitos elementos de nossa vida individual e social deverão sofrer importantes transformações.

Uma das mais importantes será nos livrarmos do funesto poder das palavras. Com alguns chavões populares sobre o progresso, o pacifismo, o socialismo, a fraternidade universal, temíveis demagogos mascaram as realidades, sob os pesos das quais nós quase naufragamos.

Deveremos também adquirir o sentimento do dever, bem como o da responsabilidade __ que nos faltaram um pouco __ e

um espírito de solidariedade, que faz mais falta ainda. A guerra nos deu essas qualidades. A paz deverá tratar de conservá-los.

Nossas leis sociais e nossa educação, principalmente, necessitarão de uma vigilante atenção.

No que diz respeito à desastrosa influência exercida na França pelas leis sociais, eu remeto o leitor ao meu **Psychologie Politique**. Nele, ele verá a que abismos elas nos levaram.

Com relação à educação __ base fundamental de todas as reformas __ é um assunto que eu não posso abordar aqui. Eu me limitarei a reproduzir uma curta passagem do que eu já escrevi sobre a reforma do ensino em meu **Psychologie de l'Éducation**:

> *Na fase de evolução em que a ciência e a indústria conduzem o mundo, as qualidades de caráter desempenham um papel preponderante. A iniciativa, a perseverança, a precisão, o discernimento, a energia, a vontade, o domínio de si mesmo, o sentimento do dever, são aptidões sem as quais todos os dons da inteligência permanecem inúteis. Apenas a educação pode criá-las um pouco, quando a hereditariedade não as forneceu.*

Essas qualidades, não apenas a universidade não fornece, como seu pesado sistema as tira de quem as possui. Seu sistema deverá então ser mudado inteiramente.

Da solução reservada ao problema da educação depende nosso futuro.[31]

*

* *

Qualquer que seja o sucesso final da Europa contra a tentativa de hegemonia alemã, não se pode esperar que seja definitivo. O ideal de dominação constitui uma dessas crenças de formato místico, cuja duração jamais é efêmera.

Um povo escolhido por Deus para conquistar e regenerar o mundo, não abandona facilmente tal missão. A Alemanha só renunciará a ela após ter sido vencida várias vezes.

As nações civilizadas parecem expostas hoje em dia a perigos mais temíveis ainda do que a perda de suas riquezas e o desaparecimento de suas elites. Elas são ameaçadas, com efeito, de ver desaparecer certas virtudes lentamente adquiridas, que faziam a glória e o charme da civilização. Tornadas perigosas para seus possuidores, essas virtudes parecem condenadas a desaparecer.

[31] Esta opinião, que defendo há muitos anos, foi igualmente enunciada recentemente por um ilustre membro da Academia de Ciências, o Sr. H. Le Châtelier. Ele acredita __ e eu sou da mesma opinião neste ponto __ que não é da geração atual que se poderá obter as mudanças necessárias. Onde se encontrará, com efeito, vontades suficientemente fortes para impô-las e professores capazes de realizá-las?

A lealdade, a probidade, a humanidade, o respeito pela palavra dada e os tratados __ ou seja, todas as formas de honra __ quando se tornam fontes de fraqueza numa luta contra povos que não as respeitam, não poderão mais, talvez, ser mantidas. Mas no dia em que todas essas qualidades tiverem definitivamente perecido e em que forças cegas reinarem exclusivamente sobre o mundo, nesse dia a humanidade e os centros da civilização se deslocariam fatalmente.

O mais popular dos cientistas germânicos assegura que os princípios fraternidade, igualdade, liberdade, sobre os quais repousam cada vez mais as sociedades, devem ser substituídos pela fórmula darwiniana: luta sem piedade que leva à sobrevivência dos mais fortes. É o que os historiadores alemães chamam de justiça biológica.

Mesmo que os naturalistas não estejam ainda muito convencidos, essa lei sanguinária rege talvez o mundo animal, mas todos os esforços da ciência foram no sentido de retirar a humanidade da rusticidade da natureza e de proteger sua fraqueza.

Devemos renunciar a essas conquistas da civilização e ver se repetir incessantemente essas pavorosas hecatombes que ceifam a juventude de uma nação, arruínam províncias inteiras e aniquilam as mais puras obras-primas do passado? A força bruta está destinada a se tornar, como na aurora do mundo, a única soberana

dos povos? Devem eles se resignar a sofrer uma barbárie sem piedade, que condenam os fracos a uma escravidão sem esperança? Ninguém pode dizê-lo.

Deveríamos nos desesperar com o espírito humano se, após tantos triunfos sobre a natureza, ele produzisse tal fim. O futuro da humanidade pareceria realmente bem sombrio se tudo o que embeleza a vida fosse substituído pelas lutas selvagens, interrompidas apenas por etapas de uma existência dura ao fundo de sinistras casernas.

Não precisa ser assim, porque nós não queremos. As leis naturais são poderosas sem dúvida, mas muito mais poderosa é a ciência que busca dominá-las.

Não se pode, aliás, falar muito das leis naturais, pois nós as conhecemos muito pouco. Ela permanece cheia de mistérios, essa natureza tantas vezes invocada. Suas razões não são nossas razões e ela ignora nossas medidas. Nós só conhecemos o efêmero, ela só olha o permanente. Nossos maiores cataclismos lhe aparecem, sem dúvida, como imperceptíveis ondulações na superfície de um oceano ilimitado. Ela faz surgir a vida da morte e cria formas transitórias com forças eternas.

Os cientistas podem se erguer acima das ilusões que conduzem os povos, descobrir as realidades sob as aparências, mas ne-

nhum deles penetrou ainda na região ignorada em que a natureza elabora as razões das coisas.

Não renunciemos por isso à esperança de horas menos sombrias. O mundo se transforma tão rapidamente hoje em dia que o imprevisível derrota frequentemente nossas verdades de um dia.

*

* *

A visão filosófica dos acontecimentos não deve nos fazer esquecer as ameaças que envolvem a hora presente. No momento em que escrevo estas linhas nossos mais ricos departamentos se veem devastados sem trégua, os exércitos da Rússia estão recuados, a Polônia perdida, suas cidades e suas fortalezas importantes queimadas ou conquistadas.

Todos esses desastres serão nada se nossa vontade de triunfar persistir. Conquistar o território de um povo não basta. Para dominá-lo é preciso ainda vencer sua alma.

Quando Aníbal aniquilou em Cannes o último dos exércitos romanos ele acreditou ter vencido definitivamente a rival temida de sua pátria, mas a vontade de Roma não se curvou e foi Cartago que desapareceu finalmente da cena do mundo.

Nenhum dos povos invadidos pela Alemanha viu enfraquecer sua vontade. À submissão todos prefeririam a morte.

Essa energia basta. Não existe hoje em dia um déspota suficientemente forte para dominar um povo que não quer obedecer. Napoleão experimentou isso com a Espanha. Ele tomou suas cidades, venceu seus exércitos, mas, mesmo sendo o maior comandante da história ele não a submeteu.

O futuro dependerá principalmente da duração de nossa vontade. A linha de conduta dos povos que a Alemanha queria escravizar pode ser traçada em algumas palavras: vencer ou perecer, jamais ceder. Nada resiste a uma vontade forte e contínua, nem a natureza, nem os homens, nem a própria fatalidade. Eu já disse e redisse. E repito mais uma vez.

Outubro de 1915.

FIM

SUMÁRIO

PSICOLOGIA DA I GUERRA MUNDIAL I **3**

Seus ensinamentos psicológicos 3

LIVRO I **3**

Princípios de psicologia necessários à interpretação desta obra. 3

INTRODUÇÃO 3

O estudo psicológico da guerra. 3

CAPÍTULO I 13

As forças afetivas, coletivas e místicas. Seu papel na vida dos povos. 13

§1. Os ciclos da vida. 13

§2. As forças afetivas e intelectuais. 16

§3. As forças coletivas. 19

§4. A alma nacional. 23

§5. As forças místicas. 25

CAPÍTULO II 29

As variações da personalidade 29

§1. A fixação da personalidade e sua variabilidade. 29

§2. A vontade consciente e a vontade inconsciente. 33

§3. As variações da vontade. 36

LIVRO II **39**

A evolução moderna da Alemanha. 39

CAPÍTULO I 39

Nascimento e desenvolvimento da potência alemã. 39
§1. A história da Prússia. 39
§2. Inícios pacíficos da política do império. Renascimento das ideias belicosas. 45
§3. A política de conquista formulada nos escritos alemães. 47
§4. Resumo da evolução política da Alemanha. 52
CAPÍTULO II 54
A concepção de estado dos filósofos alemães e sua interpretação da história. 54
§1. Origens da concepção alemã de Estado. 54
§2. A absorção do indivíduo pelo Estado. 57
§3. O culto da força. 63
§4. As relações entre a religião e o Estado. 66
§5. Como os teóricos alemães expõem suas concepções do Estado e do direito. 68
CAPÍTULO III 73
A evolução econômica da Alemanha 73
§1. A prosperidade industrial e comercial da Alemanha. 73
§2. Causas diversas da prosperidade da Alemanha. Seus métodos industriais. 80
§3. A expansão comercial dos alemães na França e no mundo. 86
CAPÍTULO IV 92
A mentalidade alemã moderna 92
§1. As origens da mentalidade alemã moderna. 92

§2. Características gerais da mentalidade alemã. 95
§3. Papel do regime militar prussiano sobre a formação da mentalidade alemã moderna. 102
§4. O papel da educação sobre a mentalidade alemã moderna. 107
§5. Papel da religião na formação da mentalidade alemã. 109
§6. A unificação da alma alemã moderna. Sua impessoalidade e seus elementos coletivos. 112
§7. Porque a mentalidade alemã é facilmente adaptada à evolução industrial do mundo moderno. 115
LIVRO III **120**
As causas distantes da guerra 120
CAPÍTULO I 120
As causas econômicas e políticas da guerra. 120
§1. As causas reais e as causas imaginárias da guerra. 120
§2. A pretensa superpopulação da Alemanha. 121
§3. A necessidade de expansão e de mercados. 127
§4. As rivalidades coloniais. 131
§5. Os erros políticos. 133
CAPÍTULO II 135
Os ódios culturais 135
§1. Os ódios culturais resultantes das diferenças de constituição mental. 135
§2. Os ódios culturais resultantes das diferenças de religião e de interesses. 138

§3. Ódios culturais resultantes de divergências nas concepções políticas. 142
§4. O papel dos ódios culturais nos conflitos políticos. 143
CAPÍTULO III 147
Os aspectos agressivos da Alemanha. A ideia de revanche. 147
§1. Os aspectos agressivos da Alemanha. 147
§2. A ideia de revanche. 152
CAPÍTULO IV 154
O papel das influências místicas na gênese da guerra. O ideal de hegemonia. 154
§1. As forças místicas na guerra europeia. 154
§2. As origens étnicas do ideal de hegemonia. 156
§3. As origens econômicas e militares do ideal de hegemonia. 161
§4. Constituição definitiva do misticismo alemão. 163
§5. Quadro resumido do papel dos fatores psicológicos que determinaram a guerra. 166
LIVRO IV **170**
As causas imediatas da guerra 170
CAPÍTULO I 170
O ultimato da Áustria e a semana das negociações diplomáticas. 170
§1. Ensinamentos psicológicos fornecidos pelos documentos diplomáticos. 170
§2. A semana das negociações diplomáticas. 174

§3. As queixas da Áustria contra a Sérvia. Sua ideia obsessiva de lhe fazer a guerra. Sua intransigência nas negociações. 177
§4. Persuasão da Áustria e da Alemanha de que a Rússia e a França eram militarmente muito fracas para intervirem no conflito. 183
§5. Crença da Alemanha e da Áustria de que a Inglaterra permaneceria neutra em caso de conflito. 187
CAPÍTULO II 188
Antipatia primitiva da Inglaterra pela guerra. 188
§1. Vivas antipatias da Inglaterra pela ideia de ser envolvida em uma guerra. Ela recusa, a princípio, toda promessa de assistência à França, em caso de conflito com a Alemanha. 188
§2. Esforços da Inglaterra na Europa para evitar o conflito. 193
§3. Papel atribuído pela Alemanha à Inglaterra na gênese da guerra. 195
CAPÍTULO III 197
Evolução dos sentimentos da Inglaterra 197
§1. Transformação dos sentimentos do governo inglês. 197
§2. Transformação da opinião pública inglesa no momento da guerra. 204
§3. O papel da violação e da devastação da Bélgica sobre a opinião pública inglesa e o alistamento dos voluntários. 208
CAPÍTULO IV 211
Os papéis da Alemanha, da Áustria, da Prússia e da França, durante o período das negociações. 211
§1. Tentativas da Rússia e da França para evitar a guerra. 211

§2. Desejo da Alemanha em localizar o conflito. Suas hesitações, até o último momento, em provocar uma guerra geral. 221
CAPÍTULO V 231
O papel dos sentimentos populares sobre a gênese da guerra. 231
§1. A importância da opinião pública. 231
§2. Os partidários da guerra na Alemanha. 234
§3. Os sentimentos dos diversos países beligerantes durante as negociações diplomáticas e no momento da declaração de guerra. 239
CAPÍTULO VI 245
O papel da vontade dos três imperadores 245
§1. A vontade do imperador da Áustria. Dominantes psicológicos da política austríaca. 245
§2. A vontade do imperador da Rússia e os dominantes psicológicos da política russa. 250
§3. A vontade do imperador da Alemanha. Os fatores de sua determinação. 253
§4. Os fatores diversos que podem ter influenciado a vontade inconsciente do imperador da Alemanha. 263
CAPÍTULO VII 264
Conclusões. Quem queria a guerra? 264
§1. Resumo dos acontecimentos que levaram à guerra. 264
§2. Como responder a esta questão: Quem queria a guerra? 269
CAPÍTULO VIII 275

Opiniões formuladas sobre as causas da guerra, na Alemanha e em diversos países. 275
§1. Fundamentos psicológicos das opiniões formuladas sobre a guerra. 275
§2. A opinião dos diplomatas alemães. 278
§3. Opiniões dos grandes jornais e dos professores alemães. 280
§4. As opiniões dos militares alemães. 284
§5. A opinião popular alemã. 286
§6. A opinião dos neutros. 289
LIVRO V **292**
As forças psicológicas em jogo nas batalhas 292
CAPÍTULO I 292
As transformações dos métodos de guerra 292
§1. Os elementos novos das guerras modernas e seus imprevistos. 292
§2. A tática moderna. A extensão da frente de batalha. A ofensiva e a defensiva. 298
§3. O papel das fortalezas e das trincheiras. 302
§4. O papel da artilharia e das munições. 310
§5. O papel do número. 311
§6. A guerra marítima e aérea. 314
CAPÍTULO II 316
Os sentimentos que a guerra fez surgir. O nascimento de novas personalidades. 316
§1. O nascimento de novas personalidades. 316

§2. A exaltação do patriotismo. Influência da alma do povo. 318
§3. O gosto pelo risco e a temeridade. 321
§4. Renascimento dos sentimentos religiosos na França durante a guerra. 322
§5. Evolução dos sentimentos populares durante a guerra. 324
CAPÍTULO III 327
A coragem militar. Sua gênese e suas formas. 327
§1. As diversas formas de coragem. 327
§2. O heroísmo. 332
§3. O papel do hábito sobre a coragem. 336
§4. O papel do contágio mental. 340
CAPÍTULO IV 344
As consequências das imprevisões e dos erros de psicologia na gênese dos conflitos. 344
§1. Generalidade da imprevisão e da falta de observação em psicologia política. 344
§2. As imprevisões e os erros de psicologia na França. 350
§3. As imprevisões e os erros de psicologia da Alemanha. 354
§4. As imprevisões e os erros de psicologia da Rússia. 361
CAPÍTULO V 366
Os erros de estratégia resultantes dos erros de psicologia. 366
§1. Os fatores psicológicos da estratégia. 366
§2. Erros de estratégia franceses resultantes de erros psicológicos. 367
§3. O papel dos erros psicológicos na guerra naval. 372

§4. Os erros de estratégia dos alemães. 377

LIVRO VI **381**

Os elementos psicológicos dos métodos de guerra alemães. 381

CAPÍTULO I 381

Fundamentos psicológicos dos métodos de guerra alemães. 381

§1. O objetivo da guerra. 381

§2. Os direitos da guerra. 383

§3. Os princípios psicológicos formulados pelo estado-maior alemão. 386

§4. Procedimentos psicológicos diversos utilizados pelos exércitos alemães. 391

CAPÍTULO II 400

Aplicação dos princípios do estado-maior alemão. Incêndios, assassinatos e pilhagens. 400

§1. As narrações dos assassinatos, incêndios e pilhagens segundo os diários dos prisioneiros alemães. 400

§2. As descrições de assassinatos, incêndios e pilhagens segundo diversos documentos. 405

§3. As ferocidades austríacas. 411

§4. Psicologia do terror. Seus inconvenientes. 413

§5. As justificativas dos alemães. 416

§6. Ensinamentos psicológicos que se pode tirar da prática dos métodos de terror. 418

CAPÍTULO IV 421

Consequências dos métodos de guerra alemães sobre os sentimentos dos neutros. 421
§1. As consequências psicológicas dos métodos alemães sobre a opinião dos neutros. 421
§2. A impressão produzida na América. 423
§3. A opinião pública na Suíça e em diversos países neutros. 427
LIVRO VII **433**
Os desconhecidos da guerra. 433
CAPÍTULO I 433
As consequências imediatas das guerras modernas. 433
§1. Os incidentes atuais e futuros. 433
§2. Complicação das guerras modernas. 434
§3. As consequências da guerra para as populações. 437
§4. As perdas em homens. 440
§5. As despesas das guerras modernas. 442
§6. A duração das guerras modernas. 446
CAPÍTULO II 447
As incertezas das narrações de batalhas. 447
§1. O valor dos documentos oficiais relativos às batalhas. 447
§2. O valor das narrativas de batalhas. As ilusões dos generais. A primeira batalha de Flandres. 452
CAPÍTULO III 457
As hipóteses formuladas sobre a Batalha de Marne. 457
§1. O início da campanha. Os primeiros reveses. 457

§2. A marcha dos alemães sobre Paris. Os projetos de incêndio metódico da capital. 459
§3. As hipóteses formuladas sobre as origens da batalha de Marne. 461
§4. Hipóteses sobre as causas da retirada do exército alemão em sua marcha sobre Paris. 467
CAPÍTULO IV 472
Os problemas da paz. 472
§1. As dificuldades da paz. 472
§2. As causas futuras de conflitos. 478
§3. As concepções dos escritores estrangeiros sobre o fim da guerra e o estado da Europa após a paz. 480
§4. Ideias relativas à pouca utilidade prática das guerras, que a experiência poderá ensinar. 487
CONCLUSÕES **491**
SUMÁRIO **502**